

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RHAYANE LOURENÇO DA SILVA

Leontiev e natureza social do psiquismo:  
das lacunas no texto à totalidade na história

Maringá  
2013

RHAYANE LOURENÇO DA SILVA

Leontiev e natureza social do psiquismo:  
das lacunas no texto à totalidade na história

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia na Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Professora Dra. Silvana Calvo Tuleski.

Maringá  
2013

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Rhayane Lourenço da

S586L        Leontiev e natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história / Rhayane Lourenço da Silva. -- Maringá, 2013.

206 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Calvo Tuleski.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

1. Psicologia histórico-cultural. 2. Psiquismo - Natureza social. 3. Leontiev, Alexis N. I. Tuleski, Silvana Calvo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed.150.23

RHAYANE LOURENÇO DA SILVA

Leontiev e a natureza social do psiquismo:  
das lacunas no texto à totalidade na história

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski

Universidade Estadual de Maringá – UEM (Orientadora)

Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Lígia Márcia Martins

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Aprovada em: 15 de Março de 2013

Local da defesa: Campus Sede Universidade Estadual de Maringá, sala 06 bloco 118

À minha irmã Andrezza,  
Que permanece viva em minha memória.

## AGRADECIMENTOS

À **orientadora** Dra. Silvana Calvo Tuleski, para mim um exemplo de perseverança em seguir seriamente estudando, por ter encampado com confiança e companheirismo este trabalho.

À **banca** por colocar meu trabalho em discussão de maneira tão serena e cuidadosa. À membro suplente Dra. Graziela Lucchesi Rosa da Silva, que gentilmente dedicou-se à leitura do meu trabalho num ato de companheirismo e compromisso científico.

**Ao camarada Achilles**, “operário da palavra” e virtuoso estudioso de Vigotski, que de forma muito companheira contribuiu com as traduções do russo apresentadas neste trabalho, além de sua prontidão para expor com paixão suas formulações e se dedicar às nossas dúvidas mais primárias.

Às **professoras da UEM**, que nos recebem de maneira tão simpática e acolhedora. À querida Dra. Marta Chaves, que foi sempre tão atenciosa comigo e trouxe a mim muita inspiração com seu trabalho no GEEI. À professora Dra. Sonia Shima, por me receber com simpatia na participação em seus grupos de estudo das obras de Vigotski. À professora Ma. Lenita Cambaúva, por me emprestar sem nenhuma restrição uma coleção inteira de livros. À marcante professora Dra. Maria Lúcia Boarini, pelo seu exemplo de luta e convicção e por ser tão fundamental em nos empurrar para o mar da história.

**Aos companheiros e companheiras do NUPE-MARX da UFPR**, sempre essenciais para minha formação e em especial à professora e amiga Dra. Lígia Regina Klein, uma verdadeira companheira de luta, por envolver a todos nós na desafiadora tarefa da formação marxista e também por ser tão surpreendentemente humana e companheira nas horas mais difíceis. À querida professora Dra. Maria Auxiliadora pela incansável disposição em trabalhar conosco e por ter me presenteado com um livro de introdução à filosofia no início do mestrado, sempre nos incentivando muito a caminhar com os estudos. Ao Marcelo pela tradução de um importante texto de Leontiev, pela cumplicidade de amigo mestrando e por ser um verdadeiro companheiro de estudo e de lutas.

Às **amigas** Renata, Talitha e Carol, com quem dividi com confiança as angústias e as alegrias no período do mestrado. Especialmente à Talitha por ter me oferecido seu teto tantas vezes e ter se tornado uma grande amiga e companheira de estudo.

**Ao colega de turma** Alexandre Israel por dividir comigo descobertas, ideias e sua amizade.

À minha família, especialmente à minha mãe que sempre apoiou minhas aspirações.

Mas é precisamente a modificação da Natureza pelos homens (e não unicamente a Natureza como tal) o que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento humano.

Friedrich Engels  
*A dialética da Natureza*

**O uso de instrumentos na ausência do trabalho** é o que mais aproxima o comportamento do homem e o do macaco e, ao mesmo tempo, o que mais os afasta.

Lev Vigotski  
*Estudos sobre a história do comportamento*

SILVA, R. L. (2013). **Leontiev e a natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.

## RESUMO

A presente dissertação tem como **objetivo** uma análise histórica da obra de A.N. Leontiev (1903-1979) para contribuir com a superação de leituras superficiais de seus textos, que rebaixam seu trabalho a uma caricatura do marxismo associada ao stalinismo. Nossa **hipótese** é que interpretações distorcidas da obra de L.S. Vigotski, disseminadas tanto no Brasil como em âmbito internacional, tentam dissociá-lo do marxismo, o que também se desdobra numa descaracterização da obra de Leontiev. **Justifica-se** assim a realização de uma análise da obra de Leontiev pautada nos problemas históricos colocados diante do autor e nos caminhos que escolheu para tentar resolvê-los. Queremos colocar o questionamento: Como é que se fazia ciência no stalinismo? A que se propunha Leontiev, qual seu compromisso científico e como isso foi executado num contexto histórico tão tortuoso? É nossa tarefa não compactuar com visões mistificadas e buscar realizar uma análise mais íntegra da obra de Leontiev. Assim, buscamos elucidar o problema central que se evidencia na obra de Leontiev como um todo e compreender o caráter vertebral que tem em sua obra a categoria atividade na compreensão da natureza social do psiquismo. Em nosso **primeiro capítulo** realizamos uma revisão bibliográfica que nos permitiu apresentar as posições defendidas diante da polêmica sobre a relação entre Vigotski e Leontiev colocada no meio acadêmico e difundida em âmbito internacional. Com isso, constatamos a existência de intérpretes que se posicionam claramente em favor da compreensão de que houve uma ruptura entre a obra de Vigotski e Leontiev e autores que se posicionam em favor de uma complementaridade. No entanto, observamos que um ponto comum entre os intérpretes de ambas as posições é que corroboram com a propagação da visão que encerra uma dicotomia entre linguagem e trabalho na obra de Vigotski e Leontiev. Observamos lacunas deixadas sobre o contexto histórico da produção de Vigotski e Leontiev pelos comentadores apresentados no primeiro capítulo. Na hipótese de que estas lacunas resultam de interpretações arbitrárias dos fatos ou mesmo um trato superficial com relação ao contexto histórico em que viveram, realizamos no **segundo capítulo** um estudo sobre a história da Psicologia Soviética sob o regime stalinista, como dado primário para nossa investigação sobre o caminho percorrido por Leontiev. Com o **terceiro e último capítulo** de nosso trabalho, finalizamos nossas contribuições para superação das lacunas deixadas por leituras fragmentadas da obra de Leontiev, recolocando sua obra na totalidade da história. Neste capítulo, realizamos uma exposição de seu trabalho demonstrando como a categoria atividade é vertebral para elucidar o problema central de sua obra: a natureza social do psiquismo. Demarcamos assim, que a principal unidade entre Leontiev e Vigotski se expressa no enfrentamento desses autores aos dualismos presentes na Psicologia e na centralidade do problema da natureza social do psiquismo.

**Palavras-chave:** A.N. Leontiev; Atividade; Natureza social do psiquismo; Psicologia Histórico-Cultural.

SILVA, R. L. (2013). **Leontiev and the social nature of psyche: from the gaps in the text to the totalities in history**. Dissertation (Master's degree in Psychology), State University of Maringá, Maringá, 2013.

### ABSTRACT

The present thesis has as its **purpose** the historical analysis of the works of A.N. Leontiev (1903-1979) to contribute to overcome the superficial readings of his texts, which demote his work to a caricature of Marxism associated to Stalinism. Our **hypothesis** is that the distorted interpretations of L. S. Vigotski's works disseminated both in Brazil and around the world try to dissociate him from the Marxism, which also unfolds to a mischaracterization of Leontiev's works. It is, therefore, **justified** the realization of an analysis of Leontiev's works guided by the historical problems placed before him and in the pathways he has chosen to solve them. We want to place the following questioning: How science in Stalinism was done? What is proposed by Leontiev, which is his scientific commitment and how it was executed in a historical context as tortuous as it was? It's our job not connive with mystified visions and seek to realize a more fully analysis of Leontiev's works. Thus, we seek to clarify the main problem that is evident in the work of Leontiev as a whole and understand the vertebral character that the category of activity has in his works in the comprehension of the social nature of the psyche. In our **first chapter** we achieve a bibliographical revision that allowed us to present the positions defended before the polemic relationship among Vigotski and Leontiev put in by the scholars and disseminated around the world. After that, we stated the existence of interpreters that are positioned clearly in favor of the understanding that there has been a rupture between the works of Vigotski and Leontiev and the authors that are positioned in favor of a complementarity between them. Nevertheless, we observed that as a common ground among the interpreters of both positions is that both corroborate for the dissemination of a vision that encloses a dichotomy between language and labor in the works of Vigotski and Leontiev. We observed gaps left on the historical context of the production of Vigotski and Leontiev by the commenters presented in the first chapter. On the hypothesis that these gaps results of arbitrary interpretation of facts or even by a superficial treatment of the historical context in which they lived, we conducted in the **second chapter** a study about the history of Soviet Psychology under Stalinism, as primary data of our research about the path taken by Leontiev. With the **third and fourth chapters** of our work we finish our contributions for the overcoming of the gaps left by fragmented readings of Leontiev's work, placing his works in the entirety of history. In this chapter we have made an exposition of his works demonstrating that the category of activity is a vertebral character to clarify the main problem of his works: the social nature of mind. Thus, we demarcated that the main unity among Leontiev and Vigotski is expressed on the results of these authors facing the dualisms presented in the Psychology and on the centrality of the problem of the social nature of mind.

**Keywords:** A.N. Leontiev; Activity; Social nature of psyche; Cultural-Historical Psychology.

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>viii</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>ix</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>1. Vigotski e Leontiev, ruptura ou continuidade? Ponderando na balança as posições defendidas.....</b>	<b>20</b>
1.1 A balança que pesa em nome da ruptura .....	23
1.2 A balança que sustenta um suposto equilíbrio .....	40
1.3 Recopilando as críticas e os críticos .....	48
<b>2. Stalinista ou sobrevivente? Desfazendo alguns “nós” da história da Psicologia Soviética.....</b>	<b>50</b>
2.1 O início do fim: a ascensão de Stalin.....	51
2.2 A ciência, a arte e a filosofia à sombra da ordem stalinista.....	56
2.3 Um período espinhoso para a Psicologia Histórico-Cultural.....	61
2.4 Dispersão do grupo da Psicologia Histórico-Cultural e a proposta de trabalho em Kharkov.....	69
2.5 A Inquisição de Moscou .....	85
2.6 A vitória soviética na II Guerra Mundial e os novos rumos para a Psicologia.....	89
2.7 As grandes sessões acadêmicas e a “pavlovinização” da Psicologia soviética .....	93
2.8 A morte de Stalin: novos rumos.....	104
2.9 Considerações finais para uma longa caminhada pesando a continuidade.....	107
<b>3. O ser em atividade na obra de Leontiev e a natureza social do psiquismo .....</b>	<b>112</b>
3.1 A categoria atividade em Leontiev: caminho para a revisão de objeto e método na Psicologia.....	117
3.2 A natureza histórico social da atividade humana.....	133
3.2.1 Do ser natural ao ser social .....	133
3.2.2 Da hominização à humanização .....	141
3.2.3 O ser social e a ação orientada a um fim .....	143
3.3 A atividade como lastro do desenvolvimento .....	149
3.3.1 O desenvolvimento humano como processo histórico .....	150
3.3.2 A estrutura comum da Atividade e da Consciência.....	158

<b>Considerações Finais .....</b>	<b>170</b>
<b>Referências .....</b>	<b>175</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>180</b>
ANEXO 1 – Linha do Tempo.....	181
ANEXO 2 – Lista de textos de A.N. Leontiev encontrados durante o Mestrado .....	191
ANEXO 3 – Bibliografia de A.N. Leontiev .....	193
ANEXO 4 – Índice das obras escolhidas em russo de A.N. Leontiev.....	205

## Introdução

A obra de Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979) foi apresentada à autora durante a graduação (2005-2010) do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, por meio de um grupo de estudos do livro “*O desenvolvimento do psiquismo*” coordenado pelo professor Dr. João Henrique Rossler. Foi com o estágio em educação (durante o ano de 2010), supervisionado pela professora Dra. Graziela Lucchesi Rosa da Silva, que a obra de Leontiev tornou a chamar a atenção da autora pelos encaminhamentos práticos que esta possibilitava no estágio. Ainda num esboço de compreensão da estrutura da Atividade em Leontiev, foi possível vislumbrar no grupo de estágio encaminhamentos práticos em um trabalho com adolescentes do Ensino Médio que estavam diante do desafio da escolha da profissão e do vestibular. Por limitações presentes durante todo o estágio na articulação com a direção e as pedagogas do colégio, muitos dos planejamentos realizados não puderam se efetivar na prática. No entanto, estávamos confiantes de que um caminho fértil de trabalho havia sido traçado. Não poderíamos transformar a realidade social diante daqueles alunos, o vestibular e os diversos problemas da educação superior não deixariam de existir, tampouco os índices de desemprego. Mas poderíamos contribuir para a transformação da forma como aqueles estudantes se colocavam diante desta realidade social no momento de suas escolhas profissionais. Esta experiência foi o motor da trajetória pessoal da autora para a realização desta pesquisa.

Outro motivo, que se soma a este, foi o encontro ao longo da graduação com a obra de Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), nas disciplinas de fundamentos. Esta árdua caminhada de estudo da obra de Vigotski chegou a um problema que tornou-se fundamental neste trabalho: a teorização de Vigotski sobre a crise da Psicologia. O seu livro “*O significado histórico da crise da psicologia*” foi tema de estudo coletivo ao final da graduação, por meio de um grupo de estudos coordenado pelos professores Dr. João Henrique Rossler, Dra. Graziela Luchesi Rosa da Silva e Ma. Melissa Rodrigues de Almeida. Inicialmente, a autora tinha a pretensão de aprofundar este estudo no mestrado. Mas no processo de afinamento do tema escolhemos encampar a tarefa de estudo do caráter da categoria Atividade na obra de Leontiev.

O estudo da obra de Leontiev que realizaremos neste trabalho não pode ser abordado sem antes chamar a atenção do leitor sobre como a obra de Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) vem sendo amplamente divulgada de forma distorcida não somente no Brasil, mas no Ocidente como um todo. Por que é essencial demarcar esta relação? Porque os problemas de leituras e interpretações da obra de L.S. Vigotski se desdobram na descaracterização da obra de A.N. Leontiev.

O que ocorre, primeiramente é uma descaracterização da obra de Vigotski, retirando a historicidade de suas ideias e assim, esvaziando o conteúdo de seus textos. Os diversos problemas de leituras e interpretações sobre a teoria de Vigotski e suas consequências foram apresentados e discutidos por Duarte (2001) e Tuleski (2008). Um primeiro fato que nos alerta é sobre os problemas de tradução da obra de Vigotski. A obra de Vigotski chega ao Brasil a partir da década de 1980 e suas principais publicações são decorrentes de traduções norte-americanas que não se tratam de traduções literais do original em russo. As duas primeiras publicações brasileiras, que são fontes de pesquisa de muitos trabalhos ainda na atualidade, são: “*A formação social da mente*”, publicada no Brasil em 1984 e nos EUA em 1978 e “*Pensamento e Linguagem*”, publicada no Brasil em 1987 e nos EUA em 1962. Como destaca Tuleski (2008), os limites destas traduções são expressos pelos próprios editores nos prefácios destes livros, ao assumirem que suas edições não se tratam de traduções literais de Vigotski, mas sim de tradução editada, pois como declaram, são resumos da obra, com cortes de “certas discussões polêmicas” (p.30) ou “repetição excessiva” (p.30). No caso da primeira obra, trata-se de uma junção de textos de Vigotski originalmente separados e quanto à segunda obra, o resumo que dela fizeram retirou-lhe mais de 300 páginas!

Atualmente o leitor já conta com melhores traduções tanto em português, como a edição integral do texto em russo de 2001 sob o título “*Construção do pensamento e da linguagem*” e a coletânea, publicada em 1996, intitulada “*Teoria e método em psicologia*”. Além destas, há a tradução em espanhol das “*Obras escogidas*” de Vigotski, disponível seis tomos (o sexto tomo está disponível somente na edição cubana e em inglês, assim como uma outra variedade de textos). Vale destacar que esta edição espanhola é recomendada por Tuleski (2008) e no Brasil é considerada, nos dias atuais, leitura obrigatória para os que desejam aprofundar seus estudos sobre Vigotski.

Apesar de alguns avanços no acesso a obra de Vigotski, Duarte (2001) e Tuleski (2008) demonstram que os problemas de tradução não são fatos isolados e de menos

importância, mas estão imbricados com um processo de distorção da obra de Vigotski, na tentativa de dissociá-lo do marxismo. Explicam que são recorrentes as tentativas de leituras ecléticas de Vigotski, especialmente por um viés interacionista e construtivista.

Tuleski (2008) chega mesmo a afirmar que se trata de uma “censura burguesa” (p.38) que tem por consequências o obscurecimento da formação marxista de Vigotski e seus compromissos com a nascente sociedade socialista: “Existe, portanto uma “leitura” específica feita na atualidade sobre a teoria vygotskiana, priorizando alguns aspectos em detrimento de outros que o autor intencionalmente tentou evidenciar ou reiterar em seus textos” (p.41).

Duarte (2001) aponta “três procedimentos de diluição, secundarização ou neutralização do caráter marxista da teoria de Vigotski, presentes na bibliografia contemporânea” (p.161): 1) “as tentativas de afastar a teoria de Vigotski da teoria de Leontiev” (p.161); 2) “a substituição do que escreveu Vigotski pelo que escreveram seus intérpretes e as traduções resumidas/censuradas de textos vygotskianos” (p.166); e 3) “o ecletismo nas interpretações pós-modernas e neoliberais da teoria vygotskiana” (p.173). No panorama das apropriações indevidas de Vigotski, queremos nos centrar no primeiro ponto abordado por Duarte (2001) como forma de aniquilamento do caráter marxista da teoria de Vigotski: **as tentativas de afastar a teoria de Vigotski da teoria de Leontiev**. Nosso trabalho demonstrará que na tentativa de descaracterizar a obra de Vigotski de seus fundamentos marxistas, acabam por divulgar uma leitura da obra de Leontiev igualmente problemática e duvidosa. Pois, na medida em que tentam isolar Vigotski de seu contexto e seus fundamentos para reivindicá-lo em estudos sob os mais diversos níveis de ecletismo, tentam, ao mesmo tempo, rebaixar a obra de Leontiev, acusando-o de traição ideológica e taxando-o de stalinista numa “ridícula caricatura do marxismo” (Duarte, 2001, p.164).

Tuleski (2008) demonstra que foi disseminada uma ideia equivocada de imposição ideológica a partir da Revolução Russa de 1917 que impunha que os cientistas adotassem o materialismo dialético em seus trabalhos. Assim, colocam em questão se “era Vygotski realmente marxista ou adotou o marxismo por imposição ideológica?” (p.33). Veremos que houve sim imposições ideológicas gravíssimas sobre a ciência na União Soviética com a ascensão de Stalin, mas é uma agressão histórica se utilizar disso para anular qualquer produção daquele período (como é feito com relação

à Leontiev) ou mesmo tentar abstrair de seus fundamentos marxistas a obra de um grande cientista como foi Vigotski.

Os textos de Vigotski foram inclusive proibidos nos anos 1930 da União Soviética, e muitos se utilizam deste fato para dissociar Vigotski do marxismo, sem compreender as contradições que se desenvolveram na União Soviética com o governo de Stalin. Despreocupados com os rumos da história, simplesmente igualam Marx e Stalin, luta socialista e ditadura stalinista. É uma lástima que por conta das contradições dos rumos tomados pela revolução socialista soviética sob o regime stalinista (contradições estas relacionadas às contradições do próprio bloco capitalista), se ancoram tentativas de “purificar” Vigotski daqueles que estão “infetados” pelo stalinismo, como acusam estar Leontiev. Os intérpretes igualam todo o avanço filosófico e científico de Marx às suas próprias interpretações levianas sobre o marxismo, que tentam justificar recorrendo às contradições do stalinismo. Contradições estas que, evidentemente, não são por eles compreendidas numa perspectiva histórica, ignorando assim a sua causalidade nos problemas reais que se impunham na sociedade socialista nascente e na luta de classes e de ideias que se acirravam naquele contexto. Parecem apenas diagnosticar de forma linear e superficial o processo revolucionário soviético, acabando por simplesmente negá-lo.

Nosso objetivo é contribuir para a superação das leituras superficiais da obra de Leontiev, que rebaixam seu trabalho a uma caricatura do marxismo associada ao stalinismo. Sabemos que este é um propósito que não se esgota completamente em um único trabalho, no entanto traçar um caminho para avançar neste objetivo principal é de fundamental relevância. Há uma visão preconceituosa sobre a ciência soviética que aterroriza ainda na atualidade representantes da própria esquerda brasileira<sup>1</sup> (quicá mundial). Esta desconfiança não é injustificada, no entanto, é fundamental fazer uma avaliação cuidadosa e não unilateral dos autores. Queremos colocar o questionamento: Como é que se fazia ciência no stalinismo? A que se propunha Leontiev, qual seu compromisso científico e como isso foi executado num contexto histórico tão tortuoso? É nossa tarefa não compactuar com visões mistificadas e buscar realizar uma análise mais íntegra da obra de Leontiev. Portanto, é nosso objetivo realizar uma análise histórica da obra de Leontiev, que contribua para apreensão dos desdobramentos de seus

---

<sup>1</sup> Um exemplo disso é a leitura feita por Mauro Iasi (2006, p.121) sobre Leontiev em seu livro “*As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*”.

textos pautando-se nos problemas históricos colocados diante do autor e nos encaminhamentos por ele delineados a partir disso.

Para execução desta tarefa, colocou-se diante de nós o problema do acesso limitado à obra de Leontiev. Pois Leontiev tem no Brasil apenas uma obra sua traduzida, o conhecido livro “*O desenvolvimento do psiquismo*”. Esta é a obra mais utilizada nas dissertações e teses, publicadas no Brasil, que anunciam respaldo teórico em Leontiev. Este dado é demonstrado pela pesquisa realizada por Eidt (2009), por meio de um levantamento de publicações, de 1990 a 2004, que se utilizaram deste autor como referência. Como bem explicita a pesquisadora, nestes trabalhos os fundamentos filosóficos marxistas de Leontiev são desconsiderados. Este dado vem de encontro com a hipótese de nosso trabalho de que as leituras distorcidas da obra de Vigotski, que o dissociam do marxismo, acabam por descaracterizar a obra de Leontiev.

Mesmo sendo “*O Desenvolvimento do Psiquismo*” o mais citado por aqueles que tomam como base os conceitos de Leontiev, esta obra ainda não é suficientemente compreendida e analisada, pois muitos autores contemporâneos ignoram o fato de que este livro é composto por uma coletânea de textos escritos e selecionados pelo autor ao longo de décadas. Isto é um dos reflexos da carência de estudo que sofremos sobre a história da Psicologia Soviética, assim como também é reflexo de leituras ecléticas e despreocupadas com o contexto histórico que dá conteúdo aos textos. Curiosamente este ecletismo, de que são vítimas os trabalhos tanto de Vigotski e mesmo Leontiev, foi fortemente combatido pelo próprio Vigotski em sua célebre obra de 1927 “*O significado histórico da crise da psicologia*”.

Vigotski foi um grande cientista e se dedicou a análise meticulosa do desenvolvimento da ciência psicológica. Evocou uma teoria sobre a crise da Psicologia, mostrando que os psicólogos práticos colocavam problemas para a teoria psicológica que eram simplesmente negligenciados. Vigotski (1927/2004) explicitou a crise metodológica da Psicologia pela luta entre duas Psicologias, duas ciências, uma materialista e outra idealista. E desta luta se desdobram várias contradições, com a tentativa de cada abordagem teórica elevar conceitos produzidos em investigações particulares a um princípio explicativo geral.

Vigotski debatia uma limitação comum, presente tanto na psicologia idealista tradicional, empírico-subjetiva, quanto nas teorias behavioristas e reflexológicas, que tentavam consolidar uma psicologia científica. Esta limitação é a incapacidade de ambas

compreenderem aquilo que o autor considerava a especificidade do psiquismo humano: a consciência. Uma pela concepção de consciência abstraída da matéria viva e, portanto, autoexplicativa e a outra por torna-la um epifenômeno em suas investigações. A centralidade da consciência como problema da Psicologia e a impossibilidade da explicação sobre o que é propriamente humano por nenhum outro princípio que não a própria história é o que mais revela o caráter marxista da obra de Vigotski (Delari Jr., 2000).

Como nos esclarece Delari Jr. (2010) não há na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski nenhum outro princípio explicativo para o objeto da psicologia que não as próprias relações sociais, uma vez que não há mais que uma modalidade geral de realidade material da qual o objeto da psicologia seja função.

Vigotski (1927/2004) reivindicava uma completa revolução metodológica para a ciência psicológica, pela necessidade de uma ciência geral que fosse capaz de demonstrar os nexos causais entre a rica variedade de fatos estudados pelas correntes teóricas psicológicas e assim subordinar disciplinas particulares a um princípio explicativo geral, demarcando o objeto da Psicologia como ciência e não o obscurecendo como vinha ocorrendo. Esta era uma tarefa que só poderia ser encampada por uma psicologia marxista, uma tarefa que se via promissora diante dos problemas colocados pela nascente sociedade socialista. Como assume o autor, esta não é uma tarefa fácil, pois nem naquele tempo, tampouco nos dias atuais é bem vinda a preocupação marxista de compreensão do real para sua transformação. Construir uma psicologia marxista, verdadeiramente científica, é ainda para nós “uma tarefa histórica”:

[...] é preciso assinalar uma dificuldade especial na aplicação do marxismo a novas áreas: precisamente pela situação especial que essa teoria atravessa hoje; pela enorme responsabilidade que representa o emprego desse termo; pela especulação política e ideológica de que é objeto; por tudo isso, não parece hoje muito oportuno falar de “*psicologia marxista*”. É mais conveniente que outros digam de nossa psicologia que é marxista do que nós a denominemos assim; apliquemo-la aos fatos e esperemos que no que se refere às palavras. No fim das contas, a psicologia marxista *ainda não existe*, é preciso compreendê-la como **uma tarefa histórica**, mas não como algo dado (Vigotski, 1927/2004, p. 412).

É diante desta empreitada histórica que queremos considerar os autores, Vigotski e Leontiev, e realizar uma análise da obra de Leontiev que esclareça os problemas históricos que este autor colocou para si e que caminhos ele escolheu para tentar solucioná-los.

Assim, tomamos como caminho para nosso trabalho colocar primeiramente o problema da deformação da obra de Leontiev relacionada à polêmica posta de uma suposta dissidência deste com Vigotski. Em nosso primeiro capítulo fazemos uma exposição das posições defendidas diante desta polêmica colocada no meio acadêmico e difundida em âmbito internacional. Com isso, identificamos autores<sup>2</sup> que, em favor de uma leitura purista de Vigotski, mais ou menos evidente, defendem abertamente uma ruptura entre Vigotski e Leontiev. Também identificamos os autores<sup>3</sup> que, na tentativa de defender uma complementariedade entre ambos, acabam por incorrer em um mesmo problema presente naqueles que defendem a ruptura: uma dicotomia entre Atividade e Linguagem. Esta dicotomia é expressa especialmente pela oposição entre os conceitos de instrumento e signo, que vulgariza a relação entre consciência e trabalho. Em última análise esta é uma dicotomia entre subjetividade e objetividade, calcada pela velha e ainda tão moderna filosofia metafísica que opôs matéria e espírito. Conduzimos nosso estudo confiando que esta oposição não pode ser um problema de nossos autores, Vigotski e Leontiev, mas sim um equívoco presente na leitura de seus intérpretes. Desta forma, pelas limitações que identificamos nestes intérpretes, justifica-se o porque não trataremos no mesmo item a eles dedicados de alguns autores brasileiros que vem contribuindo para uma leitura histórica e profundamente marxista de Vigotski e Leontiev, como Zoia Prestes e Newton Duarte, uma vez que estes contribuirão na fundamentação de nossa análise sobre Leontiev e sobre as leituras que fazem deste em relação à Vigotski nos capítulos subsequentes. De maneira geral, nos deparamos primeiro capítulo com diversas lacunas deixadas pelos intérpretes sobre a história de Vigotski e Leontiev bem como da Psicologia Soviética como um todo, especialmente sobre aquilo que definem com o termo “stalinismo”.

No segundo capítulo, então, tentamos desvendar alguns “nós” da história da Psicologia Soviética sob o regime stalinista como dado primário para nossa investigação para a compreensão do caminho percorrido por Leontiev. Com este capítulo

---

<sup>2</sup> São eles: Valsiner & Van der Veer, Alex Kozulin, Fernando González Rey e Guillermo Blanck.

<sup>3</sup> James Wertsch e Vladimir Zinchenko.

evidenciamos algumas contradições das interpretações dos fatos travestidas de verdade feitas pelos polemizadores apresentados no primeiro capítulo. Mostramos elementos que consideramos substanciais para compreender a realidade de quem viveu naquele período na União Soviética, buscando responder a questão de como é que se fazia ciência no stalinismo, evidentemente, focando nos destinos de Leontiev.

É com o terceiro e último capítulo de nosso trabalho que finalizamos nossa pejeja, diante das (propositais?) lacunas deixadas por leituras fragmentadas da obra de Leontiev, recolocando sua obra na totalidade da história. Mostramos que a unidade de Leontiev em relação à Vigotski se expressa no enfrentamento desses autores aos dualismos presentes na Psicologia e no problema da natureza social do psiquismo como central. Não realizamos uma análise comparativa entre estes autores, pois este não é o foco de nosso trabalho. Demos, no entanto, um passo primário e até mesmo anterior a este problema. Com nossa análise e exposição da obra de Leontiev, podemos então colocar o problema da relação entre Vigotski e Leontiev em outro patamar, isto é, em oposição à forma como a questão vem sendo difundida. Não nos pautamos somente pelos apontamentos colocados por nossos intérpretes para realizar nosso estudo, nem nos perdemos em buscar comparar e analisar questões e conceitos transitórios na obra destes autores. O que fizemos foi buscar o problema central que se evidencia na obra de Leontiev como um todo e compreender o caráter essencial que tem em sua obra a categoria Atividade. Devemos considerar que realizamos este trabalho dentro dos limites daquilo que pudemos acessar dos textos de Leontiev durante o período do mestrado (março/2011-março/2013). Mas estes limites não foram suficientes para ocultar aquilo que é a maior contribuição na obra deste verdadeiro materialista histórico que foi A.N. Leontiev: a Atividade como método para compreender a natureza social do psiquismo humano.

## 1. Vigotski e Leontiev, ruptura ou continuidade?

### Ponderando na balança as posições defendidas

No início dos anos 1920, Alexei Nikolaevich Leontiev ingressou na Universidade Estatal de Moscou, onde havia um Instituto de Psicologia fundado em 1912 por Georgi Ivanovich Chelpanov<sup>1</sup>. Em 1º de outubro de 1924, Leontiev começou a trabalhar oficialmente como assistente de laboratório no Instituto de Psicologia. Foi neste ano que Vigotski foi convidado a ser colaborador no Instituto de Psicologia de Moscou, após sua brilhante intervenção em 6 de janeiro de 1924, no II Congresso Nacional de Psiconeurologia, em Petrogrado<sup>2</sup>, com destaque à palestra “*Os métodos de pesquisa reflexológicos e psicológicos*”<sup>3</sup> (Blanck, 2003; Van der Veer & Valsiner, 2006; Leontiev, 2004a).

O Instituto estava sob a direção do reactologista Konstantin Nikolaevich Kornilov, ex-aluno e substituto de Chelpanov. O Instituto estava em um período de reorganização após um processo de ruptura entre os membros da escola de Chelpanov, liderada por seus ex-discípulos Kornilov e Blonski, que escreveram livros contra a psicologia de orientação idealista defendida por Chelpanov (Shuare, 1990). Após a Revolução de 1917, a psicologia na URSS recebeu apoio para desenvolver-se, superar seus marcos acadêmicos tradicionais de neutralidade e contribuir com as tarefas práticas da sociedade socialista nascente. Shuare (1990) explica que o intento de construir uma nova psicologia originou uma polêmica anterior à própria Revolução de Outubro, tomando impulso com ela em uma luta de ideias nos primeiros anos da psicologia soviética:

---

<sup>1</sup> O Instituto Psicológico fundado por Chelpanov em 1911 esteve sob sua direção até 1923, quando foi acusado de “idealista”. Após esta data, o Instituto entrou em um processo de mudança de nomes, porém, diante da dificuldade de recuperar todos os títulos recebidos pelo mencionado Instituto e, também, com intuito de expor os fatos de forma clara e concisa para leitor, optamos neste trabalho por sempre nos referir a este Instituto pela denominação de “Instituto de Psicologia” ou “Instituto de Psicologia de Moscou”.

<sup>2</sup> A cidade de Petrogrado foi a capital da Rússia até a Revolução de 1917 e passou a ser chamada de Leningrado após a morte de Lenin em 21 de janeiro de 1924 até 1991, quando da queda da URSS, voltando a ser chamada de São Petersburgo, seu primeiro nome antes da I Guerra Mundial.

<sup>3</sup> Vigotski apresentou também outros dois trabalhos baseados em sua experiência como professor na cidade de Gomel: “*Como temos que ensinar psicologia hoje*” em 6 de janeiro e “*Os resultados de um levantamento sobre o estado de espírito dos alunos nas últimas aulas da escola de Gomel em 1923*” em 10 de janeiro. Porém, apenas o mencionado “*Os métodos de pesquisa reflexológicos e psicológicos*” foi publicado posteriormente em 1926 (Van der Veer & Valsiner, 2006).

Foi, na verdade, fruto de um áspero (às vezes implacável e injusto) e prolongado enfrentamento de concepções, interpretações, esquemas, cujos extremos (mecanicismo-dialética; idealismo-materialismo), atuando como polos magnéticos, atraíram os cientistas da época, fazendo-os perder por momentos a bússola orientadora, porém que, afinal de contas, os levou a encontrar a base a partir da qual formular as proposições fundamentais para a criação de uma nova psicologia [...] a história dos primeiros anos da psicologia soviética é a história das tentativas de dar à psicologia o status de uma ciência verdadeira, cujos princípios metodológicos deveriam derivar naturalmente dos postulados do materialismo dialético e histórico (Shuare, 1990, p.26).

Kornilov foi uma figura importante neste processo, ainda que tenha sido também um “exponente do materialismo mecanicista na compreensão do psíquico” (Shuare, 1990, p.40). Após contribuir para ascender o processo de ruptura entre os membros do Instituto de Psicologia de Chelpanov em 1921, já em 1923 no I Congresso de Psiconeurologia de toda a Rússia, propôs um programa de reconstrução da psicologia, cujo principal postulado era a necessidade de que a ciência psicológica se pautasse no sistema filosófico do marxismo. Kornilov foi o primeiro a apontar a tese do psiquismo como uma propriedade da matéria altamente organizada e “com isso, se supera, a princípio, a redução mecanicista vulgar e se reconhece aos fenômenos psíquicos um lugar real, como o que ocupa qualquer outra propriedade da matéria” (Shuare, 1990, p.40). As palavras do próprio Luria (1992) em memória da época demonstram a contradição dos fatos e nos esclarece sobre como Kornilov liderou este processo inicial de construção de uma psicologia sob a base do marxismo:

Ainda que sua abordagem [de Kornilov], que ele denominou “reactologia”, fosse ingênua, naturalista e mecanicista, parecia conter uma alternativa à psicologia abertamente idealista de Chelpanov. Assim, em 1923, Chelpanov desistiu do cargo de diretor do instituto, e Kornilov foi nomeado o novo diretor [...] De qualquer maneira, a meta de reconstruir a psicologia sobre bases materialistas, colocada explicitamente por Kornilov, foi na época

um passo à frente. Tornou possível dar ao trabalho no Instituto um sentido mais produtivo, e arregimentar hordas de jovens acadêmicos para ajudar na indispensável reconstrução da psicologia (Luria, 1992, p.34).

Neste período de reorganização do Instituto, foi criado um laboratório sob a direção de Alexander Romanovich Luria, que teve como assistente A.N. Leontiev. Ainda em 1924, Luria, Leontiev e Vigotski passaram a se relacionar e logo Vigotski tornou-se a liderança intelectual do grupo, confluindo com a criação da Escola da Psicologia Histórico-Cultural.

O estreitamento da relação destes três cientistas, bem como os desdobramentos posteriores, é compreendido de forma divergente entre estudiosos de Vigotski e os que escrevem sobre a história da psicologia soviética. As distintas visões e interpretações gestaram no meio acadêmico uma polêmica de ruptura entre estes autores, especialmente uma dissidência entre Vigotski e Leontiev, que será o foco da exposição deste capítulo, uma vez que estas versões demonstram o tipo de leitura que é feita especialmente da obra de Leontiev.

Os autores selecionados para esta exposição são aqueles que escrevem acerca da relação entre Vigotski e Leontiev demarcando uma posição de sua leitura sobre a obra destes autores que consideramos equivocadas ou merecedoras minimamente de debate<sup>4</sup>. No entanto, é importante esclarecer que só pudemos trabalhar com os autores que tivemos acesso durante o período do mestrado (2011-2013) e priorizando os escritos em língua portuguesa e espanhola, que também pela barreira linguística são os escritos mais difundidos sobre o tema em nosso país. Vale destacar que alguns autores nós só tivemos acesso a uma seleção de textos bastante reduzida, por não haverem outras publicações disponíveis em nossa língua, o que certamente demarca uma limitação de nossa exposição. No entanto isso não impede que sejam sistematizados e debatidos os conteúdos relevantes com os quais se deparam os leitores em geral ao entrarem em contato com as posições apresentadas pelos autores elencados sobre a relação Vigotski-Leontiev e, especialmente, as consequências na abordagem da obra de Leontiev.

---

<sup>4</sup> Sendo assim, não trataremos nestes itens de alguns autores brasileiros que vem contribuindo para uma leitura histórica e profundamente marxista de Vigotski e Leontiev, como Zoia Prestes e Newton Duarte. Estes contribuirão na fundamentação de nossa análise sobre Leontiev e sobre as leituras que fazem deste em relação à Vigotski.

Convergem na compreensão de uma ruptura entre Vigotski e Leontiev: Valsiner & Van der Veer, Alex Kozulin, Fernando González Rey e Guillermo Blanck; enquanto que James Wertsch e Vladimir Zinchenko posicionam-se em favor de uma leitura complementar entre as duas teorias.

### **1.1. A balança que pesa em nome da ruptura...**

Os autores que desenvolvem argumentos em favor da compreensão de uma ruptura entre Vigotski e Leontiev são os seguintes pesquisadores: o israelense Alex Kozulin, o holandês René Van der Veer e o estoniano Jaan Valsiner (colaborador de pesquisas na Europa, Estados Unidos, Austrália e inclusive Brasil), o argentino Guillermo Blanck e o cubano Fernando González Rey. Procuramos fazer a exposição das proposições dos autores sobre a temática deste capítulo de modo a organizar uma síntese comum entre as ideias expostas por todos eles. Em geral, para abordar o problema tecem interpretações sobre a história de como se desenvolveu a relação entre Vigotski, Luria e Leontiev ou mesmo sobre elementos teóricos da obra de Vigotski e Leontiev.

Van der Veer & Valsiner (2009) afirmam que “a visão de Vygotsky sobre um grande grupo de pesquisa trabalhando para uma causa comum nunca existiu” (p.315) porque Vigotski foi forçado várias vezes a mudar para um novo instituto, trabalhar com novos colaboradores e também porque seus alunos após se formarem eram enviados para trabalhar em distintas cidades espalhadas pela URSS.

O fechamento da Academia de Educação Comunista e a resultante transferência de alguns dos colaboradores de Vygotsky (Bozhovich, Leontiev, Luria, Zaporozhec) para Kharkov também comprometeram o programa de pesquisa (Van der Ver & Valsiner, 2009, p.325).

Sobre a constituição de um grupo de trabalho liderado por Vigotski em colaboração com Luria e Leontiev, correntemente chamado de *troika*, Van der Veer & Valsiner (2009) afirmam que “não havia nenhuma *troika*” (p.203) que construiu a Psicologia Histórico-Cultural. Afirmam que, em verdade, levaram cerca de quatro ou cinco anos a partir de 1924 para que Vygotsky e Luria começassem a trabalhar conjuntamente e em co-autoria de forma produtiva, pois até 1930 Luria foi profundamente influenciado pela teoria freudiana. No caso de Leontiev, segundo a

exposição destes autores, ainda que este tenha escrito um trabalho sobre memória confirmando as experimentações das ideias de Vigotski (prefaciado por este em 1931), não há registro de nenhuma outra publicação em colaboração com Vigotski, bem como seu nome “não apareceu muito como co-fundador da teoria histórico-cultural na época. De fato, quando os críticos atacaram as ideias básicas da teoria histórico-cultural nas décadas de 1920 e 1930, sempre falavam da teoria desenvolvida por Vygotsky e Luria” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.204). No entanto, vale destacar que Leontiev era um colaborador subordinado no laboratório de Luria, não possuindo ainda uma apreciação pública enquanto pesquisador naquele período.

Van der Veer & Valsiner (2009) consideram que o crédito a existência desta *troika* seria uma projeção das avaliações atuais sobre a Psicologia Histórico-Cultural e de seus próprios autores e do valor que tiveram em sua época. Consideram uma distorção acreditar que a Psicologia Histórico-Cultural tenha sido uma das mais proeminentes teorias da época ou mesmo que os autores desta suposta *troika* fossem considerados psicólogos de destaque por seus contemporâneos. Assinalam que a teoria histórico-cultural não foi aceita por muitos cientistas e enfrentou críticas desde o princípio, sendo que “a crescente oposição (ideológica) provocou uma situação em que Vygotsky acabou ficando com muito poucos colegas simpáticos à sua teoria e teve que contar em grande escala com o trabalho feito por um pequeno círculo de jovens alunos devotados” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.204). Porém, esta exposição nos obriga a questionar se a ideia da *troika* poderia tratar-se apenas de avaliações e “projeções atuais” (p.203), pois o próprio Luria (1992) em sua autobiografia, afirma a existência da *troika*:

Quando Vygotsky chegou em Moscou, eu ainda estava realizando experimentos com o método motor combinado junto com Leontiev, um antigo aluno de Chelpanov com quem estou associado desde então. Reconhecendo suas raras habilidades, Leontiev e eu nos regozijamos quando conseguimos incluí-lo em nosso grupo de estudo, que chamávamos a “troika” (Luria, 1992, p.44).

Com este dado, a afirmação de Van der Veer & Valsiner (2009) de que a ideia de *troika* seja uma projeção das avaliações atuais, sem maiores explicações, torna-se parcial e de difícil compreensão para o leitor. Em Blanck (2003) encontramos a

afirmação de que “pairam dúvidas” (p.19) sobre este relato de Luria em sua autobiografia, porém, também não dá ao leitor maiores explicações sobre em que se baseiam tais dúvidas, como se a lembrança de Luria fosse distorcida:

É provável que Luria e Leontiev tenham ajudado Vigotski a se estabelecer, porém afirmamos sem vacilar que a realização dessa reunião demorou *pelo menos* um ano. Como disse Borges, a memória é mais inventiva que evocativa (Blanck, 2003, p.19).

Na introdução escrita por Leontiev (2004a, p.438) para a coletânea de trabalhos de Vigotski publicada em língua russa<sup>5</sup>, o autor não chega a utilizar o termo *troika*, mas naturalmente afirma que os primeiros colaboradores de Vigotski nos estudos psicológicos no Instituto de Psicologia de Moscou foram Luria e Leontiev.

Van der Veer & Valsiner (2009), afirmam ainda que a *troika* não seria um mito propagado apenas como resultado de projeções atuais, mas também que “a ideia dos três mosqueteiros heroicos e inseparáveis lutando contra a psicologia tradicional é, portanto, uma reconstrução romântica promovida por Leontiev e Luria” (p.204). Afirmam que “o mito da *troika* serviu à função de obscurecer as diferenças de opinião e os conflitos  **pessoais**  bastante reais que viriam a se desenvolver entre Vigotski e Leontiev (e, em certo grau, com Luria) em um estágio posterior” (p.204, grifos nossos). Para quem os autores compreendem que interessava a Luria e a Leontiev obscurecerem as supostas diferenças com Vigotski? Não sabemos, pois os autores deixam este conteúdo oculto no texto. Acreditamos, inclusive, que o fazem propositalmente para fomentar a noção de que Luria e Leontiev tiveram uma  **adesão ideológica ao stalinismo** .

Kozulin (2002) também tece afirmações sobre a *troika*, declarando que uma continuidade teórica entre Vigotski e Leontiev é uma inverdade, um mito: “o mito da sucessão entre as escolas de psicologia de Vigotski e Leontiev” (p.112) que se consolidou com o fato de Leontiev ter ganhado posteriormente o posto de intérprete oficial de Vigotski. Kozulin (2002) não explica quais fatos substanciam sua análise para a informação de que Leontiev assumiu tal posto, afirmando apenas que esse processo foi facilitado com o Prêmio Lênin que Leontiev recebeu em 1963 pelo seu livro “*Problemas do desenvolvimento do psiquismo*”, ocasião que segundo o autor o colocou em status de doutrina psicológica oficial. González Rey (2000; 2007b) também afirma,

---

<sup>5</sup> Não conseguimos precisar a data da publicação desta introdução feita por Leontiev.

sem mais detalhes, que a teoria psicológica da atividade de Leontiev se converteu em uma espécie de psicologia oficial<sup>6</sup> na URSS e “herdeira oficial da obra de Vigotski” (2007b, p.98). González Rey (2007b) argumenta que ao longo de seu doutorado em Moscou ele teve a percepção da imposição da teoria da atividade de Leontiev:

[...] existia uma psicologia marxista e essa era a Teoria da Atividade, e tudo o que se afastara dela era um desvio em relação à compreensão marxista da psique. Como ocorre com toda teoria que se torna hegemônica, a Teoria da Atividade se converteu em dogma e, nesse sentido, restringiu profundamente o desenvolvimento da Psicologia Soviética (González Rey 2007b).

Porém, difícil saber qual o elo comum das informações e percepções destes autores, visto que não explicitam claramente o que baliza suas afirmações nos textos que tivemos acesso, apontando principalmente suas avaliações como afirmativas inquestionáveis.

Blanck (2003), como já era de se esperar com seu comentário sobre a “memória inventiva” (p.19) de Luria, também faz afirmações de mesma natureza que Van der Veer & Valsiner (2009) e Kozulin (2002) sobre a constituição da *troika*. Blanck (2003) organizou uma edição comentada de “*Psicologia Pedagógica*” uma obra de Vigotski escrita entre os anos 1923 e 1924, em cujo prefácio, acusa a existência de algumas lendas que impedem o conhecimento nítido da vida e obra de Vigotski. Uma dessas lendas diz respeito ao trato da biografia de Vigotski, em que é falseada a construção de uma psicologia “sócio-histórica, monolítica” (p.17) pela *troika* composta por Luria, Vigotski e Leontiev. Afirma que foi nos anos 1950 que “começou a ser difundida a lenda hagiográfica da ‘troika’ criada principalmente por Leontiev, que nunca falou sobre seu passado – um autêntico apoio à política científica stalinista” (Blanck, 2003, p.23). Blanck (2003) não explica o que significa esta política ou como Leontiev apoiou a política científica stalinista<sup>7</sup>. Também é motivo de dúvida, se levarmos em

---

<sup>6</sup> Veremos com as sistematizações apresentadas no capítulo 2 que estas afirmações sobre Leontiev como “doutrina psicológica oficial” ou “psicologia oficial” são bastante duvidosas, pois todos os dados indicam que a doutrina oficial focalizou-se nos pressupostos da fisiologia da atividade nervosa superior de I.P. Pavlov ao longo do período stalinista, em especial a partir da década de 1950 e mesmo após a morte de Stalin.

<sup>7</sup> Veremos no capítulo 2, em especial nos períodos das grandes sessões acadêmicas que direcionavam a ciência soviética no stalinismo, contrariamente à afirmativa de Blanck (2003), que há muitos fatos que demonstram que Leontiev foi ativo no enfrentamento da redução da Psicologia à fisiologia da atividade

consideração o texto autobiográfico de Luria, como “principalmente” (p.23) Leontiev teria criado tal lenda, visto que o próprio Luria também a defende. Para todos estes autores, trata-se de pontuar uma problemática em relação à Leontiev, em especial? Tudo indica que sim.

Blanck (2003) ao acusar Leontiev de ter direcionado sua teoria para uma mudança que corroborou com o “fundamentalismo oficial stalinista” (p.31), argumenta que Leontiev se afastou teoricamente de Vigotski devido aos ataques do regime stalinista a este último no início dos anos 1930, cheios de insultos verbais e por escrito, ameaças de interrogatórios inquisitoriais que culminou no descenso das áreas de trabalho fundamentais de Vigotski: a defectologia e a pedologia, sendo esta última proibida após sua morte por um decreto em 1936, tendo por consequência a proibição das obras de Vigotski na URSS.

Este contexto do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 é o cenário fundamental da polêmica tratada neste capítulo. Centram-se os autores neste período, para compor seus argumentos de ruptura da *troika* e não por acaso é o período de ascensão de Stalin no governo soviético. Como reafirmaremos no capítulo 2, foram tempos conturbados, marcados por uma reviravolta no campo das ciências, nas artes e cultura. Segundo relato do filho de Leontiev, A.A. Leontiev (2005) criaram-se escolas científicas que se reivindicavam as únicas verdadeiramente marxistas, levando à repressão de importantes teóricos. A escola de trabalho unificado fundada sob os esforços de Lunacharski, sob a base teórica desenvolvida por Vigotski e Blonski, simplesmente deixou de existir. Teóricos e práticos ilustres da pedagogia foram submetidos à difamação. Na filosofia, Stalin não mediu esforços em enfatizar uma luta contra os taxados de materialistas mecanicistas e contra o grupo de Deborin (que foi aniquilado) rotulados como “idealistas menchevizes” (A.A. Leontiev, 2005, p.31).

Na psicologia traçou-se uma trama em que Kornilov foi destituído da direção do Instituto de Psicologia em 1930 e praticamente todas as teorias psicológicas foram criticadas. Houve a repressão da reactologia de Kornilov, da reflexologia de Bekheterev, do behaviorismo de Borovski e da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski:

---

nervos superior de Pavlov, como se fosse a Psicologia uma ciência biológica, negando a especificidade do ser social. Com a nossa análise da própria obra de Leontiev no capítulo 3, ficará ainda mais evidente como é central em sua obra o problema da natureza social do psiquismo.

[...] todas elas sofreram inescrupuloso ataque ideológico. Subsídios para a destruição da escola histórico-cultural são encontrados pela primeira vez no lançamento, em 1930, do livro de Vygotsky e Luria *História do Comportamento: o Macaco, o Homem Primitivo e a Criança* [...] Em segundo lugar, subsídios para sua destruição são encontrados nas expedições de A.R. Luria ao Uzbequistão, que aconteceram por iniciativa de Vygotsky em 1931 e 1932. Em um dos artigos “críticos (1934) da concepção “histórico-cultural”, ela foi descrita como **“Esta teoria pseudocientífica reacionária anti-marxista e inimiga-de-classe [class-hostile]”** (Razmyslov, 1934; citado de Luria, 1994, p. 67). Em outros lugares o grupo de Vygotsky foi acusado de **“revisões idealistas do materialismo histórico e sua concretização na psicologia”** (citado de Petrovskii e Iaroshevskii, 1994, p. 142). Mesmo o pináculo da academia, S.L. Rubinshtein em *Os Fundamentos da Psicologia* [Osnovy psikhologii] escreveu: **“Um lugar proeminente na psicologia soviética pertence a Vygotsky que, juntamente com Lurie [sic], Leontiev e outros desenvolveram a teoria do desenvolvimento cultural de funções mentais superiores criadas por ele, cujos erros foram apontados na imprensa mais de uma vez”** (Rubinshtein, 1935, p. 37)” (A.A. Leontiev, 2005, p.29-30, grifos nossos).

Em meio a esse contexto, no início dos anos 1930, as instituições onde Leontiev trabalhava começaram a fechar, por vezes com escândalos políticos:

[...] um mesmo editorial foi simultaneamente exibido em dois jornais centrais sobre o Instituto de Cinematografia com o ameaçador título **“Ninho de Idealistas e Trotskistas”**. Uma das consequências deste artigo foi que A.N. foi forçado a deixar o Instituto de Cinematografia em 1930. O baluarte da escola de Vygotsky – a Academia de Educação Comunista – também caiu em desgraça em 1930; sua Escola de Ciências Sociais foi proclamada “trotskista” e em 1931 foi “exilada” em Leningrado e

rebatizada como instituto (A.A. Leontiev, 2005, p.30, grifos nossos).

Leontiev foi obrigado a deixar seu cargo no Instituto de Cinematografia em 1930 e demitido da Academia de Educação Comunista em 1 de setembro de 1931, sendo que o laboratório de psicologia desta Academia, que era dirigido por Vigotski, foi fechado em 1932. Neste período, simplesmente não se ensinava mais psicologia na Universidade de Moscou, tirando-lhe a possibilidade de trabalho (A.A. Leontiev, 2005).

Em Kharkov, capital da Ucrânia na época, foi fundada a Academia Psiconeurológica Ucrâniana, com o convite de trabalho a vários pesquisadores de toda a URSS: entre estes convites estavam os nomes: Vygotsky, Luria, Leontiev, Zaporjets e Bozhovich. Van der Veer & Valsiner (2009) consideram que “na atmosfera intelectual cada vez mais intolerante de Moscou, a fundação da Academia Ucrâniana em Kharkov, em 1930, foi um evento dos mais bem vindos” (p.205).

Leontiev consolidou um grupo na Academia em Kharkov. Vigotski e Luria também foram empregados nesta Academia, sendo que Luria encarregou-se da chefia da seção de Psicologia, Leontiev da seção de Psicologia Infantil e Vigotski da direção do departamento de Psicologia Genética do Instituto Estatal de Treinamento Profissional do Comissariado da Saúde do Povo da República Socialista Soviética Ucrâniana.

Mudaram-se para Kharkov, ao final de 1931, Luria e Leontiev, que passavam 20 dias do mês em Kharkov e o restante dos dias com a família em Moscou, visto que a Academia Ucrâniana disponibilizava apenas um quarto em um apartamento comunitário para cada cientista e sua família (Van der Ver & Valsiner, 2009). Luria permaneceu trabalhando em Kharkov por cerca de três anos e Leontiev por quase cinco anos:

Ele [Leontiev] não só liderou uma seção e foi membro ativo da Academia Psiconeurológica da Ucrânia, como também – depois da partida definitiva de Luria – assumiu a administração de toda a divisão de psicologia (mesmo antes, em 1932, ele foi diretor suplente da divisão). Além disso, foi diretor do departamento de psicologia do Instituto Médico-Pedagógico do Comissariado da Saúde do Povo Ucrâniano, e posteriormente diretor do departamento de psicologia do Instituto Pedagógico de Kharkov e do Instituto de Pesquisas em Pedagogia (subseqüentemente

denominado o Instituto de Pedagogia Científica de Toda a Ucrânia). Dentre os postos assumidos por A.N. em Kharkov estava o bastante exótico posto de professor no Palácio P.P. Postyshev de Pioneiros e Filhos de Outubro de Kharkov (Leontiev, 2005, p.33).

No grupo de Kharkov participavam os mesmos membros moscovitas (Bozhovich, Zaporjets) entre outros que já moravam na cidade (Galperin, Zinchenko (pai)<sup>8</sup>, Lukhov e Asnin). Centravam-se nos estudos da “atividade prática e a consciência” (Golder, 2004, p.23).

Vigotski não liderava este grupo, embora viajasse com certa regularidade para dar aulas e seminários em Kharkov. Como parte do grupo moscovita em Kharkov, “passou a dedicar-se a atividades (importantíssimas) em Leningrado, onde aprofundou seu vínculo com Elkonin (oriundo desta cidade) e conformou, na prática, uma nova versão do grupo original, com novos integrantes” (Golder, 2004, p.23). Blanck (2003) afirma que em 1932 a situação de Vigotski em Moscou tornou-se insuportável, considerando as críticas que este vinha sofrendo, pelo menos desde 1931, cenário que, na compreensão de Blanck (2003), fez com que Vigotski tomasse a decisão de aumentar sua carga horária de atividades fora da cidade, transitando entre Leningrado (Instituto de Educação de Herzen), Kharkov e Moscou. Porém, Blanck (2003) aponta que é desconhecido o motivo pelo qual Vigotski não concentrou suas atividades em Kharkov com Luria e Leontiev, preferindo fazer longas viagens “minado pela tuberculose, entre Moscou, Jarkov e Leningrado, cidades muito distantes e com os precários meios de transporte da época” (Blanck, 2003, p.22). De fato, os motivos podem ser vários, políticos ou até mesmo pessoais. Mas o que sugere o caminho para onde Blanck (2003) segue a sua narrativa? Adiante ele diz “Não conhecemos o motivo exato dessa decisão, mas sabemos o que aconteceu em Jarkov. **Seu grupo se desintegrou nessa cidade** e, com isso, acabou também a ‘missão histórica’ que, messianicamente, ele tinha traçado para ele mesmo” (Blanck, 2003, p.23). Com esta passagem, Blanck (2003) conduz a uma interpretação de que a escolha de Vigotski em não focar suas atividades em Kharkov, juntamente com Luria, Leontiev e outros, estaria relacionada a problemas com o grupo de Kharkov.

---

<sup>8</sup> O Zinchenko aqui citado, que trabalhou com Leontiev em Kharkov, é o pai de V. Zincheko, um dos comentadores que trataremos no próximo item deste capítulo, ao lado de J. Wertsch, como já anunciado na introdução deste capítulo.

Sobre os desdobramentos do grupo em Kharkov e as pesquisas de Leontiev, os autores reafirmam a compreensão de ruptura entre Vigotski e Leontiev. Kozulin (2002) compreende que o grupo de Kharkov assumiu uma postura revisionista, elaborada teoricamente por Leontiev, passando a colocar **“as ações práticas (materiais) em primeiro plano enquanto, simultaneamente, rebaixava o papel dos signos como mediadores da atividade humana”** (p.111, grifos nossos). Porém quais os motivos que levaram o grupo a uma mudança de enfoque em relação ao trabalho de Vigotski? Este tema não é tratado por Kozulin (2002), que traz ao leitor apenas as suas afirmações. Isto nos dá a possibilidade de questionar o que Kozulin (2000) quer afirmar sobre tal mudança de enfoque não seria, em verdade, um distanciamento, não do grupo de Kharkov em relação a Vigotski, mas da interpretação que o próprio Kozulin faz da obra de Vigotski, que enfatiza o papel dos signos de modo a deslocá-los da atividade concreta. Pois não podemos concordar que haja uma dicotomia entre atividade prática (material), por um lado e signos (não material), por outro, corroborando para uma compreensão do signo ou da linguagem como algo vazio de objetividade.

Kozulin (2002) aponta problemas metodológicos na teoria da atividade em Leontiev. Afirma que para Vigotski, a atividade seria um *princípio explicativo geral* que encontra “sua concretização nos tipos específicos, culturalmente vinculados de mediação semiótica, na doutrina dos kharkovitas a atividade assumiu um duplo papel – o de princípio geral e o de mecanismo concreto de mediação” (Kozulin, 2002, p.131). Ao tratar da questão metodológica da obra de Vigotski, compreende que para este a atividade seria uma **“atualização da cultura no comportamento individual, encarnada na função simbólica do gesto, do jogo e dos sistemas lingüísticos”** (Kozulin, 2002, p.120, grifos nossos). Para Kozulin (2002) a atividade seria o princípio explicativo do objeto da psicologia em Vigotski que, por sua vez, seria as funções psicológicas superiores.

[...] a teoria de Vygotsky considera as funções mentais superiores como um objeto de estudo, os sistemas semióticos como mediadores, e a atividade como princípio explanatório – na teoria de Leontiev, a atividade, ora como atividade, ora como ação, desempenha todos os papéis, desde o objeto até o princípio explanatório (Kozulin, 2002, p.131).

Neste trecho o autor também menciona que os sistemas semióticos seriam mediadores. Podemos compreender que se trata da mediação entre o objeto de estudo e seu princípio explicativo, o que em Vigotski seria o conceito metodológico de ‘unidade de análise’ que articula concretamente o objeto e o princípio explicativo. As unidades de análise são ‘partes do todo capazes de preservar as contradições essenciais dele’” (Delari Jr., 2010, p.8).

Sendo impossível esgotar a totalidade da consciência humana, tanto quanto a totalidade das relações sociais das quais seu desenvolvimento é função, caberia ao investigador eleger unidades de análise que permitissem estudar tal complexidade em caráter concentrado, adensado (Delari Jr., 2010, p.8).

Kozulin (2002) não está incorreta em suas afirmações sobre Vigotski, mas fica evidente que a leitura que faz de Leontiev transforma sua teoria em uma grande simplificação da psicologia por meio da atividade. A leitura que fazemos do enfoque de Leontiev com a categoria atividade poderá ser esclarecida somente em nosso último capítulo, onde estudaremos sua obra buscando demonstrar seu percurso teórico.

Voltando às críticas sobre Leontiev e o grupo de Kharkov, Van der Ver & Valsiner (2009), afirmam que “**foi em Kharkov que a escola histórico-cultural começou a se desintegrar**” (p.205, grifos nossos). Apontam que Leontiev desenvolveu em Kharkov “sua própria concepção de desenvolvimento cognitivo em resposta a críticas ideológicas” (p.315). Não chegam a mencionar em exato qual seria esta concepção de desenvolvimento e em que se diferiria de Vigotski. Afirmam que no obituário de 1934<sup>9</sup>, o texto que escreveu quando da morte de Vigotski, Leontiev distanciou-se publicamente das ideias de Vigotski pela primeira vez criando, inclusive, outro título para nomear a teoria deste:

[...] enfatizou que os processos de mediação baseiam-se em **atividades materiais e sociais** e renomeou a psicologia histórico-

---

<sup>9</sup> Veremos no capítulo 2, ao retomar trechos mais íntegros deste obituário, que os autores omitem uma parte relevante. Ao que tudo indica, o fazem para realçar suas interpretações. A parte que omitem refere-se ao conteúdo do título empregado por Leontiev “sócio-histórica” como o cultural sendo próprio ao ser humano em oposição ao natural, conforme tentativas tanto de Leontiev como de Vigotski e Luria em demarcar a especificidade do ser social em relação à esfera animal. Também veremos que justamente o termo “cultura” foi alvo de fortes ataques à Vigotski e Luria no início dos anos 1930. Mas não nos centramos apenas na utilização de um termo ou outro, nos interessa a demarcação de seu conteúdo.

cultural de “teoria histórico-social” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.316, grifos nossos).

Blanck (2003), na mesma linha de raciocínio de Van der Veer & Valsiner (2009) e mesmo de Kozulin (2002), faz a interpretação de que é fato que em Kharkov se consolidou uma ruptura. Tem o entendimento de que Leontiev foi o líder dessa dissidência e que o motivo não seria fundamentalmente um desvio de percurso interno da linha de pesquisa, como enfatiza Kozulin (2002), mas sim um problema gerado devido a questões de “história externa” (p.31), ou seja, na trama da política stalinista:

Tudo indica que Leontiev mudou suas concepções **demasiado rapidamente** [grifos do autor], durante a crescente atmosfera de questionamento ideológico a Vigotski, quando foi acusado de “não ser marxista” [...] a mudança de Leontiev ocorreu em um sentido que estava plenamente de acordo com o fundamentalismo oficial stalinista – **o deslocamento da importância do “signo” para a “ferramenta” e da “comunicação” para o “trabalho”** (Blanck, 2003, p.31, grifos nossos).

González Rey (2003) também faz afirmação no sentido de declarar a teoria de Leontiev como expressão dos efeitos do stalinismo sobre a psicologia soviética: na sua “tendência à **objetivação do psíquico**, e se centrar nos níveis micro do social, deixando de lado os níveis macrossociais e as formas em que estes vão intervir no desenvolvimento da subjetividade individual e social” (p.84, grifos nossos). Aponta ainda que “Por trás da ênfase na natureza histórico-social dos processos psíquicos, esconde-se uma visão estreita que não considera os processos subjetivos complexos desenvolvidos nos espaços sociais. O esquema de atividade dominante definida como atividade objetual é essencialmente um modelo individualista interativo” (González Rey, 2007b, p.100-101). Aqui se evidencia na leitura de González Rey, que este compreende que o estudo da atividade em Leontiev produz uma dicotomia entre indivíduo e sociedade em que se privilegia a figura do indivíduo<sup>10</sup>.

Surpreendentemente podemos reparar que esta é uma análise oposta à crítica expressa por Van der Veer & Valsiner (2009) que, como vimos, condenam em Leontiev

---

<sup>10</sup> No capítulo 3, com o estudo da obra de Leontiev, será possível verificar que esta dicotomia não só não ocorre, como o próprio Leontiev utiliza-se da categoria atividade para afirmar o caráter histórico e social do psiquismo humano.

que os processos de mediação “baseiam-se em atividades materiais e sociais” (p.316), como se este valorizasse demasiadamente os processos que Gonzalez Rey (2003) chama por macro, ou seja, enfatizasse junto aos processos sociais os da atividade material. Para Van der Veer & Valsiner (2009) estes são iguados (atividades materiais e sociais) ou equiparados, assim não implicam, como em González Rey (2003) necessariamente na identificação com o “micro” (p.84). Este é um exemplo de que se contradizem entre si os autores que defendem o afastamento teórico de Vigotski e Leontiev, ficando, assim, muitas vezes impossível compreender por meio de suas interpretações o verdadeiro conteúdo da obra de Leontiev.

Van der Ver & Valsiner (2009) também fazem acusação à Leontiev por este se manter “fiel a ideologia oficial” (p.316):

Fica claro que, ao substituir a ênfase de Vygtsky nos **signos como meios de mediação entre os objetos da experiência e funções mentais** pela ideia de que **a ação física (trabalho)** deve fazer a **mediação entre sujeito e o mundo exterior**, Leontiev se manteve fiel à ideologia oficial. De acordo com os guardiões ideológicos, o trabalho (atividade física) devia ter precedência sobre a fala (Van der Ver & Valsiner, 2009, p.316, grifos nossos).

Estes autores se limitam aqui a tratar a categoria trabalho como sinônimo de ação/atividade física, desconsiderando a centralidade desta categoria para a filosofia marxista na compreensão do ser social<sup>11</sup>. Mais ainda, fica evidente que Van der Ver & Valsiner (2009) não compreendem que ainda que os signos sejam fundamentais na mediação entre o ser humano e os objetos do mundo material, não podem estar divorciados de sua atividade real, prática, pairando apenas no campo de uma linguagem, supostamente vazia de objetividade. Como compreendem a relação entre subjetividade e objetividade, indivíduo e sociedade, temas fundamentais para a Psicologia Histórico-Cultural? Estes problemas não estão devidamente explicados nos escritos dos autores aqui tratados. Possuem sentido apenas em correspondência aos ataques que fazem à Leontiev em defesa de suas interpretações sobre a obra de Vigotski.

---

<sup>11</sup> Desconsideram também as próprias proposições de Leontiev sobre a categoria atividade e a categoria trabalho que reivindica. No entanto, estes esclarecimentos fogem dos limites deste capítulo e poderão ser melhor compreendidos com a análise da obra de Leontiev no capítulo 3.

Kozulin (2002) faz uma acusação de forma não tão expressa como Van der Ver & Valsiner, Blanck e González Rey, afirmando que a teoria da atividade de Leontiev é fenômeno do entrelaçamento intrincado entre “a caução ideológica, a discordância científica honesta e também um entendimento equivocado de algumas ideias de Vygotsky” (Kozulin, 2002, p.127). Critica a utilização de Leontiev da atividade humana em geral utilizando-se de categorias da filosofia marxista – cita a produção, apropriação, objetivação e “desobjetivação” (p.133) –, pois o sujeito presumido dessas categorias seria o “sujeito social-histórico” (p.132) e não o “psicológico-individual” (p.132) e, contraditoriamente, as “relações concretas com a realidade” (p.132) teriam sido encontradas por Leontiev justamente nas **ações e operações práticas concretas do indivíduo**.

O elo intermediário entre essas duas facetas da atividade – o qual Vygotsky identificou como **cultura em geral e como sistemas semióticos em particular** – ficou perdido por causa da rejeição à oposição de Vygotsky (Kozulin, 2002, p.133).

Sendo assim, Kozulin reafirma contradição entre indivíduo e sujeito social e histórico? O indivíduo psicológico-individual não poderia, então, ser explicado a partir de categorias da filosofia marxista, por estas serem gerais ou sociais em oposição a individuais? Entendemos que a exposição deste autor sugere um fosso intransponível entre indivíduo e sociedade, valorizando uma concepção claramente subjetivista.

González Rey constrói a sua crítica à A.N. Leontiev não somente baseado na suposta adequação desta aos fundamentos do regime stalinista, mas também a partir do lugar que compreende ocupar a teoria da atividade na história do desenvolvimento da psicologia soviética como um todo. Afirma que foi uma tendência recorrente na psicologia soviética o “marxismo mecanicista” (p.350), que o autor compreende como “uma mera aplicação de categorias marxistas a outros campos do saber – orientada à **‘materialização’ da psique**” (González Rey 2007b, p.350, grifos nossos). González Rey (2007a) aponta que um dos aspectos que caracterizou o pensamento mecanicista na psicologia soviética foi a tentativa em **“explicar a psique pela ação causal de processos ‘objetivos’**, impedindo assim que fosse vista como um sistema complexo, irreduzível aos processos que participam de sua determinação” (p.352, grifos nossos).

Afirma que a psicologia soviética manteve um percurso contraditório em relação aos problemas sobre a objetividade e a subjetividade e a relação entre o afetivo e o cognitivo, devido ao

[...] **imaginário objetivista que a restringia do ponto de vista ideológico**, que não aparecia apenas definido pela pressão política do stalinismo, mas pela própria cosmovisão de seus protagonistas. Embora os pioneiros daquela psicologia não tivessem se apropriado do marxismo numa forma dogmática, mas criativa, **era muito difícil ir além de princípios muito impregnados naquele momento no imaginário da sociedade soviética de forma geral, e um dos princípios mais arraigados da época foi o caráter dominante do ser sobre a consciência que, mal interpretado, levou ao caráter secundário da consciência em relação ao ser**<sup>12</sup>. (González Rey, 2007c, p.58)

O desenvolvimento da psicologia apoiada nos princípios do marxismo, segundo González Rey (2007a) “ênfaticamente com mais frequência o materialismo que a dialética, o que implicou, em vários momentos da história da psicologia soviética, a **retificação de categorias concretas como a máxima expressão do caráter marxista da psicologia**” (p.351, grifos nossos). O autor exemplifica tais momentos: 1) com a reflexologia, resultado de uma forte tradição cultural dominante das ciências naturais, em que ocorria uma primazia dos processos fisiológicos como causa dos processos psíquicos mais complexos; 2) outro momento seria representado pela tentativa de Konstantin N. Kornilov em aplicar de forma mecânica as categorias do marxismo à psicologia; 3) um terceiro momento apresentado pelo autor está no desenvolvimento da Teoria da Atividade protagonizada por Leontiev, que segundo González Rey (2007a) “representou um novo momento no intuito de objetivar o psíquico” (p.353) ao “explicar a psique por meio das operações externas das pessoas com objetos” (p.353), o que para o autor “inaugurou um reducionismo ‘objetal’ na compreensão da psique” (p.353).

---

<sup>12</sup> Veremos com o estudo da obra de Leontiev no capítulo 3 que esta noção de que a consciência tem caráter secundário, como epifenômeno do ser, é absolutamente incompatível com os pressupostos e elaborações teóricas de Leontiev e com a própria filosofia marxiana. O autor inclusive enfatiza que a consciência é o psiquismo propriamente humano, cujo papel no ser social é central, é indissociável do aspecto ativo do ser humano.

Explica que a teoria da atividade de Leontiev se converteu em uma espécie de psicologia oficial, a partir da década de 1960 até o final dos anos 1970, passando a ser um “referente para valorar o caráter ‘marxista’ da produção psicológica” (González Rey, 2000, p.134). Afirma que neste contexto ocorreu uma volta ao positivismo metodológico<sup>13</sup>, reforçando-se o uso do experimento na investigação psicológica, o que estaria em perfeita concordância com a orientação dos estudos dos processos cognitivos e sensoriais nos marcos da teoria da atividade. Não chega a exemplificar fatos que esclareçam o significado de seus argumentos, deixando a possibilidade para o leitor questionar se a utilização de experimentos poderia ser, por si só, considerada um reducionismo positivista, como dá a entender González Rey. Vigotski, o autor com que mais simpatizam os comentadores destacados neste capítulo, possui uma infinidade de estudos experimentais com seus colaboradores, utilizando experimentos como meios de investigação teórica. Ainda assim, aponta para esta direção sua crítica à teoria da atividade.

Esta teoria representou um novo momento de uma velha tendência, que a Psicologia Soviética, pelo contexto ideológico em que se desenvolveu, não pode superar nunca: sua **ênfase em identificar a materialidade do psíquico em formas objetivas, biológicas ou sociais**. Isto nunca permitiu aos psicólogos soviéticos a construção teórica de uma visão ontológica diferente da psique partindo da definição de seu caráter cultural (González Rey, 2000, p.135).

Cabe-nos questionar porque este autor defende a construção de uma visão ontológica diferente e em que consistiria tal visão? Fica evidente que a ontologia do ser social pela categoria trabalho proposta radicalmente por Marx seria inadequada em seu ponto de vista. Estamos lidando com críticas feitas a Vigotski por um pesquisador claramente divorciado da filosofia marxiana. Como explica Lacerda Júnior (2010) sobre González Rey, trata-se de “um teórico que cinde materialismo e dialética e que define como melhor via para a psicologia olhar tão somente para a dialética [...] esta cisão

---

<sup>13</sup> Vale mencionar que esta indicação de Leontiev como positivista metodológico se contradiz com a discussão metodológica que o próprio autor afirma reiteradamente em seus textos, criticando mais especialmente na década de 1970 os inúmeros investimentos em estudos experimentais divorciados de uma base metodológica e filosófica, como veremos no capítulo 3.

culmina em uma hipertrofia da subjetividade, tal como realizam todas as teorias pós-modernas da contemporaneidade” (p.218).

González Rey (2003) afirma que a teoria da atividade de Leontiev expressa categoricamente a **“tensão entre as necessidades do desenvolvimento da própria psicologia e as tendências a reificar o objeto como a dimensão materialista do psíquico”** (p.83, grifos nossos).

Valsiner & Van der Veer, Alex Kozulin e Fernando González Rey demonstram uma correspondência na interpretação sobre os problemas que consideram existir na teoria de Leontiev sob a égide do stalinismo na psicologia, que também seria central na divergência para com a teoria de Vigotski. Vejamos como tratam do problema. Van der Veer & Valsiner afirmam como dado de distanciamento de Leontiev em relação a Vigotski, o ato dele ter enfatizado que os processos de mediação baseiam-se em **atividades materiais e sociais**. Kozulin (2002) afirma que a

[...] insistência nas **“relações concretas com a realidade”** se tornou um ponto principal de discordância entre os kharkovitas e Vygotsky [...] aquela tese das **“relações concretas com a realidade”** se encaixava muito melhor no **credo soviético dialético-materialista dos anos 1930** do que o modelo cultural-histórico mais complexo sugerido por Vygotsky (Kozulin, 2002, p.127, grifos nossos).

Já González Rey (1993) aponta que ao identificar o caráter marxista da psicologia na categoria atividade, uma **“categoria concreta”** (p.167, grifos nossos), esta se converteu em uma supracategoria na psicologia soviética, por muitos anos, o que teve por consequência o enfraquecimento de outras categorias que considera como fundamentais para a psicologia social, como a personalidade e a comunicação. Justifica o caráter ideológico que teria tal postura teórica de Leontiev ao explicar que na década de 1970 o cenário passou a mudar em relação a estas categorias:

Por um período de quase trinta anos a categoria comunicação não se expressou nem em um plano teórico, nem aplicado na psicologia soviética, aparecendo com força em distintas esferas da psicologia aplicada na década de 1970, com um forte impulso sobre sua significação teórica e metodológica para a psicologia

nos trabalhos de B.F. Lomov. Nos marcos da teoria da atividade encontraram uma forte expressão aplicada à investigação dos processos cognitivos e a psicologia pedagógica, sustentada esta última no princípio da internalização. Porém, foram particularmente débeis outras esferas da psicologia como a social, trabalho e a própria psicologia da saúde, o que não é casual (González Rey, 1993, p.167).

Lembremos que, por outro lado, Blanck (2003) também considera que um problema do stalinismo na psicologia sob o qual incorreu Leontiev seria, como já mencionamos, “**o deslocamento da importância do ‘signo’ para a ‘ferramenta’ e da ‘comunicação’ para o ‘trabalho’**” (p.31, grifos nossos).

Se nos atentarmos para o ponto comum entre estes autores veremos que fazem uma mesma acusação à teoria da atividade de Leontiev: estariam convencidos de que a ênfase de Leontiev pendeu para um lado oposto do qual defendem? Dizemos isto no sentido de Leontiev ser antes de tudo um materialista histórico e por isso incompatível com as críticas bastante impregnadas de idealismo dos comentadores aqui abordados. Leontiev teria enfatizado **categorias concretas** de caráter **externo** tendo por consequência, na interpretação destes autores, um descrédito de outras categorias que de fato revelariam a psicologia. Acusam uma superficialidade de caráter ideológico na teoria da atividade de Leontiev. Compreendem, então, que a categoria atividade e suas dimensões (ação e operação) incorrem em uma simplificação do psiquismo, que seria revelado e apreendido por meio de conceitos, supostamente ignorados por Leontiev, como o signo, a comunicação, cultura e sistemas semióticos. Fazem a Leontiev uma crítica aparentemente parecida com a que Vigotski fazia ao grupo de Kornilov e outros, que tentavam adequar a psicologia a categorias marxistas como uma colcha de retalhos. Acusam Leontiev em incorrer no erro de um reducionismo psicológico em detrimento de um amontoado de categorias marxistas, objetivas, etc. No entanto, diferentemente de Vigotski (1927/2004), não tratam o problema apontando limitações a um projeto de psicologia científica e geral que se buscava elaborar coletivamente por meio do método histórico de Marx. Pois este projeto se dissolveu com a queda da URSS e o avanço da política neoliberal e das concepções pós-modernas em que convivem distintos fundamentos e conceitos em nome de uma falsa harmonia teórica ou consenso aparente, defendida como diversidade de ideias que possuem igual validade.

## 1.2 A balança que sustenta um suposto equilíbrio...

A metáfora do título deste subitem quer representar de antemão uma fragilidade que será expressa na argumentação de alguns intérpretes que escreveram sobre a relação entre a obra de Vigotski e Leontiev buscando não distanciá-los, mas pelo contrário, defendendo uma continuidade ou complementaridade entre eles. Esta fragilidade, para nós, se mostra exatamente na leitura que fazem de Vigotski e Leontiev impregnada de dicotomias entre subjetividade e objetividade que dificultam a análise. Sendo assim, não contribuem verdadeiramente para a compreensão da relação entre as ideias de Vigotski e Leontiev, corroborando para as equivocadas leituras dicotômicas da obra destes autores que demarcam a ênfase da obra de Vigotski pelo tema da Linguagem e a de Leontiev pelo tema da Atividade. Portanto, os autores que elencamos para este subitem mantêm um suposto equilíbrio em relação aos argumentos daqueles que defendem a ruptura entre Vigotski e Leontiev, na medida em que não confrontam a leitura dicotômica que aqueles propagam sobre a obra de nossos citados autores soviéticos. Ao não confrontarem estas interpretações pela raiz do problema, não são capazes de enfrentá-las verdadeiramente, cumprindo uma função que vem apenas a se somar a um rol de interpretações de igual peso e medida em sua validade. Mantêm assim um suposto equilíbrio em relação aos polemizadores da ruptura, suposto porque a rigor podem até contribuir para o prejuízo da análise da relação da obra de Vigotski e Leontiev.

Diante da compreensão das limitações dos argumentos que tivemos acesso dos intérpretes que abordaremos neste subitem, não podemos tratar juntamente aqui daqueles autores brasileiros que vem contribuindo para uma leitura histórica e profundamente marxista da obra de Vigotski e Leontiev, como Zoia Prestes e Newton Duarte. Estes compõem a fundamentação de nossa análise sobre a obra de Leontiev e das leituras que fazem deste em relação a Vigotski e serão mencionados, portanto, a partir de nosso segundo capítulo.

Elencamos para este tópico os autores Vladimir P. Zinchenko professor de Psicologia em Moscou e membro da Academia Russa de Educação, filho do psicólogo e colaborador de Leontiev em Kharkov Peter I. Zinchenko; e também o autor estadunidense e membro honorário da Academia Russa de Educação James V. Wertsch.

Tivemos acesso ao texto de Vladimir P. Zinchenko tratando sobre a relação entre a teoria psicológica da atividade e a Psicologia Histórico-Cultural em uma coletânea de textos organizada por James Wertsch, Pablo del Río e Amelia Alvarez.

Wertsch, del Rio & Almeida (1998) publicaram uma coletânea de textos em 1995 “*Estudos socioculturais da mente*” apresentando uma nova abordagem geral no campo das ciências humanas, a abordagem “sociocultural” (p.13). Esta abordagem seria fundamentada nas ideias de Vigotski e seus colaboradores, bem como na ampliação destas, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento de uma linguagem comum que possibilite que as ciências humanas sejam “mais capazes de abordar as grandes questões sociais de hoje” (Wertsch, 1998, p.12). Esta abordagem objetivaria especificamente “explicar as relações entre a ação humana, por um lado, e as situações históricas, institucionais e culturais nas quais essa ação ocorre, por outro” (p.19). Este autor compreende que “as relações entre as ações humanas” (p.19) seria a formulação de uma pesquisa sociocultural do funcionamento da psique com relação ao conjunto institucional, histórico e cultural na qual ela se insere.

Partindo deste entendimento, Wertsch (1988) estuda a teoria da atividade em relação à Psicologia Histórico-Cultural, compreendendo que um dos pressupostos mais importantes da teoria da atividade é seu reconhecimento de que falta uma nova unidade de análise para desenvolver a proposta vigotskiana, através da proposição de uma unidade de atividade.

Neste sentido, Wertsch (1988) expõem algumas críticas que limitam a tese de Vigotski sobre o significado da palavra:

1) sua incapacidade de situar o significado da palavra em uma explicação mais ampla da referencialidade proposicional e discursiva; 2) sua incapacidade de cumprir seus próprios requisitos para uma unidade de análise, ou seja, que apareça como um microcosmo das relações interfuncionais dinâmicas que definem a consciência; e 3) sua incapacidade de explicar adequadamente a relação entre as forças naturais e as forças sociais do desenvolvimento (Wertsch, 1988, p.206, tradução nossa).

Utiliza-se da análise de Davydov & Radzikhovskii<sup>14</sup> de que haveria uma distinção entre o Vigotski “metodólogo e o psicólogo” (Wertsch, 1998, p.204), o que

---

<sup>14</sup> Davydov, V.V., Radzikhovskii, L.A. (1985). Vygotsky's theory and the activity-oriented approach to psychology. In Wertsch, J.V. (1985). *Culture, communication, an cognition: Vygotskian pespectives*. New York: Cambridge University Press.

teria consequências entre o que ele definiu por unidade de análise e o que ele propôs como unidade de análise. Aponta que Vigotski considerava que o significado da palavra poderia atuar como uma célula psicológica ou unidade de análise em que se refletiriam todos os processos e inter-relações presentes na consciência, que a palavra seria o microcosmo da consciência. Porém, Wertsch (1988) compreende que o significado da palavra **não pode ser a unidade de análise da consciência em si mesma**, e que este parece mais ser uma **unidade de análise da mediação semiótica da consciência**. Afirma que as relações interfuncionais não se refletem de maneira alguma no microcosmo do significado da palavra. Aponta que Vigotski, quanto ao sentido, não especificou nenhuma maneira de definir os contextos ou como estes poderiam determinar os sentidos das palavras, bem como não explicitou como as diferentes funções psicológicas, como memória e atenção, podem representar-se no microcosmo do sentido de uma palavra.

Se considerar que os significados das palavras podem definir-se mediante relações de conceitos genuínos signo-letra/ signo-letra, se verá que a preocupação de Vygotsky consiste na categorização e os sistemas de categorização inerentes ao código linguístico. Esta categorização desempenha um papel essencial como intermediário da consciência *mediadora*, porém não é a consciência propriamente dita (Wertsch, 1988, p.204).

Outro problema seria **a ausência de uma explicação adequada do curso natural do desenvolvimento** e que este seria o Vigotski “psicólogo” utilizando-se da distinção proposta por Davydov & Radzikhovskii, pois “o metodólogo” propôs uma

[...] explicação geral da ontogênese da consciência na qual as forças naturais e sociais entram em contato, tornando-se mutuamente determinantes [...] Como resultado, seus escritos sobre os mecanismos de desenvolvimento psicológico sugerem uma interpretação que entra em conflito com seu enfoque metodológico ou metateórico. Basicamente, sugere que com o começo da aprendizagem da linguagem, o desenvolvimento da criança se explica exclusivamente em função da aprendizagem dos significados das palavras. Deste ponto de vista, o

desenvolvimento da consciência humana poderia reduzir-se à aprendizagem dos códigos semióticos (Wertsch, 1988, p.205).

Diante destas críticas que apresenta acerca do trabalho de Vigotski, no que tange ao objeto e unidade de análise para a psicologia, Wertsch (1988) propõe-se a fazer o debate de qual **papel acredita que a teoria da atividade deveria desempenhar no marco teórico de Vigotski**. Resgata as dimensões da categoria atividade na obra de Leontiev explicando que ao tratar de unidade de atividade está se referindo a atividades específicas em oposição à atividade humana em geral, ou seja, trata-se de um nível de análise particular em oposição à teoria mais geral que alcança todos os níveis. Aponta que tal como teria definido Leontiev, a atividade é

[...] a unidade de vida molar, não aditiva, para o sujeito material corpóreo. Em um sentido mais preciso (ou seja, a nível psicológico) é a unidade de vida mediatizada pelo reflexo mental. A função real desta unidade é orientar o sujeito no mundo de objetos. Em outras palavras, a atividade não é uma reação ou agregado de reações, senão um sistema com sua própria estrutura, suas próprias transformações internas e seu próprio desenvolvimento (Leontiev, 1981, p.46 citado por Wertsch, 1998, p.210).

Wertsch (1988) conta que dentre os níveis de análise formulados por Leontiev – atividade, ação e operação – a *ação mediada por instrumentos* é considerada por Vladimir P. Zinchenko como a unidade de análise mais adequada à concepção de Vigotski. Desta forma, Wertsch (1988) compreende que Zinchenko consegue, assim, reconhecer o papel adequado que desempenha o significado da palavra e outros fenômenos semióticos como mediadores de unidades de análise e não unidades em si.

Wertsch (1988) acredita que o significado da palavra não é uma unidade que reflète as relações interfuncionais que definem a consciência, como um microcosmo da consciência. Desta forma a ação mediada por signos permite uma maior coerência em relação aos próprios pressupostos de Vigotski de definição de unidade de análise, uma vez que a ação dirigida a um objeto e mediada por instrumentos é capaz de demonstrar as implicações e coordenadas das funções psicológicas em uma unidade da “verdadeira vida psicológica” (Wertsch, 1988, p.214)

Afirma sua defesa da unidade de análise da ação, concebendo esta como:

[...] uma unidade que *atravessa* as unidades utilizadas tradicionalmente [...] torna possível o estudo da consciência tal como a define Vygotsky. Dado o fato de que para ele o critério fundamental de definição da consciência é sua organização interfuncional dinâmica, a noção de uma ação mediada por instrumentos proporciona um *microcosmo manejável* dentro do que se pode estudar da consciência humana (Wertsch, 1988, p.214-215, tradução minha, grifos do autor).

Wertsch (1988) afirma que a ação retém a propriedade de ser uma unidade que, assim como o significado da palavra, transcende a fronteira do individual e social, do funcionamento intrapsicológico e interpsicológico. Sendo assim, considera que o significado da palavra seria uma **unidade de mediação semiótica** do funcionamento psicológico, ao invés de uma unidade de funcionamento em si mesma.

O autor russo Valdimir P. Zinchenko produz um debate entre as teorizações de Vigotski e Leontiev para a psicologia, colocando como especialmente relevante o problema da relação entre a teoria da atividade de Leontiev e a teoria histórico-cultural de Vigotski, considerando que este tema não poderia ser ignorado quando tratamos da história da psicologia histórico-cultural:

Uma das questões que qualquer relato da escola histórico-cultural na psicologia russa e soviética deve abordar é como ela se relaciona com a teoria da atividade. Entre outras coisas, isso significa que devemos examinar a relação entre as ideias de Vygotsky e as de Aleksei Leontiev [...] a história da relação entre as ideias desses dois teóricos é suficientemente rica e complexa que ela merece atenção por próprio mérito (Zinchenko, 1998, p.42).

Zinchenko (1998) admite que o grupo de Psicologia de Kharkov, que foi liderado por Leontiev, mudou seu enfoque em relação à teoria histórico-cultural, cujo enfoque era a consciência, para a atividade<sup>15</sup>. Ainda assim, o autor compreende que a

---

<sup>15</sup> Com o último capítulo, ficará mais claro que o enfoque da categoria atividade serve para reivindicar o estudo da consciência numa perspectiva materialista e histórica, uma vez que para Leontiev a atividade humana é essencialmente consciente.

teoria da atividade e a histórico-cultural formam duas linhas de pesquisa de uma mesma escola. Afirma que devemos compreendê-las como “ampliando mutuamente uma a outra, como uma enriquecendo a outra” (p.48). Coloca que a teoria da atividade de Leontiev teve sua origem na psicologia histórico-cultural, uma vez que nos anos 1920 a temática da atividade já era uma tendência presente nas diversas ciências e que com Vigotski, Leontiev pôde assentar uma nova compreensão da atividade. Aponta que o esquema de três níveis utilizado por Leontiev para descrever a estrutura da atividade (atividade-motivo, ação-objetivo, operação-condição) deve ser compreendido como “uma maneira de decifrar o mesmo esquema elementar: objetivo-meio-resultado” (p.46), esquema já abordado anteriormente por Vigotski em seu texto de 1930 “*O método instrumental em psicologia*”. Compreende que mesmo que para Leontiev o enfoque esteja na ação e não no significado, como era para Vigotski, a ação “como unidade para analisar a mente satisfaz todas as necessidades dispostas por Vygotsky na formulação de tais unidades” (Zinchenko, 1998, p.45).

Também aponta que o sentido, em Leontiev, constitui não apenas a consciência, mas também a atividade orientada para um objeto, o que poderia trazer como conclusão, segundo Zinchenko (1998) a **nítida continuidade entre a teoria da atividade e a histórico-cultural.**

O significado (inclusive o significado operacional e orientado para um objeto, bem como o significado verbal) e o sentido estavam presentes no *corpus*, mas não no esquema de sua [de Leontiev] teoria da atividade. Nessa abordagem, o sentido que é derivado da relação entre motivo e objeto, permeia os dois níveis superiores de organização da atividade [...]

Zinchenko (1998) finaliza as últimas linhas de seu texto dizendo “essa é uma forma inicial ou pelo menos verbal possível das duas extraordinárias linhas da psicologia de nosso país” (p.53). Embora o autor demonstre uma tentativa em traçar uma unidade entre a teoria da atividade e a psicologia histórico-cultural, também afirma que não se posicionará em favor de uma ou de outra: “não vou me pronunciar na decisão de qual linha tomo partido. Minha tendência é tentar ir além dos limites de ambas, olhá-las de um ponto de vista mais amplo e entender seus lugares e seus papéis na psicologia geral” (p.52).

Afirma ainda que embora tenham sido criadas pelo mesmo grupo de cientistas, a teoria da atividade e a histórico-cultural possuem diferenças essenciais. Em sua avaliação, Zinchenko (1998) assevera que a principal diferença entre ambas as teorias consiste em que para a psicologia histórico-cultural o problema central seria a mediação da psique e a consciência. Já para a teoria psicológica da atividade, o problema central estaria na orientação ao objeto, tanto na atividade psicológica interna como na externa.

Considera que o grupo de Kharkov, embora não tenha ignorado o tema da consciência, limitou-se “principalmente à análise das raízes históricas e ontogênicas da consciência” (p.43). Acredita que a decisão de mudança de enfoque por Leontiev foi predeterminada pelo contexto, especialmente pelo fato de Vigotski ter sido um nome proibido, embora não esquecido nos anos 1930.

Leontiev aparentemente levou em consideração a crítica dirigida a Vygotsky e, a partir disso, gerou suas próprias ideias sobre a natureza da mente e da consciência, bem como seus desenvolvimentos diretamente das conhecidas teses de Marx ou Feuerbach e da “ideologia alemã”, em que se encontram discussões sobre a tendência de ignorar a atividade orientada ao objeto (Zinchenko, 1998, p.44).

Afirma que o problema da mediação se fez presente na teoria de Leontiev, mas que para Vigotski a consciência era mediada pela cultura, enquanto que Leontiev afirmava que a mente e a consciência eram mediadas por ferramentas e objetos. No texto não fica clara a concepção de cultura do autor ou como ele a compreende em Vigotski. A questão é relevante, pois nos direciona a outra: pode um instrumento ou objeto existir concretamente fora da cultura? Parece aqui, novamente a polarização **instrumento x signo** na qual incorreram os autores que defendem a ruptura entre Vigotski e Leontiev. O que sugere ambiguidade, colocando este autor em uma posição em que, ainda que não pese a balança em nome da ruptura, mantém o debate sobre um suposto equilíbrio, que admite diferenças, porém que não esclarece a unidade, já que distancia os autores em alguns momentos, servindo-se de dicotomias justamente em problemas que são tratados dialeticamente pela filosofia marxiana. No entanto, não estamos convencidos de que estas dicotomias estão presentes nos autores, mas muito provavelmente em leituras equivocadas destes. Evidentemente que isso não impede de compreender que haja avanços em relação a um e outro, mas estes avanços estão mais

relacionados a como melhor esclarecem os problemas reais estudados diante de determinadas problemáticas, bem como seus desdobramentos contextuais, do que um equívoco grave do ponto de vista metodológico. Este ponto poderá ser melhor esclarecido no conjunto de nosso trabalho ao demonstrarmos o desdobramento da obra de Leontiev.

Por fim, Zinchenko (1998) sugere que a teoria da atividade de Leontiev ganhou notoriedade atrelada ao nome de Vigotski devido ao contexto pós-stalinista em que foi estabelecido um código de conduta no qual não se criticava nem mesmo seu opositor, o que se estendeu à Vigotski, que contribuiu para “a reabilitação de Vygotsky e para o crescente domínio da escola de Leontiev” (p.44).

[...] praticamente todos os envolvidos no paradigma da atividade voluntariamente aceitaram uma espécie de código de conduta pessoal com relação à crítica de outros. Ambas as linhas de pesquisa foram marcadas como a escola científica de Vygotsky, Leontiev e Luria. Isso foi feito por defensores, bem como por adversários. Para os defensores, pode-se pensar que esse código de conduta pessoal representava a quitação de um débito moral para Vygotsky [...] até mesmo os adversários mantinham uma “marca de nascença” da psicologia histórico-cultural, e isso explica muito dos sucessos da teoria psicológica da atividade (Zinchenko, 1998, p.44).

Considerando as contribuições de Zinchenko e Wertsch, poderíamos avaliar que ainda que promovam um debate que não investe no entendimento de uma ruptura entre Vigotski e Leontiev, também não fazem o oposto, no sentido de consolidar uma visão de unidade ou continuidade entre as teorias de Vigotski e Leontiev. Wertsch está interessado em buscar evidenciar os pontos em que acredita que Leontiev teve avanço em relação à Vigotski, do ponto de vista metodológico, na posição de estudioso que inaugurou uma abordagem geral no campo das ciências humanas: a abordagem sociocultural. Já Zinchenko, ainda que verbalize defender uma complementariedade entre ambas ou ainda uma continuidade, incorre na mesma interpretação de polarização entre enfoques nos signos por Vigotski e nos instrumentos por Leontiev, o mesmo que os autores que defendem a ruptura entre esses autores. Assim o faz na medida em que aponta que para Vigotski o problema central seria a mediação da psique e a consciência,

enquanto que para Leontiev, o problema central estaria na orientação ao objeto, tanto na atividade psicológica interna como na externa. Wertsch também pode ser mantido nesta polarização à medida que aponta ao leitor que a unidade de análise de Vigotski, o significado da palavra, seja adequada como unidade apenas da mediação semiótica da consciência, enquanto que a abordagem da teoria da atividade de Leontiev possibilitaria com a ação mediada por signos uma verdadeira análise da consciência. Não compactuamos com a afirmação de que Vigotski equivocou-se em sua unidade de análise da consciência, mas sim que as leituras contemporâneas dos escritos de Vigotski que se focalizam no tema da linguagem dissociada da atividade prática real dos seres humanos, das relações sociais, esvaziaram o conteúdo objetivo da linguagem, divorciando-a da atividade real dos indivíduos em sua vida em sociedade, assentando a dicotomia entre atividade prática e consciência, indivíduo e sociedade.

### 1.3 Recopilando as críticas e os críticos

Vimos no primeiro item “*A balança que pesa em nome da ruptura*”, que o contexto que é tratado como cenário da ruptura entre a *troika* pelos intérpretes de Vigotski é o início dos anos 1930, com as contradições da ascensão do regime stalinista e suas consequências para a ciência, bem como centram seus argumentos na consolidação do grupo de Kharkov. Compreendem que Leontiev liderou uma ruptura teórica e apontam o fato como uma corroboração ideológica, com a política stalinista no campo da ciência. Afirmam que o grupo em colaboração com Vigotski se desintegrou em Kharkov, no entanto, de antemão já afirmam que nunca houve uma *troika*, que esta versão dos fatos seria um mito que se consolidou para obscurecer as diferenças teóricas entre os autores e que veio a beneficiar e engrandecer a teoria da atividade de Leontiev no período imediatamente pós-stalinista, tornando esta uma doutrina oficial na URSS neste período. Neste sentido, apontam a *troika* como uma projeção atual, que não admite uma ruptura nos anos 1930 entre os autores ou mesmo um exagero do significado do trabalho em conjunto da *troika*. Pudemos perceber que os argumentos teóricos que os defensores da ruptura se utilizam para mostrar a distancia entre Vigotski e Leontiev invocam uma polarização entre instrumentos e signos, uma corrente dicotomia entre indivíduo e sociedade. Isto, em última análise incorre no problema da dissociação entre objetivo e subjetivo, no modo como compreendem a relação entre

sujeito e objeto, tema que se desdobra em grandes problemas na filosofia metafísica que põe em dicotomia matéria e espírito.

No item seguinte “*A balança que sustenta um equilíbrio*”, apresentamos autores que buscam afirmar uma compreensão de defesa da teoria da atividade de Leontiev como uma continuação possível e satisfatória do desenvolvimento teórico de Vigotski. No entanto, pudemos perceber que não escapam da polarização entre instrumento e signo, também presente naqueles que defendem o divórcio entre Vigotski e Leontiev.

O problema de método é (ou deveria ser) o pomo da questão tratada pelos autores apresentados neste capítulo. No entanto, abordam a relação entre Vigotski e Leontiev de forma a secundarizar ou mesmo descaracterizar o conteúdo da obra em seu contexto histórico. Diante de lacunas sobre a relação entre Vigotski e Leontiev ou qual o caráter desta ruptura, acabam por fazer interpretações que venham a justificar suas próprias proposições teóricas. O problema deve ser compreendido com base na relação do conteúdo da obra com os elementos substanciais da história da psicologia e da situação da URSS naquele período em que foi escrita. Esta tarefa de fato não é simples, tampouco pode ser efetivada de forma satisfatória sem o acesso as obras fundamentais de Vigotski e Leontiev e um conhecimento profundo da história da Psicologia Soviética. Quanto a estes requisitos, mostramo-nos limitados e em processo árduo de superação, especialmente no caso de Leontiev. Ainda assim, pretendemos propor uma leitura da obra de Leontiev, buscando evidenciar a relação existente entre seu trabalho e o conjunto de elementos histórico que nos possibilitará construir uma análise da lógica interna de sua obra. Com isso mostraremos o caráter marxista de sua obra e dos problemas a que se detinha. Mesmo que esta tarefa revele-se primária e inicial é suficientemente relevante, tanto para introduzir os leitores brasileiros que desejam conhecer o trabalho de Leontiev, divulgado tão escassamente em nosso país, ou mesmo aos que poderão tornar nossa análise provisória e avançar na tarefa que encampamos. Com estes objetivos, iniciamos no capítulo seguinte um trajeto cheio de voltas que deve nos levar a compreensão da história por trás dos textos de A.N. Leontiev.

## **2. Stalinista ou sobrevivente?**

### **Desfazendo alguns “nós” da história da Psicologia Soviética**

O mar da história é agitado. As ameaças e as guerras temos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas.

Vladimir Maiakovski.

Apresentamos no primeiro capítulo as posições e argumentos de autores contemporâneos sobre a relação entre Vigotski e Leontiev como elemento de contextualização da leitura que fazem sobre a obra de Leontiev. Vimos que os autores que defendem a ruptura acusam Leontiev de ter liderado uma dissidência teórica em Kharkov, na Ucrânia, justamente no contexto de ascensão de Stalin e as consequências disso no campo da ciência nos anos 1930. Fazem esta acusação tentando argumentar que o enfoque teórico escolhido pelo autor é de caráter ideológico, “stalinista”. Argumentam o problema da mudança de enfoque como um trato superficial e até mesmo “positivista” por parte de Leontiev, que corroborou com a política stalinista nas ciências. No entanto, não explicam a compreensão que tem do que nomeiam como stalinismo, o que deixa margem para uma interpretação pejorativa – ainda mais se considerando a ideologia que permeou o período da Guerra Fria, veiculada no Ocidente – referente à história da União Soviética (URSS) e mesmo do desenvolvimento da Psicologia soviética neste contexto.

A crítica à Leontiev, portanto, chega a estender-se como um questionamento geral dos rumos da Psicologia Soviética como um todo após a consolidação do poder nas mãos de Stalin. Porém, consideramos fundamental o esforço de contextualizar os dados no chão da história para que seja possível fazer relações mais fiéis à complexidade das relações entre os fatos que traduzem o processo vivido na URSS, pois isto é importante para mostrar ao leitor de forma clara os elementos que consubstanciam a análise da obra de Leontiev como produto de um contexto histórico determinado. Afinal, como se configurou este fenômeno chamado de “stalinismo”? Para situar o leitor, retomaremos a história a partir do ponto em que nela se expressam alguns elementos que consideramos fundamentais, contribuindo para a compreensão do fenômeno intitulado “stalinismo”.

Para esclarecimentos de ordem metodológica, trata-se de uma narrativa histórica utilizando-se essencialmente de fontes secundárias, especialmente textos de historiadores da Revolução Soviética, da Psicologia Soviética. Algumas fontes primárias foram acessadas por meio de documentos publicados, como decretos, cartas, entre outros.

## **2.1 O início do fim: a ascensão de Stalin**

Desde o período da Revolução de 1917 o Partido Bolchevique enfrentava algumas controvérsias significativas para compreender os rumos da política soviética. A Rússia vivia sob um governo provisório, articulado pelo Príncipe Lvov, que a mantinha na I Guerra Mundial. O Partido Bolchevique dividira-se em uma ala à esquerda, que queria o confronto com o governo liberal burguês e uma ala à direita, em favor de concessões de apoio ao governo e da reunião de bolcheviques e mencheviques. É interessante observar que diante deste conflito, Stalin manteve-se equidistante dos grupos que se opunham, tentando eliminar a divergência entre ambos. As “*Teses de abril*” de Lenin criticavam veementemente a posição defensiva dos membros do Partido, exigindo oposição ao governo provisório. Embora admitisse que a Rússia não estava preparada para o socialismo, compreendia que toda a Europa estava e, portanto, a Rússia deveria oportunizar o início da revolução socialista europeia. Com isso, Lenin conseguiu dar uma direção ao Partido, ao mesmo tempo em que repeliu a extrema direita. Tais controvérsias ressurgiram após a morte de Lenin na luta pela sua sucessão (Deutscher, 1970; Paulo Netto, 1981; Reis Filho, 2003).

Antes o problema era se a Rússia deveria iniciar a revolução ou somente isso deveria ocorrer quando a Europa ocidental se levantasse. Mas mesmo depois da Revolução Russa já ter-se iniciado, pairavam questões sobre o que fazer para manter viva a chama da revolução. Não havia receitas para gerir este processo. Tanto que inicialmente, na revolução de fevereiro de 1917 a massa de trabalhadores entregou o poder do Estado nas mãos do Príncipe Lvov, que assumiu o governo provisório. Lenin defendeu a tomada do poder do Estado pelos revolucionários, que foi conquistado com a insurreição de outubro de 1917; defendeu de forma veemente a Revolução Russa como o estouro da revolução socialista que se alastraria pela Europa e, então, pelo mundo. No entanto, veremos que na prática esta última tese foi abandonada após sua morte (Deutscher, 1967).

Com a vitória da Revolução Russa, Stalin ocupou cargos importantes. Após o período da guerra-civil: foi Comissário das Nacionalidades, Comissário da Inspetoria dos Operários e Camponeses e foi membro do Politburo<sup>1</sup>, juntamente com Lenin, Trotsky, Kamenev e Bukárin. Em 1922, foi nomeado Secretário Geral do Comitê Central, concentrando-se um poder administrativo bastante grande nas mãos de Stalin. Neste período, somaram-se ao Politburo os nomes Zinoviev e Tomski (Deutscher, 1970; Reis Filho, 2003).

Em 1921 iniciou-se uma política de expurgos, reivindicada pela Oposição operária e aprovada no 10º Congresso do Partido. Formou-se então uma Comissão Central de Controle do Partido, encarregada do controle da “moral partidária”, que submetia a rigoroso exame a conduta de todos os membros do Partido, objetivando, assim, substituir um processo de eleições pela remoção dos membros corruptos sem que fosse necessário afastar o Partido do poder. Lenin fez crítica aos resultados destas práticas, no entanto, seguiu-se um período de ataques de paralisia que cada vez mais o afastariam da política até sua morte em 21 de janeiro de 1924 (Deutscher, 1970).

Enquanto Lenin ainda estava em seu leito de morte, iniciou-se o “culto ao leninismo” que ganharia força após sua morte. Em um debate sobre os rumos da política econômica que por fim polarizaram principalmente Trotskystas e aliados de Stalin. Os regulamentos de Lenin eram utilizados como argumento para definir posições inclusive contrárias entre si. “Exigir, direta ou indiretamente, que se cancelasse qualquer medida inspirada por Lenin era, a partir daquele momento, uma ofensa imperdoável contra um código tradicional de conduta” (Deutscher, 1970, p.238).

A morte de Lenin desnorteou o Politburo ao mesmo tempo em que o Secretario Geral, Stalin, foi ganhando mais confiança. Logo se formou dentro do Politburo um triunvirato composto por Stalin, Zinoviev e Kamenev, com o objetivo claro de impedir uma ascensão da liderança de Trotsky no Partido. Juntos, os três praticamente conseguiam controlar o Partido e deste modo o governo. Entretanto, Deutscher (1970) aponta que em verdade Zinoviev, um intelectual, e Kamenev um grande estrategista, não viam em Stalin um perigo de poder, pois acreditavam que se o triúnviro se desfizesse, a liderança estaria nas mãos de um dos dois, mas não nas de Stalin. Mas a história mostrou que justamente a obscuridade de Stalin beneficiou a centralização de poder em suas mãos.

---

<sup>1</sup> Comitê executivo central do Partido.

Lenin havia previsto os perigos de uma cisão no Partido e escreveu sobre isso, tempos antes de sua morte, em um memorando que fez em lugar de um testamento. Neste memorando apontou serem Stalin e Trotsky os principais antagonistas, mas também os líderes mais competentes e denunciou a concentração de poder nas mãos de Stalin, mas criticou também a postura exageradamente autoconfiante de Trotsky ao se opor ao Comitê Central. O memorando acabava de forma bastante inconclusiva. Ainda em vida, foi possível que Lenin alterasse este memorando, chegando à conclusão de que Stalin deveria ser afastado imediatamente de seu posto de Secretário Geral. Lenin teve oportunidade de criticar o Secretário em vida. No entanto, a existência deste seu testamento era um fato desconhecido por todos quando veio a falecer, sendo posto ao conhecimento público no Comitê Central somente quatro meses após sua morte, culminando no veto à propagação de suas palavras no próximo congresso do Partido (Deutscher, 1970; Reis Filho, 2003; Paulo Netto, 1981).

Como relata Deutscher (1970), o enterro de Lenin foi uma cerimônia bombástica para impressionar o povo e ser o trunfo do culto ao leninismo, criado principalmente como uma forma de neutralizar Trotsky, que propunha reformas. Trotsky, inclusive, estava em tratamento no Cáucaso e não foi avisado em tempo a comparecer ao enterro. Evidentemente, este foi um fato premeditado para que o triúviro de Stalin, Zinoviev e Kamenev deixassem uma forte impressão, deles próprios como sucessores fiéis a Lenin, no imaginário popular quando da grande cerimônia da morte de Lenin.

A cerimônia solene estava em total desacordo com o modo de ser e o estilo de Lenin, cuja sobriedade e aversão à pompa era quase sempre proverbiais. Foi planejada com intuito de impressionar a imaginação de um povo primitivo e semi-oriental para que se entregasse à exaltação do novo culto leninista (Deutscher, 1970, p.241).

No 2º Congresso dos Sovietes Stalin leu um juramento de lealdade a Lenin e pouco depois passou a ensinar o “leninismo”, segundo sua interpretação, à juventude comunista e estudante que formaria uma nova elite intelectual. “Apresentou a doutrina de Lenin, essencialmente sociológica e experimental, como uma série de cânones rígidos e de receitas estratégicas e táticas para a salvação da humanidade, tudo isso citado e enumerado com precisão de um guarda-livros” (Deutscher, 1970, p.243). Lukács (1963/1967) aponta que a façanha de Stalin ter assumido o posto de legítimo

herdeiro e intérprete de Lenin, foi a forma de Stalin “consolidar cada vez mais o fatal preconceito da identidade entre a teoria especificamente staliniana e os princípios fundamentais do marxismo” (p.34). Como “Stalin não dispunha da mesma autoridade que Lenin”, continua a explicar o filósofo, “achou um modo de dar uma justificação imediatamente evidente de **todas** as suas medidas, apresentando-as como a consequência direta da doutrina marxista-leninista” (Lukács, 1963/1967, p. 35).

A polêmica sobre os rumos da revolução soviética se consolidou, por fim, na polarização entre a teoria da “Revolução Permanente de Trotsky” contra a defesa da “Revolução em um só país”, sustentada na descrença de que a revolução europeia seria viável.

Deutscher (1970) explica que esta polêmica foi inicialmente ajustada para combater Trotsky, mas teve consequências que resultaram, em 1925, em um recuo dos membros do triúviro Zinoviev e Kamenev, que passaram então a acusar Stalin do equívoco da ideia de “socialismo em um só país”. Se deram conta do corpo que esta ideia estava tomando nas mãos de Stalin e, então, houve a tentativa (mal sucedida) de Zinoviev e Kamenev se unirem a Trotsky contra Stalin. Mas a essa altura, Stalin já havia criado um novo grupo, composto por Bukárin, Rikov e Tomski, que aceitaram a tese do “socialismo num só país”. Os antigos aliados de Stalin – Zinoviev e Kamenev – passaram a denunciar o novo grupo de Stálin, compreendendo agora que a tese do socialismo em um só país já ganhara força e tratava-se de um grande equívoco. Em verdade nunca acreditaram nesta tese, viam-na como uma “simples bengala que seu colega intelectualmente inferior [Stalin] se valera para surrar Trotsky” (Deutscher, 1970, p.263). Bukárin tornou-se coautor da doutrina do socialismo em um só país, fornecendo a Stalin os argumentos teóricos e o “polimento intelectual, inexistente na versão mais ou menos rudimentar de Stalin” (Deutscher, 1970, p.269).

A maior controvérsia daquele momento era a interpretação prática da política econômica da Nova Política Econômica – NEP<sup>2</sup>, uma política que foi instaurada no período de liderança de Lenin. A URSS sofria com o acirramento das contradições entre a classe camponesa e operária. Os camponeses reivindicavam mais artigos industriais,

---

<sup>2</sup> A NEP, de forma geral, foi uma política econômica de Lenin implantada a partir de 1921, após o “comunismo de guerra” (período imediatamente posterior à evolução de 1917 em que enfrentaram guerras civis e ataques contra o regime socialista), com intuito de reconstruir a dilacerada economia soviética, proporcionando alguns incentivos a livre iniciativa e a propriedade privada. A NEP foi justificada por Lenin como um “recuo tático” ou “um passo atrás para dar dois à frente”.

porém mais baratos, ao mesmo tempo em que também queriam a elevação dos preços dos seus produtos agrícolas, dos quais dependia a própria indústria. A esquerda do Partido compreendia que a revolução estava ameaçada com a lentidão do desenvolvimento industrial, que só poderia ser ampliado com investimento de capital adquirido de impostos cobrados do camponês próspero – os *kulaks*. Porém, esse camponês tencionava por mais concessões que permitissem seu enriquecimento. A direita do Partido se esquivava dessa contradição e defendia concessões aos camponeses. O fortalecimento dos grandes fazendeiros daria a eles mais poder para privar a população de alimento, ficando a URSS sob o risco de uma crise crônica. Venceu a política da direita (Deutscher, 1970).

A associação de Stalin com seu novo grupo se desfez assim que Stalin conseguiu neutralizar seus adversários (Zinoviev e Kamenev) com a expulsão do Partido. Na sequência, passou então a perseguir os adeptos de Bukárin que foram afastados de seus cargos de influência administrativa e do núcleo do Partido. A oposição a Stalin se manteve até abril de 1929 apenas dentro do Politburo, uma vez que seus mais novos opositores (Bukárin, Rikov e Tomski) também eram corresponsáveis pela política em andamento. A oposição liderada por Bukárin, no entanto, não vingou. Stalin já tão repleto de poder não havia deixado nenhuma brecha para que fosse possível questionar sua política. Bukárin teve que desculpar-se chorosamente perante o Politburo por uma conversa feita com Kamenev, que representava a antiga oposição (Deutscher, 1970).

A crise de fome já havia se alastrado pela Rússia, como previram Trotsky e Zinoviev. Stalin ordenou o ataque aos *kulaks* – os camponeses mais ricos –, por meio da coletivização forçada para garantir o abastecimento de alimentos que, no entanto, só ocorreria com a mecanização da agricultura que, por sua vez, dependia da industrialização. Stalin queria uma rápida industrialização do país a qualquer custo. Com isso, viu-se forçado a recorrer aos velhos líderes Trotskystas exilados para que viessem ajudar a consolidar a industrialização. No entanto, isso não impediu Stalin de expulsar Trotsky da Rússia em janeiro de 1929, apressando-se na sequência em dispersar as lideranças da ala direita (Rikov, Tomski e Bukárin) destituindo seus cargos, demitindo, inclusive, Bukárin da liderança da Internacional Comunista. Tomski, Bukárin e Rikov, ao perderem seus postos de influência, foram neutralizados completamente e obrigados a se retratar, repudiando seus próprios pontos de vista, para ganhar mais alguns anos de vida. “A luta pelo poder chegara ao fim. Todos os seus

rivais tinham sido eliminados” (Deutscher, 1970, p.285). No entanto, eliminados não fisicamente, ainda! Mas perseguidos e neutralizados.

Em 1929, Trotsky já havia sido exilado da Rússia, mas ainda conseguia exercer influência com seu boletim de oposição *Bolleten Oppozitsii* que circulava livremente entre as autoridades e os membros mais influentes do Partido. Em novembro deste mesmo ano, houve o assassinado de Jacob Blumkin, um dos chefes dos Serviços Secretos Soviéticos, por este ter visitado Trotsky em Prinkipo, no exterior. “Tudo indica ter sido essa a primeira vez que um simpatizante da oposição sofreu a pena máxima” (Deutscher, 1970, p.315).

O ano de 1929 é um marco da total centralização do poder soviético nas mãos de Stalin. Os antigos aliados de Stálin, os ex-triúmviros Zinoviev e Kamenev, que ao secretário geral se uniram contra Trotsky no início dos anos 1920, foram expulsos do Partido e deportados para a Sibéria em 1932, juntamente com outros membros. Não só haviam repetidas deportações como também ocorriam procedimentos de retratações públicas, o que servia para aterrorizar a oposição e ao mesmo tempo confundi-la. Nas declarações de retratação o objetivo central era “afirmar que a orientação dada por Stalin era a única acertada e que todos os rumos defendidos pelas oposições trariam o desastre como resultado inevitável” (Deutscher, 1970, p.317). O número de membros do Partido expulsos de 1933 a 1935 aumentou em centenas de milhares (Paulo Netto, 1981).

## **2.2 A ciência, a arte e a filosofia à sombra da ordem stalinista**

No campo das ciências, das artes e da filosofia também houve uma investida ditatorial. Sob o regime de Stalin simplificou-se de forma grosseira a visão marxista que entrelaçava a política, a filosofia, a história e a literatura, as quais foram transformadas em manifestações subalternas à sua política.

Sempre que divulgava uma nova diretriz econômica e política, os historiadores, filósofos e escritores tinham que rever cuidadosamente seus últimos trabalhos para averiguar se não estavam em desacordo com a última palavra do chefe [...] A história recente teve de ser reescrita para que os adversários de Stalin fossem pintados com as tintas que lhe convinham. Foi isso

o que se fez. A medida que a luta se intensificava, as versões da história, ditadas pela Secretaria Geral, precisavam ser modificadas constantemente, pois as palavras escolhidas contra os adversários de Stalin já não eram suficientemente depreciativas (Deutscher, 1970, p.329).

Na filosofia os professores foram acusados pessoalmente por Stalin de “liberalismo pobre” ou de “idealistas mechevizantes”, tomando-se a medida de excluir das universidades e dos periódicos todos os textos do mais importante professor filósofo da Rússia, o professor Deborin e também seus discípulos, esmagando toda sua escola. Em 1938, com a publicação de “*A História do Partido Comunista (bolchevique)*”, a filosofia foi reescrita e enquadrada nos manuais da Academia de Ciências de Moscou.

No célebre capítulo IV da *História do Partido*, Stálin define a essência do materialismo dialético e a do materialismo histórico. Tratando-se de um livro popular, para um público de massa, ninguém há de reprovar a Stalin o haver reduzido as considerações sutis e complexas dos clássicos do marxismo sobre o assunto a umas poucas definições alinhadas uma em seguida à outra, de forma esquemática e manualística. Mas o destino das ciências filosóficas a partir da publicação desta obra revela que se trata de uma metodologia consciente e de uma política cultural deliberada [...] As simplificações e vulgarizações propagandísticas de Stalin tornaram-se de repente a norma única imperativa, o limite insuperável da indagação filosófica. Quem ousasse, com apoio, por exemplo nas anotações filosóficas de Lenin, trilhar caminhos diversos dos seguidos pelas definições do capítulo IV, corria o risco de uma condenação ideológica depois da qual não poderia publicar suas pesquisas (Lukács, 1963/1967, p.39-40).

Stalin, aquele homem que antes era administrador e conciliador invisível nos tempos de Lenin e que nunca possuía habilidades intelectuais notáveis como os demais membros do Politburo, este mesmo homem passou então a ser enaltecido como o “líder amado” considerado como o “maior crítico literário, historiador e cientista de todos os tempos” (Deutscher, 1970, p.330).

Era uma audácia um publicista ou ensaísta escrever um ou dois parágrafos sem incluir uma citação direta de Stálin. Além disso, o escritor tinha de fazer o possível para que suas próprias frases se assemelhassem ao máximo, em estilo e vocabulário, ao texto citado. Uma uniformidade indescritivelmente monótona alastrou-se pela imprensa e pela maioria dos periódicos russos. Até a língua falada “stalinizou-se” de maneira fantástica, pelo menos quando se conversava de ideologia e política. Era como se toda uma nação houvesse sucumbido a uma obsessão de ventriloquia [...] o estilo do governante passou a ser o estilo predominante da nação (Deutscher, 1970, p.330).

Os poetas mais originais da Rússia neste tempo suicidaram-se, primeiro Yesenin em 1925 e depois Maiakovski, em 1930. Trotsky, que exercera grande influencia na crítica literária, escreveu em seu boletim de oposição “Sobre o suicídio de Maiakovski”, tecendo críticas às contradições vigentes naquela época:

Sim, Maiakovsky é o mais viril e o mais corajoso de todos os que, pertencendo à última geração da velha literatura russa e ainda por ela não-reconhecidos, procuraram criar laços com a Revolução. Sim, ele desenvolveu laços infinitamente mais complexos que todos os outros escritores. Um dilaceramento profundo nele permanecia. Às contradições, que a Revolução comporta, sempre mais penosa para arte, na busca de formas acabadas, somou-se, nos últimos anos, o sentimento do declínio a que o conduziram esses burocratas. Maiakovsky, pronto para servir à sua época, pelos mais modestos trabalhos quotidianos, não podia aceitar uma rotina pseudo-revolucionária [...] Maiakovsky não se tornou nem podia tornar-se o fundador da literatura proletária pela mesma razão que não se pode edificar o socialismo num só país. Nos combates do período de transição, ele era o mais corajoso combatente do verbo, e tornou-se um dos mais indiscutíveis precursores da literatura que se dará à nova sociedade. (Trotsky, 1930/2007, p.205-203).

A literatura já não serviria mais para refletir criadoramente a realidade, mas sim “ilustrar de forma literária as decisões do Partido” (Lukács, 1963/1967, p.40).

Os escritores tomavam como realidade aquilo que a demagógica propaganda oficial **dizia ser** a realidade. Na maioria dos casos, o pseudoconflito dos romances assim construídos era a luta de uma comunidade perfeita, construída de “heróis” ascéticos, contra um “agente sabotador” imperialista ou trotskista, descoberto e esmagado no final pela célula do Partido com a ajuda da vigilante GPU<sup>3</sup> (Coutinho, 1867, p.211).

Na Psicologia, uma resolução do Instituto de Psicologia, publicada em 6 de junho de 1931, foi escrita por um grupo de membros do instituto filiados ao Partido, determinando um processo de revisão crítica de toda produção psicológica atacando a reactologia de Kornilov, que então foi substituído de seu posto de direção do Instituto de Psicologia, por A.B. Zankind. Como explicaremos mais adiante (item 2.3), Vigotski, Luria e Leontiev já haviam saído do Instituto de Psicologia nesta época. Pois antes mesmo da substituição da direção de Kornilov, o grupo já travava debate com este, que acusava Vigotski, em especial, de idealista, dificultando o desenvolvimento do trabalho do grupo. Deste modo, saíram do Instituto de Psicologia em 1930 (A.A. Leontiev, 2005). A reflexologia de Bekheterev e o behaviorismo de Borovski, bem como a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, foram reprimidos.

Declarou-se que “a intensidade da luta no meio científico reflete a intensidade da luta de classes em nosso país” (citado por Van der Veer & Valsiner, 2009, p.405). Esta declaração da luta de classes presente na luta das ideias é parte do discurso criado no período de ascensão de Stalin, que se consolidou como o grande combatente da contra-revolução. Vale destacar que a compreensão da luta de classes no campo das ideias aqui em nada se assemelha com a acurada análise epistemológica de Vigotski à situação da Psicologia, em sua obra “*O significado histórico da crise da Psicologia*”, que sequer foi publicada em vida. No caso do discurso stalinista, era especialmente da “luta de classes” entre a revolução soviética tomada pelas mãos de Stalin e os que desejavam tomar-lhe o poder. Esta contra-revolução tratava-se, em última análise, de qualquer possível oponente do modelo de liderança de Stalin. Nesta batalha, a ciência ocidental era mecanicamente rebaixada, compreendida como expressão dos interesses da

---

<sup>3</sup> Polícia secreta ou serviço de inteligência para enfrentar conspirações contra o socialismo.

burguesia e, portanto, seus autores deveriam ser repudiados e proibidos. Lukács (1963/1967) esclarece que a tese stalinista do agravamento fatal da luta de classes na ditadura do proletariado suscitou “uma atmosfera de contínua desconfiança mútua, de vigilância de todos contra todos, em um permanente clima de estado de sítio [...] o medo excessivo e ilimitado de inimigos, espíões e sabotadores” (p.41).

Na resolução de 6 de junho de 1931, afirmou-se que as escolas de pensamento pequeno-burguesas existentes na Psicologia ocidental haviam sido condenadas por seu caráter abstrato, sua natureza a-histórica e, portanto, essencialmente reacionária; porém acusava-se que “[...] resquícios destas ideias antissocialistas e subversivas continuavam presentes nos escritos de vários pretensos cientistas soviéticos, notadamente os adeptos do ex-professor Chelpanov e Vygotsky, Gustav Shept” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.405). Segundo esta resolução, era da maior importância “destruir e aniquilar esses resquícios de teorias idealistas burguesas, que eram um reflexo da resistência de elementos contrarrevolucionários do país contra a construção socialista” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.405).

A resolução propunha medidas para limpar a Psicologia desses “elementos contrarrevolucionários”: 1) exame geral do conteúdo de compêndios usados em universidades e institutos; 2) mais atenção à formação de quadros comunistas confiáveis nas universidades, exigindo que determinada cota de pesquisadores escrevendo dissertações, fossem membros do Partido; 3) os compromissos ideológicos dos funcionários deveriam ser examinados por completo e a nomeação de chefes de pessoal deveria requerer a permissão do “centro competente do Partido”, e; 4) a exigência de que estudantes trabalhassem durante algum período em uma fazenda ou fábrica coletiva (Van der Veer & Valsiner, 2009).

Neste contexto, “Revistas e jornais científicos foram, um após o outro, fechados e/ou censurados, a liberdade começou a ser paulatinamente cerceada, as vanguardas política e cultural incorporadas ao *establishment*, perdendo suas forças criativas e de contestação” (Almeida, 2008, p.64). Foi então que nos números 2 e 3 da *Revista de Psiconeurologia Soviética* anunciou-se um procedimento de autocrítica:

S.I. Kantoróvich, redator-chefe, escreve uma acalorada recomendação de seguir as orientações da carta do camarada Stalin “A revolução proletária” na qual se manda seguir a ideologia do Partido e que a ciência deve lutar por ele. Seguindo

esta recomendação, a própria revista começou a fazer uma autocrítica dos artigos publicados nos números anteriores (Vega, 1993, p.109).

O contexto econômico e político da URSS de imposição de um processo de coletivização forçada da produção agrícola e as metas inacreditáveis para uma industrialização intensa como forma de manutenção do regime soviético foi algo que sacrificou toda uma nação em seus amplos setores, não deixando de fazer valer uma pressão intransigente no desenvolvimento da própria ciência. Os próprios intelectuais foram “obrigados a submeter-se à demanda de clareza e unidade ideológica e levada, mais ou menos diretamente, à necessidade de desconfiar de influências intelectuais externas e a acomodar suas ideias a um projeto social comum estabelecido sobre a base da interpretação do marxismo pelo aparato stalinista” (Rivière, 2002, p.70).

A Psicologia foi uma das ciências mais afetadas pelo controle rígido da “pureza ideológica”. Um grupo de jovens membros do Instituto de Psicologia (Talankin, Shemiakim, Kogan e Vvedenov) se encarregou do controle: praticamente todas as escolas de Psicologia sofreram a acusação de antimarxismo. Naturalmente, este foi também o destino da Escola histórico-cultural (Rivière, 2002, p.98).

### **2.3 Um período espinhoso para a Psicologia Histórico-Cultural**

Possivelmente a primeira crítica oficial à Vigotski e Luria foi feita por A.A. Talankin, que era um membro do Partido dentro do Instituto de Kornilov e também um dos jovens que foi encarregado do “controle ideológico” na Psicologia. Não por acaso, Talankin fazia parte do grupo de filiados ao Partido que se reuniu para tratar da discussão sobre a reactologia, resultando na já mencionada resolução de 6 de junho de 1931.

A crítica feita por Talankin ocorreu entre os dias 12 e 13 de junho de 1931, no I Congresso Nacional de Psicotécnica e Psicofisiologia do Trabalho. Em sua palestra “*Sobre o momento da virada no front psicológico*” criticou praticamente todas as correntes psicológicas existentes, em especial as ideias de Kornilov e Bekheterev. Em sua fala, que fora publicada, um parágrafo foi dedicado ao “grupo de Vygotsky e

Luria”, que segundo Talankin, transferiam de maneira não crítica as teorias psicológicas ocidentais para a Psicologia soviética. Criticou o conceito de 1) **“instrumento cultural”**, 2) a noção de **cultura** de Vigotski, 3) a concepção da categoria **trabalho**: o conceito de “instrumento cultural” utilizados pelos autores, segundo Talankin, não estaria de acordo com o conceito de “instrumento” do marxismo; a concepção de cultura era grosseiramente mecanicista, por ser compreendida como “a soma de coisas, instrumentos culturais e símbolos” (citado por Van der Veer & Valsiner, 2009, p.407); a ausência da categoria trabalho na obra de Vigotski e Luria de 1930 *“Estudos sobre a história do comportamento”* foi criticada. O argumento foi de que esta categoria central que criava o homem estava presente quando o macaco de Köler tentava alcançar uma banana com uma vara, fato que, segundo argumenta o crítico, Vigotski e Luria não haviam compreendido da mesma forma na referida obra. Sendo assim, Talankin conclui:

A concepção psicológico-cultural de Vygotsky e Luria tem que ser combatida com seriedade. Até hoje, ela não foi criticada. Temos que demonstrar que uma solução marxista para o problema do desenvolvimento de processos psíquicos em uma base histórico-trabalhista sem dúvida difere radicalmente da formulação do problema do desenvolvimento que vemos em Vygotsky e Luria (Talankin, 1931, p.5, citado por Van der Veer & Valsiner, 2009, P.407).

Ainda em 1931, após o pronunciamento de Talankin, Vigotski e Luria foram criticados por B.G. Ananiev, que havia sido acusado no processo de campanha contra a reactologia. Van der Veer & Valsiner (2009) esclarecem que

O procedimento mais comum para lidar com pesquisadores cuja ideologia era considerada suspeita era a organização de debates públicos em que oponentes cuidadosamente preparados tentavam demolir a posição científica do pesquisador. É claro que muitos psicólogos confessavam-se culpados de antemão, admitindo acusações ridículas ou simplesmente incompreensíveis, na esperança de escapar às sanções esperadas (p.405).

Ananiev, ao se retratar perante as críticas recebidas, declarou que não havia sido o único a se enganar nos últimos anos: “Vygotsky e Luria, em particular, haviam

defendido concepções incorretas. Sua chamada abordagem marxista era, na realidade, uma mistura infeliz de ideias behavioristas e psicanalíticas” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.406). Ananiev, repetindo o teor das acusações feitas anteriormente por Talankin, destacou sua crítica à obra de Vigotski e Luria “*Estudos sobre a história do comportamento*” de 1930, pela “falta de um conceito de classes sociais [...] tanto a história como o desenvolvimento infantil eram examinados sob um ponto de vista sociológico abstrato, que ignorava, portanto, o conceito de classe social” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.406).

Outra crítica feita à Vigotski em 1931 foi a de I.F. Kurazov, que criticava o “ponto de vista evolutivo vulgar” de Vigotski, afirmando que este não enfatizava o suficiente as diferenças intelectuais entre o homem e os chimpanzés, utilizando para seu argumento a mesma obra mencionada anteriormente por Talankin e Ananiev: “*Estudos sobre a história do comportamento*”.

Assim a teoria histórico-cultural foi rotulada como “a Psicologia culturológica de Vygostky e Luria” e o periódico *Psikhologij*, cuja política era influenciada por Vygostky (que era membro de seu conselho editorial), foi condenado porque “refletia todas as correntes antimarxistas do *front* psicológico mencionado acima e, durante todo o seu período de três anos de existência, não se distinguiu dos periódicos burgueses (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.408).

Em 1932 M.P. Feofanov foi reconhecido por atacar as ideias de Vigotski em um artigo, na revista “*Pedologia*”, intitulado “*A teoria do desenvolvimento cultural na pedologia como uma concepção eclética*”. Neste artigo também é recuperada a acusação de ecletismo na obra de Vigotski feita anteriormente por Talankin. Van der Veer & Valsiner (2009) sugerem que Feofanov abriu o debate público contra Vigotski devido a uma nota de rodapé que dizia:

O conselho editorial julga que a chamada “teoria do desenvolvimento cultural” requer as mais sérias críticas marxista-leninistas, uma vez que introduz sub-repticiamente, sob a bandeira do “desenvolvimento histórico”, concepções idealistas subjetivistas, misturadas com elementos mecanicistas de uma teoria “behaviorista”. O conselho editorial julga que o artigo do

camarada Feofanov é apenas o primeiro passo na direção de tal crítica e representa, no geral, apenas a *formulação* de vários dos principais problemas da teoria culturológica. Várias das formulações do artigo são incorretas. Este artigo abre a discussão sobre o assunto em questão (Feofanov, 1932, p.21, citado por Van der Veer & Valsiner, 2009, p.409, grifos do autor).

Feofanov criticou a formulação de leis gerais do desenvolvimento formuladas por Vigotski, compreendendo que este não distinguia o desenvolvimento de filhos de trabalhadores e filhos de burgueses:

[...] ele deveria ter esboçado as pobres perspectivas da criança proletária em uma sociedade burguesa. Em vez de descrever instrumentos culturais como signos mnemônicos e sistemas de escritas, ele deveria ter se centrado no trabalho duro e na prática. As ideias de Vygotsky foram consideradas “abstratas” e Feofanov concluiu que elas davam “uma visão incorreta do desenvolvimento da criança soviética” e tinham “uma influencia danosa sobre a prática de nossa educação” (Van der Veer & Valsiner, 2009, p.410).

R. Abeliskaya e O. Neopikhonova também repetiram críticas de Feofanov, Talankin e Ananiev na edição seguinte da revista “*Pedologia*”, criticando o conceito de “instrumento cultural” de Vigotski, como algo abstrato e formal. Em 1934 houve ainda um ataque a Vigotski por P. Razmislov em um famoso artigo intitulado “*Sobre a teoria histórico-cultural da Psicologia de Vygotsky e Luria*”, em que repetiu as críticas anteriores quanto ao problema da concepção geral de desenvolvimento e também acusou a falta de utilização por estes, de termos importantes na teoria marxista como “meios de produção”. Ampliou o debate dos críticos anteriores, apontando que Vigotski estava em contradição com a obra de Marx e Engels que afirmavam que a consciência individual origina-se na consciência de classe, acusando que Vigotski fazia vaga menção a um coletivo sem interpretar qual seria esse coletivo e o que seria esse coletivo (Van der Veer & Valsiner, 2009).

Em uma carta de Vigotski a Leontiev, datada em 23 de julho de 1929, Vigotski também faz críticas à mencionada obra, que foi objeto das críticas, “*Estudos sobre a história do comportamento*”. No entanto, como podemos constatar, são críticas

anteriores à sua publicação mostrando que esta obra foi cuidadosamente revisada por Vigotski antes de receberem as críticas mencionadas. Escreve a Leontiev que estava revisando uma parte deste livro, que Vigotski chama na carta de “O Macaco”, e faz comentários críticos sobre erros de Luria no livro. A carta parece tratar de um processo de organização de um projeto do grupo para o desenvolvimento da Psicologia histórico-cultural. Menciona a necessidade de garantir a rigidez metodológica e conta com Leontiev para contribuir com esta tarefa:

O primeiro capítulo é escrito integralmente de acordo com os freudianos (e nem sequer de acordo com Freud, mas de acordo com V.S. Schmidt (seus materiais), M. Klein e outras figuras de segunda magnitude); então o impenetrável Piaget é tratado como a referencia absoluta além de qualquer medida; instrumento e signo são misturados ainda mais. Este não é o erro de A.R. Luria pessoalmente, mas de todo um momento histórico de nosso pensamento. Nós precisamos colocar um fim nisso de forma implacável. Coisas assim que, de nosso ponto de vista, não estão ainda claras nos termos em que elas deveriam ser refinadas para tornarem-se uma parte orgânica de nossa teoria não deveriam ser incluídas no sistema de forma alguma. Vamos manter fora. Deve ser mantido o mais rigoroso e monástico regime de pensamento; isolamento de ideias se necessário. E devemos exigir o mesmo dos outros. Devemos explicar que trabalhar com a Psicologia histórico-cultural não é brincadeira. Nem nos intervalos do trabalho, nem ao longo de uma série de outros trabalhos: também não é terreno para dúvidas próprias de cada nova pessoa. Externamente, deve ser mantido o mesmo regime organizacional. Devemos abordar as coisas de tal forma que os erros de “O macaco” de Luria e o paralelismo de Zankov se tornem impossíveis. Eu ficarei feliz se nós pudermos alcançar a máxima clareza e precisão nesta matéria. Estou contando firmemente com sua iniciativa e papel para garantir isto. (Vigotski em carta para Leontiev, datada em 23 de julho de 1929).

Vale destacar que a tão criticada obra “*Estudos sobre a história do comportamento*” é um trabalho considerado como desencadeador de duas expedições feitas por Luria a Ásia Central, como parte de pesquisas interculturais que Luria desenvolveu, com acompanhamento de Vigotski, no início dos anos 1930 e 1931 (Knox, 1996). Estes estudos também foram alvo das críticas neste período (Cole, 1992; A.A. Leontiev, 2005).

Luria, juntamente com uma equipe do Instituto de Psicologia de Moscou, viajou para o Uzbequistão com objetivo de investigar variações de formas de pensamento nos povos nômades daquela região da Ásia Central (Cole, 1992). Knox (1996) argumenta que Vigotski não participou das viagens à Ásia Central devido ao seu grave estado de saúde. Nesta pesquisa, Luria buscava apreender as transformações nas diversas funções psíquicas, mostrando o impacto do processo de escolarização e as alterações técnicas do trabalho nas mesmas, a partir das mudanças sociais que aquelas comunidades passavam com a Revolução.

Concebemos a ideia de realizar o primeiro estudo aprofundado das funções intelectuais em indivíduos adultos de uma sociedade não tecnológica, iletrada e tradicional. Além disso, tirando Partido das rápidas mudanças culturais que então ocorriam em regiões remotas de nosso país, esperávamos identificar as mudanças no processo de pensamento acarretadas pela mudança social e tecnológica [...] Depois da Revolução, essas áreas sofreram profundas mudanças socioeconômicas e culturais. No período em que fizemos nossas observações, assistimos ao início da coletivização da agricultura e de outras mudanças socioeconômicas radicais, além da emancipação das mulheres (Luria, 1992, p.65).

Com o avanço das investigações, Luria pode apontar relevantes descobertas sobre o caráter social do desenvolvimento do pensamento, explicitando que categorias que eram comumente consideradas como naturais, eram, em verdade sociais.

O entusiasmo de Alexander Romanovich pela pesquisa era enorme. Ele e Vygotsky estavam particularmente ansiosos por demonstrar que os princípios gestaltianos de percepção não eram resultado de características intrínsecas do cérebro, mas sim de

modos de percepção intimamente ligados ao significado culturalmente transmitido dos objetos. Um dos primeiros experimentos demonstrou a ausência quase total das ilusões visuais clássicas, o que levou Alexander Romanovich a telegrafar em entusiasmo a seu amigo e professor Vygotsky: "Os uzbekes não têm ilusões!". O prazer com que ele antecipou a comunicação desta descoberta a seus colegas alemães pode ser facilmente imaginado (Cole, 1992, p.217).

A descoberta de Luria, enviada por telegrama a Vigotski pelas palavras "Os uzbekes não têm ilusões!" foi motivo de muitos transtornos para Luria. Knox (1996) afirma que Luria ao voltar de sua expedição foi questionado por membros da KGB, no entendimento de que seu telegrama continha uma afirmação política que ia contra os interesses revolucionários, na interpretação de que "os uzbekitaneses não tinham ilusões a respeito do poder ou autoridade dos soviéticos naquela região" (Knox, 1996, p.31). A informação de Knox (1996) não é precisa, pois a KGB não existia ainda nos anos 1930, somente após a II Guerra Mundial; no entanto, é possível que o período de controle e censura pode ter conferido esse tipo de transtorno à polícia secreta soviética da época. Cole (1992) explica que entre 1932 e 1933 as críticas aos resultados deste trabalho voltaram-se exatamente sobre o conceito de cultura e a natureza da vinculação deste conceito ao desenvolvimento individual.

Nas descrições que Alexander Romanovich fez de sua expedição, assim como em todos seus outros escritos daquele período, o uso que fez do termo cultura era derivado de uma tradição do pensamento europeu, especialmente do alemão, do século dezenove. A cultura, na tradição dos românticos alemães, era associada à progressiva acumulação das melhores características da raça humana e na ciência, na arte e na tecnologia, todas as realizações que refletissem o crescente controle da humanidade sobre a natureza, e sua libertação da dominação dos reflexos, do instinto e do hábito cego. Este significado de cultura, ainda existente, ordena as sociedades humanas numa escala evolutiva. As sociedades que possuem sistemas de escrita e tecnologias avançadas são consideradas mais cultas ou mais avançadas que as

sociedades que não possuem tais ferramentas. Como a escola cultural-histórica sustentava que o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores procedia de acordo com os meios culturalmente organizados de atividade intelectual, entre os quais a escrita era considerada primária, a consequência seria a existência de diferenças qualitativas entre adultos "cultos" e "incultos", no que dissesse respeito a suas funções psicológicas superiores (Cole, 1992, p.217-218).

Knox (1996) acredita que houve um controle sobre esta pesquisa que se caracterizou como um “duro golpe na teoria histórico-cultural da Psicologia proposta por Vygotsky e A. Luria” (Knox, 1996, p.31). De fato, ela foi impedida de ser publicada, os resultados destas pesquisas ficaram arquivados por mais de 30 anos, até que ao final de 1968 Luria publicou um pequeno artigo sobre o tema e posteriormente, no início dos anos 1970 uma pequena monografia sobre o assunto intitulada “*Desenvolvimento cognitivo*” (Cole, 1992).

As críticas no período do início dos anos 1930 também não pouparam Leontiev, que teve censurado seu livro “*O desenvolvimento da memória*”, prefaciado conjuntamente com Vigotski. Vigotski menciona este livro de Leontiev em uma carta de 31 de julho de 1930, tecendo comentários elogiosos:

“Uma montanha que deu vida a um camundongo” – é assim que você vê o seu livro. Eu sei o tipo de lamento do qual você fala a respeito das ideias que não puderam ser incorporadas ao livro e que permanecem fora e esperam serem incorporadas no futuro. Mas eu iria inverter essa comparação e isso seria mais próximo da verdade: o seu livro é uma montanha que foi produzida por um camundongo. É isto. Quando eu me lembro de onde ele partiu, o que o alimentou, como a carta foi utilizada pela primeira vez para a lembrança, como pela primeira vez o indistinto ambiente da ideia principal deu vida a nova abordagem para a memória incorporada pelo seu livro. Nossos escritos são imperfeitos, mas a verdade contida neles é grande. [...] é este livro realmente uma montanha? Eu respondo incondicionalmente na afirmativa. Esta é minha convicção. Como Lutero disse “Eu me mantenho firme na

ideia”, e a aflição para ele que [espaço em branco no texto] seu livro. E você deve perceber isto porque não é uma questão pessoal sua, não é uma questão pessoal [trecho ilegível]; não é uma questão pessoal de forma alguma, mas uma questão de pensamento, uma questão filosófica, um evento de enorme significado na esfera do pensamento científico sobre a Psicologia humana [a carta está quebrada a partir deste ponto] (Vigotski em carta para Leontiev datada em 31 de julho de 1930).

A primeira edição do livro de Leontiev chegou às mãos dos editores em 1930, mas esta foi retida, sendo autorizada sua publicação somente em 23 de maio de 1931 (A.A. Leontiev, 2005). Nesta segunda versão “incidentalmente era firmado que o autor admite seus “desvios do principal caminho metodológico”. Um deles “compreende objetivamente um elemento de ordem ideológica”, e o outro “compreende objetivamente um elemento de ordem mecanicista”” (A.A. Leontiev, 2005, p.31). Assim, evidencia-se uma atitude de subordinação à censura do período.

#### **2.4 Dispersão do grupo da Psicologia Histórico-Cultural e a proposta de trabalho em Kharkov**

Mesmo antes da saída de Kornilov da direção do Instituto em 1931, Vigotski e seus colaboradores já eram criticados no Instituto. Eram acusados de idealistas por Kornilov, que “culpava Vygotsky por ter afastado a Psicologia do marxismo aproximando-a de conceitos idealistas (o que se queria atacar era [o conceito de] vontade)” (A.A. Leontiev, 2005, p.28).

Cole (1992) e Rivière (2002) revelam que em 1930 o grupo esforçou-se, sem sucesso, por encontrar um departamento em que todos pudessem trabalhar em conjunto para caminhar com os estudos em Psicologia da forma que desejavam. Antes mesmo da destituição de Kornilov da direção, o grupo saiu do Instituto de Psicologia em 1930 (A.A. Leontiev, 2005), permanecendo no Instituto de Educação Comunista N.K. Krupskaja, em que eram colaboradores desde 1927 ou 1928 (Cole, 1992). Sob escândalos políticos, muitas das instituições em que eram colaboradores, foram fechadas nesse período e acusadas taxativamente de “ninho de idealistas Trotskystas”.

A.N. foi forçado a deixar o Instituto de Educação Comunista em 1930. O Baluarte da escola de Vygotsky – a Academia de Educação Comunista – também caiu em desgraça em 1930; sua Escola de Ciências sociais foi proclamada “Trotskysta” e em 1931 foi “exilada” de Leningrado e rebatizada como instituto [...] Na Universidade de Moscou, a partir de 1931, simplesmente não se ensinava Psicologia. Assim não havia lugar para que Leontiev trabalhasse (A.A. Leontiev, 2005, p.32).

Como já salientado, foi nesta época que Vigotski, Luria e Leontiev receberam o convite para trabalhar em Kharkov, na Ucrânia, em uma divisão de Psicologia criada no Instituto Psiconeurológico Ucrainiano. Ao final de 1931 estavam todos trabalhando em Kharkov e, em um primeiro momento, Luria e Leontiev permaneciam a maior parte do mês em um apartamento coletivo em Kharkov, enquanto Vigotski viajava frequentemente para lá transitando também em trabalhos em Leningrado e Moscou. Luria permaneceu trabalhando em Kharkov por cerca de três anos (até 1934), enquanto que Leontiev permaneceu por quase cinco anos.

No início da década de 30, fez-se presente uma fértil base para nosso trabalho, quando recebemos o convite para estabelecer um departamento de psicologia na Academia Psiconeurológica Ucrainiana de Kharkov. Passei a dividir meu tempo entre Kharkov e Moscou, enquanto Vygotsky dividiu o seu entre Moscou, Leningrado e Kharkov. Foi em Kharkov que comecei a criar novos métodos para a análise psicológica das conseqüências de lesões cerebrais localizadas. Mas meu tempo ainda estava muito ocupado por outros trabalhos. Vivi esta existência dupla até 1936, quando passei a me dedicar à escola médica em tempo integral (Luria, 1992, p.136).

Rivière (2002) é um dos autores que enfatiza a mudança para Kharkov como relacionada ao período de pressão do início dos anos 1930 que tornou impossível o trabalho em Moscou:

Uma resposta dos membros da Escola histórico-cultural ao incremento de pressões ideológicas foi a tentativa de fundar um departamento de Psicologia, que reunisse as

linhas essenciais do trabalho que estavam realizando. Como não puderam encontrar uma instituição em Moscou que aceitasse sua proposta como grupo, passaram a fazer contato com o Instituto Psiconeurológico da Universidade de Jarkov, para formar um departamento de Psicologia. Para lá se mudaram Vygotski, Luria, Leontiev, Zaporozhets e Bozhovich. No entanto, somente os três últimos permaneceram em Jarkov, onde manteriam posteriormente um departamento de Psicologia que suporia uma continuação (sobretudo a partir da interpretação e inovações de Leontiev) dos ensinamentos de Vygotski. Luria logo voltou para Moscou e Vygotski manteve atividades em Jarkov, Moscou e no Instituto Pedagógico Hertzern de Leningrado, até sua morte em 1934 (Rivière, 2002, p.71).

Luria (1992), em sua autobiografia, relata a mudança para Kharkov como um período frutífero de desenvolvimento do trabalho:

No início da década de 30, fez-se presente uma fértil base para nosso trabalho, quando recebemos o convite para estabelecer um departamento de Psicologia na Academia Psiconeurológica Ucrâniana de Kharkov. Passei a dividir meu tempo entre Kharkov e Moscou, enquanto Vygotsky dividiu o seu entre Moscou, Leningrado e Kharkov. Foi em Kharkov que comecei a criar novos métodos para a análise psicológica das consequências de lesões cerebrais localizadas. Mas meu tempo ainda estava muito ocupado por outros trabalhos. Vivi esta existência dupla até 1936, quando passei a me dedicar à escola médica em tempo integral (Luria, 1992, p.136).

O esforço, sem sucesso, do grupo em 1930 ao tentar fundar um departamento com um programa de pesquisa próprio em Moscou, também não se concretizou em Kharkov. O grupo não esteve unido por muito tempo. Luria e Vigotski permutavam trabalhos em outras cidades e mesmo Luria que veio a morar em Kharkov, logo voltou a morar em Moscou. Permaneceram Leontiev, Zaporozhets e Bozovich. Com estes, logo

vieram a unir-se P.I. Zinchenko e P.Y. Galperin. No entanto “o sonho do departamento unificado nunca chegou a se concretizar” (Cole, 1992, p.216).

Há algumas lacunas sobre o processo de mudança do grupo para Kharkov. Primeiramente, é desconhecido o motivo pelo qual Vigotski não se mudou para Kharkov juntamente com Luria e Leontiev. Este fato é explorado como um dos elementos do cenário desenhado pelos que propagam a ideia de um rompimento entre Vigotski e Leontiev neste período, culminando então, segundo apontam, numa ruptura teórica liderada por Leontiev no grupo de pesquisa em Kharkov. Também é apontada por estes autores uma descrença na existência da *troika*, da forma como se costuma relatar nos livros biográficos. A filha de Vigotski, em entrevista à Zoia Prestes (2010), afirma de forma convicta a existência da *troika*:

Existiu a troika, eles se encontravam na nossa casa. Naquela época, vivíamos num quarto – Lev Semionovitch não tinha uma casa grande, eu agora vivo assim, numa casa ampla, mas naquela época era um quarto só, e a família, composta por quatro pessoas, vivia lá. Os encontros aconteciam lá, e tudo acontecia diante dos meus olhos. Eu adormecia ouvindo as conversas deles, deitava às oito e meia da noite, fechava os olhos e tudo me parecia chato e pouco interessante. Mas depois, a troika se transformou em vosmiorka [octeto] (Guita Vigodskaja em entrevista à Zoia Prestes, 2010).

No entanto, é na biografia de Vigotski escrita por Guita Vigodskaja e Linfanova, em um capítulo intitulado “com os olhos da filha”, que é trazido a tona por Vigodskaja uma visão de conflito entre Vigotski e Leontiev justamente neste período, ao relatar um episódio em que Luria havia mostrado a Vigotski uma carta que havia recebido de Leontiev, referindo-se ao trabalho em Kharkov, fato que foi motivo de tensão:

[...] dizia algo do tipo que Vigotski é uma etapa ultrapassada, é o ontem da Psicologia e propunha a Aleksandr Romanovich trabalhar sem Vigotski, Aleksandr Romanovich de início concordou, mas depois, pelo visto, pensou melhor, foi até meu pai (que nessa época não estava muito bem de saúde) e mostrou-lhe a carta. Vigotski sofreu muito com o ocorrido, tomando a atitude de Leontiev não só como uma traição pessoal, mas como uma traição

em relação ao trabalho em comum e lhe escreveu uma carta agressiva... (Vigotskaia & Linfanova citado por Leontiev & Leontiev, 2009, p.290).

O filho e o neto de Leontiev consideram que este relato da filha de Vigotski trata-se de um mito e que “não existem quaisquer provas, claras ou veladas, de que houve inimizade ou competição entre Vigotski e Leontiev” (Leontiev & Leontiev, 2009, p.291). Também apontam que, do ponto de vista teórico

[...] ainda hoje não há uma opinião única sobre até que ponto há continuidade entre as teorias de Vigotski e Leontiev [...] As ideias de Vigotski poderiam ter sido desenvolvidas em outras direções, diferentes da teoria da atividade, porém ninguém conseguiu fazer isso em uma escala que pudesse, pelo menos, ser comparada com o enfoque da atividade. Por isso, questionar se foi de maneira “correta” que Leontiev assimilou e desenvolveu as ideias de Vigotski não faz sentido (Leontiev & Leontiev, 2009, p.293).

No momento em que Guita escreveu sobre o episódio da carta de agosto de 1933 de Vigotski a Leontiev (que denunciaria um conflito envolvendo o episódio relatado da carta de Leontiev a Luria), ela não teve acesso à carta enviada por Leontiev a Vigotski que teria desencadeado a resposta deste último, uma vez que esta carta era considerada desaparecida. No entanto, em 5 de fevereiro de 2002, foi entregue ao filho de Leontiev uma carta, encontrada pela filha adotiva de Luria, Elena, nos arquivos de sua família, uma carta de Leontiev a Vigotski datada em 5 de fevereiro de 1932. Esta carta foi considerada como sendo a então desaparecida carta que deveria, segundo os Leontiev, preencher a lacuna descrita por Guita. Esta carta foi traduzida para o português por Zoia Prestes no artigo de Tunes & Prestes (2009), juntamente com a carta de Vigotski, mencionada na biografia da Guita.

Ainda assim, a filha de Vigotski reafirmou em 2010, em entrevista à Zoia Prestes, o que escreveu na biografia de seu pai sobre o episódio da carta que resultou em uma desavença com Leontiev:

Eu não posso comentar a carta de Leontiev, mas o que escrevi é verdade. Ele [Leontiev] parou de frequentar a nossa casa em 1933 [...] Mas, é verdade tudo o que escrevi, não escrevi nada que não

tenha sido confirmado. Eu conversei sobre isso com a minha mãe, perguntei a ela: “Mãe, o que aconteceu?” E ela me contou que aconteceu essa história, que ele escreveu uma carta para Luria, dizendo que Vigotski era o “ontem”. Então, Luria, sem pensar, respondeu sim para ele e, depois, pensou melhor, correu até Vigotski (que estava doente naquela época) e contou tudo a ele. É claro que isso não elevou o ânimo de Vigotski, mas tinham sido colocados os pingos nos “is” (Guita Vigodskaja em entrevista à Zoia Prestes, 2010).

A carta de Vigotski a Leontiev termina no “ponto” exato em que começa a carta de Leontiev: no ponto que se refere ao conteúdo principal, uma decisão de Leontiev que mudaria o destino da relação entre ambos, ao que parece. Leontiev inicia a carta de forma objetiva relatando uma grande decisão tomada:

Amanhã, parto para Kharkov, comprei a passagem, passei o telegrama; amanhã é o prazo final para a minha “autodeterminação” na complexa e sofrida situação que se configurou aqui e lá. Uma enorme quantidade de questões de importância *vital* e de complexidade incomensurável deve ser resolvida amanhã. Está claro para mim que, se os nós não se desfazem, então em situações extremas, devem ser cortados. Agora é exatamente essa situação extrema. Por isso vou cortá-los. (Leontiev em carta para Vigotski datada em 5 de fevereiro de 1932).

Não sabemos em exato qual a “complexa e sofrida” situação de que trata Leontiev, mas parece tratar-se de um contexto que envolve não apenas conflitos pessoais, mas políticos tais como já apontados no início deste capítulo. Possivelmente devia envolver não somente a sua decisão sobre o trabalho em Kharkov, mas as condições em que se desenhou esta decisão. O contexto, como vimos, é de tensão e repressão no campo da ciência, culminando em acusações e polarizações com medidas ditatoriais. Vigotski já havia recebido as críticas que taxavam seu trabalho como “antimarxista” quando foi escrita esta carta. Certamente parte do conflito refere-se ao fato de Vigotski ter se tornado alvo de acusações e críticas alarmantes. Também indica que tal decisão pode se configurar em um distanciamento ou rompimento, porém, não

está claro o significado deste fato, embora seja evidente pela forma que o remetente da carta relata que esta cisão, o rompimento destes “nós”, foi um feito custoso, uma medida extrema. Uma contradição insurge ao leitor, pois ao mesmo tempo em que parece tratar-se de uma decisão quase que compulsória, Leontiev também fala em “autodeterminação”. Porém, em tempos difíceis, as habilidades de linguagem servem para revelar e encobrir ao mesmo tempo.

Mais adiante, na referida carta, Leontiev demonstra a existência de uma crise “interna” existente no grupo, porém, logo em seguida aponta as circunstâncias “externas” que sobre ele incidiam:

Você mesmo entende que, agora, nós, como um grupo de pessoas ligadas por ideias, estamos passando por uma enorme crise. Crises como essas, conflitos internos como esse, não são resolvidos de maneira simples e sem sofrimento. Com mais frequência são resolvidas com um tiro. As circunstancias externas, a enorme pressão delas sobre todos nós, a situação ininterrupta “102-104” [?], os baldes de água fria por toda parte, *as tesouras entre o movimento do pensamento e o lado do trabalho organizado externamente*, o atraso do trabalho concreto e, com isso, a expansão (o erro de alguns de nós = A.R. [Luria]!) de ideias, tudo isso amarrotou, implodiu e destruiu o nosso trabalho comum. O próprio sistema de ideias está em **enorme** perigo (agora, diante de mim está um documento – o programa padrão de Psicologia que está sendo desenvolvido para toda a URSS pelo grupo composto por Ved[ionov], Chvarts, Akimov, Sapir etc., pelo grupo de A.R. [Luria]. O I[nstitu]to trabalha seguindo **nossos** planejamentos. Isso é alienação das nossas ideias. É inicio da queda total, da perda de substancia do sistema. Por isso considero meu dever gritar sobre isso, fazer alarde. Eu apresentei essa questão a você não por acaso; durante um longo tempo fiquei em dúvida. Penso eu que fiz o certo (Leontiev em carta para Vigotski datada em 5 de fevereiro de 1932).

Por fim, Leontiev resgata um trecho de uma carta, já mencionada anteriormente (2.3), escrita a ele por Vigotski de 23 de julho de 1929. No período escrito daquela carta

de 1929 foi o momento em que Vigotski estava corrigindo o texto conjunto com A.R. Luria “*Estudos sobre a história do comportamento*” que ele chamava de “*O macaco*”. Como é afirmado naquela carta a Leontiev, ele via problemas de conteúdo no texto, mencionando erros e elementos psicanalíticos e piagetianos que deveriam estar fora do sistema e explica que “este não é o erro de A.R. Luria pessoalmente, mas de todo o contexto de nosso pensamento” (Vigotski em carta para Leontiev em 23 de julho de 1929). Leontiev, mencionando tal carta, legitima sua atitude e seu dever de “gritar” e “fazer alarde”. Também é uma citação interessante de ser destacada e retomada aqui para ativar a imaginação do leitor sobre a tensão do ano de 1929 e o processo que desencadeou a saída do grupo do Instituto de Psicologia:

Então, estabelecer um severo regime monástico de pensamento; isolamento de ideias, caso seja necessário. O mesmo deve ser exigido dos outros. Explicar que trabalhar com a Psicologia cultural não é brincadeira, nem nos intervalos do trabalho ou mesmo ao longo de uma série de outros trabalhos; também não é terreno para as dúvidas próprias de cada nova pessoa. Externamente, disso decorre o mesmo regime organizacional... Confio firmemente na sua iniciativa e no papel de preservação disso (Vigotski citado por Leontiev em carta para Vigotski datada em 5 de fevereiro de 1932).

A carta que Vigotski escreveu para Leontiev é datada em 7 de agosto de 1933, ou seja, mais de um ano após a carta de Leontiev. No entanto, após a carta de Leontiev a Vigotski e antes desta carta, temos uma menção de Vigotski a Leontiev em uma carta para Luria em 13 de julho de 1932. Menciona Leontiev de forma afirmativa, relatando que este trabalha traçando caminhos diferentes em seus experimentos sobre o intelecto prático, mas não faz uma crítica a este, pelo contrário.

E você está no caminho certo, como eu e A.N. [Leontiev]; ele não capta, em parte deliberadamente, a nova diferença entre os experimentos, mas ele está traçando essa diferença na pesquisa no intelecto prático de conexões com a fala e as mudanças nelas, em mudanças do fim para o começo – isto é o que a dinâmica sistêmica é (Vigotski em carta para Luria datada em 13 de julho de 1932).

A carta que Vigotski escreveu para Leontiev, em 7 de agosto de 1933, que é mencionada por sua filha Guita, começa apontando a conversa entre eles que não aconteceu, ao que parece, desde a carta de Leontiev a este em fevereiro de 1932.

Querido Aleksei Nikolaievitch, Durante algum tempo, pensei em enviar a carta por A[leksandr] R[omanovitch], mas antes da partida dele nós não nos encontramos, por isso o atraso. Sinto, e não é a primeira vez, que estamos diante de uma conversa importante para a qual ainda, pelo visto, nós dois não estamos preparados e, por isso, não temos uma ideia boa de como ela deve acontecer. Porém, a conversa já teve alguns lampejos, inclusive na sua última carta, por isso, não posso deixar de responder com o mesmo lampejo, com algo parecido com intuições (nebulosas) de uma conversa futura (Vigotski em carta para Leontiev datada em 7 de agosto de 1933).

Vigotski parece criticar a decisão da partida de Leontiev, mas também o faz em tom de autocrítica, como resultado de um “fracasso interno” de ambos, ou mesmo do grupo.

O seu destino externo resolve-se, pelo visto, no outono e por alguns anos e, ao mesmo tempo, o nosso destino (o meu também), parcialmente, assim como o destino do nosso trabalho. Por mais subjetivamente que você vivencie o “exílio” em Kharkov, por mais que este seja compensado com alegrias (do passado e mais ainda do futuro), a sua partida definitiva, objetivamente, pelo seu sentido interno, é nosso fracasso interno pesado e, p[ode] s[er], incorrigível, que decorre dos nossos equívocos e negligências diretas em relação ao trabalho que nos foi delegado. Pelo visto, pela segunda vez, nem na sua biografia, nem na minha, se repetirá aquilo que uma vez aconteceu também na história da nossa Psicologia. Pois bem, tento receber isso tudo à Espinosa, com pesar, mas como necessário. Nos pensamentos comigo mesmo parto disso como um fato já consumado. O destino interno não pode deixar de resolver-se fora da relação com o externo, mas, é claro, não se determina completamente por ele. Por isso, ele não

está claro para mim, é nebuloso, vejo-o embaçado e isso me inquieta com o maior dos desassossegos que já vivenciei nos últimos tempos. Mas uma vez que a sua posição interna, como você escreve, no plano pessoal e científico, cristalizou-se, então, a decisão externa, em certo grau, também está definida. (Vigotski em carta para Leontiev datada em 7 de agosto de 1933).

Na sequência, Vigotski faz uma afirmação na carta que nos chama atenção, por demonstrar que a decisão de Leontiev está relacionada a uma tensão que se configurou no grupo, retomando uma questão que envolveria Luria (que questão seria?): “Você tem razão de ter que se livrar, antes de tudo, da necessidade de se comportar de forma dupla [...] Então, considero isso correto, apesar de avaliar de forma diferente tudo o que aconteceu com A[leksandr] R[omanovich] (num plano mal sucedido)” (Vigotski em carta para Leontiev datada em 7 de agosto de 1933). Podemos inferir que falam sobre as críticas, censuras e tensionamentos gerados a partir das pesquisas interculturais de Luria no Uzbequistão em 1931 e 1932, da qual Vigotski também foi alvo de críticas ao lado de Luria, com a publicação “*Estudos sobre a história do comportamento*”.

Cole (1992) menciona uma incerteza sobre a postura de Luria durante o período de pressão sobre a Psicologia soviética do início dos anos 1930:

A atitude de Alexander Romanovich e de seus colegas com relação a esta controvérsia não é clara. No começo, podem tê-la visto como continuação do debate sobre o curso de ciência soviética, que já existia desde o começo de suas carreiras. Com certeza não abandonaram as posições que haviam adotado, ainda que existam evidências de que não eram insensíveis àquilo que era visto como crítica severa (Cole, 1992, 215).

Por fim, a carta de Vigotski termina em tom de despedida, ainda que demonstrasse apoio e respeito ao trabalho e às decisões de Leontiev:

Sei e considero correto que, internamente, em dois anos, você fez um caminho (definitivo) rumo à maturidade. Desejo a você do fundo da minha alma, assim como desejaria felicidade, num instante decisivo, à pessoa mais próxima, forças, coragem e clareza de espírito diante da decisão da sua linha de vida. O

principal: decida livremente. Sua carta finda nesse ponto, então, nesse ponto eu também findarei a minha, é certo que sem um motivo externo. Aperto forte-forte a sua mão. De toda alma, seu L. Vigotski (Vigotski em carta para Leontiev datada em 7 de agosto de 1933).

Ainda que a carta tenha terminado em tom de despedida demarcando um distanciamento do trabalho conjunto de ambos, não está claro na história se isto de fato significou uma ruptura teórica ou mesmo o fim de um trabalho em conjunto. Há outra carta de Vigotski a Leontiev, datada em 10 de maio de 1934, que indica uma colaboração entre ambos ou ainda um plano cuidadosamente traçado que definiria um trabalho conjunto. A carta parece ser escrita em códigos, não sabemos se representa a comum prática de períodos de censura, como o que viviam. Questiona Leontiev sobre a “batalha” pelo programa em Kharkov e também menciona um congresso, possivelmente trata-se do Congresso Pan Ucrâniano de Neurologistas e Psiquiatras, que ocorreria em Kharkov nos dias 18 a 24 de junho de 1934. Vale lembrar que Vigotski faleceu em 11 de junho de 1934 e, portanto, não participou deste congresso, tampouco deve ter havido tempo para por em prática “oficialmente” o trabalho conjunto que menciona na carta:

...por enquanto nós estamos operando sob o velho [plano] e vamos oficialmente começar nosso trabalho no terceiro ou quarto [?]. Acho que em última análise nós podemos ganhar muito ou perder muito nesta empreitada. Por ora, **gostaria de continuar na direção que você e eu combinamos**, aderindo firmemente às nossas **intenções internas para garantir a completa ligação entre nossos estudos**. Como vão as batalhas pelo programa? Você enviou os pontos principais para o congresso, e quando vai acontecer e quais relatórios serão aceitos? Um aperto de mão. Saudações, Atenciosamente, LV. (Vigotski em carta para Leontiev datada em 10 de maio de 1934).

Em um relato, a esposa de Zaporozhets – Tamara – revela que Vigotski teve atuação relevante na organização do trabalho em Kharkov:

Sem encontrar nenhum apoio moral e financeiro por lá, um grupo de estudiosos de Moscou (Luria, Leontiev, Bozhovich e Zaporozhets) partiram, como eles mesmos disseram na época,

“para uma longa viagem de negócios”, - eles se mudaram para Kharkov, para o centro psiconeurológico recentemente estabelecido pelo Professor Rokhlin no hospital psiquiátrico. Este centro foi a base da nova Academia de Psiconeurologia. Vygotsky organizou o trabalho em Kharkov. Por duas vezes ele veio para finalizar o trabalho cumprido e discutir as pesquisas futuras. Nós nos estabelecemos no grande apartamento que o Professor Rokhlin alugou para a comuna de Moscou. Nós realmente vivemos todos juntos por um tempo – Luria, Bozhovich e Leontiev. (citado por A.A. Leontiev, 2005, p.33).

No entanto, Mario Golder, que foi orientando de doutorado de Leontiev nos anos 1970, escreveu um esboço de biografia científica de Leontiev e afirma que, de fato, Vigotski não teve “participação ativa” no grupo de Kharkov. Estava voltado aos trabalhos em Leningrado, no Instituto Herzen. Ainda assim, Golder (2004) tenta apresentar Leontiev como “totalmente identificado com as ideias de Vigotski” (p.23) e as de Vigotski com Leontiev neste período. Por meio de anotações de Leontiev sobre uma reunião interna em 12 de outubro de 1933, relata:

No informe apresentam-se as questões: “Quem é o sujeito do desenvolvimento? Onde está o homem, o mundo? Onde aparecem as reais relações do homem com seu mundo?” Depois aparece a resposta de Vigotski: “Aqui está a causa – a *função essencial, vital* – o motivo, o afeto. Ao se desenvolver o *homem*, desenvolvem-se os *afetos, descobre-se a vida*”. Ao que se manifesta Leontiev: “O que o saber desenvolve?... Aqui temos uma relação complexa. As verdadeiras relações com o mundo, seu desenvolvimento, é o desenvolvimento do significado-generalizador; comunicação. *Comunicação é sempre generalização*. É necessário procurar uma explicação das partes do todo, isto é, o significado das mudanças da consciência; além da consciência estão as verdadeiras relações do sujeito (Golder, 2004, p.24).

Em uma introdução sobre o trabalho de Vigotski em uma coletânea publicada na Rússia, Leontiev (2004a) reivindica na obra de Vigotski a importância deste mesmo ponto sobre “o motivo, o afeto” que aparece em sua anotação de 1933:

LS. Vigotski, que durante os anos 20 tentara aplicar à Psicologia o conceito de atividade prática, inicia nos anos 30 um novo caminho na trajetória de suas investigações para passar a considerar como tarefa central a análise do âmbito motivacional e emocional, porque por meio dele a atividade estaria determinando os processos psíquicos, a consciência. No final do livro *Pensamento e Linguagem* escreve: “O pensamento ainda não é a última instância (...) O próprio pensamento não nasce de outro pensamento, mas da esfera motivadora de nossa consciência (...) Por trás do pensamento encontra-se a tendência afetiva e volitiva. Somente ela pode dar a resposta ao último ‘por que’ da análise do pensamento” (Leontiev, 2004a, p.469).

Em Kharkov, nos anos 1930, desenvolveram-se trabalhos nos temas sobre “imagem e processo” e o “estudo do instrumento” e Leontiev mostrava-se bastante motivado pelo estudo do instrumento unido ao tema do significado: “Costumava dizer o autor: “Dominar o instrumento e o significado é dominar o processo operacional”.” (Golder, 2004, p.25).

Quando da morte de Vigotski em 11 de junho de 1934, Guita Vigodskaja relata um curioso evento que demonstra uma situação mal resolvida envolvendo a *troika*, remontando ao mencionado episódio da carta: Luria e Leontiev foram impedidos de participar da tradicional cerimônia fúnebre de Vigotski:

No enterro de Lev Semionovitch, Luria ficou perto de mim e eu estava junto com Chif (que tomava conta de mim), aluna de Lev Semionovitch, e, de repente, Luria passou rapidamente por nós, foi até o caixão e ficou de guarda. Não ficou muito tempo e me parece que foi Zankov (não me lembro muito bem) que tirou Luria da guarda. Agora, quanto a Leontiev, nem deixaram chegar perto. Todos os alunos moscovitas sabiam disso. O que ele escreve na carta que foi encontrada, que Deus o julgue (Guita Vigodskaja em entrevista à Zoia Prestes, 2010).

Leontiev escreveu um obituário sobre Vigotski, em 1934, tecendo elogios à pessoa e ao pesquisador, bem como reafirmou os elementos fundamentais da teoria de Vigotski. Faz afirmações que destacam a categoria atividade na obra de Vigotski, embora somente em 1935, Leontiev desenvolveu pesquisas envolvendo a temática da atividade (Golder, 2004):

O tratamento [a interpretação] de Vigotski da estrutura mediatizada dos processos psicológicos e psíquicos humanos como *atividade* humana tornou-se a pedra angular, o fundamento para toda elaboração de sua teoria científica psicológica – a teoria *sócio-histórica* ("cultural" - em oposição ao "natural", é claro) do desenvolvimento da psique humana. Isto criou uma oportunidade para um avanço em investigações concretas, frente ao irremediável círculo axial da tradição milenar das ideias psicológicas naturalistas, foi o primeiro passo decisivo rumo a uma nova Psicologia (Leontiev, 1934, pf.5).

Neste trecho, vemos Leontiev abordar a teoria sócio-histórica como “cultural” em oposição ao “natural”, o que demonstra a ênfase, a relevância do cultural, como produção humana (instrumentos, os objetos humanos criados por meio de instrumentos, a própria linguagem e as práticas humanas mediadas pela linguagem...). Leontiev enfatiza que a relação dialética entre cultural e natural é fundamental na obra de Vigotski e também foi na obra de Leontiev. No entanto, lembremos que Van der Ver & Valsiner (2009) apontaram que foi neste obituário que Leontiev se distanciou publicamente de Vigotski, e, em especial, mencionam exatamente esta passagem, porém omitindo o parênteses de Leontiev que dão ênfase à relação dialética entre o cultural e o natural. Os autores acusam Leontiev de ter renomeado a teoria de Vigotski de histórico-social. Mas, a essência do termo permanece quando lemos o parágrafo todo. Sabemos, também, que Vigotski foi repetidamente criticado por sua concepção de cultura ou instrumento cultural, que foram avaliados como conceitos “abstratos” ou mesmo idealistas em sua teoria. É possível que o uso do termo cultural tenha sido pensado com certa cautela por Leontiev naquele momento. Embora seja verdade que a questão central mostra-se presente e, também, não há outro sujeito da cultura que não o ser social, a própria sociedade.

Adiante, Leontiev (1934) busca demonstrar a fecundidade deste tema na obra de Vigotski para a compreensão do desenvolvimento humano:

Com cada nova pesquisa [investigação] experimental tudo mais e mais revela a fecundidade dessa ideia. Já o primeiro estudo [investigação] sistemático da gênese superior – mediada [mediatizada] – dos processos psicológicos humanos nos permitiu formular as leis fundamentais [principais] do seu desenvolvimento. A primeira dessas leis consiste em que o surgimento da estrutura mediada [mediatizada] dos processos psíquicos do homem é o produto de sua atividade como homem *público* [homem *social*]. Inicialmente, social e externamente mediada, é apenas mais tarde convertida em individual-psicológica e interna, mantendo o princípio de uma estrutura única. A segunda lei geral consiste em que o processo de desenvolvimento e de transição das atividades "de fora para dentro" deve ser associado a uma mudança de toda a estrutura [*stroenie*] da psique; um lugar à parte vigente das funções psíquicas foi substituído agora por complexas neoformações – sistemas funcionais psicológicos, constituídos de conexões geneticamente multifuncionais que se formaram no processo histórico real. A relação entre as funções psíquicas superiores foi outrora uma relação real entre as pessoas, "... a natureza psicológica do homem - um conjunto de relações sociais, trazido para dentro e tornados funções do indivíduo, as partes dinâmicas de sua estrutura [strukturao]" – de tal modo foi expressa esta ideia no trabalho de L.S. Vigotski (Leontiev, 1934, pf.6).

Leontiev enfatiza um aspecto da obra de Vigotski que permaneceu presente em sua própria obra: a unidade entre os processos externos e internos, entre o indivíduo e a sociedade, o interpsicológico e o intrapsicológico.

A análise das formas concretas de constituição da psique humana no complexo processo de "interiorização" das relações efetivas do homem junto à realidade - relações cuja essência reside nas relações materiais e mediatizada pela sociedade - leva-nos para a

terceira lei fundamental do desenvolvimento, a abertura do lugar e do papel da fala, requisito parcial do surgimento da atividade consciente, intelectual e volitiva do homem. Seu conteúdo real (efetivo) aparece em sua totalidade somente à luz de estudos (investigações) dedicados à análise das operações internas com signos - análise do desenvolvimento do significado e estrutura, no movimento pelo qual se concretiza a atividade de generalização da consciência humana. Estes estudos relacionados com o último e mais brilhante ciclo do trabalho de Vigotski, que interrompeu sua atividade científica, levou a uma nova gama de posições teóricas - posições que constituem a base para o estudo da *estrutura sistêmica e semântica* [constituída de sentido] *da consciência* (Leontiev, 1934, pf.7).

Ainda que possamos supor um direcionamento ou mesmo uma cautela por parte de Leontiev neste contexto de repressão no campo da ciência, em que Vigotski havia sido muito criticado e mal compreendido, também vemos uma defesa de Leontiev a Vigotski. Esta defesa parece responder ao tipo de crítica que Vigotski recebeu por trabalhar com autores ocidentais e Leontiev põe ênfase no papel ativo de Vigotski na “luta contra a velha Psicologia”:

[...] A criação científica de Vigotski como um fato de sua biografia parece quase incrível, não se encaixa em tal vida interrompida pela tuberculose. E só tendo consciência da expressão do poder intelectual de sua criação e da força de Vigotski, isso pode ser entendido em sua pesada vida. Aqui, no intervalo de um pouco mais de uma década também houve a luta contra a velha Psicologia de Chelpanov, e primeiro estudou o behaviorismo, em ideias cativas que ainda por longo tempo se mantiveram muito em seus companheiros e, finalmente, a principal coisa – a mais intensiva, nem por um minuto interrompida, febril, sem precedentes por tempo de trabalho, de criação de suas próprias ideias psicológicas, constante, prática de sua verificação em investigações concretas e simultaneamente intensa propaganda dessas ideias em atividades educativas,

sempre que possível e onde ele havia força o suficiente (Leontiev, 1934, pf.11).

Também houve uma movimentação por parte dos colaboradores de Vigotski em defender suas ideias, por meio de publicações que abordassem temas trabalhados por Vigotski, dedicatórias, aulas, etc. (Van der Ver & Valsiner, 2009). No entanto, essas tentativas de continuar a propagar as ideias de Vigotski logo foram banidas. Após a morte de Vigotski a ciência passou a ser ainda mais reprimida e toda a União Soviética passou a viver um período de intenso terror, em que se somaram milhões de presos e centenas de fuzilamentos sob acusações absurdas. Toda a velha guarda bolchevique foi destruída, neutralizada ou executada entre 1936 e 1939 e cerca de 70% dos membros do comitê central foram presos (Paulo Netto, 1981).

Na ciência intensificaram-se as tentativas de dissecar as obras dos autores em busca de discernir o que se encaixava ou não aos direcionamentos do Partido, negando arditosamente tudo aquilo que de alguma forma pudesse ser ou parecer contra o marxismo-leninismo de Stalin. O que se passou neste período após a morte de Vigotski que a repressão científica foi oficialmente imposta de forma a derrubar uma linha de pesquisa inteira, censurando suas obras e proibindo sua prática (pedologia)?

## **2.5 A Inquisição de Moscou**

Para compreender um pouco mais como a ciência tornou-se um “campo de batalha” violento e caloroso, vamos recorrer a um episódio ocorrido no final do ano de 1934, que culminou nos chamados “julgamentos de Moscou” em que gerações inteiras foram executadas, desde o mais simples trabalhador aos mais valorosos cientistas alcançando toda a velha guarda bolchevique.

O ano de 1934 foi um ano em que o governo de Stalin oscilou entre concessões liberais e a repressão. No entanto, este período semi-liberal “(...) foi interrompido repentinamente, em 1º de dezembro de 1934, quando Nikolaiev, um jovem comunista, assassinou Sergei Kirov” (Deutscher, 1970, p.320). Kirov foi uma relevante liderança do Partido em Leningrado. Foi ele quem cumpriu a tarefa de expulsar Zinoviev de Leningrado e este assassinato foi considerado como uma revolta dos seguidores de Zinoviev. O que nos interessa nesse caso é que Stalin

[...] se valeu da morte de Kirov para justificar sua conclusão de que já era tempo de acabar as concessões semiliberais [...] Nikolaiev e seus colegas foram executados”. Foram julgados *em segredo* por força de um decreto baixado *ad hoc*, que negava o direito de defesa e de apelação aos terroristas [...] Stalin acusou Zinoviev e Kamenev de responsáveis pelo assassinato de Kirov. O julgamento dos dois foi secreto [...] Zinoviev foi condenado a dez anos de trabalho forçados e Kamenev a cinco. Mas Stalin não tinha interesse em manter os dois velhos bolchevistas na prisão, o que acabaria por transformá-los em mártires e restabelecê-los, de certo modo, como pretendentes ao poder. Seu maior desejo era arrancar-lhes uma confissão de culpa, o que acabaria de vez como o halo de martírio que os cercava (Deutscher, 1970, p.320-321).

Stálin conseguiu arrancar de Zinoviev uma retratação deste, condenando o ato terrorista e veiculando-o como consequências da antiga oposição. O assassinato de Kirov foi seguido de um movimento de intensa desconfiança e acusações de conspiração. Cerca de 40 membros da guarda pessoal de Stalin foram julgados secretamente, sendo dois executados e o restante condenado ao trabalho forçado. No início de 1935 dezenas de milhares de bolchevistas “suspeitos” foram deportados de Leningrado para Sibéria, taxados de “assassinos de Kirov”. Passou a ser proibida toda e qualquer atividade política no exílio. Por fim, ainda em fevereiro de 1935 no 7º Congresso dos Sovietes foi aprovada a necessidade de formulação de uma nova Constituição, que seria adotada no próximo Congresso em novembro de 1936, a chamada “Constituição de Stalin” (Deutscher, 1970).

O ano de 1936 começou parecendo não contar com uma linha tão rígida após os julgamentos e deportações decorrentes do assassinato de Kirov. O foco estava nos êxitos do plano quinquenal<sup>4</sup> de Stalin e na reforma constitucional. “Mas nas camadas inferiores do Partido e da administração o expurgo continuou inquebrável” (Deutscher, 1970, p.334). Trabalhadores industriais e rurais, em protesto, quebravam máquinas e instrumentos de trabalho, resultado do processo de intensificação do ritmo da produção. Os acidentes industriais eram numerosos, mas considerados como sabotagem dos

---

<sup>4</sup> Plano econômico aplicado a partir de 1928 que, num primeiro momento, consistiu na coletivização forçada da propriedade da terra em cooperativas e no desenvolvimento da indústria.

trabalhadores. Em 25 de Agosto de 1936 Zinoviev, Kamenev e 14 outros velhos bolcheviques foram julgados, condenados e executados por fuzilamento, sendo este fato alvo de intensa propagação midiática na URSS e no mundo, abrindo caminho para uma sessão interminável de terror por meio de julgamentos públicos e secretos. Em janeiro de 1937 ocorreu o julgamento de um grupo de 17 bolcheviques. Em junho de 1937 houve um julgamento secreto dos mais destacados membros do Exército Vermelho. Em março de 1938 outros 20, todos haviam sido membros do Politburo de Lenin. Dentre estes se encontrava Bukárin, membro do segundo triúviro de Stalin.

Todos foram acusados de tentar assassinar Stalin e vários membros do Politburo, restaurar o capitalismo, destruir o poder militar e econômico do país e envenenar ou matar de qualquer outro modo multidões de operários russos. Todos foram acusados de colaborar desde os primeiros dias da Revolução com os serviços de espionagem da Grã-Bretanha, França, Japão e Alemanha e de terem participado de acordos secretos com os nazistas, com objetivo de desmembrarem a União Soviética e cederem grandes extensões do território soviético a Alemanha e Japão. Se tais acusações, que se acumulavam de julgamento para julgamento, fossem verdadeiras, seria impossível explicar a existência e sobrevivência do Estado Soviético (Deutscher, 1970, p.336).

As confissões dos acusados eram a base única dos julgamentos. Também houve aqueles executados sem julgamento por recusarem confessar e se retratar de crimes que não cometeram. Com o decreto decorrente do caso Kirov, que responsabilizava a família pelas traições de seus membros, possivelmente as confissões também serviam como uma forma do acusado tentar preservar seus familiares. Para Stalin, servia para esmagar qualquer possibilidade de oposição.

Deutscher (1970) tem uma interessante avaliação do porquê os grandes julgamentos e execuções ocorreram, especialmente, neste período. Esta intensa repressão neste exato período é de difícil compreensão, visto que a URSS atravessava uma significativa melhora econômica. No entanto Stalin percebera não uma ameaça imediatamente interna, mas externa: a apavorante ameaça de uma luta exclusiva entre a Rússia e Alemanha.

O primeiro dos grandes julgamentos, o de Zionoviev e Kamenev, foi levado a cabo alguns meses depois da invasão da Renânia pelo exército de Hitler. E o último dos julgamentos, o de Bukárin e Rikov, foi encerrado ao som dos clarins que anunciavam a ocupação nazista da Áustria (Deutscher, 1970, p.339).

Na iminente possibilidade de crise, Stalin poderia ser deposto. Precisavam ser antecipadamente acusados de traidores todos seus possíveis oponentes, tornando Stalin o grande salvador da revolução. “Acusá-los-ei de já terem feito tal tentativa [...] Acusá-los-ei de já terem entrado em uma aliança traiçoeira com a Alemanha (e o Japão) e cedido território para esses países.” (Deutscher, 1970, p.340).

Como já afirmamos, não foi somente em vida que Vigotski foi alvo de críticas fundadas num período de repressão. O período dos grandes julgamentos e fuzilamentos retratados foi o contexto em que se intensificaram as críticas balizadas pelo mito de uma “ciência proletária”. Como resultado de uma resolução de 4 de julho de 1936, intitulada “Dos erros pedológicos nos Comissariados de Educação”, as obras de Vigotski foram proibidas até meados da década de 1950, após a morte de Stalin, período em que houve republicações das obras de Vigotski, por iniciativa de Luria e Leontiev.

Os seguidores de Vigotski, em especial Zankov e Konnikova, que haviam formado a chamada “escola pedológica de Leningrado” foram criticados por A.V. Kozirey e P.A. Turko em um artigo publicado em 1936. Criticaram conceitos como o de zona de desenvolvimento próximo ou iminente formulados por Vigotski durante seu período de trabalho em Leningrado no Instituto Pedagógico Herzen. Também julgaram que um prefácio da obra de Vigotski “*Pensamento e Linguagem*”, feito por Kolbanovsky (diretor do Instituto de Psicologia de Moscou), era “positivo demais”, ainda que Kolbanovsky tenha concordado com as críticas alarmistas da qual Vigotski foi alvo. O problema era que o fez de modo a mostrar ressalvas como uma tentativa de defesa a Vigotski. Em 1937, E.I. Rudneva publicou um livreto de 32 páginas onde repetiu a maior parte das críticas apontadas por Kozirey e Turko, acusando Vigotski de ser eclético por combinar idealismo subjetivo com materialismo vulgar, do equívoco sobre a origem do pensamento e da linguagem e também a interpretação de que o conceito de zona de desenvolvimento próximo/ iminente resultaria na noção de que os trabalhadores adultos e camponeses não conseguiriam aprender a ler e escrever. Isto foi visto como uma “injúria” ao Partido que buscava acabar com o analfabetismo: “a injúria

contra os filhos dos trabalhadores é combinada à injúria dos imperialistas contra os povos coloniais para justificar a ocupação de novos territórios em nome do ‘progresso’ e da ‘cultura’” (Rudneva citado por Van der Ver & Valsiner, 2009, p.417).

Este período de terror com grandes expurgos públicos encerrou-se somente em 1939, com um anúncio de Stalin no Congresso do Partido, que já não se reunia havia cinco anos, de que não seria mais necessário recorrer ao método de expurgos em massa. Na Rússia, encerraram-se os expurgos, porém Trotsky foi assassinado em 1940, no México, respingando sangue no manuscrito em que escrevia uma biografia de Stálin (Deutscher, 1970).

## **2.6 A vitória soviética na II Guerra Mundial e os novos rumos para a Psicologia**

Ao mesmo tempo em que se realizavam expurgos em massa na URSS sob o regime de Stalin (estamos falando de milhões de presos políticos destinados ao trabalho forçado e fuzilados), ascendia o poder da Alemanha nazista de Hitler. Um grande confronto mundial antagonizando URSS e Alemanha estava prestes a se consolidar. No maior representante do capitalismo anticomunista, os EUA, a popularidade e preferência da URSS contra a Alemanha crescia, ao final dos anos 1930, ainda que esta estivesse vivendo seu momento de auge de terror (Hobsbawm, 1995). A URSS entrou na II Guerra Mundial (1939-1945), com a invasão nazista em 22 de junho de 1941, iniciando, para a URSS, a *Grande Guerra Pátria*, ou seja, uma guerra que tomou um caráter patriótico, de luta imediata pela sobrevivência, resultando em cerca de 20 milhões de mortes (7 milhões de soldados e 13 milhões de civis) ao longo dos anos 1941 e 1945. Stalin tentou esconder estes números, haja vista que os Aliados EUA, França e Inglaterra não tiveram mais que 1,3 milhões de mortes. Sem dúvida a guerra pesou muito mais para o povo soviético, sem contar os mutilados, feridos e todos os traumas e chagas abertas que são incomensuráveis (Reis Filho, 2003).

As chances de vitória do Exército Vermelho sobre o Alemão eram tão ínfimas que Stalin permaneceu em silêncio até 3 de julho. Fez, então, um apelo desesperadamente otimista ao povo, pedindo que devastassem completamente o território que seria “cedido” ao inimigo, o intuito era “vender espaço a troco de tempo; o espaço vendido ficaria imprestável para o inimigo, que por ele teria de pagar um preço escorchante” (Deutscher, 1970, p.421). O apelo ao povo seguiu com derrotas atrás de

derrotas. Em Stalingrado ocorreu a maior batalha da II Guerra Mundial. Um período de intensa carnificina de guerra sucedeu-se a uma importante vitória soviética em fevereiro de 1943. Uma reviravolta que iniciou um período de investidas do exército soviético, que recuperou suas fronteiras de 1939, chegando à conquista do território Alemão, com a tomada de Berlim em maio de 1945.

Stálin tornou-se um grande líder mundial por derrubar a Alemanha nazista de Hitler. Foi reverenciado internacionalmente com o título de *Generalíssimo*, conferenciando com Roosevelt e Churchill (1943 em Teerã e 1945 em Ialta), determinando os rumos geopolíticos do mundo do imediato pós-guerra (Paulo Netto, 1981). No entanto a grande vitória que veio a tornar a URSS e os EUA as duas grandes potências mundiais não foi conseguida sem uma grande devastação, pois se a guerra devastou cidades em todos os países que nela se envolvera, com a URSS não poderia ser diferente:

[...] 1.710 cidades e cerca de setenta mil aldeias completamente destruídas, equivalentes a quase metade do espaço urbano existente: 1,2 milhões de habitações urbanas e 3,5 milhões de habitações rurais gravemente avariadas ou riscadas do mapa. Perdas totais ou graves avarias em 65 mil quilômetros de trilhos, 15.800 locomotivas, 428 mil vagões, 4.280 barcos diversos. Em certas áreas todo parque fabril fora arrasado (Reis Filho, 2003, p.105).

Durante a guerra milhões de mulheres e adolescentes foram recrutados para o trabalho na indústria. Uma geração inteira pereceu nos campos de batalha. Com as mortes e as ruínas deixadas pela guerra, chegou-se a uma população de 31 milhões de homens e 52 milhões de mulheres, entre muitos mutilados, inválidos e anciões. Com isso, todas as restrições legais ao emprego de mão de obra juvenil foram desprezadas, mulheres idosas empenhavam-se a juntar os entulhos das ruas, mais de 50% do trabalho rural e urbano estava nas mãos das mulheres. Sob uma jornada de trabalho de, no mínimo, 48 horas, “ninguém era livre para escolher ou mudar de emprego: o Estado detinha poder ilimitado quanto à condução da força de trabalho” (Deutscher, 1970, p.525).

Stalin tentou manter viva a lembrança do terror dos expurgos dos anos 1930, impedindo qualquer desafio a sua autoridade, inchando os campos de concentração de

trabalho forçado, duras sentenças e deportações em massa, de nacionalidades inteiras sob as acusações ou suspeita de colaboração com o inimigo. Enquanto os operários estavam completamente emudecidos, os intelectuais da ciência, das artes e literatura foram terrivelmente perseguidos pela figura de Andrei Zhanov, governador de Leningrado e membro do Politburo de Stalin, incumbido por este em 1946 de dirigir a política cultural, como o principal responsável pelas questões ideológicas.

De repente um célebre poeta ucraniano era considerado culpado de exprimir “chauvinismo local”; historiadores autorizados eram castigados por subestimarem a natureza progressista da conquista do Cáucaso e da Ásia Central pelo tzarismo; um escritor satírico popular era acusado de niilismo; filósofos eram acusados de glorificar indevidamente a ascendência hegeliana alemã do marxismo; grandes compositores eram denunciados por seu desprezo arrogante e insensível pela música popular, amada por Stalin; críticos literários eram acusados de transgredir os cânones do realismo socialista; e assim por diante. A *intelligentsia* tinha de andar numa trilha estreita entre os precipícios do nacionalismo e do “cosmopolitismo sem raízes” (Deutscher, 1970).

Zhanov, em 1946, proferiu um discurso “sobre os erros ideológicos dos editores das revistas literárias *Zvezdá* (A estrela) e *Leningrad* (Leningrado)” (Almeida, 2008, p.118).

Stalin era conhecido por defender o lamarckismo<sup>5</sup>, e esta defesa trouxe consequências drásticas ao campo das ciências naturais, especialmente para a genética. Retomaremos este assunto no próximo item para demonstrar suas consequências no campo da ciência e, em especial, na Psicologia. Aqui vale esclarecer que com a imposição de elaboração de uma “ciência proletária” neste período, as ciências naturais

---

<sup>5</sup> Lamarckismo refere-se à teoria da evolução biológica pré-darwiniana, desenvolvida pelo francês Jean-Baptiste de Antonie de Monet (1744-1829), que por seu título de Cavaleiro de Lamarck ficou conhecido como Jean-Baptiste de Lamarck. Sua teoria foi expressa na publicação de 1809 “*Philosophie Zoologique*”. As principais leis da evolução concebidas por Lamarck foram: a **Lei do uso e desuso** (desenvolvimento dos órgãos por seu uso intensivo ou involução por desuso), que era combinada com a **Lei da transmissão dos caracteres adquiridos** (os caracteres adquiridos por intenso uso, no esforço do animal para suprir necessidades vitais, seriam transmitidos à descendência ao longo das gerações). Atualmente sabe-se que as alterações orgânicas que possam vir a ser causadas pelo uso e desuso não são transmitidas hereditariamente. Quem de fato avançou na explicação da teoria da evolução biológica foi o inglês Charles Robert Darwin (1809-1882) com sua tese da **seleção natural**, expressa em sua obra publicada em 1859 “*A origem das espécies*” (Amabis & Martho, 2001).

foram submetidas à rigoroso alinhamento às teorias de Trofim Lysenko, o que ficou conhecido mundialmente como **“O caso Lysenko”**. Nas ciências médicas e na Psicologia houve enquadramento à teoria fisiológica da atividade nervosa superior de Ivan Pavlov. Pavlov, um fisiologista e Lysenko, uma espécie de neo-lamarckista, defensor da herança dos caracteres adquiridos como algo possível e necessário. Isto passaria a justificar a revolução de 1917 como o abalo no ambiente necessário para gerar, no caso dos seres humanos, mudanças que possibilitariam transmitir hereditariamente uma nova forma de vida, a forma do **“novo homem soviético”** (Almeida, 2008).

A repressão logo chegaria também à Psicologia, ainda que esta tivesse ganhado espaço com os avanços científicos no período de guerra. Foi possível uma recuperação em relação ao retrocesso da Psicologia nos anos 1930, quando houve fechamento de várias instituições e campos de atuação. A recuperação que mencionamos se deu com a criação de um Departamento de Psicologia na Universidade de Leningrado em 1944, bem como a criação de seções de cátedras de Psicologia e lógica nos Institutos de Pedagogia. Com a guerra, muitos psicólogos foram convocados a trabalhar com a reabilitação dos feridos, foi este um período marcante no desenvolvimento da neuropsicologia de Luria, que dirigiu um hospital de recuperação na retaguarda, nos Urais do Sul (em Cheliabensk) (Tuleski, 2011).

Cada um de nós sabia ter a obrigação de trabalhar junto com nossos compatriotas, para vencer aquele desafio. Cada um tinha que encontrar seu próprio lugar na luta - fosse na defesa direta do país, fosse na preservação e na expansão da indústria, deslocada para confins remotos do território nacional, ou fosse na restauração da saúde e das capacidades dos feridos. A meu instituto foi conferida esta última tarefa (Luria, 1992, p.143).

Vale destacar que Luria filiou-se ao Partido Comunista neste período, em 1943 (Levitin, 1998), assim como Leontiev veio a se filiar anos depois, em 1948 (Golder, 2004).

Logo após a invasão nazista à URSS, Leontiev alistou-se nas forças armadas, onde passou a desenvolver pesquisas voltadas às demandas da guerra, sobre adaptação da visão humana a alvos fixos e móveis, conseguindo a diminuição do tempo de adaptação da visão de 40 para 5 minutos (Golder, 2004). Nos hospitais de retaguarda

nos Montes Urais (em Ashjabad), juntamente com Zaporozhets, realizaram importantes trabalhos de recuperação de movimentos motores e investigações sobre a atividade psíquica: “uma etapa fundamental no estudo do caráter objetal da atividade psíquica, da importância do movimento na constituição da imagem psíquica, da ação como unidade de análise na Psicologia” (Shuare, 1994, p.146).

Com a retomada de Moscou em 1943 pelo Exército Vermelho, Leontiev retornou para a capital, trabalhou no laboratório de Psicologia infantil do Instituto de Psicologia e no Instituto central de traumatologia e ortopedia do Comissariado do Povo da Saúde Pública de Moscou. Neste período realizou importantes investigações sobre o desenvolvimento psíquico e os problemas do ensino e da educação infantil. Em 1943, S.L. Rubinstein<sup>6</sup> tornou-se membro da Academia de Ciências da URSS, fato que marcou a entrada da Psicologia na “grande academia” (Shuare, 1990).

Durante a Guerra, parte da tese de doutorado de Leontiev, defendida em 1940, foi perdida. Ainda assim, foi possível que Leontiev publicasse em 1947 um trabalho resultado de sua tese “*Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo*”, pelo Instituto Militar onde era professor, de modo simultâneo ao exercício da docência na Universidade de Moscou.

## **2.7 As grandes sessões acadêmicas e a “pavlovinização” da Psicologia soviética**

Nos anos pós II Guerra Mundial, as ciências e as artes foram alvo de controle, censura e perseguições, um pouco diferente dos anos 1930 em que o maior terror estava voltado à eliminação dos políticos e militares que pudessem representar uma oposição a Stalin. Este período pós-guerra foi quando a Psicologia foi atingida de modo mais direto, em especial a partir dos anos 1950.

Já em 1947, com a crítica ao trabalho do renomado psicólogo S.L. Rubinstein, já temos indícios do chamado processo de “pavlovinização” da Psicologia, em que a principal norma era “investigar e explicar o psiquismo por meio da fisiologia da atividade nervosa superior” (Almeida, 2008, p.124). O Instituto de filosofia da Academia de Ciências da URSS e a cátedra de lógica e Psicologia da Academia de Ciências Sociais organizaram um debate “crítico” sobre o livro de Rubinstein

---

<sup>6</sup> Foi um importante psicólogo marxista soviético que se dedicou a problemas filosóficos e metodológicos da Psicologia.

*“Princípios de Psicologia geral”*, publicado em 1940, ainda que este tenha recebido um prêmio estatal de filosofia em 1942 e uma segunda edição em 1946. Este debate teve por conclusão a substituição de Rubinstein de todos os cargos que ocupava. As críticas cercavam as noções de unidade psicofísica, as relações entre a psique e o mundo, as quais deveriam ser tratadas de modo a manter o rechaço dos fatores hereditários, já anunciados com o decreto sobre os erros pedológicos de 1936. Concluíram os críticos que o caminho de abordar a determinação do comportamento do indivíduo pelo meio social (relações sociais de classe) em uma sociedade sem classes seria solucionado por meio da teoria filosófica do caráter reflexo da psique vinculada à teoria filosófica de Pávlov (Shuare, 1990). O direcionamento do processo de “pavlovinização” foi impulsionado pela medicina, que já em seu plano quinquenal de 1946 a 1950 previa especialmente nos temas da atividade nervosa superior e no campo da psiquiatria (patogênias e terapêuticas) o estreitamento com a doutrina de Pávlov<sup>7</sup>.

Em 1948, publicou-se no periódico *“Questões de Filosofia”* [Voprosy Filosofii] *“A crítica a Leontiev: em prol de uma firme adesão ao bolchevismo nas questões psicológicas”*, por M.N. Maslina. A crítica era sobre sua publicação de 1947, intitulada *“Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”*, uma obra publicada pelo Instituto Militar onde era professor na época, ao mesmo tempo em que o era na Universidade de Moscou. Esta obra foi resultado de sua tese de doutoramento defendida em 1940, que teve um tomo inteiro perdido durante a guerra.

A publicação inicia afirmando que a “luta ideológica contra as teorias e influências pseudocientíficas e reacionárias da ordem burguesa que existem na Psicologia ainda não foi desenvolvida de maneira suficiente. Os psicólogos soviéticos ainda não se submeteram a uma enérgica crítica...” (Maslina, 2004). Faz críticas a concepção idealista de que parte a Psicologia burguesa e como ela se revela ao lado da burguesia por propagar o individualismo. Neste documento é afirmado o problema da evolução psíquica como um dos mais importantes na contemporaneidade e ressalta a necessidade do estudo sobre as características psicológicas do homem soviético e suas novas qualidades para contribuir com o governo na tarefa da educação, citando um decreto de 14 de agosto de 1946 que trata desta questão: “educar corretamente a juventude, a responder às suas demandas, a guiar a nova geração a uma confiança sã em

---

<sup>7</sup> O documento sobre o plano quinquenal soviético para a medicina está disponível na língua espanhola no livro de Joseph Wortis “La psiquiatria soviética”, em seu apêndice.

suas atividades, sem temor de fracassos e disposta a vencer todos os obstáculos” (Maslina, 2004, p.136). Afirma que os psicólogos não estavam cumprindo as reformulações necessárias a partir das últimas “resoluções do Comitê Central do Partido Comunista sobre questões ideológicas”, das conferências sobre filosofia, música e da grande sessão Acadêmica Soviética das Ciências Agrícolas, que determinou os rumos da biologia soviética.

De modo geral, o documento traz como proposições para a Psicologia se colocar “a serviço do Partido em sua grande obra de educação comunista” (Maslina, 2004, p.137), a necessidade de superar o estudo do homem universal, considerado abstrato, para o estudo do homem soviético e também propõe um processo de controle e repressão na ciência psicológica:

[...] aplicar com resolução o princípio de adesão e militância bolchevique ao colocar em evidência a base anticientífica, idealista, metafísica da Psicologia burguesa. É necessário recordar que, a partir da utilização deste método, é possível eliminar das obras dos psicólogos soviéticos toda manifestação de objetivismo, de neutralidade política e imparcialidade, assim como todo traço de servilismo e docilidade para com a “ciência psicológica” estrangeira, manifestações que lamentavelmente persistem até o momento atual (Maslina, 2004, p.137).

O objetivo da Psicologia deveria ser “eliminar da consciência do povo soviético todo vestígio de capitalismo” (Maslina, 2004, p.137-138). No entanto, isto era considerado partindo da compreensão de que na prática as bases da estrutura econômica do capital estivessem superadas. Fica evidente o apaziguamento das contradições da situação da economia soviética (tratadas de modo repressivo por Stalin com a coletivização forçada no campo, por exemplo), que desde o início se fundou na contradição entre as aspirações revolucionárias do proletariado, ainda muito incipiente e pequeno, e a grande base campesina e seu “terreno fértil” para o desenvolvimento do capital. Interesse este, que inclusive, foi imediatamente atendido com a distribuição das terras da aristocracia aos camponeses, criando-se novas propriedades privadas no modelo de revolução burguesa (Deutscher, 1967).

Lukács (1963/1967) traz alguns apontamentos das elaborações econômicas de Stalin que podem esclarecer como estas acusações se construam no campo da ciência:

[...] na sua última obra econômica Stalin “descobriu” aquilo que tinha “escapado” a Marx, Engels e Lenin, isto é, que toda formação econômica pode ser sintetizada numa proposição simples. Uma proposição tão simples que até o mais limitado e inculto dos funcionários a compreende logo, ficando, assim, em condições para, utilizando-a, condenar em seus desvios de “direita” ou “de esquerda” qualquer trabalho de ciência econômica, mesmo que não entenda objetivamente nada da matéria. Marx, Engels e Lenin sabiam que as formações econômicas constituem sistemas móveis e complexos, cuja essência só pode ser definida mediante uma consideração exata de todas as suas determinações importantes, das duas interações recíprocas, proporções etc. As “leis fundamentais” de Stalin, por sua vez, enunciam meras banalidades, não esclarecem coisa alguma, porém dão a certos círculos a ilusão de saberem tudo antecipadamente. Nessa direção, da vulgarização de Stálin no seu ensaio sobre Linguística, segundo o qual a decomposição de uma formação econômica determina também a decomposição da sua ideologia (Lukács, 1963/1967, p.37-38).

Mais diretamente sobre as críticas dirigidas a obra de Leontiev, o documento de Maslina (2004) sintetiza sete apontamentos “críticos” da obra de Leontiev:

- 1) A obra está escrita em uma “linguagem pesada e excessivamente obscura” (p.142). Os temas abordados são tratados de forma muito esquemática, em especial o da consciência humana, bem como não é tratada a temática econômica de maneira clara. “Escreve que o operário <<vende seu trabalho>>. Este parecer não é mais que uma reiteração da posição própria da economia política burguesa, desmascarado há muito tempo por Marx” (p.142).
- 2) “O professor Leontiev superestima o papel que desempenha a divisão técnica do trabalho na formação da consciência” (p.138). Não oferece uma sólida explicação sobre a conexão entre a consciência individual e o processo de desenvolvimento histórico, pois não destaca que na unidade entre atividade material e atividade intelectual é a atividade material que é decisiva:

Ao referir-se à unidade formada pela “atividade mental interna” e a atividade material, à unidade integrada pela atividade prática e o reflexo desta consciência do homem que realiza esta atividade, não destaca, ao mesmo tempo, o fato de que nesta unidade, demonstra-se como fundamental e decisiva a atividade material dos homens, sua existência social (p.139).

- 3) Sua teoria obscurece o problema do caráter de classe da consciência dos trabalhadores com suas proposições sobre o “sentido objetivo”, a percepção, a área cortical da palavra e a reintegração da consciência, entre outras.
- 4) Em seu trabalho “recorre-se muito pouco às opiniões cientificamente corretas de Lenin e Stalin sobre a consciência [...] ele sequer se beneficia das observações do camarada Stalin sobre, justamente, a matéria e, estudo, em especial as contidas em sua obra *Anarquismo ou socialismo?*” (p.140).
- 5) Não ocupa lugar central em sua obra o tema do “novo homem soviético”, não consegue tratar satisfatoriamente do “tema primordial em todas as ciências sociais, incluindo a Psicologia” (p.140), mostrando “a verdadeira riqueza espiritual do novo ser soviético e a alta categoria moral desenvolvida nas condições de vida reinantes na comunidade socialista” (p.140).
- 6) Enfoque apolítico e objetivista de sua obra ao não dirigir críticas contra a natureza reacionária da Psicologia burguesa:

[...] o livro está repleto de referências aos “grandes”, “famosos”, “celebrados” homens de ciência burgueses. O professor chama a atenção dos leitores justamente para a obra destes autores e, conseqüentemente, passa ao largo da obra que tem sido realizada em nosso próprio país. Assim, por exemplo, ao explicar em detalhe o “substrato material da mente”, não concede devida atenção aos ensinamentos de I.P. Pavlov, ou seja, justamente a base fisiológica da mente, sem a qual torna-se impossível tratar de maneira científica o problema em questão [...] Em consonância com estas falhas, também não ressalta o significado dos condicionamentos como sustentação científica dos problemas da Psicologia (p.141).

A exposição crítica conclui que “todos estes fatos assinalam com clareza que estamos nos dedicando a analisar uma obra na qual o autor não se apoia nos princípios leninistas do partidarismo” (Maslina, 2004, p.142). Desta forma, aponta que Leontiev “deverá efetuar uma revisão geral de sua obra para poder, assim, eliminar toda a série de considerações insuficientes e erradas vertidas na mesma” (p.142).

Não temos evidências de que foram feitas alterações nesta obra após a publicação desta crítica. Do contrário, sabemos que o texto foi incorporado em sua coletânea de textos no livro “O desenvolvimento do psiquismo”, publicado pela primeira vez em 1959, tendo outras três edições posteriores (1964, 1972 e 1981) em que foram acrescentados novos textos.

Neste mesmo período, consolidou-se um movimento de “ideologização das ciências naturais” com uma grande imposição às pesquisas científico-naturais em geral, fato que teria grandes consequências para os rumos da Psicologia. Löwy (2000) explica o reducionismo pretensamente justificado pelo marxismo que imperou nas imposições da política stalinista na URSS com respeito às ciências naturais:

A ideia de que as ciências naturais existentes teriam um caráter burguês é estranha ao pensamento dos clássicos do marxismo: trata-se de uma inovação teórica do stalinismo que se poderia designar como um **positivismo ao inverso**: enquanto o positivismo quer “neutralizar” as ciências sociais e políticas, o stalinismo pretende “politizar” as ciências da natureza; os dois tem em comum a incompreensão da especificidade das ciências humanas e de sua distinção metodológica com relação às ciências naturais (Löwy, 2000, p.168-169).

Löwy (2000) nos esclarece que a versão mais acabada desta problemática foi o conhecido “**Caso Lysenko**”. O debate se deu em torno da denúncia da teoria genética que se desenvolvia no exterior e iniciou-se em verdade, já no ano de 1936, com acusações de cientistas soviéticos de “sabotadores trotskistas que rastejam de joelho diante das últimas proposições reacionárias dos sábios estrangeiros” (p.169), o que culminou com a prisão de vários cientistas e em 1940 no exílio do geneticista Vavilov.

Naquele período, diante do intenso debate sobre a genética, que era também intenso no Ocidente, como explica Luria (1992), o Instituto Médico-Genético de

Mosocu estava realizando pesquisas genéticas. Estas investigações oportunizaram a Luria e F.Y. Yudovich a realização de pesquisas com gêmeos idênticos de toda a URSS, “com vistas a separar as contribuições da hereditariedade e de ambiente no que toca alguma característica humana em particular” (p.87).

Como explica Löwy (2000), nos anos 1930 Lysenko e seus colaboradores eram minoria na Academia Lenin de Ciências Agrárias. Mas com apoio do Partido e do governo Stalin, o **Caso Lysenko**, que havia se mantido nos limites da URSS nos anos 1930, ganhou importância no período da Guerra Fria<sup>8</sup>. O triunfo de Lysenko se deu a partir da grande Sessão de julho de 1948<sup>9</sup> da Academia Lenin de Ciências Agrárias da URSS, resultando numa imposição ideológica da genética soviética. T.N. Zaslávskaja denunciou a genética como uma “concepção equivocada, antimaterialista, mecanicista, “burguesa”, etc. e se declara que a agrobiologia Michurin-Lysenko é ideologicamente pura e adequada expressão do caráter proletário do regime” (Shuare, 1990, p.157). A luta entre “dois mundos” na Guerra Fria justificava a luta entre “duas biológicas”, uma ideológica burguesa e a outra comunista. Esta diretriz passou a ser adotada pelos Partidos Comunistas no mundo todo. Não se tratava mais de um debate científico, mas de uma “denúncia ideológica”, do “caráter de classe” das ciências biológicas. Somente em 1964 a genética mendeliana seria habilitada novamente na URSS (Löwy, 2000).

Como repercussão da Sessão de 1948 e as imposições colocadas à pesquisa científica, houve outras Sessões Acadêmicas. Em 28 de junho de 1950 houve a Sessão conjunta entre a Academia de Ciências da URSS e a Academia de Ciências Médicas da URSS, reunindo em torno de 1.500 pessoas, de 56 cidades, entre biólogos, médicos, psicólogos, fisiólogos, filósofos, etc. Esta sessão foi dedicada aos problemas da teoria fisiológica do acadêmico I.P. Pavlov.

---

<sup>8</sup> Em meio a Guerra Fria, a URSS conseguiu se reerguer e se tornar a segunda potência mundial no início dos anos 1950, com o avanço a passos largos da indústria pesada (carvão, aço, petróleo, eletricidade). Também entrou na corrida armamentista (produção da bomba A em 1951 e a bomba H em 1953), possuindo, então, um grande potencial de defesa (Paulo Netto, 1981). No entanto, a agricultura soviética dirigida pela “biologia socialista” de T. Lysenko em oposição à “biologia capitalista” trouxe prejuízos desastrosos para agricultura (Reis Filho, 2003).

<sup>9</sup> Importante notar, que 1948, a sessão que consolidou o triunfo do *Caso Lysenko*, foi o mesmo ano da crítica feita à Leontiev sobre sua obra *“Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”*, que busca justamente tratar da evolução da vida animal em oposição à história da humanidade. No próximo capítulo aprofundaremos como se deu este estudo de Leontiev, o que evidenciará que o autor se opôs teoricamente às diretrizes impostas ideologicamente pelo regime stalinista que, do contrário, tentou impor a redução da Psicologia à Fisiologia.

O encontro foi comandado por Kostantin M. Bikov – representante não oficial direto de Stalin (Diretor do Departamento de Fisiologia Geral do Instituto de Medicina Experimental) e pelo Prof. Anatoli G. Ivanov-Smolenski, ambos ex-alunos de Pavlov. A sessão funcionou da seguinte forma: foi aberta por Sergei I. Vavilov (Presidente da AC da URSS), seguido por Ivan P. Razenkov (Vice-Presidente da AC Médicas da URSS), havendo posteriormente as falas de Bikov, Ivanov-Smolenski, assim como por Ezras A. Asratian. Seguido a estas falas (kritika), os acusados dos erros puderam se defender (samokritika), havendo posteriormente uma tréplica dos acusadores, assim como o fechamento da Sessão, com a Resolução Final (Almeida, 2008, p.121).

Nesta sessão houve a denúncia dos teóricos que desenvolviam novos rumos em relação à teoria pavloviana e a fisiologia da atividade nervosa superior. Na Psicologia somente Teplov, Kolbanovski, Rubinstein e Luria foram acusados, sendo que este último não teve sua defesa lida publicamente na conferência, que somente foi publicada no relatório (Almeida, 2008).

Neste evento a obra de Stalin “*O marxismo e a linguística*” foi tratada como modelo de criação científica e a teoria fisiológica de Pávlov foi afirmada como a teoria oficial, reprimindo qualquer linha de pesquisa que tomasse outro rumo. Foi tomada nesta sessão uma série de medidas para efetivar a pavlovinização da ciência:

[...] aplicação de dita teoria à medicina, à pedagogia, à educação física e... à agronomia; a revisão dos planos de estudo de maneira que os programas de fisiologia e todas as disciplinas médicas se ditem sobre a base da teoria de Pavlov; se editem novos manuais de fisiologia e fisiologia patológica com essa mesma orientação, etc. (Shuare, 1990, p.159).

Shuare (1990) compreende que este foi um processo de vulgarização da própria teoria de Pavlov, pois ao colocá-la como a única teoria fisiológica houve uma simplificação da mesma, que passou a ser imposta para “solucionar” os problemas da relação entre cérebro e psique. Indica, ainda, que tanto para a Psicologia como para a

fisiologia, esta afirmativa de Pavlov trouxe muitas limitações, em especial na compreensão da natureza da psique e do caráter ativo do sujeito.

Em 1952 ocorreu uma Sessão voltada à Psicologia, convocada pela Academia de Ciências Pedagógicas da República Socialista Federativa Soviética Russa – RSFSR e o Instituto de Psicologia de Moscou, com participação de representantes de nove Repúblicas Soviéticas. A sessão foi organizada pelo então diretor do Instituto de Psicologia, Anatoli Smirnov, que, em verdade, encontrava-se em uma situação complicada, pois não conseguia admitir uma solução para as mudanças demandadas e impostas à ciência e a Psicologia naquele período (Almeida, 2008; Shuare, 1996).

De todo modo, a teoria da atividade nervosa superior de Pavlov foi considerada a verdadeira e única base científico-natural da Psicologia materialista (Shuare, 1990). Foram deliberadas algumas diretrizes para a Psicologia cumprir com a tarefa central de elaborar a teoria da psique e reestruturar suas concepções sob a base da teoria pavloviana e da filosofia do materialismo histórico e dialético:

- (1) Investigar o papel da consciência do homem à luz dos “geniais trabalhos de Stalin sobre linguística”;
- (2) a formação e o desenvolvimento da atividade cognoscitiva sobre a base da teoria marxista-leninista do reflexo e da teoria pavloviana sobre a atividade analítico-sintética do córtex cerebral;
- (3) estudar o desenvolvimento psíquico da criança, as leis de assimilação e conhecimento e hábitos e suas particularidades evolutivas à luz da teoria pavloviana dos sistemas de sinais e suas interações;
- (4) estudar a formação e o desenvolvimento dos traços psicológicos da personalidade nas condições da educação comunista e a produção socialista;
- (5) investigar as diferenças individuais sobre a base da teoria de Pávlov sobre os tipos de atividade nervosa superior; e
- (6) desmascarar a Psicologia idealista reacionária contemporânea, etc. (Shuare, 1990).

Shuare (1990) esclarece que o grupo Leontiev, Galperin, Zaporozhets e Elkonin insistiram sobre os processos psíquicos complexos dependerem das diferentes condições da atividade. Leontiev entrevistou dizendo:

É necessário examinar a psique como o produto do desenvolvimento dos vínculos que o homem tem com a realidade circundante, de suas ações; é preciso partir de que a atividade do homem é aquilo em que se expressa realmente a unidade do homem e seu meio, ou seja, as condições nas quais vive [...] As leis pelas quais se formam e educam os processos psíquicos, pelas quais se constituem ou atualizam em seu cérebro uma ou outra imagem são as leis do trabalho do cérebro, as leis fisiológicas da atividade nervosa superior. Entretanto, o sistema destes processos que refletem o mundo objetivo serve à realização das múltiplas relações do homem com a realidade que o circunda... Aqui atuam outras leis, leis internas da vida psíquica do homem, da formação de sua consciência, dos traços psicológicos de sua personalidade (Leontiev citado por Shuare, 1990, p.163).

Visualizamos assim, com esta sessão de 1952 uma trama em que se tenta reduzir a Psicologia à fisiologia pavloviana e um grupo de psicólogos que tenta reivindicar que as leis psicológicas possuem lógica própria e distinta das fisiológicas, ainda que ambas atuem no homem. Leontiev, tal como mostramos anteriormente, havia recebido críticas ao final da década de 1940, que vinham de encontro com estas diretrizes apontadas na sessão de 1952. Ainda assim, não se furtou de tentar mostrar nesta intervenção o caráter a que veio sua teoria da atividade, em que a ação é a característica essencial da atividade especificamente humana. A ação orientada a um fim, para Leontiev, é o que caracteriza a atividade social, a atividade especificamente humana, do ponto de vista da Psicologia. Em um texto de 1940 sobre “*A gênese da atividade*”, Leontiev já havia definido o que chamou de ação:

Como nós definimos o que é a ação? Ação, que encontramos verdadeiramente pela primeira vez no homem, é um processo direcionado a uma meta consciente. O traço especial deste processo é que a meta consciente, a qual o processo é direcionado, pode não ser a mesma coisa, e não é a mesma coisa que satisfaz a necessidade que motivou a ação (Leontiev, 1940/2005, p.62).

Sabemos que, ainda que tenha havido estas intervenções do grupo mencionado, Rubinstein, que foi um importante representante acadêmico da Psicologia soviética,

acabou tendo que se retratar das críticas que havia recebido, já anos antes da sessão de 1952. Afirmou, inclusive, que a atividade psíquica superior é a atividade nervosa superior, ainda que isso não devesse implicar na redução da Psicologia a fisiologia, o que Shuare (1990) aponta ser uma justificativa nada convincente, em especial por se tratar de uma declaração de um grande teórico como Rubinstein. Tudo indica que houve uma pressão sobre os cientistas que se torna de difícil apreensão por parte dos autores contemporâneos, principalmente quando não há a recuperação das múltiplas relações que compõem o cenário histórico daquele período. Entendemos que apenas a partir desta contextualização é possível avançar para além de “elocubrações superficiais” sobre as decisões tomadas pelos teóricos da época, que realizavam embates teóricos e políticos que punham em risco suas vidas e de suas famílias.

De toda forma, a sessão determinou medidas para garantir que suas diretrizes fossem seguidas no campo da Psicologia. Foi criado um conselho científico de Psicologia ante o Presidium da Academia de Ciências Pedagógicas para coordenar os trabalhos de Psicologia nos institutos e cátedras de Psicologia, bem como este mesmo Presidium passou a convocar reuniões periódicas de psicólogos para discutir os problemas teóricos importantes e os informes dos trabalhos realizados (Shuare, 1990).

Em 1951, Leontiev (1951/1957) publicou um trabalho com T.V. Rozonava intitulado “A formação de conexões associativas: um estudo experimental” no periódico *Sovietskaia Pedagogika*, no qual se identifica as consequências do direcionamento pavloviano da Psicologia. Os autores iniciam o texto com definições de Pavlov sobre o termo associação, no entanto o método exposto no trabalho e as conclusões não se conectam com a teoria dos reflexos condicionados, pelo contrário, revela-se muito próxima ao modelo de experimentos de Vigotski com esquizofrênicos, evidenciando uma maquiagem do texto para que fosse aceito pela censura da época (Almeida, 2008).

Tuleski (2011) explica, baseando-se na auto-biografia de Luria (1992) , que também foi utilizado por Luria este expediente de recorrer a um espécie “dupla linguagem” em seus textos para driblar a censura stalinista diante da imposição da fisiologia pavloviana, revisando posteriormente, nos anos 1960 e 1970 o jargão pavloviano de muitos de seus textos.

## 2.8 A morte de Stalin, novos rumos...

Em 5 de março de 1953, Stalin faleceu, fato que teve como reação choros desesperados no mundo todo e principalmente na URSS, mesmo com todas as contradições e sofrimentos vividos por este povo sob o governo stalinista. Com a morte de Stalin a direção do Partido ficou inerte, no entanto, travou-se uma luta acirrada entre dois grupos políticos minoritários, em que um defendia uma manutenção da política stalinista, com a liderança de Beria e o outro grupo defendia mudanças, sob a liderança de Krushev. Graças à inércia da inativa direção que se delineou após a morte do líder, Krushev conseguiu assumir a Secretaria Geral do Partido. Beria foi fuzilado já em junho de 1953 (ao que se sabe esta foi a última execução da URSS) e algumas mudanças passaram a ocorrer. Entre 1953 e 1956 cerca de 750 mil burocratas foram demitidos, libertaram os presos políticos e os campos de trabalhos forçados – os GULAGS<sup>10</sup> – que foram definitivamente fechados em janeiro de 1960. Este período ficou conhecido como a “desestalinização” ou “degelo” (Paulo Netto, 1981).

Neste período, Rubinstein pôde ser reabilitado, voltando a trabalhar, pois havia sido tirado de cena com a crítica que recebeu em 1947 e nas grandes sessões acadêmicas dos anos 1950. A partir de 1954, os psicólogos retornaram a realizar viagens para eventos internacionais, começando pelo Congresso Internacional de Psicologia em Montreal. Também foi criado um periódico específico para a Psicologia, o *Voprossy Psikhologii* ou “*Questões de Psicologia*” a partir de 1955 (Almeida, 2008).

No XX Congresso do Partido, em 24 de fevereiro de 1956, Krushev leu seu *relatório secreto* em que denunciava formalmente a autocracia stalinista, denúncia que foi reafirmada cinco anos depois, no XXII Congresso. Este fato demarcou o impedimento de qualquer retrocesso do processo de degelo. Ainda que este represente um período de mudanças, vale destacar que o combate à autocracia stalinista não foi feito de forma exatamente democrática, mas “de cima para baixo, com a massa da população na condição de espectadora” (Paulo Netto, 1981, p.46).

Neste contexto de reformas, a Psicologia pode liberar-se do controle e da censura que pairavam até então. O vocabulário pavloviano ainda era presente nos textos, mas isso não foi empecilho para que se avançasse na ampliação de temas de pesquisa e

---

<sup>10</sup> A tradução brasileira para a sigla conhecida como GULAG é “Administração Geral dos Campos de Trabalho Correcional e Colônias” e refere-se aos campos de trabalho forçado para criminosos e presos políticos.

formas de trabalhar. Publicaram-se obras de relevância significativa, passou a consolidar-se um status internacional para a Psicologia Soviética (Almeida, 2008).

Houve uma “reabilitação” das obras Vigotski que, com esforços de Luria e Leontiev, passaram novamente a serem publicadas, começando em 1956 pela publicação das Obras Escolhidas de Vigotski em seis tomos, com um volume prefaciado por Luria e Leontiev. Em 1965, foi publicado o inédito texto de Vigotski, “*Psicologia da Arte*”, prefaciado por Leontiev. Este livro é resultado de trabalhos de Vigotski dentre os anos de 1915 a 1922. Na introdução escrita por Leontiev, ele explica o valor e atualidade da obra de Vigotski, fazendo a ressalva de que assim como todo trabalho científico, aquele também não expressava uma verdade eterna e inabalável. Aponta que alguns postulados precisariam ser interpretados a partir da perspectiva dos atuais postulados psicológicos da atividade e da consciência humana. É ressaltado que quando Vigotski escreveu esta obra, o fez utilizando-se de vocabulários não próprios, pois sua teoria sócio-histórica do psiquismo ainda não havia sido desenvolvida naquele momento. Comenta que por este motivo abundam no texto de Vigotski citações de autores cujas concepções gerais são distintas de Vigotski.

Almeida (2008) comenta que neste período houve publicações de textos da Psicologia soviética em inglês e espanhol

[...] representando distintos momentos e trajetórias da Psicologia soviética, desde seus momentos mais atrelados à produção de Pavlov até os momentos mais claramente originais no início da década de 1960. Publicaram-se também diversos livros autorais, como os elaborados por Luria, Alexander Sokolov, Zeigarnik, Uznadze e Smirnov. Estes diversos livros foram editados como resultado das tentativas estabelecidas entre as comunidades científicas dos Estados Unidos e da URSS para minimizar ou dar outros parâmetros às relações estabelecidas entre os países durante a Guerra Fria (Almeida, 2008, p.135).

Em 1959, Leontiev publicou sua coletânea de textos em livro intitulado “*O desenvolvimento do psiquismo*”, que incorpora assuntos de sua tese de doutoramento com o texto “*Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo*”, entre outros textos produzidos em meados da década de 1940.

Tuleski (2011) conta que no período da década de 1960 e 1970, Luria passou a publicar e organizar coletâneas em que revisava o jargão pavloviano de que havia se utilizado no período imediatamente anterior, em que a censura e a imposição da “pavlovinização” era ainda muito forte e presente. Também explica que o autor tinha uma prática de publicar, por vezes, dois textos de mesmo conteúdo, porém, um com linguagem pavloviana e outra vigotskiana para driblar a censura. Também complementa que houve muitos textos em que não houve tempo hábil para realizar tal revisão e permaneceram, assim, com a linguagem pavloviana.

Em 1962, houve uma sessão de Psicologia organizada pelo Instituto de Filosofia da Academia de Ciências Pedagógicas, pela Academia de Ciências Pedagógicas e pelo Ministério da Educação Superior e Média da URSS, para debater sobre “os problemas filosóficos da fisiologia da atividade nervosa superior e a Psicologia” (Shuare, 1996, p.166). Nesta sessão foram admitidas as imposições e deformações criadas com a ordem stalinista e uma atitude incorreta com relação à Psicologia, cuja sua especificidade científica foi negada com as decisões das sessões da década de 1950. No entanto, as bases científico-naturais pavlovianas determinadas naquelas sessões permaneceram aqui como uma decisão acertada. Desta sessão participaram cerca de mil pesquisadores e foram lidos diversos informes por estes (Shuare, 1996).

Leontiev e Pánov leram o informe “*A Psicologia humana e o progresso técnico*”, em que afirmaram que a imagem do objeto é o produto específico da atividade humana perceptiva. Esclareceram que este processo não poderia ser reduzido ao estabelecimento de reflexos condicionados e os princípios de sinalização de Pavlov.

Os autores enfatizaram a importância das novas concepções de fisiologia (Anojin e Bernstein) e a significação da teoria histórico-cultural de Vigotski para a Psicologia. Por outro lado, o informe contém uma breve descrição dos conceitos básicos da teoria da atividade e dos resultados alcançados por uma série de investigadores (Galperin, Talízina, Elkonin, Davidov) no estudo do problema dos processos de interiorização e exteriorização que confirmam o caráter em princípio comum da estrutura da atividade externa e interna (Shuare, 1996, p.169).

Shuare (1996) destaca que com este informe os pesquisadores colocaram novas tarefas para a fisiologia. Diferentemente de antes, quando a Psicologia deveria adequar-

se a fisiologia, agora a fisiologia precisaria investigar os processos funcionais específicos do cérebro humano que permitiam a realização dos processos psicológicos superiores, por meio da interação entre o homem e a realidade, na qual ocorre a apropriação das aptidões humanas desenvolvidas pelas gerações anteriores. No entanto, foram duramente criticados nesta sessão os enfoques fisiológicos não pavlovianos, como o caso de Bernstein. Agora já era possível um processo de debate científico, mas a luta contra o enfoque naturalista e biologizante que se instaurou na ciência soviética tinha apenas começado, ainda não estava ganha.

O ano de 1966 foi um marco importante para a história da Psicologia, pois foi quando foi fundada a faculdade de Psicologia da Universidade de Moscou. A abertura das primeiras turmas das faculdades de Psicologia demarcou o momento da transformação da Psicologia como uma ciência autônoma. Shuare (1996) e Almeida (2008) apontam um crescimento de diversidade de temas de pesquisa e também uma ofensiva dos seguidores de Vigotski, que se destacam em sua produção neste período.

A coletânea de Leontiev “*O desenvolvimento do psiquismo*” ganhou mais duas edições nestas décadas, uma em 1964 e outra em 1972. Em 1974, Leontiev assinou o prefácio de uma de suas últimas obras “*Atividade, consciência e personalidade*”, publicada pela primeira vez em 1975, com uma segunda edição em 1977, e considerada uma síntese de suas ideias científicas no último período. Em 1978, Leontiev recebeu por esta obra o Premio Lomosov (nome do criador da Universidade de Moscou), uma premiação das mais relevantes no mundo acadêmico (Golder, 2004). Em 1979 escreveu sua última obra “*A imagem do mundo*”.

## **2.9 Considerações finais para o início de uma longa caminhada pesando a continuidade...**

Vimos no capítulo anterior a leitura que fazem intérpretes de Vigotski sobre a relação deste com Leontiev, como se posicionam e argumentam sobre a afirmação categórica de alguns sobre o suposto rompimento entre Vigotski e Leontiev. Com o conteúdo até aqui apresentado, verificamos que a ideia de que Leontiev teria liderado uma ruptura teórica em Kharkov não é precisa, pois pudemos avaliar a complexidade dos conflitos que o grupo passou ao final dos anos 1920 e início dos anos 1930, o que mostra-nos como tendenciosa a afirmação de uma ruptura liderada por Leontiev. Os

defensores da ruptura, que apresentamos no primeiro capítulo, não entendem como ruptura o caminho de pesquisa próprio de Leontiev, mas a ideia de completa dissociação deste com relação às ideias de Vigotski e até mesmo uma traição. Tentam associar o nome de Leontiev a um caução ideológico, acusando-o de stalinista, induzindo a uma visão de purificação somente daqueles que morreram a tempo de não se infectar com o regime stalinista. Assim, tentam preservar o nome de Vigotski, mas muitas vezes distanciando-o das suas preocupações metodológicas e das possibilidades de enfrentamento à crise da Psicologia na nascente sociedade socialista.

As tentativas de distanciamento entre a teoria de Vigotski e Leontiev são compreendidas por Duarte (2000) como um dos procedimentos de “descaracterização do pensamento de Vigotski, de forma a torná-lo mais facilmente assimilável ao universo ideológico do capitalismo contemporâneo” (p.161). Para estes autores que defendem a ruptura:

Trata-se de apresentar o trabalho de Vigotski como odisséia de um pesquisador abandonado até mesmo pelos colaboradores próximos, mas que, apesar de viver no próprio centro do mundo socialista, manteve laços com a comunidade científica internacional e acabou por dela receber o justo reconhecimento (Duarte, 2001, p.163).

Esta compreensão de Duarte (2000) nos parece interessante se avaliarmos a forma obscura e até mesmo pejorativa com que acusam Leontiev de manter-se fiel ao regime stalinista com suas ideias desenvolvidas em sentido distinto de Vigotski. Apresentando, assim, nas palavras de Duarte (2001) “um reducionismo grotesco das diferenças entre os trabalhos de Leontiev e Vigotski” (p.163). Reduzem o debate atacando Leontiev como tendo se mantido fiel à ideologia oficial, utilizando o termo pejorativo de que para os “guardiões ideológicos” o trabalho (compreendido apenas como atividade física) tem precedência sobre a fala. Duarte (2001) aponta sobre o esvaziamento da categoria trabalho por parte desses intérpretes de Vigotski, ao reduzi-la à atividade física. Reduzem-na acusando Leontiev de uma superficialidade que, em verdade, é administrada e invocada pelos próprios críticos e não por Leontiev.

Evidentemente que nos conflitos postos ao final dos anos 1920 e início dos anos 1930 perpassam as imposições ideológicas do regime, como explicamos, com as críticas alarmistas sofridas por Vigotski e Luria e muitos outros. No entanto, vale retomar aqui

que Leontiev também foi criticado no período em que a Psicologia mais sofreu com as imposições sobre a ciência no período stalinista, nos anos do pós II Guerra Mundial, quando da pavlovinização da Psicologia e sua redução à fisiologia. Leontiev foi criticado em 1948 por seu trabalho *“Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”* e, curiosamente, os defensores da ruptura destacam a coletânea que leva justamente esta obra como a responsável por Leontiev tornar-se uma “doutrina oficial” na Psicologia soviética e o “intérprete oficial” de Vigotski a partir da década de 1950 e 1960. Kozulin (2002) afirma ainda que a justificativa dessa afirmação é que Leontiev recebeu em 1963 o Prêmio Lenin com este livro. Não encontramos nas biografias de Golder e do filho e neto de Leontiev informação sobre esta premiação. De toda forma, compreendemos este argumento como obtuso. Pois vimos (item 2.7) que Leontiev, juntamente com outros, defendeu a Psicologia dos reducionismos fisiológicos na Sessão de 1952. O fez com a intervenção sobre as especificidades das leis psicológicas em relação com as fisiológicas, pautando a ação como unidade de análise do vínculo do homem com a realidade e apontando a necessidade da fisiologia desenvolver investigações a partir do conhecimento psicológico sobre as funções psicológicas. Este apontamento colocou uma inversão ousada da relação entre a fisiologia e a Psicologia, visto que a Psicologia até então era pressionada para que suas pesquisas sempre fossem subordinadas à fisiologia e jamais o contrário. Este é um dos exemplos que demonstra a insuficiência do argumento de que Leontiev simplesmente corroborou com a política da ciência stalinista. Duarte (1996) conjectura que talvez Leontiev seja incomodo “pela clareza com que explicita os fundamentos filosóficos marxistas de suas reflexões psicológicas” (Duarte, 1996, p.24) o que faz alguns intérpretes ocidentais apelarem para

[...] o recurso da distribuição dos autores por “áreas”. Nessa distribuição a obra de Leontiev tem sido estudada mais por aqueles que trabalham na área de Psicologia Social e Luria pelos neurolinguistas. Nada mais estranho ao pensamento dessa escola. Em primeiro lugar porque o pensamento de Leontiev não é mais “social” do que o de Vigotski. Em segundo lugar, o pensamento de Leontiev não é menos voltado para as questões educacionais do que o de Vigotski. Também Luria, apesar de ter desenvolvido um enorme trabalho no campo da neuro-psico-linguística, não pode ser isolado nessa área (Duarte, 1996, p.24).

Em favor da continuidade entre Vigotski e Leontiev, Duarte (1996) argumenta que os membros da Escola de Vigotski não consideram a teoria da atividade como uma segunda teoria,

[...] mas sim como uma etapa do pensamento de uma mesma escola. Davydov & Zinchenko, (1994), dizem: ...a Escola de Vygotsky não é mencionada, com muita frequência, como uma escola histórico-cultural; referências mais frequentes são feitas à teoria psicológica da atividade, desenvolvida por essa escola. Em certo sentido, é assim que deve ser, já que, por muitos anos, os representantes dessa escola trabalharam principalmente sobre o problema da ação e da atividade (por exemplo, os problemas da estrutura da atividade, da estrutura das ações perceptivas, mnemônicas e intelectuais, etc.), o que indubitavelmente representou uma grande conquista por parte dos representantes da Escola de Vigotski. Portanto, a teoria psicológica da atividade é um novo e legítimo estágio no desenvolvimento da teoria histórico-cultural. [grifos do autor] (p.165) (Duarte, 1996, p.24).

Também é importante salientar que os autores que defendem a ruptura invocam uma dicotomia entre instrumento e signo, entre interno e externo e entre linguagem e trabalho, para distanciar Vigotski e Leontiev. Duarte (1996) esclarece que a tentativa de afastamento de Vigotski e Leontiev pelo caminho do tema da linguagem, é **resultante da ênfase numa leitura semiótica da obra de Vigotski.**

O reducionismo operado por Van Der Veer e Valsiner não se refere apenas à teoria de Leontiev, mas também de Vigotski. Só que, enquanto objetivo de reduzir a teoria de Leontiev a uma teoria da primazia da atividade material é o de associá-lo a uma ridícula caricatura do marxismo, o **objetivo de reduzir a teoria de Vigotski a uma ênfase nos signos é o de aproximá-lo das concepções pós-estruturalistas, que tudo reduzem ao embate de discursos** (Duarte, 2001, p.164, grifos nossos).

Compreendemos como estéril esta dicotomia entre instrumento de trabalho e signo como mediação da linguagem para distanciar os trabalhos de Vigotski e Leontiev, colocando no primeiro a ênfase na linguagem e no segundo a ênfase na atividade como

se linguagem e atividade fossem processos completamente independentes. Veremos com a análise conceitual da obra de Leontiev no próximo capítulo que a atividade e a consciência estão inter-relacionados, como polos contrários de um mesmo processo, o processo da vida humana essencialmente social. Leontiev resgata a categoria atividade como uma defesa da leitura materialista histórica da natureza social do psiquismo. Remonta as origens do psiquismo propriamente humano, a consciência, na atividade prática sensível que medeia a relação entre o homem e a natureza, tornando indissociável a compreensão da consciência fora desta.

Com as contribuições trazidas neste capítulo conseguimos um primeiro passo para balançar os argumentos sobre a ruptura entre Vigotski e Leontiev. Com o processo de análise da obra de Leontiev à luz do contexto histórico que a engendrou, pretendemos causar um **desequilíbrio que pese em nome da continuidade** entre Vigotski e Leontiev do ponto de vista das contribuições para o avanço da Psicologia como ciência, capaz de compreender o homem como um ser social e histórico. Ainda que não façamos uma comparação entre a obra de Vigotski e Leontiev como um todo, pois não faremos uma comparação de conceitos e estudos entre eles, daremos um passo primário deste trajeto, focando-se na autenticidade da obra de Leontiev, fundamentada em problemas metodológicos gerais que situam e caracterizam sua obra em relação a Vigotski.

No próximo capítulo faremos uma análise conceitual da obra de Leontiev, realizando uma exposição de sua trajetória textual pautando-se nos problemas que o autor colocou para si diante da histórica crise da Psicologia (já diagnosticada e discutida por Vigotski) e seus desdobramentos no período em que viveu. Queremos mostrar com isso que as imposições à ciência no stalinismo, que estremecem os marxistas até a atualidade, não podem deslegitimar o trabalho de Leontiev, este verdadeiro materialista que tem como vertebral em sua obra a compreensão da natureza social do psiquismo humano.

### 3. O ser em atividade na obra de Leontiev e a natureza social do psiquismo

A leitura da obra de Leontiev está bastante imbricada com as leituras que fazem estudiosos e propagadores da obra de Vigotski. Como expusemos no primeiro capítulo e retomamos ao final do segundo capítulo, tentam cindir estes autores acusando Leontiev de liderar uma ruptura, como um traidor stalinista, de modo a isolar Vigotski de suas preocupações metodológicas para o enfrentamento da crise da Psicologia como ciência na nascente sociedade socialista. Com o estudo do capítulo anterior, evidenciou-se como no regime stalinista houve uma imposição ditatorial às pesquisas científicas, transformando o debate científico em um campo de batalha ideológica que mais parecia uma caça às bruxas, pelo caráter de perseguição política que imperava. Vimos que com o período da Guerra Fria consolidou-se o que Löwy (2000) chama de um “positivismo inverso” (p.168) que, no embate com a biologia genética mendeliana reascendida pelo estadunidense Thomas Hunt Morgan e posteriores avanços, se impôs uma biologia genética soviética que justificou, com a teoria Michurin-Lysenko, o mote stalinista do “novo homem soviético”. Assim, na base de toda e qualquer pesquisa científico-natural soviética, colocou-se a oposição de uma “biologia burguesa capitalista” contra uma suposta “biologia comunista”. O que em última análise foi a maneira stalinista de ignorar a “especificidade das ciências humanas e suas distinções metodológicas com relação às ciências naturais” (Löwy, 2000, p.169).

Veremos neste capítulo que a peleja diante das confusões sobre a relação entre o ser social e o ser em geral, que na Psicologia impedem a compreensão da especificidade do ser humano em relação aos demais seres vivos, esteve no centro da obra de Leontiev. Queremos demonstrar que as leituras que cindem Vigotski e Leontiev deslegitimando o trabalho deste autor em nome das imposições stalinistas à ciência na União Soviética. No entanto, compreendemos que estas acusações não correspondem com a trajetória teórica do próprio Leontiev.

Queremos aventar a **categoria atividade** na obra de Leontiev como método para compreensão da natureza social do psiquismo humano. Ainda que não consigamos com este trabalho tratar de forma satisfatória todas as categorias que sustentam sua obra, queremos demonstrar especialmente como a categoria atividade é vertebral em sua obra para evidenciar a especificidade do ser humano em relação aos animais, demarcando o papel ativo da consciência na atividade especificamente humana, o trabalho.

Para execução desta tarefa nos encontramos diante do desafio ainda atual do acesso às obras de Leontiev. Sabemos que a ciência soviética foi mantida isolada do mundo ocidental “sob o manto ideológico de décadas de guerra fria” (Tuleski, 2008, p.22). No entanto, a realidade atual é curiosamente contraditória se pensarmos que os propagadores da obra de Vigotski são pesquisadores ligados às Universidades estadunidenses. Os motivos pelos quais a obra de Vigotski foi tão divulgada, mas ao mesmo tempo tão vulgarizada foram demonstrados e debatidos por Duarte (2001) e Tuleski (2008). Aqui nos cabe sublinhar que em relação à Leontiev não podemos avaliar da mesma forma a amplitude e o caráter de sua divulgação. Especialmente no Brasil, onde na atualidade não se encontra nas livrarias nenhum exemplar sequer do único livro de Leontiev publicado em português, “*O desenvolvimento do psiquismo*”.

Pela dificuldade do acesso aos textos de Leontiev queremos primeiramente destacar tudo que conseguimos acessar no período do mestrado (de março de 2011 a fevereiro de 2013) em contraposição a uma infinidade de textos, que descobrimos a existência apenas de seus títulos por meio de um índice bibliográfico em suas “*Obras escolhidas*” em russo<sup>1</sup>.

Faremos um breve panorama sobre os textos que tivemos acesso para construção deste trabalho para situar o leitor, começando pelos textos mais tardios e finalizando com o único livro do autor publicado em português no Brasil “*O desenvolvimento do psiquismo*”. Sobre esta última obra, centraremos especial atenção, uma vez que se trata de uma coletânea de textos escritos em diferentes décadas, informação que é ainda frequentemente ignorada ou desconhecida e que acreditamos que deveria ser objeto na análise de sua obra como um todo.

A obra considerada mais tardia de Leontiev é o manuscrito “*A imagem do mundo*”, trabalho que foi publicado pela primeira vez sob o título “*Psicologia da imagem*” em 1979, pela Universidade Estadual de Moscou Lomonosov. Golder (2004, p.39) explica que “tratava-se de uma elaboração dos apontamentos preparados pelo

---

<sup>1</sup> A lista do que tivemos acesso durante o período do mestrado (de março de 2011 a fevereiro de 2013) está presente em nosso **Anexo 2**. No **Anexo 3**, com a revisão de tradução do russo pelo estudioso de Vigotski Achilles Delari Jr., colocamos a disposição um índice bibliográfico de Leontiev feito por seu filho A.A. Leontiev e publicado no primeiro tomo de suas *Obras escolhidas* em russo. Neste índice bibliográfico estão enumerados mais de 200 textos, entre folhetos, artigos e livros publicados em vida, entre os anos de 1926 a 1978. Também com a colaboração de Achilles Delari Jr., colocamos a disposição no **Anexo 4** a tradução do índice ou sumário dos dois tomos das “*Obras escolhidas*” de Leontiev. Constatamos que nesta coletânea está presente uma parte significativa de textos que estão traduzidos para o português ou espanhol.

autor para uma conferência realizada no dia 12 de novembro de 1975 na reunião ampliada da cadeira de psicologia geral da Faculdade de Psicologia da Universidade de Moscou”. Golder (2004) comenta ainda que este trabalho era um esboço para um livro que o autor queria escrever no final da década de 1970, projeto este que não foi concretizado.

A obra “*Atividade, consciência e personalidade*” teve seu prefácio assinado em 1974 e foi publicada pela primeira vez na Rússia em 1975. No prefácio, o autor explica que, em verdade, a obra foi preparada por um longo período e que ainda assim a considera como inacabada.

Ainda não há nenhuma edição brasileira deste livro. Tampouco tivemos acesso a uma edição em língua portuguesa e acreditamos que possa mesmo não existir nenhuma disponível. Utilizamos três edições em língua espanhola, uma mexicana (1975/1984) pela *Editorial Cartago*, outra Cubana (1983) pela *Pueblo y Educación* e a argentina (1978) de *Ediciones Ciencias del Hombre*, sendo que esta última é a edição frequentemente utilizada nos trabalhos acadêmicos brasileiros, embora não tenhamos encontrado nenhuma diferença relevante de conteúdo entre as traduções.

Tivemos acesso a publicações de Leontiev em inglês em artigos presentes em três números do volume 43 do periódico “*The journal of Russian and East European psychology*”. Nos números 3 e 4, encontram-se textos da década de 1930 e 1940 e o número 5 encontram-se textos da década de 1970 referentes a aulas de Leontiev lecionadas na Faculdade de Psicologia da Universidade de Moscou. Além destes textos em inglês, contamos com alguns artigos (um de 1948 e outro de 1956) presentes na coletânea em língua espanhola “*Psicología*”, com textos de vários autores da Psicologia Soviética.

A obra “*O desenvolvimento do Psiquismo*” é uma coletânea de textos que contém publicações de maior parte das décadas de produção de Leontiev, a partir dos anos 1930. Foi publicada na União Soviética (URSS) pela primeira vez em 1959, sendo reeditada em 1964, 1972 e 1981. Há acréscimo de textos ao longo das edições, o que é possível verificar inclusive pela diferença no número de páginas da 1ª edição para a 2ª que vai de 496 para 574 páginas. A 2ª edição (1964) incorpora textos da década de 1960 “*O biológico e o social no psiquismo humano*” e “*O homem e a cultura*” e à 4ª edição (1981) foi acrescentado o texto “*Atividade e Consciência*”.

“*O desenvolvimento do psiquismo*” é o único livro de A.N. Leontiev publicado no Brasil até o momento<sup>2</sup>. Houve uma primeira edição brasileira da obra pela *Editora Moraes* e a segunda edição pela *Editora Centauro*, que é de 2004, atualmente encontra-se esgotada. Também há uma tradução de Portugal de 1978 da *Editora Horizonte Universitário* amplamente utilizada, por se tratar de uma melhor tradução<sup>3</sup> porém, igualmente esgotada. As duas traduções em língua portuguesa foram traduzidas do francês “*Le développement du psychisme*” pela edição de 1972, sendo a tradução brasileira (Centauro) de Hellen Roballo e a tradução portuguesa (Horizonte Universitário) de Manuel Dias Duarte.

A obra é composta por uma coletânea de textos selecionados pelo próprio autor. Vale dizer que há três textos desta coletânea que não se encontram disponíveis nas traduções para o português, a saber, “*O problema da origem da sensibilidade*” (*Kvoprosu o genezise čuvstvitel'nosti*) e “*O desenvolvimento da memória*” (*Razvitie pamâti*)<sup>4</sup>, além do texto acrescentado a posterior edição de 1981 “*Atividade e Consciência*”. Porém, estes textos encontram-se disponíveis na tradução em língua inglesa “*The development of mind*” traduzida por Maria Kopylova direto da edição russa de 1981, sendo os textos intitulados “*The problem of the origin of sensation*”, “*The development of higher forms of memory*” e “*Activity and Consciousness*”.

Acredita-se que o primeiro texto “*O problema da origem da sensibilidade*” foi produzido entre 1933 e 1936, no período em que Leontiev consolidou seu grupo de pesquisa na cidade de Kharkov (Almeida, 2007). No entanto, no índice bibliográfico presente nas “*Obras Escolhidas*” de Leontiev em russo este texto está dado como publicação de 1945. O segundo texto “*O desenvolvimento das formas superiores de memória*” é de 1931 e foi resultado do trabalho coletivo em Moscou, fundamentalmente

---

<sup>2</sup> Há alguns textos do autor dissolvidos em coletâneas que tivemos acesso em português, presentes em maior quantidade no espanhol e inglês. Vale destacar que há uma obra traduzida para o português intitulada “*Linguagem e Razão Humana*” da editora portuguesa Presença que é comumente confundida como uma obra de A.N. Leontiev, mas em verdade trata-se de uma obra de autoria do filho do autor que se chama A.A. Leontiev

<sup>3</sup> As edições brasileiras foram cotejadas com a edição portuguesa e foi identificada uma série de problemas nas edições brasileiras, pois há omissões e troca de palavras que prejudicam o sentido da frase, bem como omissões de parágrafos inteiros ao longo dos textos.

<sup>4</sup> As traduções do russo foram realizadas por Achilles Delari Jr., estudioso da obra de Vigotski que se dedicou a estudar a leitura em russo e vem sendo parceiro de nossos trabalhos na busca por traduções e precisões dos termos em russo.

com Vigotski e Luria, sendo que foi prefaciado por Vigotski em uma edição de 1932 (como já explicado no capítulo 2, item 2.3).

Há na tradução inglesa o texto *“The psychological principles of preschool play”*, que em português está disponível apenas em uma coletânea da Editora Ícone, intitulada *“Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem”*, sendo o referido texto de Leontiev de 1944 e intitulado em português como *“Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar”*. Na edição portuguesa consta, porém, um texto que não se encontra disponível na versão em inglês, intitulado *“O homem e a cultura”* de 1961. Vale dizer que há duas traduções brasileiras para o texto *“O desenvolvimento do psiquismo na criança”* de 1944, além da edição da Centauro, há também uma tradução da editora Ícone com o título *“Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil”*, presente na mesma coletânea referida anteriormente.

A obra *“Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”* é resultado de sua tese de doutoramento defendida no Instituto Herzen de Leningrado em 1947, tese que foi resultado de críticas naquele período (como já exposto no capítulo 2, itens 2.6, 2.7 e 2.8).

O conjunto dos textos que compõem a coletânea foi organizado em um quadro, em ordem cronológica, para melhor facilitar a visualização do leitor:

1.	O desenvolvimento da memória	1931	Apenas em Inglês
2.	O problema da origem da sensibilidade	1945	Apenas em Inglês
3.	Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar	1944	Português (Ícone) e Inglês
4.	O desenvolvimento do psiquismo na criança	1944	Português e Inglês
5.	Ensaio sobre o desenvolvimento do Psiquismo	1947	Português e Inglês
6.	A démarche histórica no estudo do psiquismo humano	1959	Português e Inglês
7.	Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais	1959	Português e Inglês
8.	O mecanismo do reflexo sensorial	1959	Português e Inglês
9.	O biológico e o social no psiquismo do homem	1960	Português e Inglês
10.	O homem e a Cultura	1961	Apenas em Português
11.	Atividade e consciência	1977	Português e Inglês (Edição portuguesa)

### 3.1 A categoria atividade em Leontiev: caminho para a revisão de objeto e método na Psicologia

Veremos como a obra de Leontiev se desenvolveu sobre o problema da crise metodológica da psicologia que se manifesta pelo dualismo em suas investigações, resultantes em última análise da luta entre as concepções filosóficas materialistas e idealistas que incidem sobre as correntes psicológicas. Leontiev se pautava necessariamente ao lado do materialismo como ciência, demonstrando, no entanto, que o caminho que desenvolveu a ciência que se pretendeu materialista não foi capaz de resolver problemas fundamentais da Psicologia. Critica a recorrência da redução da Psicologia à Fisiologia, na tentativa da Psicologia em tornar-se uma ciência biológica e objetiva para não incorrer nos equívocos da psicologia tradicional idealista. Isso fica evidente com as investigações no campo da psicologia animal que aplica as leis do comportamento animal como leis do comportamento humano sob o princípio explicativo do reflexo<sup>5</sup>. Como veremos, Leontiev reivindica com seu estudo justamente superar esta problemática ao demarcar no campo do método objetivo a especificidade do ser humano em relação ao animal.

Lacerda Júnior (2010) assesta que na Psicologia, seja no humanismo, seja no behaviorismo há sempre uma fratura entre sujeito e objeto, favorecendo por uma e outra teoria sempre um destes dois polos de maneira unilateral, tornando-se assim impossível a real compreensão da relação entre subjetividade e objetividade. O trabalho do autor é motivado pelo fato de que este fracionamento presente nas teorias psicológicas prescinde de formulações ontológicas sobre a existência humana, afirmando “que há uma ineliminável e determinada dimensão ontológica em toda teoria social” (Lacerda Júnior, 2010, p.107).

Na filosofia, Lukács<sup>6</sup> (2012) demonstra como ao longo da história os problemas pertencentes ao campo da ontologia do ser social foram abordados de forma dualista:

---

<sup>5</sup> Vale fazer destaque aqui e livrar-se de uma confusão entre termos de uma vez por todas: o termo reflexo (em russo “*Refleks*” ou рефлекс) princípio explicativo do comportamento na reflexologia de Pavlov e correntemente utilizado nas pesquisas psicofisiológicas ou psicologia animal ou psicologia científico-natural não coincide com o significado do termo reflexo psíquico (em russo “*Otrajenie*” ou отражение) utilizado por Leontiev (1978, 1984), pois este último refere-se à noção de imagem psíquica da realidade objetiva e não somente à reação fisiológica do organismo a um estímulo.

<sup>6</sup> Ao longo do mestrado nos defrontamos com uma polêmica sobre o caráter marxista da obra de Lukács. No entanto, corroboramos com os esclarecimentos trazidos por estudos de Lessa (2012; 1997) sobre os equívocos da vertente anti-lukacsiana, que se iniciou com críticas à obra de Lukács “*Ontologia do ser social*” feitas por seus discípulos Heller, Feher, Markus e Vadja naquele período.

por um lado na afirmação da **igualdade entre ser em geral e ser social**, por outro lado na **distinção radical entre ser social e ser em geral** resultando forçosamente “na forma do tosco contraste entre o mundo do ser material enquanto reino da necessidade e um puro reino espiritual da liberdade” (p.25). No entanto, alerta o filósofo húngaro que a afirmação da diferença entre o ser social e o ser em geral não resulta necessariamente na oposição entre o mundo material e espiritual, entre o reino da necessidade e o reino da liberdade. Assegura que “o ser social possui muitas zonas que claramente parecem sujeitas às necessidades, às legalidades, do mesmo modo que a própria natureza” (p.26), no entanto, insiste no “problema ontológico fundamental da especificidade ontológica do ser social” (p.26). Contesta a reinante negação de toda e qualquer ontologia no campo da filosofia científica e reivindica Marx para solucionar o problema fundamental da especificidade ontológica do ser social.

Lukács (2012) explica que em Marx fica evidente uma série de determinações categoriais indispensáveis para a apreensão do caráter ontológico do ser social na afirmativa de que “a ontologia do ser social pressupõe uma ontologia geral” (p.27), ou seja, pressupõe “fundamentos ontológicos gerais de todo ser” (p.27). Com isso, o problema da relação de identidade ou oposição fatal entre ser social e ser em geral é resolvido em Marx pela **unidade geral de todo ser**:

Se na realidade surgem formas de ser mais complexas, mais compostas (vida, sociedade), então as categorias da ontologia geral devem nelas permanecer como momentos superados; o superar teve em Hegel, corretamente, também o significado de conservação. Por conseguinte, a ontologia geral ou, em termos mais concretos, a ontologia da natureza inorgânica enquanto fundamento de todo existente é geral pela seguinte razão: porque não pode haver qualquer existente que não seja de qualquer modo ontologicamente fundado na natureza inorgânica. Na vida aparecem novas categorias, mas estas podem operar com uma eficácia ontológica somente sobre a base das categorias gerais, em interação com elas. **E as novas categorias do ser social relacionam-se do mesmo modo com as categorias da natureza orgânica e inorgânica.** A questão marxiana sobre a essência e a constituição do ser social só pode ser racionalmente posta sobre a

base de uma fundamentação assim estratificada. A indagação acerca da especificidade do ser social contém a confirmação da **unidade geral de todo ser** e simultaneamente o afloramento de **suas próprias determinidades específicas.**” (Lukács, 2012, p.27, grifos nossos).

Evidencia primeiramente a compreensão de que “um ser social só pode surgir e se desenvolver sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base do ser inorgânico” (Lukács, 1969, p.3). A partir desta compreensão explica que para que “possa nascer o trabalho, enquanto base dinâmico-estruturante de um novo tipo de ser é indispensável um determinado grau de desenvolvimento de reprodução orgânica” (p.4), que haja no mundo animal o desenvolvimento de um “órgão superior do funcionamento eficaz dessa reprodução<sup>7</sup>” (p.4).

O que demarca a especificidade do ser social em relação ao ser orgânico na obra de Marx, explica Lukács (1969), é o momento em que a consciência, enquanto reflexo da realidade objetiva por meio de um “órgão superior do funcionamento eficaz dessa reprodução” deixa de ser um mero epifenômeno da reprodução biológica e passa a ter um poder real no ser social. Portanto, além da concepção de unidade geral de todo o ser como fundamento ontológico geral para explicar a especificidade ontológica do ser social, Marx dá outro passo decisivo ao “conferir uma posição central ao espelhamento dialético<sup>8</sup> da realidade objetiva” (Lukács, 2012, p.27). Isto leva a clara diferenciação entre a realidade objetiva e seu reflexo, entre subjetividade e objetividade, a certeza da existência de uma realidade objetiva existente fora da consciência e de maneira independente desta. Partindo desta diferenciação entre sujeito e objeto, Marx destaca no problema da especificidade ontológica do ser social “o papel da práxis em sentido objetivo e subjetivo” (Lukács, 2012, p.28) demarcando uma “nova noção de realidade social, na rejeição da antinomia metafísica entre liberdade e necessidade” (p.28). Pois o

---

<sup>7</sup> Veremos que o trabalho de Leontiev está em concordância com estas afirmativas, na medida em que se utiliza das leis gerais da biologia evolutiva de Darwin para demonstrar o desenvolvimento da reprodução no mundo animal deste “órgão superior” antepassado do cérebro humano, demarcando, no entanto, o salto de ruptura das leis que regem a atividade do animal e do homem, o que coloca o problema da consciência e da natureza social do psiquismo em um novo patamar de investigação científica em relação às ciências naturais.

<sup>8</sup> A noção de espelhamento dialético vai de encontro com o conceito de reflexo psíquico em Leontiev, que tenta superar tanto a indiferenciação entre sujeito subjetivo e realidade objetiva como o binômio estímulo-resposta na investigação psicológica, demarcando a consciência como a forma universal de reflexo psíquico no ser humano.

que medeia a relação entre sujeito e objeto, entre o homem e a natureza é o trabalho, na transformação ativa da natureza num processo consciente, ou seja, mediado pela consciência.

Lukács (1969) compreende que o papel decisivo da consciência no plano ontológico (indissociável da atividade prática, devemos acrescentar) traz uma resolução fundamental para a superação da oposição metafísica entre “o mundo do ser material enquanto reino da necessidade e um puro reino espiritual da liberdade” (Lukács, 2012, p.25). O que põe em movimento o processo de reprodução do ser social é efetivamente a necessidade, a carência material. No entanto, a consciência guia a atividade humana transformando as suas necessidades e possibilidades em problemas projetados idealmente, que servem de mediação em função (somente) da satisfação das necessidades do ser social. Assim no ser social “se altera a adaptação passiva, meramente reativa, do processo de reprodução ao mundo circundante, porque esse mundo circundante é transformado de maneira consciente e ativa” (Lukács, 1969, p.6) e com isso o trabalho se torna no plano ontológico o “modelo da nova forma do ser em seu conjunto” (p.6).

Lukács (1969) alega que o trabalho é formado por posições teleológicas, uma posição sempre realizada por uma consciência, que movimenta séries causais. Diferentemente da causalidade, a teleologia não existe por si mesma, pois existe somente no complexo de trabalho, na reflexão por parte dos sujeitos dos nexos causais, das relações objetivas da realidade. Com isso Lukács (1969) destaca que a posição teleológica que transforma a causalidade em causalidade posta é a particularidade do ser social. A negação deste fato por parte das filosofias anteriores a Marx fez com que incorressem necessariamente na invenção “por um lado um sujeito transcendente e, por outro, numa natureza especial onde as correlações atuavam de modo teleológico, com a finalidade de atribuir à natureza e à sociedade tendências de desenvolvimento de tipo teleológico” (Lukács, 1969, p.7). Para Lukács (1969), a ontologia marxiana supera todo elemento lógico-dedutivo e, no plano evolutivo da história, todo elemento teleológico presente na ontologia lógico-ontológica de Hegel, que foi um preparador da ontologia histórico-materialista de Marx ao assumir a ontologia como história contrapondo-se a ontologia religiosa:

[...] em contraste com a ontologia religiosa, a de Hegel partia de "baixo", do aspecto mais simples, e traçava uma história evolutiva

necessária que chegava ao "alto", às objetivações mais complexas da cultura humana. Naturalmente, o acento caía sobre o ser social e seus produtos, assim como era característico de Hegel o fato de que o homem aparecesse como criador de si mesmo (Lukács, 1969, p.2).

Os problemas apresentados, no campo de debate da ontologia do ser social, que resultam na oposição entre matéria e espírito têm consequências fulcrais na Psicologia. E estes problemas tornam-se o motor da obra de Leontiev, que tem como **problema central** “a natureza sócio-histórica do psiquismo humano” (1978, p.2). Esta afirmação é expressa pelo autor no prefácio da 2ª edição de 1964 do livro “*O desenvolvimento do psiquismo*”.

O autor assinala a necessidade de superação do dualismo presente na Psicologia na investigação anátomo-fisiológica do ser humano, por um lado, e a sociológica, por outro. Diante deste dualismo a concepção de ser humano o mantém em posição passiva em relação ao mundo material por inviabilizarem, em última análise, o estudo da consciência como objeto da psicologia, como essência do psiquismo propriamente humano.

Leontiev (1959a/1978) explica que este dualismo se expressa nas concepções naturalistas em Psicologia, que fazem uma aplicação mecânica ao homem das leis da evolução biológica (adaptação ao meio, experiência hereditária e individual), bem como nas correntes sociológicas que, ainda que compreendam a sociedade como princípio de explicação para o indivíduo, incorrem numa concepção idealista do processo de desenvolvimento da sociedade e, portanto, do processo de socialização do indivíduo que se reduz ao campo da comunicação, ignorando a compreensão do ser humano como um ser social agindo praticamente. Ambas as concepções, levadas às suas últimas consequências, mantêm uma passividade do ser humano em relação ao meio em que vivem.

Em seu texto publicado em 1977 “*Atividade e Consciência*” Leontiev (1977/1980) explica que as interpretações sobre como a consciência humana é determinada foram expressas “com clareza clássica na psicofísica e na fisiologia dos órgãos sensoriais no século XIX” (p.49) e nela é concebida a “dependência direta dos fenômenos da consciência das várias influências exercidas sobre os sistemas receptores do homem” (Leontiev, 1977/1980, p.49). Ou seja, a relação entre sujeito e objeto se

traduz pelo binômio estímulo-resposta (S-R), o que traz a limitação de conceber “por um lado, coisas e objetos e, por outro lado, um sujeito passivo influenciado por eles” (p.49).

Leontiev (1977/1980) esclarece que esta perspectiva “ignora o elemento significativo das relações afetivas do sujeito com o mundo objetivo; ignora a sua atividade” (p.49). Explica ainda que esta perspectiva inadequada “levou os primeiros psicólogos a explicar os fatos psicológicos à base de forças especiais, tais como a apercepção ativa, a intenção interior ou vontade, etc. quer dizer, a fazer apelo à natureza ativa do sujeito, mas apenas numa forma mistificada, interpretada idealisticamente” (p.49-50).

O problema de não se desenvolver a característica ativa do ser social na investigação materialista e as implicações da concepção ativa do ser por meio do idealismo também foi demarcado por Marx em sua primeira tese contra Feuerbach:

O principal defeito de todo o materialismo passado (inclusive de Feuerbach) é que o objeto, a realidade, o mundo sensível são nele subjetivamente entendidos (*Gegenstand*) apenas sob a forma de **objeto** (*Objekt*) ou **intuição** (*Anschauung*), mas não enquanto **atividade humana concreta**, enquanto **prática**. Isto explica que o aspecto **ativo** tenha sido desenvolvido pelo idealismo – em oposição ao materialismo – de um modo abstrato, pois o idealismo não conhece, naturalmente, a atividade real, concreta, como tal. Feuerbach pretende os objetos sensíveis distintos dos objetos conceituais, mas não concebe a atividade humana como uma atividade **objetiva** (*gegenstandliche*). Por isso, em *A Essência do Cristianismo*, só se considera como autenticamente humano o comportamento teórico, ao passo que a prática só é captada e plasmada na sua sórdida manifestação judaica. Daí que Feuerbach não compreende a importância da atividade <<revolucionária>>, da atividade <<crítico prática>>. (Marx, 1974, p.7).

As tentativas de superar o postulado da imediaticidade da relação entre sujeito e objeto do binômio S-R na Psicologia, levaram a afirmativa de que “os efeitos das influencias externas são determinados não imediatamente pelas próprias influencias,

mas dependem da sua refração pelo sujeito [...] no fato de causas externas atuarem através do meio das condições internas” (Leontiev, 1977/1980, p.50). No entanto, alerta o autor, a compreensão de “condições internas” pode ser interpretada de formas variadas, podendo assim, perfeitamente, manter a passividade do ser humano diante do mundo material.

Se são consideradas como significando uma mudança nos estados internos do sujeito, a noção nada nos oferece de essencialmente novo. Qualquer objeto pode mudar os seus estados e por isso manifestar-se de diferentes modos nas interações com outros objetos. As pegadas são visíveis em areia mole, mas não em terra dura; um animal esfomeado reage à comida de um modo diferente de um outro que esteja bem alimentado; a reação de uma pessoa letrada a uma letra é diferente da de uma iletrada (Leontiev, 1977/1980, p.50).

As leis que determinam o por que a reação de uma pessoa letrada a uma letra é diferente da de uma iletrada não podem ser as mesmas que as leis que explicam a reação da areia mole à pressão das pegadas. Fica evidente com estes exemplos do autor que o acréscimo do papel das condições internas não resulta sequer numa distinção qualitativa entre as esferas do ser inorgânico e orgânico, tampouco entre estes e o ser social.

O problema do dualismo nas investigações psicológicas é também abordado de forma destacada na sua obra publicada em 1975, intitulada “*Atividade, consciência e personalidade*” (1975/1984). Em seu prefácio, assinado em 1974, aponta que era difícil que em seu tempo ainda negassem na Psicologia a vinculação entre os processos psíquicos e os processos cerebrais e fisiológicos, no entanto, acusa que as investigações resultavam em: 1) um paralelismo destes processos, levando fatalmente a concepção de psique como um epifenômeno; 2) um “determinismo fisiológico ingênuo” que reduz a psicologia à fisiologia; 3) uma hipótese dualista da interação psicofisiológica que em sua visão metafísica acabava por admitir “a ação de um psiquismo não material sobre os processos materiais que transcorrem no cérebro” (Leontiev, 1975/1984, p.10). Este dualismo, segundo Leontiev (1978; 1974/1984), resulta de concepções idealistas e biologizantes do ser humano que investigam a psique de forma isolada da relação do ser

humano com a realidade objetiva, relação esta compreendida como resultado do espírito, traduzidas por uma abordagem fisiológica idealista<sup>9</sup>.

As concepções naturalistas em Psicologia a que se refere Leontiev (1978) são frequentemente direcionadas ao behaviorismo. No entanto, o autor também expressa sua crítica ao dualismo que se conservou na própria Psicologia Soviética. Leontiev (1959a/1978) explica que nos anos 1940, em comparação com as primeiras obras histórico-culturais de Vigotski, houve uma desatenção no campo das investigações psicológicas, que se centraram nos mecanismos fisiológicos da atividade. Estas lacunas ganharam notoriedade com o levante da fisiologia da atividade nervosa superior de L. Pavlov<sup>10</sup>, o que “veio a colocar o estudo do problema da natureza sócio-histórica do psiquismo humano em face de dificuldades muito sérias que não era possível evidentemente superar de imediato [...] este problema fundamental da psicologia marxista encontrava-se de certo modo relegado para segundo plano” (Leontiev, 1959a/1978, p.156-157).

Este cenário de dualismo nas investigações psicológicas expresso pelo autor é aclarado em face da persistente crise metodológica da Psicologia como um todo, que já estava anunciada há cerca de um século antes do autor escrever seu texto.

Depois de ter se dividido em seu momento humanitário e natural, descritivo e explicativo, o sistema de conhecimentos psicológicos segue apresentando novos entraves nos quais parece desaparecer o próprio objeto da psicologia. Se opera uma redução do mesmo, encoberta com frequência pela necessidade de desenvolver investigações interdisciplinares [...] se foi agudizando cada vez mais a contradição entre a enorme quantidade de material fático minuciosamente acumulado em laboratórios muito bem equipados e o **estado deplorável de sua fundamentação teórica e**

---

<sup>9</sup> Leontiev (1975/1984, p.42) afirma que J. Muller, H. Helmholtz e W. Wundt foram os que mais difundiram as posições do paralelismo que, segundo o autor, ainda aparece camuflado nas teorias psicológicas modernas.

<sup>10</sup> Importante destacar que no conjunto da obra de Leontiev a fisiologia de Pavlov é reivindicada, ocorre que, no entanto, ela por si só não explica o problema da natureza humana e dessa forma conduziria ao problema do dualismo. Portanto, o que Leontiev não reivindica é a redução da Psicologia à fisiologia pavloviana, mas sim os avanços que esta trouxe na compreensão dos processos fisiológicos. Esta crítica se demonstra, inclusive, na sua defesa da natureza social do psiquismo humano nas grandes Sessões Acadêmicas de 1952 e 1962, afirmando incisivamente nesta última que a imagem subjetiva da realidade objetiva no homem não poderia ser reduzida ao estabelecimento de reflexos condicionados e ao sistema de sinalização pavloviano (capítulo 2, itens 2.7 e 2.8).

**metodológica.** O desdém e o ceticismo sobre uma teoria geral do psiquismo, a difusão do fatorialismo e o cientificismo da psicologia atual norte-americana (e não somente ela!) se converteram em uma barreira que obstaculiza a investigação dos problemas psicológicos fundamentais (Leontiev, 1975/1984, p.8, grifos nossos).

O problema do dualismo na psicologia foi tratado por Vigotski (1927/2004) em seu manuscrito de 1927 *“O significado histórico da crise da psicologia”* que aponta para uma teoria da crise da psicologia. A crise metodológica estava anunciada, segundo Vigotski (1927/2004), pela encruzilhada que se encontrava o desenvolvimento da pesquisa e o acúmulo de material experimental devido à carência de princípios e leis fundamentais, de uma ciência geral capaz de “estabelecer uma conexão entre vários fatos ou vários grupos de fatos [...] referir uma série de fenômenos a outra [...] definir em termo de causas” (p.216). A psicologia geral, que deve ser capaz de “coordenar criticamente dados heterogêneos, de sistematizar leis dispersas, de interpretar e comprovar os resultados, de depurar métodos e conceitos, de estabelecer princípios fundamentais, em síntese de dar coerência ao conhecimento” (p.204).

Era preciso, então, demarcar um caminho único, pois a Psicologia manifestava-se não como uma ciência, mas um amontoado de disciplinas particulares que se arriscavam em cumprir a função da ciência geral tentando elevar conceitos produzidos em suas investigações particulares em um princípio explicativo geral. Pela ausência de uma psicologia geral a psicologia teórica e outras disciplinas tentaram cumprir sua função, mas sem sucesso. A psicologia infantil, a psicologia do homem adulto normal, a psicopatologia e a psicologia animal, as quais se desdobram e balizam diversos sistemas, não coincidem com a psicologia geral, pois são apenas disciplinas particulares, ocupam-se de “grupos ou inclusive de indivíduos dentro de uma mesma categoria de objetos” (Vigotski, 1927/2004, p.212) e não de um objeto geral comum a toda a ciência psicológica: “o que é próprio de todos os homens” (p.212). O que ocorre é que a pergunta sobre qual o objeto da Psicologia, qual o conceito que procuramos como objeto da psicologia e o que a psicologia estuda, é respondida por cada disciplina particular como se cada uma fosse uma psicologia geral, quando na verdade os fatos e conceitos correspondem somente a cada corrente particular e não à Psicologia como um todo.

O que é que tem em comum todos os fenômenos que a psicologia estuda, o que é que transforma em fatos psíquicos os mais diversos fenômenos – desde a secreção da saliva nos cachorros até o prazer da tragédia –, o que tem em comum os desvarios de um louco e os rigorosíssimos cálculos de um matemático? **A psicologia tradicional responde:** o que têm em comum é que todos eles são fenômenos psíquicos, que não se desenvolvem no espaço e só são acessíveis à percepção do sujeito que os vive. **A reflexologia responde:** o que têm em comum é que todos esses fenômenos são fatos do comportamento, processos correlativos de atividade, reflexos, atos de resposta do organismo. **Os psicanalistas dizem:** o que há de comum a todos esses fatos, o mais primário, o que os une e constitui sua base é o inconsciente. Portanto essas três respostas estabelecem três significados distintos da psicologia geral, a qual definem como a ciência 1) do psíquico e suas propriedades, ou 2) do comportamento, ou 3) do inconsciente (Vigotski, 1927/2004, p.213, grifos nossos).

Vigotski (1927/2004) afirma a riqueza de cada uma das ideias desenvolvidas pelas diversas abordagens teóricas, cheias de significado e sentido, mas que, no entanto, quando tentam elevar-se “à categoria de leis universais, passam a valer o mesmo, tanto umas quanto as outras são absolutamente iguais entre si, isto é, **simples e redondos zéros**” (p.227). Desenvolvem-se com sucesso, mas como sistemas particulares estudando e operando inclusive fatos diferentes, fatos reais, mas que, no entanto, existem para uma teoria e simplesmente não existem para outra teoria. Alerta que ainda assim, não basta reunir as diferentes categorias de fatos, pois isso nada mais resultaria que uma diversidade de explicação para um mesmo fenômeno. É preciso encontrar a conexão entre os fatos em um princípio generalizador único, um princípio explicativo das categorias da realidade que estuda a ciência psicológica que chegue aos nexos causais dos diversos fenômenos em um mesmo domínio e não apenas unificar fatos de diferentes domínios como vem ocorrendo por meio das disciplinas particulares.

Para Vigotski (1927/2004) o significado da crise da psicologia é melhor expresso na compreensão da luta que existem duas tendências (materialista e idealista) que atuam sobre toda a diversidade de correntes psicológicas: “**Psicologias**, sendo

exato, existem **duas**: dois tipos distintos, inconciliáveis de ciência; duas construções de saber radicalmente diferentes [...] a científico-natural, materialista e a espiritualista [...] Nessa ideia das duas psicologias é que realmente vale a pena nos determos” (p.335-341). Portanto, a resolução do problema da Psicologia não se resume a um acordo ou junção eclética de todas as teorias, mas um problema de ruptura, de que só é possível admitir verdadeiramente a existência de uma ciência.

A unidade consegue-se por meio da subordinação e o domínio, por meio da renúncia das disciplinas particulares à soberania em favor de uma ciência geral. Dentro do novo conjunto não se produz a coexistência de disciplinas, mas um sistema hierárquico, dotado de um centro e outros secundários, como o sistema solar. De forma que a unidade é o que determina o papel, o sentido e o significado de cada domínio isolado: isto é, não só determina o conteúdo da ciência, mas também a forma explicativa a ser adotada, o princípio de generalização que com o tempo, à medida que a ciência evolui, se transformará em seu princípio explicativo (Vigotski, 1927/2004, p.215-216).

Leontiev em “*O desenvolvimento do Psiquismo*” (1959a/1978) afirma que o caminho metodológico para a superação do dualismo na Psicologia, que é expresso na investigação entre o fator biológico e o social, foi traçado por L.S. Vigotski:

Foi ele o primeiro de nós (em 1927) a exprimir a tese de que a démarche histórica devia tornar-se o princípio diretor da edificação da psicologia do homem. Efetuou a crítica teórica das concepções biológicas naturalistas do homem e opôs-lhe a sua teoria do desenvolvimento histórico e cultural. O mais importante é que introduziu na investigação psicológica a ideia da historicidade da natureza do psiquismo humano e a da reorganização dos mecanismos naturais dos processos psíquicos no decurso da evolução sócio-histórica e ontogênica” (Leontiev, 1959a/1978, p.153).

A Psicologia de Vigotski, segundo Leontiev (1959a/1978) tomou como base de suas investigações duas hipóteses fundamentais na compreensão da natureza social do psiquismo: 1) as funções psíquicas do ser humano são mediadas e 2) as funções

psíquicas são antes interpsicológicas e com o processo de interiorização tornam-se intrapsicológicas. Portanto, conclui que “os processos interiores intelectuais provêm de uma atividade **inicialmente** exterior, <<interpsicológica>>” (Leontiev, 1959a/1978, p.153, grifos nossos) entre os seres humanos, entre o adulto e a criança.

Leontiev (1978) afirma, no prefácio da 2ª edição (1964) de “*O desenvolvimento do Psiquismo*”, que a concepção histórico-social do psiquismo foi expressa pela primeira vez na psicologia de L.S. Vigotski. Conclui que esta concepção de Vigotski conserva toda a sua atualidade, pois frequentemente encontram-se “concepções segundo as quais os processos psíquicos superiores e as aptidões humanas dependeriam diretamente e fatalmente dos caracteres biológicos hereditários” (Leontiev, 1978, p.2). Comenta ainda que estas concepções equivocadas apresentam-se tanto por “certas escolas psicológicas estrangeiras” como “nos preconceitos pedagógicos ou outros, resultante da desigualdade secular das condições sociais do desenvolvimento das pessoas” (Leontiev, 1978, p.2). Por tudo isso, Leontiev (1978) termina seu breve prefácio afirmando que seu livro tem como **objetivo principal** “contribuir para a luta contra estas opiniões biologizantes sobre a natureza e o desenvolvimento do psiquismo humano” (p.2).

Este objetivo central do livro “*O desenvolvimento do Psiquismo*” está bastante relacionado ao objetivo apontado em sua obra posterior “*Atividade, consciência e personalidade*”, pois lá Leontiev evidencia o problema da crise metodológica da Psicologia que se mostra como um problema que persiste ainda, mesmo na Psicologia Soviética, que tanto buscou combater o pluralismo metodológico. Leontiev (1975/1984) enfatiza o trabalho de Vigotski e Rubinstein no trato dos problemas metodológicos, no entanto reconhece uma decadência nos estudos metodológicos na psicologia soviética dos últimos anos, o que resultou num grave descuido metodológico nas investigações psicológicas soviéticas. Aponta a produção gradativa de uma **ruptura entre os nexos internos da elaboração dos problemas filosóficos da Psicologia e a metodologia real das investigações realizadas**.

Dedicam-se muitos livros volumosos aos problemas filosóficos da psicologia (assim como também à crítica filosófica de diversas correntes), no entanto, nestas obras, quase não é tratado os aspectos que dizem respeito às vias concretas da investigação dos problemas psicológicos. Dá-se a impressão de que se

produziu uma grande cisão: por um lado, a esfera da problemática fisiológica-psicológica, e, por outro lado, a esfera das questões metodológicas especificamente psicológicas que surgem na experiência das investigações concretas (Leontiev, 1975/1975/1984, p.9).

Acusa uma insuficiência no campo da preocupação metodológica dos psicólogos soviéticos que acabaram por sobrepor os procedimentos de investigação (tarefas parciais) à sua metodologia (tarefa mais geral) ao centrarem a atenção na “minuciosa elaboração de temas concretos, em melhorar o equipamento técnico do experimento de laboratório, em aperfeiçoar o aparato estatístico e na utilização de linguagens formais” (Leontiev, 1974/1986, p.10). Neste sentido, denuncia o surgimento de uma ilusória “desmetodologização” na esfera dos problemas concretos, como se estes não exigissem subordinação metodológica, o que afirma a sua tese acerca da **ruptura entre os nexos internos dos fundamentos científicos teóricos gerais da psicologia e dos fatos que esta ciência vem estudando**. Resultado desta ruptura são conceituações originadas em ideias completamente alheias ao método e à teoria científica.

Revela que a despreocupação teórica e metodológica se expressa em tentativas de **empregar, de maneira não crítica, recursos metodológicos que carecem de fundamentação científica para fins práticos** “concebidos pela etapa contemporânea do desenvolvimento da sociedade e da revolução científico-técnica” (Leontiev, 1975/1984, p.11). Como expressão mais evidente deste fato Leontiev (1975/1984) toma como exemplo os **testes psicológicos** em que um procedimento técnico substitui a investigação teórica:

[...] importados principalmente dos EUA. Menciono aqui isto somente porque o desenvolvimento da prática dos testes revela um dos “mecanismos” que engendram atitudes anti-metodológicas em psicologia [...] servem como meio para eludir as dificuldades quando se trata de atingir conhecimentos psicológicos genuinamente científicos [...] Resulta evidente que a metodologia utilizada na confecção destes testes é inconsistente, pois o único critério que serve de base para incluir uma ou outras tarefas no teste é sua **validade**, ou seja, o grau de

correspondência entre os resultados de sua solução e umas ou outras expressões indiretas das peculiaridades psicológicas submetidas ao teste. É isto que deu vida a uma disciplina psicológica especial: a denominada “testologia”. Não é difícil advertir que, por trás de semelhante transformação de um procedimento técnico em uma disciplina independente, se esconde nada menos que o rechaço da investigação teórica por um grosseiro pragmatismo (Leontiev, 1974/1986, p.12).

Podemos compreender que em suas duas grandes obras “*O desenvolvimento do psiquismo*” e “*Atividade, consciência e personalidade*” persistem em essência os mesmos problemas: combater o dualismo na investigação psicológica, decorrentes da crise metodológica da psicologia, que cumpre uma função ideológica ao naturalizar nos indivíduos problemas de origem social. Assim, Vigotski, aquele que lançou as bases metodológicas da compreensão da natureza social do psiquismo torna-se uma referência central reivindicada por Leontiev.

Leontiev (1959a/1978) aponta que a Psicologia de Vigotski não constitui um sistema psicológico acabado e que outro problema decisivo do princípio da historicidade do psiquismo humano é o estudo do problema da consciência e atividade humanas. Leontiev (1959a/1978) esclarece que a fonte deste problema é “a teoria de Marx sobre a transformação da natureza humana no decurso do processo de desenvolvimento da atividade material e intelectual da sociedade” (p.155). Reivindica os estudos de S.L. Rubinstein sobre os problemas de psicologia nas obras de Marx, estudo este que considera não ter recebido a atenção merecida. Retoma a tese de Rubinstein apresentada em 1940 de que a Psicologia estuda “o psiquismo **na** atividade” (p.156). Leontiev (1959a/1978) alerta para a equivocada compreensão vastamente divulgada nos manuais universitários “segundo a qual os processos psíquicos se manifestam na atividade e dependem da atividade” (p.156). Aponta ainda que a principal contraposição a esta noção equivocada é a “concepção genética, histórica, do problema da atividade psíquica que prosseguia a investigação no sentido indicado por Vygotski” (p.156). Esclarece que esta concepção considera a **atividade psíquica**

[...] como uma forma particular de atividade – produto e derivado do desenvolvimento da vida material, da atividade exterior

material, que se transforma no decurso do desenvolvimento sócio-histórico em atividade interna, em atividade da consciência; assim, o problema essencial continuava a ser o do estudo da estrutura da atividade e da sua interiorização (Leontiev, 1959a/1978, p.156).

Aqui, Leontiev (1959a/1978) esclarece que atividade prática e atividade psíquica não são sinônimas, nem processos isomorfos e acentua a relevância da tese anunciada nas investigações de Vigotski do **processo de interiorização**, do caminho do **interpsicológico** ao **intrapicológico**. Essa tese é central na compreensão do processo de individuação, de produção do indivíduo humano como um ser social.

Leontiev (1959a/1978) aponta que o problema da relação organismo-meio no ser humano passa a ter um conteúdo novo, pois é o problema da relação homem-sociedade. Concorda com a noção da biologia evolutiva de que o desenvolvimento ontogenético do organismo que se realiza num processo de inter-relações com o meio é a realização das propriedades particulares de sua espécie desenvolvidas no processo de evolução filogenética. No entanto, o ser humano não fixa morfológicamente as aquisições das gerações anteriores, como ocorre com os animais. “As aquisições do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade acumulam-se e fixam-se sob uma forma radicalmente diferente da forma biológica sob a qual se acumulam e se fixam as propriedades formadas filogeneticamente” (p.164). Os indivíduos humanos “possuem todas as propriedades morfológicas indispensáveis ao desenvolvimento sócio-histórico ilimitado do homem, processo que não exige doravante modificação da sua natureza hereditária” (p.163). Diferentemente dos animais, no ser humano as aquisições das gerações anteriores se fixam sob uma forma “exotérica”, uma forma exterior ao homem produzida em sua atividade vital: o trabalho.

Com isso Leontiev (1978) não quer dizer que cessa todo o desenvolvimento biológico filogenético no ser humano, mas que as leis biológicas não determinam, no *Homo sapiens* formado, o desenvolvimento do ser social, pois este é regido por leis sócio-históricas. Assim Leontiev afirma a natureza social do ser humano. Portanto, para o autor, a relação organismo-meio deve ser pensada no homem questionando o **que é** o meio e **como** este meio manifesta-se para este organismo, problema que depende da natureza deste organismo em questão e desta natureza dependem igualmente as

transformações que ele pode sofrer ontogeneticamente, sob a influência do meio (Leontiev, 1959a/1978, p.159-160).

Assim, Leontiev (1978) traça o caminho de investigação dos conteúdos novos que há na relação organismo-meio para o ser humano a partir da concepção de ser social empregada por Marx, da mediação entre o ser humano e a natureza pela atividade prática sensível.

Leontiev (1978) compreende que as propriedades morfológicas do *Homo sapiens* foram formadas segundo as leis da evolução biológica, mas que o ser humano é um ser social e, portanto se desenvolve sócio-historicamente superando os limites impostos pelas condições de evolução biológica. O caminho para a superação do dualismo “ser natural versus ser social” foi encontrado por Leontiev (1978) na proposição de que é preciso compreender o ser corpóreo **em atividade** para conseguir demonstrar especificidade do ser humano em relação aos animais, a sua natureza social. Por isso, não basta fracionar a sociabilidade do desenvolvimento biológico. Tampouco é suficiente o estudo do aparato morfofisiológico do ser humano para identificar suas qualidades essencialmente sociais, pois assim, facilmente chegaríamos às conclusões de que a formação deste ser corpóreo obedeceu às mesmas leis da evolução biológicas que os animais e ponto. Afirmação esta que é verdadeira, mas perigosamente incompleta.

Como é que se consegue demonstrar a especificidade do ser humano em relação aos animais? É no estudo do **ser em atividade** que se torna possível compreender como as leis sócio-históricas de desenvolvimento foram se sobrepondo às leis da evolução biológica nos seres humanos. É por isto que a categoria **atividade** é central na obra de Leontiev.

Leontiev (1978) demonstra este processo em, pelo menos, dois momentos importantes de sua obra “*O desenvolvimento do psiquismo*”. No seu texto “*Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo*” (1947/1978), em que evidencia o papel da atividade na estruturação e na evolução do psiquismo trazendo a vista uma nova e ampliada noção de psiquismo pelo processo de “complexificação da matéria viva altamente organizada, por determinação do confronto entre o ser e a natureza” (Martins, 2012, p.21). O outro momento, nos textos “*A démarche histórica no estudo do psiquismo do humano*” (1959/1978) e “*O homem e a cultura*” (1961/1978) em que explica o processo de **hominização**, a formação do *Homo sapiens*, e demonstra a inversão e sobreposição das leis sociais sobre as leis de evolução biológicas no

desenvolvimento humano. No conjunto destes textos, Leontiev (1978) busca explicar e demarcar a especificidade do ser humano em relação aos animais, contrapondo o processo de **hominização** ao processo de **humanização** – em que os seres humanos fixam as propriedades humanas de forma externa, num processo de **objetivação** e transmitem estas propriedades adquiridas às gerações futuras por meio do processo de **apropriação**.

### 3.2 A natureza histórico social da atividade humana

Veremos como Leontiev demonstra o papel fundante da atividade na estruturação e evolução do reflexo psíquico, percorrendo um caminho evolutivo desde a passagem dos organismos unicelulares aos pluricelulares até os animais superiores com sistema nervoso altamente desenvolvido e corticalizado. Leontiev demonstrará como a atividade revela a natureza do ser, esclarecendo que na base da atividade animal estão leis naturais e na base da atividade humana estão leis radicalmente distintas, pois são leis sociais. Contribuirá para esclarecer a ruptura na linha evolutiva que demarca uma sobreposição de leis sociais sobre leis naturais na atividade humana cujo reflexo psíquico correspondente é propriamente a consciência.

#### 3.2.1 Do ser natural ao ser social

Em seu texto, publicado em 1947, *“Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”*, Leontiev (1947/1978) afirma o papel da **atividade** como fundante da estruturação e evolução do **reflexo psíquico**. A atividade para Leontiev é um termo especializado para designar o conceito geral de vida, é a unidade da vida. O reflexo psíquico é a capacidade dos organismos vivos de “refletir as ações da realidade circundante em suas ligações e relações objetivas” (p.19). Com isso, Leontiev traz uma autêntica concepção de psiquismo calcada no papel de orientação ativa dos organismos no meio externo. Mostrará como a natureza do reflexo psíquico se transforma radicalmente com a transformação da natureza da própria atividade prática (e não somente de sua estrutura, que também se transforma no processo evolutivo).

A estrutura da atividade animal muda em resposta às transformações das condições de existência no processo evolutivo. Assim a atividade animal muda a sua anatomia e é isto “que cria a necessidade de uma transformação dos órgãos e das suas

funções, que dá origem a uma forma superior do reflexo psíquico” (Leontiev, 1947/1978, p.60). Assim conclui o autor:

O aparecimento de organismos vivos dotados de sensibilidade está ligado à complexificação da sua atividade vital. Esta complexificação reside na formação de processos da atividade exterior que mediatizam as relações entre os organismos e as propriedades do meio donde depende a conservação e o desenvolvimento da sua vida (Leontiev, 1947/1978, p. 19).

Vale destacar a **existência da matéria viva** como um dado primário incontestável em qualquer relação organismo-meio (Martins, 2012).

A orientação do ser orgânico na direção de sua preservação **sob condições que lhe são exteriores** já se manifesta nos estados primários de evolução do mundo animal. Graças à capacidade inata de resposta aos estímulos do meio, ocorre a manutenção da vida como troca ou intercâmbio entre o ser e a natureza (Martins, 2012, p.20, grifos nossos).

O reflexo psíquico no animal nasce e desenvolve-se “precisamente porque sem ele os animais não poderiam orientar-se no seu meio” (Leontiev, 1947/1978, p.60). Assim o reflexo psíquico possui um significado vital na luta pela sobrevivência animal. O desenvolvimento do reflexo psíquico é determinado pela necessidade de adaptação do animal ao seu meio exterior e “o reflexo psíquico é função dos órgãos correspondentes formados no decurso da adaptação” (p.59).

Leontiev (1947/1978) explica que a evolução da vida animal provoca uma transformação da organização física e o surgimento de órgãos que cumprem a função de refletir a realidade exterior. A complexificação dos organismos, de seus órgãos vitais, acompanha uma complexificação de sua atividade adaptativa em relação ao meio. O caráter da função de reflexão do órgão (órgãos dos sentidos, órgãos da ação do sistema nervoso) depende fundamentalmente da estrutura da atividade objetiva que liga **praticamente** o animal ao mundo exterior. O conteúdo da atividade animal não é determinado necessariamente pelas propriedades atuantes do meio, mas pelas propriedades específicas deste meio para as quais o animal se orienta. E estas propriedades a que se dirige o animal podem não coincidir com as propriedades de que

depende **diretamente** a vida do animal. Portanto, constata ser impossível estudar as formas de reflexo psíquico separadamente da própria atividade dos animais. Pois a atividade animal revela a forma do reflexo psíquico, a forma de orientação do animal em relação ao meio externo em que vive.

Exemplifica o problema com a aranha que se dirige ao inseto (alimento), que se deixou prender em sua teia, devido à vibração das asas do inseto que se transmitem à teia, vibração esta que suscita a orientação da atividade da aranha. Caso a vibração cesse, o movimento da aranha em direção à teia também cessa, bem como este movimento retorna, caso a vibração ocorra novamente. Portanto é a vibração, e não o inseto como alimento em si, que engendra a atividade da aranha e a orienta, justamente pelo sentido biológico da vibração como alimento, formado no processo evolutivo. O que pode ser confirmado pelo experimento do diapasão em vibração que atrai a aranha, mesmo que este não seja capaz de cumprir a função vital de alimento: “a aranha dirige-se imediatamente para ele, trepa para os seus braços, envolve-os com a sua teia e tenta mordê-lo com as mandíbulas” (Leontiev, 1947, p.20). É no sentido desta relação que Leontiev afirma que as propriedades para as quais se orienta o animal não coincidem com as propriedades que de fato dependem diretamente sua vida. O animal depende diretamente do alimento para sobreviver, no entanto a sua busca pelo alimento é mediada pelas propriedades objetivas que orientam a sua atividade. E a capacidade do organismo de orientar-se por determinadas propriedades é a capacidade de reflexão do real de seus órgãos vitais na atividade que o liga praticamente à realidade objetiva.

Em condições naturais aquilo que incita e orienta a atividade do animal (por exemplo, a vibração para a aranha) se encontra em relação estável e determinada com a satisfação de uma necessidade biológica (por exemplo, o inseto como substância nutritiva). Assim, Leontiev (1947/1978) nomeia de **sentido biológico** da ação do animal aquela relação estável “que existe entre a propriedade atuante (agente, estímulo) e a satisfação de uma necessidade biológica” (p.20). Portanto, não somente o excitante provoca uma reação, um comportamento determinado, mas a necessidade correspondente se reconhece no objeto excitante, pois a necessidade biológica para o animal se concretiza nele. Veremos, com o desenvolvimento do estudo de Leontiev que o que há de especial na atividade do ser humano é justamente o fato de que as necessidades do indivíduo humano não se identificam no objeto de sua ação particular.

Este ponto será retomado num segundo momento deste tópico. Por hora, reservemos esta afirmação.

Na investigação do papel fundante da atividade na estruturação e evolução do psiquismo, Leontiev (1947/1978) o caracteriza primeiramente “nos marcos da evolução biológica, na qual cada passo em direção à sua complexificação se produz pela diferenciação do sistema nervoso elementar e dos órgãos dos sentidos visando à **adaptação** do organismo ao meio” (Martins, 2012, p.21). Assim, Leontiev (1947/1978) demonstra três estágios da evolução do psiquismo animal: o **estágio do psiquismo sensorial elementar**, o **estágio do psiquismo perceptivo** e o **estágio do intelecto**. No primeiro estágio o organismo é capaz de refletir propriedades isoladas da realidade objetiva; enquanto que no segundo já é capaz de refletir objetos inteiros, o que expressa já um desprendimento do organismo daquilo que excita sua atividade (o seu objeto) e os obstáculos que se apresentam entre ele e seu objeto, uma vez que se torna capaz de contornar obstáculos entre sua necessidade de alimento e o próprio alimento, por exemplo; há um avanço no terceiro estágio para a capacidade dos animais da percepção dos objetos não apenas de forma isolada, mas das relações entre objetos numa situação específica em que estas relações cumprem o objetivo biológico. Detalhemos as explicações destes estágios no texto de Leontiev.

O **estágio do psiquismo sensorial elementar** “marca a transição à vida pluricelular, na qual, em razão de novos modos metabólicos organismo/meio, o papel da orientação ativa no meio externo eleva-se” (Martins, 2012, p.21). Representa a linha da evolução dos vermes aos insetos e aracnídeos.

É com a adaptação a um meio mais complexo, que decorre a diferenciação do sistema nervoso elementar e dos órgãos da sensibilidade. O desenvolvimento da organização anatômica dos seres é a base material do desenvolvimento de sua atividade e da sensibilidade. “O desenvolvimento dessa atividade e da própria sensibilidade animal tem por base material um tipo específico de configuração anatômica, apta à mais elementar multiplicação dos órgãos da sensibilidade e correspondente desenvolvimento dos órgãos motores” (Martins, 2012, p.22).

Com o desenvolvimento dos órgãos da sensibilidade e os órgãos do movimento (órgãos de atividade exterior), desenvolve-se “o órgão de ligação e de coordenação dos processos: o sistema nervoso” (Leontiev, 1947/1978, p.26). Um sistema nervoso ainda primitivo, formado “pela individualização, ao lado dos outros órgãos do sentido, de um

órgão diretor, que se torna o órgão fundamental que mediatiza a atividade vital do organismo” (Leontiev, 1947/1978, p.27).

A atividade animal caracteriza-se por responder aos estímulos em razão da ligação efetiva destes com as ações das quais depende a realização das funções biológicas essenciais dos animais. No estágio do psiquismo sensorial elementar a atividade é excitada e regulada pelo reflexo de propriedades **isoladas**, “a consequência disto é que **a percepção da realidade jamais é percepção de objetos na sua totalidade**” (Leontiev, 1947/1978, p.27, grifos nossos).

A complexificação da atividade e da sensibilidade é progressiva e conduz à transformação da estrutura da atividade que criará uma nova forma de reflexo do meio exterior, que caracteriza o estágio seguinte.

**O estágio do psiquismo perceptivo** caracteriza-se pelo reflexo de coisas e não mais de sensações isoladas. O animal é capaz de contornar obstáculos entre ele e seu objeto de satisfação biológica, de tal modo que “o estímulo para o qual está orientada a atividade não se confunde com a ação do obstáculo” (Leontiev, 1947/1978, p.39). Neste estágio o conteúdo da atividade se define apenas pelas condições nas quais se encontra o objeto que a suscita, o que insere na estrutura da atividade aquilo que Leontiev chama de **operação**: “de um lado, as propriedades que caracterizam o objeto visado pela atividade e suas interações, do outro lado, as propriedades dos objetos que determinam o **modo de atividade**, isto é a **operação**” (Leontiev, 1947/1978, p.40).

Neste estágio revela-se “os primeiros processos de integração dos estímulos numa **imagem única** e acabada; eles reúnem-se enquanto propriedades de uma só e mesma coisa” (p.40). Leontiev (1947/1978) explica que “o nascimento e o surgimento do psiquismo perceptivo nos animais são condicionados por mudanças anatômicas e fisiológicas profundas” (p.40). Destaca o desenvolvimento e a transformação do papel dos órgãos dos sentidos (em especial a visão que age a distância) que aliada ao desenvolvimento das funções motoras, permite a realização de operações cada vez mais complexas, exigidas pela vida no meio terrestre. “As funções motrizes dos animais corticalizam-se cada vez mais (isto é, passam para o córtex cerebral), de modo que o pleno desenvolvimento das operações nos animais produz-se em relação com o desenvolvimento do córtex” (p.42). Com a operação, origina-se uma nova forma de fixação da experiência animal: os hábitos motrizes, que são operações fixadas e na esfera sensorial constrói-se uma memória figurada primitiva. A passagem ao psiquismo

perceptivo, explica Leontiev (1947/1978), acarreta a transformação dos processos de diferenciação e generalização, pois o animal passa a diferenciar e generalizar a imagem dos objetos.

Maior acuidade perceptiva, motora e mnemônica, advinda da nova complexificação do córtex cerebral, aponta que nesse estágio principiam os rudimentos da generalização e da diferenciação de propriedades físicas dos objetos, substratos fundantes da embrionária aprendizagem dos vertebrados. O córtex dos grandes hemisférios do cérebro, que se desenvolveu fortemente nas etapas tardias da evolução dos vertebrados superiores, converterá o cérebro em órgão principal tanto para o tratamento das informações advindas do meio exterior quanto para a regulação do comportamento individualmente variável, característico do **estágio do intelecto** (Martins, 2012, p.23).

No **estágio do intelecto** inaugura-se um tipo de atividade **bifásica**, na qual há no animal (especificamente os símios) sempre uma fase preparatória que antecede a fase de realização. Quando um símio pega um pau para alcançar um fruto, a ação de pegar um pau só possui sentido biológico pela relação do pau com o fruto, o objeto para o qual é orientada a sua ação. O que estimula a ação de pegar o pau, evidentemente não é o objeto pau em si, mas a relação objetiva existente entre o pau e o fruto, o pau cumpre a função de aproximar o fruto. Por isso mesmo que o símio ignorará o pau em uma situação em que ele não vier a estabelecer nenhuma relação com o objeto de sua atividade. As operações realizadas tornam-se um hábito fixado estavelmente, assim o símio é capaz de repetir as mesmas operações em situações análogas. A existência da fase de preparação é o que caracteriza o comportamento intelectual. O animal não atua por movimentos de tentativa e erro, simplesmente, mas por tentativas de operações elaboradas anteriormente. As operações aqui não estão ligadas estavelmente a uma dada atividade que responde a um problema específico, podendo facilmente se transferir a situações análogas ao problema precedente.

O animal aqui é capaz de refletir psiquicamente relações objetivamente existentes entre os objetos. Portanto é superado neste estágio o reflexo das coisas de forma isolada, sendo possível agora o **reflexo de relações entre coisas em determinadas situações**. A transferência de operações se faz pela analogia de relações,

ligações entre objetos e não pela analogia da concretude dos objetos isoladamente. “Agora o animal generaliza as ligações e as relações dos objetos. Estas generalizações formam-se, evidentemente, da mesma maneira que o reflexo generalizado das coisas, isto é, no próprio processo da atividade animal” (Leontiev, 1947/1978, p.57). A base anátomo-fisiológica do intelecto animal é o desenvolvimento do córtex cerebral e suas funções, em especial pela diferenciação das áreas pré-frontais que colocam o córtex frontal em um lugar relativamente mais importante.

Com o resumo da análise de Leontiev (1947/1978) sobre o conteúdo atividade e sua relação com o reflexo psíquico da realidade ao longo da esfera evolutiva animal, podemos chegar à revelação de que não há nenhum fosso intransponível entre o homem e os seus ascendentes animais, pois o pensamento humano é preparado no mundo animal, como se pode observar nos símios e assim por diante. No entanto, Leontiev (1947/1978) assesta que “[...] o intelecto animal é algo absolutamente distinto da razão humana [...] há entre eles uma enorme **diferença qualitativa**” (p.48, grifos nossos). Tal afirmativa “conduz, de pronto, à afirmação marxiana segundo a qual **a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco**, e não o contrário!” (Martins, 2012, p.23). Assim, conclui Leontiev (1947/1978):

O comportamento intelectual que se encontra nos mamíferos superiores e que atinge um desenvolvimento muito particular nos símios antropoides representa o **limite superior** do desenvolvimento psíquico, para além do qual começa a história de um psiquismo diferente, de **um tipo fundamentalmente novo, que é exclusivo do homem, a consciência humana** (Leontiev, 1947/1978, p.58-59, grifos nossos).

Ainda que haja uma semelhança externa da atividade bifásica do animal e seu psiquismo intelectual com o intelecto humano, é importante destacar que no animal o objeto da realidade circundante é sempre inseparável das suas necessidades biológicas instintivas. As operações que ele generaliza são operações de relações entre objetos que só estão em relação no cumprimento das funções biológicas do animal. Os objetos da realidade exterior são refletidos pelo animal apenas pelas propriedades e aspectos ligados à realização das relações destes com a satisfação de necessidades biológicas e instintivas. Por isso a atividade animal tem como lei geral a permanência dos “limites das suas relações biológicas, instintivas, com a natureza” (Leontiev, 1947/1978, p.62).

Neste sentido, mesmo na atividade bifásica no estágio do intelecto, não há no animal o reflexo objetivamente concreto estável da realidade, o que só ocorrerá no ser humano.

Resumida está a tese da pré-história da consciência humana, como reflexo psíquico especificamente humano, no longo e complexo processo de desenvolvimento do psiquismo animal, no seio da evolução biológica.

O psiquismo animal, portanto, obedece às leis gerais da evolução biológica. “Cada grau do desenvolvimento psicológico corresponde à passagem a novas condições exteriores de existência para os animais e a um passo adiante na complexidade da sua organização física” (Leontiev, 1947/1978, p.59). No processo evolutivo as transformações das condições de existência em que vive o animal provocam a transformação da estrutura de sua atividade, o que cria a necessidade de transformação dos órgãos e de suas funções. Assim, é com este processo que o reflexo psíquico, que é função dos órgãos vitais, adquire uma forma superior. “O fundamento material do desenvolvimento complexo do psiquismo dos animais é, portanto, constituído pela formação de <<instrumentos naturais>> da sua atividade, os órgãos e as suas funções” (Leontiev, 1947/1978, p.61).

A passagem à consciência humana, no entanto, “não está ligada apenas à transformação da estrutura fundamental da atividade e ao aparecimento de uma nova forma de reflexo da realidade” (Leontiev, 1947/1978, p.68). Diferentemente do animal

[...] o psiquismo humano não se liberta apenas dos traços comuns aos diversos estágios do psiquismo animal, que acabamos de analisar; não reveste apenas traços qualitativamente novos; o essencial, quando da passagem à humanidade, está na modificação das leis que presidem o desenvolvimento do psiquismo. No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo submete-se às leis do **desenvolvimento sócio-histórico**” (Leontiev, 1947/1978, p.68).

Há um salto de qualidade do mundo animal ao mundo dos homens que transforma as leis que regem a vida humana. Cabe-nos o questionamento: como a atividade humana e seu reflexo psíquico da realidade passam a ser regidos por leis sociais e não mais por leis da evolução biológica? Para responder a esta questão será

necessário demonstrar o processo de subversão das leis evolutivas que são sobrepostas pelas leis de desenvolvimento sócio-históricas na transformação da estrutura da atividade humana e seu reflexo psíquico da realidade. O processo de subversão das leis naturais em sociais evidenciará as condições do aparecimento do **trabalho** como uma atividade vital específica do mundo dos humanos, atividade esta cujo reflexo psíquico da realidade é a **consciência**, que também se mostra superior e particular aos seres humanos. Passaremos então, ao estudo de Leontiev sobre a especificidade da atividade humana.

### 3.2.2 Da hominização à humanização

Leontiev (1978) aponta algumas condições necessárias ao aparecimento do **trabalho** como atividade especificamente humana que liga praticamente o homem à natureza e a forma especificamente humana de reflexo psíquico da realidade, a **consciência**. Na contraposição às teorias idealistas que assumem uma essência humana espiritual, Leontiev (1961/1978) remonta à teoria evolutiva de Darwin na compreensão de que o ser humano é produto da evolução gradual do mundo animal. Este dado é compreendido pelo autor como um debate produzido e desenvolvido ulteriormente no âmbito da ciência para tratar das distinções radicais que existem entre os seres humanos e os animais. Afinal, é elencado por Leontiev (1947/1978, p.70) como condições do aparecimento das formas humanas de atividade e reflexo da realidade o processo “hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos dos sentidos”.

Ainda assim, certamente Leontiev (1961/1978) faz críticas aos limites do debate sobre o papel dos caracteres inatos e da existência de limites biológicos do ser humano como um grosseiro exagero que “serviu de fundamento teórico às teses pseudobiológicas mais reacionárias e mais racistas” (Leontiev, 1961/1978, p.261). Esta crítica demarcada já nos objetivos de seu livro é feita pelo autor de encontro com a concepção do ser humano como “um ser de natureza **social**, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em **sociedade**, no seio da **cultura** criada pela humanidade” (Leontiev, 1961/1978, p.261).

Leontiev (1940/2005) compreende que foi nos estágios iniciais de uma vida coletiva nos animais antepassados ao homem primitivo que se criaram os “pré-requisitos capazes de conduzir, e [que] na verdade conduziram, à possibilidade do

surgimento do trabalho e da sociedade humana fundados no trabalho” (p.59). No entanto, compreende que não há uma linearidade evolutiva que explica a passagem do animal ao ser humano. Pois para o autor há um processo de organização física do ser humano que ele chama de **hominização**, processo este que se encerra com o surgimento da história da humanidade, que só pode ser compreendida pelas leis sociais da atividade produtiva do trabalho.

Leontiev (1961/1978) indica que logo após a obra de Darwin “*A origem das espécies*” de 1859, F. Engels<sup>11</sup> estava buscando na especificidade da atividade humana do trabalho a explicação do processo de transformação do animal ao ser humano, demonstrando a origem animal do ser humano e ao mesmo tempo a sua radical diferença como ser social fundado na vida em sociedade organizada na base do trabalho. Leontiev (1961/1978), utilizando-se dos dados que dispunha da paleantropologia, explica a transformação do animal em ser humano como o processo de hominização, o processo de organização física do ser humano, que é dividido pelo autor em três grandes estágios.

O primeiro é o estágio da **preparação biológica do ser humano**, cujos representantes são os australopitecos, no fim da era terciária e início do quaternário, que eram animais que “levavam uma vida gregária, conheciam a posição vertical e serviam-se de utensílios rudimentares, não trabalhados” (Leontiev, 1961/1978, p.262) e uma forma primitiva de comunicação. O segundo estágio corresponde ao da **passagem ao ser humano**, do pitecantropo ao Neandertal, em que ainda apresentava-se a submissão às leis da evolução biológicas, porém, ao mesmo tempo iniciava-se a fabricação de instrumentos e as “primeiras formas, ainda embrionárias, de **trabalho** e de **sociedade**” (p.262). Sob a influência do trabalho e da comunicação pela linguagem suscitada no trabalho, o desenvolvimento biológico do homem passou a tornar-se dependente do desenvolvimento da produção, que é um processo que responde a leis objetivas próprias, leis sócio-históricas. Desta forma, o desenvolvimento humano possuía uma dupla determinação: leis biológicas em que seus órgãos se adaptavam de acordo com o processo da produção e, por sua vez, as leis sócio-históricas que regiam o processo de produção que suscitava transformações biológicas no homem neste período. É no terceiro estágio, em que se forma o *Homo sapiens*, que o papel das leis biológicas é

---

<sup>11</sup> Leontiev só pode estar referindo-se a obra de F. Engels “*O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*” de 1876.

radicalmente alterado, tornando-se secundário, uma vez que apenas as leis sócio-históricas regerão de fato o desenvolvimento e a evolução do homem.

Vale destacar o esclarecimento do autor que o ser humano “não está evidentemente subtraído ao campo de ação das leis biológicas. O que é verdade, é que as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade” (Leontiev, 1961/1978, p.264). Desta forma, o homem libera-se das determinações biológicas profundamente lentas e cada indivíduo nascido possui “todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado” (Leontiev, 1961/1978, p.263). Nesta última afirmação é que Leontiev (1961/1978) contrapõem-se radicalmente às concepções modernas que permanecem afirmando toda a história do homem como um processo que conserva a dupla determinação, biológica e ao mesmo tempo social, acabando estas teorias por transporem mecanicamente as leis biológicas à realidade profundamente complexa e distinta da vida em sociedade, sujeitando a consciência a mero epifenômeno. Para Leontiev (1961/1978) o processo de hominização como organização física do ser humano encerra-se com o surgimento da história social da humanidade.

### 3.2.3 O ser social e a ação orientada a um fim

A atividade para Leontiev (1977/1980, 2005b) é um termo especializado para designar o conceito geral de vida. Isso quer dizer que a atividade é a **unidade da vida**, “uma unidade não aditivada de vida material, corpórea, do sujeito material” (Leontiev, 1977/1980, p.51). São os próprios processos vitais e no ser humano são os processos ativos que o sujeito realiza em sua vida no mundo objetivo “o seu ser social em toda a sua riqueza e variedade das suas formas” (p.50). A atividade é um processo que medeia a relação entre sujeito e objeto e ao mesmo tempo, “no plano psicológico, é uma unidade de vida, mediatizada pela reflexão mental, por uma **imagem** cuja função real é reorientar o sujeito no mundo objetivo” (p.51).

Demonstraremos que para Leontiev a atividade especificamente humana que liga praticamente o sujeito à realidade objetiva é o **trabalho** “um processo que realiza o seu ser **social**, que é também o meio da sua existência como uma criatura corpórea, natural” (Leontiev, 1977/1980, p.61). Explicaremos como a base material da atividade humana é social e que no processo de trabalho a forma especificamente humana **do reflexo**

**subjetivo da realidade objetiva** passa a ser a **consciência**, de modo que se torna inconcebível a existência de uma consciência individual fora das relações sociais de produção da vida.

Vimos que a atividade animal é sempre determinada pelo seu sentido biológico, ou seja, a correspondência das propriedades da realidade objetiva que o animal é capaz de refletir à satisfação de uma necessidade biológica. Seu próprio reflexo psíquico, a capacidade do animal de orientar-se no meio em que vive, é determinado pelas leis evolutivas da luta pela sobrevivência. A capacidade de sobrevivência de um organismo animal (propriamente individual) no seu meio é determinada, justamente, pelas aquisições filogenéticas transmitidas hereditariamente à espécie. Assim, na atividade animal suas necessidades biológicas sempre coincidem com seus objetos, numa relação mediada pelas capacidades naturais de reflexão de seus órgãos vitais em atividade, em sua ligação prática com a realidade, e mesmo com a utilização de instrumentos naturais, como no caso dos símios. É neste sentido que Leontiev (1947/1978) afirma que na atividade animal o motivo, aquilo que incita a ação, sempre coincide com seu objeto.

Na atividade humana o que se passa é profundamente diferente. A atividade que liga praticamente o ser humano à natureza é o trabalho, que é em sua essência um processo coletivo, que só pode ser explicada neste processo e não pela atividade do indivíduo isoladamente, como é possível na investigação animal. A atividade dos animais superiores, que é submetida às relações naturais entre os objetos se transforma no homem em uma atividade submetida às relações sociais desde a sua origem. Leontiev (1978, 1940/2005, 1975/1984) retoma Marx<sup>12</sup> para explicar a qualidade constitutiva do trabalho como a atividade especificamente humana.

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que **o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza**. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e

---

<sup>12</sup> As principais obras de Marx a que Leontiev recorre, dentre outras não menos conhecidas, são: “*O Capital*”, “*A ideologia Alemã*” e os “*Manuscritos Econômicos Filosóficos*”.

ao modifica-la, ele modifica ao mesmo tempo usa própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio [...] Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; **realiza ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo**, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim [...] Os elementos simples do processo de trabalho são **a atividade orientada a um fim** ou o trabalho mesmo, **seu objeto e seus meios** (Marx, 1983, p.149-150, grifos nossos).

Assim como Marx (1983) define “os elementos simples do processo de trabalho” como “a atividade orientada a um fim [...] seu objeto e seus meios”, Leontiev (1940/2005) afirma a **ação orientada a um fim** como a **unidade da atividade especificamente humana**. Tal unidade presume uma indissociabilidade entre trabalho e consciência na investigação científica, o que afasta definitivamente a noção de consciência como mero epifenômeno, afirmando-a como um momento essencial na atividade, sem que por isso caiamos numa compreensão idealista de que a atividade se torne “simplesmente uma intérprete e portadora da imagem psíquica que se objetiva em seu produto” (Leontiev, 1975/1975/1984, p.101).

Para Leontiev (1978) é na atividade de trabalho comum aos seres humanos que se encontram as condições gerais que tornaram possível o aparecimento da **consciência** como a forma especificamente humana do **reflexo subjetivo da realidade objetiva**, “como produto subjetivo, como forma transfigurada de manifestação das relações, sociais por sua natureza, que são realizadas pela atividade do homem no mundo objetivo” (Leontiev, 1975/1975/1984, p.101). É no trabalho que se produziu a necessidade da consciência, pois somente numa atividade essencialmente coletiva é que pode se produzir processos orientados a um fim consciente:

Historicamente, o aparecimento na atividade de processos de ação orientados para um fim foi o resultado da emergência de uma sociedade baseada no trabalho. A atividade das pessoas trabalhando em conjunto é estimulada pelo seu produto, que

inicialmente corresponde diretamente às necessidades de todos os participantes. Mas a mais simples divisão técnica do trabalho que surge neste processo leva necessariamente à emergência de resultados intermédios, parciais, que são alcançados pela participação individual na atividade laboral coletiva, mas que **em si mesmos** não podem satisfazer a necessidade de cada participante. Esta necessidade é satisfeita não pelos resultados <<intermédios>>, mas pela partilha do produto da atividade total que cada um recebe graças às relações entre os participantes resultantes do processo de trabalho, isto é, as relações **sociais** (Leontiev, 1977/1980, p.55).

No trabalho, o ser humano não apenas se adapta à natureza como os animais, mas por meio de um fim consciente ele “medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (Marx, 1983, p.150):

Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural **seu objetivo**, que ele sabe que **determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade**. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho (Marx, 1983, p.150, grifos nossos).

Isto quer dizer que o ser humano transforma a natureza segundo um projeto ideal, uma representação do resultado que deve ser atingido, que orienta o caráter produtivo da sua atividade: “a imagem psíquica do produto como finalidade deve existir para o sujeito de tal modo que este possa **atuar** com esta imagem, ou seja, transforma-la em concordância com as condições existentes” (Leontiev, 1975/1984, p.100). Neste sentido, os objetos produzidos pelos seres humanos constituem uma síntese entre imagem projetada pelo ser humano e matéria natural pré-existente. No entanto, Leontiev (1975/1984) adverte que “no produto não fica impressa a imagem, senão precisamente a atividade, esse conteúdo objetivo do qual ela é objetivamente portadora” (p.101) e que para que uma representação surja, é necessária a “ação que entra em contato real com objetos verdadeiramente tangíveis” (Leontiev, 2005a, p.7). Assim, o que medeia a

relação entre sujeito e objeto, entre o ser humano e a natureza, é sempre a atividade prática sensível.

Ao explicar a estrutura da atividade humana como “um processo entre o homem e a Natureza” (Marx, 1983, p.150), corroborando com os pressupostos marxianos, Leontiev (1978) destaca o trabalho como um processo entre o ser humano e a natureza que difere profundamente da relação do animal com a natureza. Primeiramente, porque no trabalho **o ser humano somente entra em relação com a natureza por meio da relação que estabelece com outros homens na reprodução de suas vidas**. Na atividade humana, o que a orienta não é um motivo biológico que se realiza no objeto de sua atividade, como nos animais. O trabalho é uma **atividade orientada a um fim consciente** e é este fim que dirige a atividade do indivíduo humano. E o fim que orienta a atividade individual possui sentido para o indivíduo **apenas** em relação ao produto final da atividade coletiva e em relação com a atividade dos outros indivíduos que realizam o processo. É necessário que se revele ao sujeito o objeto da atividade particular em sua relação com a atividade coletiva. Leontiev (1947/1978) exemplifica este processo desde a atividade de trabalho mais primitiva no ser humano:

Quando um membro da coletividade realiza a sua atividade de trabalho, realiza-a também com o fim de satisfazer uma necessidade sua. Assim, a atividade do batedor que participa na caçada coletiva primitiva é estimulada pela necessidade de se alimentar ou talvez de se vestir com a pele do animal. Mas para que é que está diretamente orientada a sua atividade? Pode ser, por exemplo, assustar a caça e orienta-la na direção dos outros caçadores que estão à espreita. É propriamente isso que deve ser o resultado da atividade do caçador. Ela pára aí; os outros caçadores fazem o resto. É evidente que este resultado (assustar a caça) não acarreta por si mesmo e não poderia acarretar a satisfação da necessidade de alimento, de vestuário, etc., que o batedor sente. Assim, aquilo para que estão orientados os seus processos de atividade não coincide com o seu motivo; os dois estão separados. (Leontiev, 1947/1978, p.76).

Leontiev (1947/1978) nomeia de **ação** os processos da atividade humana orientados a um fim, em que motivo e objeto não coincidem. O motivo é aquilo que

incita a atividade “aquilo em que a necessidade se concretiza de objetivo nas condições consideradas e para as quais a atividade se orientada, o que a estimula” (p.97). Em uma ação, onde o motivo não coincide com o objeto, ele não se concretiza no resultado imediato desta ação, mas somente no resultado da atividade coletiva. As ações orientadas a um fim consciente “levam a uma espécie de divisão de funções previamente unidas no seu motivo” (Leontiev, 1977/1980, p.56).

A gênese de uma tal atividade em que aquilo que a incita, o seu motivo, não coincide com seu objeto, a ação propriamente dita, só pode encontrar-se no seio de um processo coletivo de agir sobre a natureza. A “decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de refletir psiquicamente **a relação** que existe entre o **motivo objetivo** da ação e o seu **objeto**. Senão a ação é impossível e vazia de sentido para o sujeito” (Leontiev, 1947/1978, p.79, grifos nossos). Esta relação entre o motivo e o objeto da ação é justamente a relação da ação do indivíduo com as ações de outros indivíduos num processo único de trabalho. Portanto, **a base material objetiva da estrutura específica da atividade do indivíduo humano é precisamente a atividade de outros homens**. Este é um ponto fundamental exposto na obra de Leontiev, sem o qual a compreensão do trabalho torna-se impossível.

No processo de trabalho, ao refletir a relação entre o objeto da ação e o seu motivo, o ser humano adquire a capacidade de **distinguir o objeto de sua ação da própria relação específica que estabelece com este objeto no ato particular**, diferenciação esta que é impossível mesmo nos animais superiores.

Vimos que na atividade bifásica dos símios, no estágio do intelecto, os instrumentos que utilizam estão em relação estritamente naturais, determinadas pelo sentido biológico da ação. Por isso, animais não destacam um instrumento da própria relação que este estabelece com o objeto de satisfação de uma necessidade biológica. Não são capazes de apartar os objetos das relações biológicas que estabelecem com eles. Por isso mesmo o animal mais superior não é capaz reconhecer um objeto utilizado em uma operação em sua concretude real, não é capaz de construir e conservar um instrumento: “logo que o pau desempenhou a sua função nas mãos do macaco, ele torna-se para o animal um objeto qualquer, sem interesse. Não se tornou suporte permanente da operação considerada” (Leontiev, 1947/1978, p.82). O instrumento no animal é meramente a possibilidade natural de realização de sua atividade instintiva, “mesmo quando utiliza um instrumento especializado artificial, um símio só age nos

limites orgânicos dos seus modos instintivos de atividade” (p.83). A sua atividade é sempre orientada e engendrada por objetos capazes de satisfazer suas necessidades biológicas:

Não há atividade animal que não responda a qualquer necessidade estritamente biológica, que não seja provocada por um agente com uma significação biológica para um animal (a de um objeto que satisfaz tal ou tal necessidade) e cujo último elo da cadeia não esteja diretamente orientado para este objeto. Como dissemos, o objeto da atividade dos animais confunde-se sempre com o seu motivo biológico; estes dois elementos coincidem sempre (Leontiev, 1947/1978, p.76).

O fato de a atividade no animal ser determinada pelo seu sentido biológico significa que há uma identidade entre determinadas propriedades/objetos que incita o animal a agir e sua necessidade biológica, como no caso da ligação entre a vibração do inseto na teia da aranha e o sentido biológico de alimento desta vibração ou mesmo a operação pau-fruta para o símio. De fato estas ligações não existem para a aranha nem para o símio fora do sentido biológico, os animais não refletem os objetos concretos, apenas relações de sentido biológico entre estes objetos. O ser humano também submete sua ação à uma certa ligação, à uma relação determinada, no entanto “não encontramos na base desta ligação uma relação natural, mas uma relação social, a relação de trabalho do batedor com os outros participantes na caçada coletiva” (Leontiev, 1947/1978, p.80).

### **3.3 A atividade como lastro do desenvolvimento humano**

Veremos que Leontiev demonstra como a atividade humana, social por sua natureza, rege o desenvolvimento humano. Esclarece como as aquisições do ser humano possuem um caráter de fixação exterior, diferente dos animais, que fixam suas aquisições morfológicamente. Com isso a transmissão dos caracteres adquiridos que nos animais são transmitidos às gerações por meio da hereditariedade, nos seres humanos os caracteres que definem a condição de ser humano são fundamentalmente transmitidos por meio do processo de apropriação, um processo essencialmente social. Compreendendo como se dá o processo de desenvolvimento humano, passaremos a exposição de como a atividade humana revela a estrutura da consciência.

### 3.3.1 O desenvolvimento do ser humano como processo histórico

Vimos que o trabalho é para Leontiev a atividade que liga praticamente o ser humano com a natureza numa ação orientada a um fim, cuja base material são as relações sociais que estabelecem os seres humanos na reprodução de suas vidas. O trabalho é a atividade vital que medeia a relação entre o ser humano e a natureza e esta atividade é, por sua vez, mediada por uma imagem subjetiva da realidade objetiva, um projeto ideal que determina o modo de operar da ação objetivando-se assim um produto que não é um mero desdobramento natural, mas uma síntese da atividade social humana.

É neste sentido que o ser humano transforma a natureza, cria o novo a partir do já existente: os “fenômenos externos da **cultura material e intelectual**” (Leontiev, 1961/1978, p.265). No processo de trabalho, o fim alcançado e incorporado ao objeto “inicia por meio deste uma existência independente do homem criador, inicia sua própria existência [...] a representação se tornou objeto de percepção [...] uma coisa passou a ser percebida, tomando a forma de um objeto objetivamente existente. Esta é a consciência do objeto dado” (Leontiev, 2005a, p.9).

O processo extingue-se no produto. Seu produto é um valor de uso; uma matéria natural adaptada às necessidades humanas mediante transformação da forma. O trabalho se uniu com seu objetivo. **O trabalho está objetivado e o objeto trabalhado.** O que do lado do trabalhador aparecia na forma de mobilidade aparece agora como propriedade imóvel na forma do ser, do lado do produto (Marx, 1983, p.151).

Leontiev (1978) compreende que o processo de **objetivação** representa uma nova forma de **acumulação** da experiência filogenética que nasce com o trabalho. Na produção social da vida, o homem encarna suas “forças e faculdades intelectuais” em seus produtos, portanto “a história da cultura material e intelectual da humanidade manifesta-se como um processo, que exprime sob uma forma exterior e objetiva as aquisições do desenvolvimento das aptidões do gênero humano” (Leontiev 1959a/1978, p.165). Esta nova forma de acumulação da experiência do homem, o processo de objetivação das forças humanas essenciais sob a forma de objetos concretos, representa a **primeira condição fundamental do processo de apropriação**, para a realização da

transmissão das aquisições humanas às gerações posteriores num processo verdadeiramente novo, que não existe no mundo animal.

No trabalho o homem faz intervir um conjunto de capacidades que se imprimem em seu produto, as “forças e faculdades físicas” neste processo “apenas realizam sob a forma prática a especificidade da atividade humana do trabalho, aquilo que constitui o seu conteúdo psicológico”. Leontiev (1960/1978; 1959a/1978) chama a atenção para que a psicologia considere o processo “não apenas do ponto de vista da objetivação (*Vergegenständigung*) das capacidades humanas, mas do ponto de vista da sua assimilação, da sua **apropriação** (*Aneignung*) pelos indivíduos” (Leontiev 1960/1978, p.237). Para Leontiev (1959a/1978) o processo de apropriação é um processo particular “o processo inverso de objetivação das suas faculdades nos produtos objetivos da sua atividade” (p.168).

Leontiev (1978) fundamenta-se em Marx (1845/2007) na proposição de que o processo de apropriação das forças produtivas é justamente o “desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é, precisamente por isso, o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos” (Marx, 1845/2007, p.73). O conceito de apropriação em Leontiev (1978) demarca uma concepção social e histórica de desenvolvimento humano. É pelo processo de apropriação que o desenvolvimento humano ocorre.

É no processo de apropriação que o indivíduo reproduz “caracteres, faculdades e modos de comportamento humanos formados historicamente. Por outros termos, é o processo graças ao qual se produz na criança o que, no animal, é devido à hereditariedade: a transmissão ao **indivíduo** das aquisições do desenvolvimento da espécie” (Leontiev, 1959b, p.320). No processo de apropriação o homem reproduz **ativamente** as aptidões e funções humanas elaboradas historicamente e criam-se neoformações psicológicas, aptidões e funções humanas formadas, em que os processos inatos e hereditários são apenas condição interior, possibilidade. O que é determinante são os processos sociais que propiciarão a apropriação dos caracteres humanos acumulados historicamente. Para se apropriar dos objetos humanos é necessário desenvolver em relação ao objeto “uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto” (Leontiev, 1961/1978, p.268).

A relação com os objetos humanos é, portanto profundamente distinta da maneira como os animais se relacionam com seu meio natural. O comportamento individual do animal depende: 1) da experiência específica fixada hereditariamente nos mecanismos de reflexo incondicional instintivo e 2) da experiência individual que consiste em uma “adaptação do comportamento específico aos elementos mutáveis do meio exterior” (Leontiev 1959b/2004, p.190). Já no homem o processo é radicalmente diferente:

No decurso do seu desenvolvimento ontogênico o homem entra em relações particulares, específicas, com o mundo que o cerca, mundo feito de objetos e de fenômenos criados pelas gerações humanas anteriores. Esta especificidade é antes de tudo determinada pela natureza destes objetos e fenômenos. Por outro lado, é determinada pelas condições em que se instauram as relações em questão (Leontiev 1959a/1978, p.166).

Aqui, Leontiev (1959a/1978) chama atenção para 1) o conteúdo social e histórico dos objetos que constituem o mundo humano no qual o indivíduo se insere e 2) o fato de a forma como o homem entra em relação com esses objetos ser socialmente determinada. Vejamos a primeira questão. O conteúdo dos objetos diz respeito à atividade acumulada e fixada nesses objetos pela experiência das gerações anteriores. Um determinado instrumento criado pelo homem possui uma função específica dentro do processo de produção. Para que esta função seja cumprida, o homem deve realizar com este instrumento determinadas operações que são o modo da atividade, que é determinado pelas propriedades objetivas do próprio objeto ao qual se dirige o instrumento.

Vejamos a segunda questão. A forma como o homem entra em relação com os objetos está, certamente, profundamente imbricada ao seu conteúdo. Porém o que se quer destacar é que a ação de outros homens desempenha papel decisivo na atividade do indivíduo. Em *“Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar”*, Leontiev (1944/2006) pontua a relação de dependência da criança em relação à atividade dos adultos, uma vez que “a satisfação de suas necessidades vitais é, na realidade, ainda diferente dos resultados de sua atividade” (p.119). Na atividade animal, mesmo quando este se utiliza de “instrumentos rudimentares” como um pau, a ação de outros animais não influi de forma alguma em seu comportamento. Primeiro, porque os objetos

humanos acumulam uma dada experiência de atividade e conhecimento que é transmitido de geração em geração pela **comunicação entre os homens**. Inicialmente, uma comunicação mediada pela ação de um indivíduo sobre o outro e pelos objetos e, posteriormente, pelas palavras. A comunicação para Leontiev (1978) é um aspecto da atividade coletiva dos homens e se constitui como a **segunda condição fundamental do processo de apropriação**.

Leontiev (1959a/1978) comenta que o aparecimento do motivo de comunicação no comportamento infantil é justamente o momento em que as ações da criança passam a ser direcionadas fundamentalmente pelo efeito que exercem sobre o adulto.

Aliás, a representação de um homem sozinho em face do mundo de objetos que o rodeia é, evidentemente, uma hipótese puramente artificial. Nas circunstâncias normais, as relações do homem ao mundo material que o cerca, são sempre mediatizadas pela relação a outros homens, à sociedade. Elas estão incluídas na comunicação, mesmo quando o homem está exteriormente sozinho, quando se entrega a uma tarefa científica, por exemplo, (Leontiev 1959a/1978, p.170).

Por meio da atividade humana os objetos são apropriados pelo indivíduo na sua significação social, “base inicial sobre a qual se dá a aquisição da linguagem, a apropriação da comunicação verbal” (Leontiev, 1959a/1978, p.171). Os objetos criados pelo homem encontram-se sempre em um sistema de significações, ligações objetivas fixadas na linguagem. Leontiev (1947/2004) explica que a significação é “a forma sob a qual o homem assimila a experiência humana generalizada e refletida”, o que demonstra que esta é fundamental e poderíamos dizer até determinante no processo de apropriação: é “a condição da apropriação dos indivíduos desta experiência e a forma da sua existência na consciência” (Leontiev, 1959a/1978, p.172).

Leontiev (1947/1978) retoma Marx (2007) para explicar a gênese da linguagem na atividade social do trabalho definindo-a como “um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos” (p.87):

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce,

tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercambio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens (Marx, 2007, p.34-35).

Vale dizer, que não obstante a linguagem seja condição decisiva do ser social “a linguagem nem por isso é o demiurgo do humano no homem” (Leontiev, 1959a/1978, p.172), pois é somente na atividade de trabalho que se encontram as primeiras formas de comunicação que antecedem a linguagem verbal e articulada.

No desenvolvimento da criança em seu processo de aquisição da linguagem, há inicialmente uma forma de comunicação prática, onde a palavra é ainda um “sinal que comanda a sua atividade de orientação em relação aos objetos que ela percebe pelos sentidos que lhe permite apanhá-los, compará-los e distingui-los de outros objetos exteriormente semelhantes” (Leontiev, 1959a/1978, p.183). Com o desenvolvimento da utilização da palavra, que fixa a experiência social em sua significação, a aprendizagem da criança torna-se qualitativamente distinta, pois ocorre na criança a formação de “ações interiores cognitivas, isto é, de ações e operações intelectuais” (Leontiev, 1959a/1978, p.184). Este processo de formação de ações e operações intelectuais é chamado de **interiorização**<sup>13</sup>, processo que Leontiev (1959a/1978) aponta que foi descrito por numerosos psicólogos, destacando L.S. Vigotski por ter demonstrado a importância decisiva deste processo para o desenvolvimento humano.

A retomada da tese de Vigotski do processo de interiorização vem de encontro justamente com a demonstração da historicidade da natureza do psiquismo humano ao conceber como resultado do processo de apropriação pelo homem dos produtos da cultura humana a “reorganização dos mecanismos naturais dos processos psíquicos no decurso da evolução sócio-histórica e ontogênica” (Leontiev, 1959a/1978, p.152).

O ser humano utiliza ativamente as propriedades naturais de seu tecido cerebral em sua atividade mediada. Como não ocorrem modificações morfológicas consideráveis no decurso da história social do desenvolvimento psíquico do ser humano, o substrato material do seu desenvolvimento ontogenético, assim como nos animais, é constituído por sistemas de reflexos sensíveis formados pela vida, porém somente no ser humano “se tornam verdadeiros órgãos funcionais do cérebro formado por ontogênese”

---

<sup>13</sup>Este processo também é conhecido nas traduções brasileiras das obras de L.S. Vigotski por **internalização**.

(Leontiev, 1960/1978, p.255). Estes órgãos funcionais do cérebro são **neoformações** que expressam a capacidade do córtex cerebral do ser humano de ser “**um órgão capaz de formar órgãos funcionais**” (Leontiev, 1961/1978, p.271). Estas “neoformações psicológicas têm por órgãos funcionais novas <<uniões nervosas>> funcionalmente formadas por uma <<traçagem>> particular” (Leontiev, 1959a/1978, p.198). E são reproduzidas no indivíduo pelo processo de apropriação no decurso da vida e não em virtude da hereditariedade biológica. Sendo assim, não acarretando modificações morfológicas, o que ocorre é que estas novas uniões dos elementos fisiológicos elementares ocorrem pela capacidade do cérebro de transmitir ao córtex funções dinâmicas em formação que só se desenvolvem e se fixam no processo de apropriação. No decurso da história do desenvolvimento do humano

As leis gerais que regem a atividade cerebral não mudam, quaisquer que sejam os pontos do córtex que se liguem entre si e quaisquer que sejam os “bordados” dinâmicos que então se formem. Estes “bordados” dependem do conteúdo da atividade do sujeito que realiza a relação deste último com a realidade, obedecendo às suas propriedades objetivas. O desenvolvimento, a variação e a diversidade desta atividade criam o desenvolvimento, a variação e a diversidade dos “bordados” (Leontiev, 1959a/1978, p.199).

Leontiev (1959a/1978) afirma que a função das estruturas cerebrais superiores que se formam na ontogênese humana é o psiquismo humano. A atividade humana mediada por instrumentos produz no ser humano novas funções em seu processo psíquico: “recria e reconstrói por completo toda a estrutura do comportamento, do mesmo modo que o instrumento técnico recria totalmente o sistema de operações de trabalho” (Vigotski, 1930/2004, p.97). Vigotski faz esta analogia com o instrumento de trabalho por compreender que os processos psicológicos individuais, as funções psicológicas superiores e especificamente humanas, provêm das relações sociais, ou seja, “qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social antes de se tornar função” (Vigotski 1929/2000, p.24).

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível

individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (Vigotski, 1930/1991, p.64).

A interiorização trata-se de um processo fundamental do desenvolvimento humano de “transformação gradual das ações exteriores em ações interiores, intelectuais” (Leontiev, 1959a/1978, p.184). Leontiev (1959a/1978) explica que a atividade intelectual não é inata, tampouco se dá pela acumulação progressiva na criança de associações e uniões em cadeias complexas entrecruzadas devido ao confronto desta com os fenômenos verbais, repetindo e reforçando estas relações, sendo assim sua atualização o próprio desenrolar do processo mental. Do contrário, Leontiev (1959a/1978) afirma que a atividade intelectual se dá pela formação ativa na criança de ações que constituem a base real dos processos de apropriação. A criança sozinha é incapaz de produzir tais ações, por isso que se trata de uma formação ativa nesta na relação com outros seres humanos. Esta ação deve refletir conscientemente na criança “os fenômenos em sua qualidade específica – na sua significação [...] deve manifestar uma atividade intelectual, uma atividade do pensamento que lhe corresponda” (Leontiev, 1959a/1978, p.185). Para que isso ocorra, para que a criança se aproprie de uma ação intelectual é necessário exteriorizá-la, ou seja, que esta seja apresentada a ela inicialmente como uma ação exterior: “passe das ações realizadas no exterior às ações situadas no plano verbal, depois a uma interiorização progressiva destas últimas” (Leontiev, 1959a/1978, p.187).

Portanto, a apropriação é um processo fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, para sua formação humana. Seu desenvolvimento ontogenético está na dependência da relação que estabelece com a produção social, diferindo-se dos animais que, mesmo seu comportamento e experiência individual dependem, em última análise, primeiramente do comportamento inato e instintivo próprio da sua espécie, adquiridos hereditariamente. O homem realiza em seu desenvolvimento ontogênico a experiência sócio-histórica acumulada pelas gerações anteriores ao apropriar-se destas aquisições humanas e “só na sequência deste processo – sempre ativo – é que o indivíduo fica apto para exprimir em si a verdadeira natureza humana, estas propriedades e aptidões que

constituem o produto do desenvolvimento sócio-histórico do homem” (Leontiev 1959a/1978, p.168). Dito de outro modo, o cérebro se torna humanizado.

Este processo de apropriação “acarreta uma modificação da estrutura geral dos processos de comportamento e do reflexo, forma novos modos de comportamento e engendra formas e tipos de comportamento verdadeiramente novos” (Leontiev, 1959a/1978, p.178). Razão pela qual Leontiev (1959a/1978) afirma que o “processo de apropriação tem a particularidade de ser mecanismo de formação de mecanismos” (p.178-179).

Toda a proposição de desenvolvimento humano na obra de Leontiev (1978) tem objetivo de mostrar que os limites da ontogênese humana não são limites biológicos, inatos, mas fundamentalmente limites sociais. Devem assim ser compreendidos no processo da luta de classes, na condição objetiva que os homens encontram-se na vida em sociedade.

Se nas condições da sociedade de classes antagonistas, a maioria dos homens, que pertence às classes exploradas e aos povos oprimidos, é obrigada a efetuar exclusivamente os trabalhos físicos grosseiros, as dificuldades correlativas destes homens para desenvolver as suas aptidões intelectuais superiores não se explica pela “sua incapacidade para se adaptarem” às exigências superiores, mas pelo lugar que ocupam – independentemente da sua vontade – no sistema das relações sociais [...] Na sociedade de classes a encarnação no desenvolvimento dos indivíduos dos resultados adquiridos pela humanidade na sequência do desenvolvimento da sua atividade global, e a de todas as aptidões humanas, permanecem sempre unilaterais e parciais. Só a supressão do reino da propriedade privada e das relações antagonistas que ela engendra pode por fim a necessidade de um desenvolvimento parcial e unilateral dos indivíduos (Leontiev, 1959a/1978, p.173-174).

Para Leontiev (1959a/1978) está claro que somente “a supressão do reino da propriedade privada e das relações antagonistas que ela engendra pode pôr fim à necessidade de um desenvolvimento parcial e unilateral dos indivíduos” (p.174).

### 3.3.2 A estrutura comum da atividade e da consciência

Para Leontiev (1977/1980, 2005b) a **atividade** é a unidade do processo da vida e, como vimos, a atividade especificamente humana é o **trabalho** e a **ação orientada a um fim consciente** é a unidade da atividade especificamente humana, unidade que o autor designa pelo abreviado termo **ação**, porém sempre demarcando seu conteúdo como “processo que obedece a um fim consciente” (Leontiev, 1977/1980, p.55). É no trabalho que se encontram as condições que originam a consciência como a forma propriamente humana do reflexo subjetivo da realidade objetiva: “a consciência deve a sua origem à identificação no decurso do trabalho de ações cujos resultados cognitivos são abstraídos do todo vivo da atividade humana [da práxis social] e idealizados na forma de significados linguísticos” (Leontiev, 1977/1980, p.70-71).

As relações que se estabelecem entre a ação de um indivíduo humano com a ação de outros homens no trabalho existem verdadeiramente para ele, só está provida de sentido a ação na relação com a atividade coletiva: “a consciência da significação de uma ação realiza-se sob a forma de reflexo do seu objeto enquanto **fim consciente**” (Leontiev 1947/1978, p.80, grifos nossos). A relação entre este fim consciente da ação e o motivo da atividade do sujeito está presente para ele em sua “forma imediatamente sensível, sob a forma da atividade do trabalho” (p.80).

Para Leontiev há uma estrutura comum entre a atividade e a consciência. A **ação orientada a um fim consciente** como unidade da atividade humana demonstra a indissociabilidade entre atividade e consciência, uma vez que os processos da atividade prática são sempre regulados por imagens subjetivas da realidade objetiva. Deste modo, a consciência não é compreendida como uma instância abstrata ou um objeto isolado, mas como processo, como movimento real na atividade do ser social.

A estrutura comum entre atividade e consciência é compreendida pela natureza social da consciência como movimento na atividade do ser social, no entendimento de que os processos internos, ou a atividade interior da consciência são produzidos externamente e **interiorizados**, sofrendo assim uma **transformação**. Com isso, afirma que a consciência como atividade interna não se resume nem se identifica com a atividade prática, mas se produz nela e com ela mantém relação numa comunidade de estrutura: “a atividade interna é uma **atividade** genuína, que retém a estrutura geral da atividade humana, independentemente da forma de que se revista” (Leontiev, 1977/1980, p.54). Acredita que “uma vez que reconheçamos a estrutura comum da

atividade prática, externa e da atividade mental, interna, podemos compreender a troca de elementos que tem constantemente lugar entre elas” (p.54). Com a apreensão da **estrutura comum da atividade prática consciente** “podemos compreender que certas ações mentais podem tornar-se parte da estrutura da atividade material, prática direta e, reciprocamente, que as operações motrizes-externas podem servir à atuação da ação mental na estrutura da atividade puramente cognitiva” (p.54).

A atividade como unidade não aditiva, existe sempre como processo e na vida humana existe como ação ou cadeias de ações orientadas a um fim consciente. “Quando consideramos o desenrolar de um processo específico – externo ou interno – do ângulo do motivo, ele surge como atividade humana, mas quando consideramos como processo orientado para um fim, ele surge como uma ação ou sistema, uma cadeia de ações” (Leontiev, 1977/1980, p.56). As relações sociais, na medida em que ligam o fim da ação consciente dos indivíduos ao seu motivo, determinam o conteúdo da atividade do sujeito e direcionam seus processos conscientes.

A forma como opera a consciência, como processo vital, é para Leontiev (2005b) explicitada por três momentos decisivos que definem sua natureza social: as imagens sensoriais, que ganham uma qualidade especial no ser humano com os significados e os significados pessoais. Veremos como Leontiev explica o desenvolvimento desses três momentos constitutivos da estrutura da consciência e após, veremos com as transformações históricas da consciência, como eles são profundamente determinados pelo caráter das relações sociais que ligam o fim da ação ao motivo da atividade.

Para Leontiev (2005b) o tecido sensorial é essencial para a consciência, exercendo uma função insubstituível na produção da imagem do mundo. A função especial das imagens sensoriais conscientes é a de conexão imediata entre a realidade e a consciência do sujeito, “emprestam uma sensação da realidade para a imagem consciente do mundo que aparece diante do sujeito” (p.15). É o que permite que o mundo apareça diante do sujeito como algo existente exteriormente de maneira independente da sua consciência, podendo as coisas deste mundo, inclusive, ser objeto de sua atividade. Portanto, é por meio das imagens sensoriais que a realidade objetiva é distinguida na consciência do seu reflexo, por isso que as imagens sensoriais são “a forma universal do reflexo psíquico que é gerado pela atividade objetiva do sujeito” (1975/1984, p.110; 1977/1980, p.65). Quer o autor demarcar que a sensorialidade não é

divorciada da consciência, que não há “movimento do pensamento mais abstrato fora da função primária dos elementos que o tecido sensorial preenche” (p.18). Assim Leontiev (2005b) considera o tecido sensorial como um primeiro **momento decisivo da consciência**.

O tecido sensorial é, no entanto, completamente variável, de modo que um daltônico não tem uma imagem do mundo essencialmente distinta que os demais, ou mesmo um surdo, um cego ou um surdo-cego. Claro que estes últimos exigem uma educação especializada, mas com isso são perfeitamente capazes de atingir altos níveis de desenvolvimento a revelia de um tecido sensorial empobrecido. Pois no ser humano o tecido sensorial assume uma qualidade nova: “o reflexo consciente da realidade não se limita ao sentimento sensível que dele se tem. Já a simples percepção de um objeto não o reflete apenas como possuindo uma forma, uma cor, etc., mas como tendo uma significação objetiva e estável determinada” (Leontiev, 1947/1978, p.85). O significado é o **segundo momento da consciência**.

Como vimos, no processo de trabalho o indivíduo reflete a relação entre o objetivo da ação particular e o seu motivo e com isso destaca o objeto da sua ação da própria relação específica estabelecida com este objeto no ato particular. Tomam consciência dos objetos numa relação estável entre as necessidades da coletividade e a sua atividade e com isso passam a tomar consciência da capacidade do objeto de uma atividade particular em satisfazer necessidades humanas em geral, independentemente de esta necessidade ser imediatamente sentida por um indivíduo particular e deste objeto ser o objeto da atividade de um indivíduo em particular.

Na consciência, a imagem da realidade não se confunde com a do vivido do sujeito: o reflexo é como que ‘presente’ ao sujeito. Isto significa que quando tenho consciência de um livro, por exemplo, ou muito simplesmente consciência de meu próprio pensamento a ele respeitante, o livro não se confunde na minha consciência com o sentimento que tenho dele. A consciência humana distingue a realidade objetiva do seu reflexo, o que leva a distinguir o mundo das impressões interiores e torna possível com isso o desenvolvimento da observação de si mesmo (Leontiev, 1978, p.69).

Leontiev (1947/1978) explica que no processo de trabalho o indivíduo ao refletir a relação entre o objetivo da ação particular e o seu motivo, reflete o objetivo da sua ação nas suas relações objetivas, nas relações sociais de trabalho em que está inserido. E o reflexo destas relações objetivas é o que Leontiev (1947/1978) chama de **significação**.

A significação é **aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interações e de relações objetivas**. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significações linguísticas, constitui o conteúdo da consciência social; entrando no conteúdo da consciência social, torna-se assim a <<consciência real>> dos indivíduos, objetivando em si o sentido subjetivo que o refletido tem para eles (Leontiev, 1947/1978, p.94).

Leontiev (2005b) afirma em sua conferência voltada ao alunado de Psicologia na década de 1970 que o estudo da consciência avançou seriamente quando o conceito de significado foi colocado como central por LS. Vigotski, como a unidade de análise da consciência. Aqui, Leontiev (2005b) demonstra sua concordância com Vigotski na compreensão do significado como a unidade da consciência. No entanto, sempre que o autor trata do tema dos significados faz questão enfatizar a gênese do significado na atividade.

Vigotski (2004) termina seu último capítulo de *“Pensamento e Linguagem”* escrito no seu leito de morte com a célebre e conhecida frase “a palavra consciente é o microcosmo da consciência humana” (p.486), enfatizando assim o significado das palavras como a unidade da consciência. Coincidentemente, no texto de Leontiev (1977/1980) *“Atividade e Consciência”*, o autor finaliza com a frase “a atividade do homem é a substância da sua consciência” (p.76). Ambos estão tratando do tema do significado como unidade da consciência. No entanto o que Leontiev (1977/1980) faz é tentar dar ênfase no conteúdo dos significados como produto das relações sociais, remetendo às relações sociais a verdadeira natureza da consciência e da própria linguagem como veículo dos significados e como consciência prática. Com isso, poderíamos concluir que Leontiev faz uma defesa da leitura marxista de Vigotski. Tal

defesa é especialmente atual, uma vez que insistem diversas leituras de Vigotski que distanciam a linguagem das relações sociais de produção da vida<sup>14</sup>.

O tema do significado como problema da Psicologia está presente nas principais obras de Leontiev sobre a consciência (1947/1978; 1977/1980; 1975/1984). Leontiev (1977/1980, p.65; 1975/1984, p.111) afirma que “os significados refratam o mundo na consciência do homem”. Os significados são formas ideais materializadas na linguagem, são “a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou a locução” (Leontiev, 1947/1978, p.94). Evidencia que a “consciência não emerge sem a existência da linguagem” (2005b, p.18), pois a linguagem é a forma concreta em que opera a consciência, e é neste sentido que ela é a “consciência prática”. No entanto, o autor faz questão de advertir repetidamente que a linguagem é o veículo dos significados, mas que **“a linguagem não é o demiurgo do significado”** (1977/1980, p.65; 1975/1984, p.111; 2005b, p.18-19).

Explica que “escondidos atrás dos significados linguísticos (valores) estão os modos de ação socialmente desenvolvidos (operações), no processo dos quais as pessoas mudam e conhecem a realidade objetiva” (Leontiev, 1977/1980, p.65). O significado se origina na atividade de trabalho, pois é no trabalho que os indivíduos criam a capacidade de refletir os objetos em suas relações objetivas e generalizam suas propriedades objetivas essenciais num conceito abstrato que é expresso na palavra. A gênese do significado na atividade é esclarecida com o exemplo do golpe do machado exercido na atividade de trabalho do homem primitivo, que “submete as propriedades do material de que é feito este objeto a uma prova infalível; assim se realiza uma análise prática e uma generalização das propriedades objetivas dos objetos segundo um índice determinado, objetivado no próprio instrumento” (Leontiev, 1947/1978, p.82). Com isso conclui que a atividade instrumental no ser humano mostra que o instrumento humano, social por natureza, é “de certa maneira portador da primeira verdadeira abstração consciente e racional, da primeira generalização consciente e racional” (p.82).

Assim, os significados são a forma ideal de cristalização da experiência e da prática social acumulada historicamente e por isso pertencem “antes de mais, ao mundo dos fenômenos objetivamente históricos. É deste fato que devemos partir” (Leontiev,

---

<sup>14</sup> Este tema das leituras da obra de Vigotski dissociadas da filosofia marxiana foi apresentado e discutido por Duarte (2001) e Tuleski (2008).

1947/1978, p.94). Logo, “suas propriedades, conexões, relações” são revelados “por meio da totalidade da prática social” (Leontiev, 2005b, p.19).

Diante disso, aponta que seu método geral consiste em “encontrar a estrutura geral da atividade humana engendrada por condições históricas concretas, depois, a partir desta estrutura, pôr em evidencia as particularidades psicológicas da estrutura da consciência dos homens” (Leontiev, 1947/1978, p.100). Assim, afirma que “os significados por si mesmos, ou seja, abstraídos de seu funcionamento na consciência individual são tão “não psicológicos” como a realidade socialmente conhecida que está por trás deles” (Leontiev, 1975/1984, p.111). Para Leontiev (1975/1984, p.113; 1977/1980, p.66) a consciência não pode ser reduzida ao funcionamento de significados assimilados do exterior, que ao se desenvolverem controla a atividade interna e externa do sujeito. Deste modo, para Leontiev (1975/1984), os significados como problema da Psicologia não devem ser abstraídos das relações internas do sistema da atividade e da consciência, no movimento deste sistema, pois somente assim são temas verdadeiramente psicológicos.

Leontiev (2005b) explica que os significados possuem uma vida dupla, pois se apresentam ao sujeito como objetos da sua consciência e ao mesmo tempo como meio de compreensão da realidade objetiva. Por um lado, no desenvolvimento histórico próprio da linguagem construída socialmente como um sistema linguístico “fenômeno objetivo, intangível, mas ideal [...] reflexo de uma certa realidade” (p.20).

Quando os produtos da prática sócio-histórica, idealizada em significados, se tornam parte do reflexo mental do mundo pelo sujeito individual, adquirem novas qualidades sistêmicas. A principal dificuldade é que os significados têm uma dupla vida. São produzidos pela sociedade e têm sua história no desenvolvimento da linguagem, na história do desenvolvimento das formas de consciência social; expressam o movimento da ciência e os seus meios de conhecimento, e também as noções ideológicas da sociedade – religiosas, filosóficas e políticas. Nesta existência objetiva dos seus significados, obedecem às leis sócio-históricas e ao mesmo tempo à lógica interna do seu desenvolvimento (Leontiev, 1977/1980, p.68).

Por outro lado, há a vida que os significados levam necessariamente no processo de relações internas do sistema de atividade e consciência nos sujeitos específicos. Evidentemente que a linguagem só pode existir por meio destes processos, nos indivíduos reais, no entanto o movimento do sistema linguístico possui riqueza inexaurível que pode ser tema de diversas ciências humanas que não a Psicologia. Somente nas relações internas que “os significados adquirem características propriamente psicológicas e no seu funcionamento nos processos da atividade e consciência de indivíduos específicos, os significados são individualizados <<subjetivados>>” (Leontiev, 1977/1980, p.68).

Os significados ganham relativa independência da prática e assim são indiferentes ou independentes das formas sensoriais, no entanto, “o seu funcionamento na realização do sujeito das relações efetivas em vida necessariamente pressupõe a sua referência às influências sensíveis” (Leontiev, 1977/1980, p.68). Na consciência individual, também adquirem “sua subjetividade especial, que é expressa na **parcialidade**, no viés que adquirem” (p.69). Esta parcialidade é expressão dos motivos da atividade que são sempre determinados pelas relações sociais em que estão inseridos os indivíduos. E os motivos da atividade são apresentados na consciência como significados para o sujeito, aquilo que Leontiev denomina de significados pessoais ou os sentidos, que é o **terceiro momento da consciência**.

Para Leontiev (2005b) os significados pessoais tem a função de avaliar para o sujeito

[...] o significado vital das circunstâncias objetivas e suas ações, o que não corresponde diretamente com seu significado objetivo, entendido [...] Se sensibilidades externas trazem junto significados e a realidade do mundo objetivo na consciência do sujeito, então o sentido pessoal os traz juntos com a realidade da própria vida do sujeito em seu mundo e seus motivos. **O sentido cria a parcialidade da consciência humana** (Leontiev, 2005b, p.23).

Os significados pessoais ou os sentidos parecem forças internas que impelem a atividade do sujeito e “essas experiências internas, revelam diretamente para o sujeito por trás do motivo, quando a necessidade é realizada, serve como uma função única que consiste meramente em guiar o sujeito em direção à verdadeira fonte” (Leontiev, 2005b,

p.24). Neste sentido que o objeto da atividade é o seu verdadeiro motivo, que revela o sentido desta atividade para o sujeito, seu conteúdo psicológico mais íntimo.

A verdadeira função dessas experiências é constituída no fato de que elas sinalizam o sentido pessoal de uma ocorrência se realizando na vida do sujeito e o forçando, por assim dizer, a parar o fluxo de sua atividade para o momento, examinar os valores importantes tomando forma para ele, para se achar neles, ou, talvez, para reavaliá-los (Leontiev, 2005b, p.24).

Para Leontiev (1947/1978) a estrutura da consciência é algo transitório, assim como o são as relações sociais que a engendra: “a verdadeira natureza da consciência humana encontra-se nas contradições do conteúdo da própria vida humana” (p.130). A atividade humana é sempre realizada por ações orientada a um fim consciente, no entanto, transforma-se ao longo da história o caráter das relações sociais que ligam os fins aos motivos da atividade. Por isso, o autor demonstra em seu estudo transformações fundamentais que sofreu a consciência possibilitando, num primeiro, momento a diferenciação entre os significados e os sentidos em nossos antepassados com o desenvolvimento das relações sociais de produção. E então, demonstra como as relações da sociedade capitalista determinam o conteúdo da nossa consciência pelo tipo de oposição que cria na relação entre os significados e os sentidos no processo da consciência.

Leontiev (1947/1978, 1977/1980) afirma que como a propriedade coletiva colocava os seres humanos em relações idênticas aos meios de produção e aos produtos, estes eram, por sua vez, refletidos na consciência individual de maneira idêntica a consciência coletiva, ou seja, o sentido dos fenômenos reais coincidia totalmente para o sujeito com as significações elaboradas socialmente e fixadas na linguagem. “Nos estágios iniciais, quando as pessoas participando num trabalho coletivo têm ainda em comum os motivos, significações como fenômeno de consciência social e como fenômenos de consciência individual correspondem diretamente um ao outro” (Leontiev, 1977/1980, p.70).

No entanto, como explica Leontiev (1947/1978) esta relação de identidade de motivos e, com isso, identidade dos significados na consciência social e individual, não se mantém. Com o desenvolvimento da divisão social do trabalho e da propriedade privada forma-se uma nova estrutura desintegrada. É o resultado da oposição entre a

atividade mental interior e a atividade pratica exterior e sua posterior ruptura. Disso decorrem **duas transformações fundamentais da consciência**. Do primeiro fato decorre uma transformação na estrutura funcional da consciência, na formação de processos psíquicos propriamente internos. Do segundo fato, decorre uma mudança na estrutura interna da consciência, da discordância entre o conteúdo objetivo da atividade e seu conteúdo subjetivo, entre os significados e os sentidos.

Com o desenvolvimento da divisão social do trabalho a atividade intelectual e atividade material passam a pertencer a pessoas distintas e com isso há um “isolamento das ligações e relações pessoais dos indivíduos para quem ela constitui a ocupação exclusiva” (Leontiev, 1947/1978, p.117). Assim, há uma **primeira transformação na estrutura funcional da consciência**:

[...] o homem toma consciência também dos encadeamentos interiores da sua atividade, o que lhe permite atingir seu pleno desenvolvimento. Eles adquirem relativa autonomia e tornam-se orientados, governáveis e motivados conscientemente, quer isto dizer que eles se realizam num tipo de atividade preciso. Subjetivamente o psiquismo manifestar-se-á doravante como pensamento, como atividade intelectual em geral, como lugar ou sujeito dos processos interiores psíquicos. Tal foi a descrição que dele fez a psicologia tradicional (Leontiev, 1947/1978, p.120).

Segundo Leontiev (1947/1978), o desenvolvimento da linguagem e da palavra está na base desta transformação funcional. A comunicação verbal que se desenvolve no trabalho faz surgir as **ações de palavra**, que são ações orientadas a um fim especial de preparação da atividade:

[...] ações de palavra, isto é, ações tendo um fim especial: transmissão verbal, comunicação de um certo conteúdo. Qual é pois, o conteúdo de atividade que se pode ser realizado nas ações verbais? Evidentemente, só se pode ser um conteúdo que respeite à planificação, à organização e à direção de uma atividade, isto é, um conteúdo que não constitui diretamente a realização prática desta atividade. É esta <<fase preparatória>> da atividade prática de trabalho que constitui o seu aspecto teórico. Este último destaca-se, portanto, do processo diretamente prático do trabalho,

embora permaneça ainda confundido com a comunicação verbal (Leontiev, 1947/1978, p.115).

Separa-se, então, a função de comunicação da palavra da função teórica, cognitiva com “o isolamento da função de organização da produção e da troca e, por isso mesmo, da função de ação” (Leontiev, 1947/1978, p.115). A palavra transforma-se em uma atividade relativamente autônoma e ganha, então sua motivação independente, podendo a tal ponto da divisão social do trabalho e da individualização da atividade intelectual orientar-se por fins teóricos, tornando a sua forma exterior facultativa ou até mesmo supérflua.

Leontiev (1947/1978) chama a atenção para a tradicional psicologia idealista que não compreendem as relações concretas que engendram o psiquismo. Estuda a atividade psíquica interior de forma totalmente independente da atividade prática exterior, pois naturaliza a oposição entre atividade intelectual e a atividade prática na persistente dicotomia entre espírito e matéria, mente e corpo, subjetividade e objetividade:

Assim aparece a forma de atividade que a velha psicologia idealista considerava como exclusivamente <<psicológica>> [...] Este isolamento da atividade intelectual reflete-se igualmente na cabeça dos homens, que começam a ver nela não uma das formas surgidas historicamente do processo único da vida real do homem, mas a manifestação de um princípio espiritual particular – o mundo da consciência, oposto ao mundo da matéria e da extensão. Esta concepção idealista errada, que opõe espírito e matéria, desempenhou e desempenha ainda em psicologia um papel verdadeiramente fatal [...] A oposição falaciosa entre espírito e matéria levou a que se apresentasse o pensamento e toda atividade espiritual interior em geral por aquilo que eles não são na realidade. Esta atividade foi considerada pela psicologia não como uma das formas de realização da vida humana, real (constituindo apenas em certas condições históricas precisas o conteúdo essencial da vida de uma parte das pessoas), mas como uma atividade particular, como um tipo de processos particulares, fundamentalmente opostos aos da atividade exterior prática e

totalmente independente desta última (Leontiev, 1947/1978, p.116-117).

Para Leontiev (1947/1978) a atividade interior depende da atividade exterior, pois: 1) possuem estrutura comum, de modo que seus elementos transformam-se uns nos outros “a atividade interior inclui sempre ações e operações exteriores, ao passo que a atividade exterior inclui ações e operações interiores de pensamento” (p.119); 2) ambas ligam o ser humano ao seu meio, ainda que de formas distintas; e 3) ambas são mediadas pelo reflexo psíquico da realidade.

A **segunda transformação fundamental da consciência** que decorre do desenvolvimento da divisão social do trabalho e da propriedade privada é a da sua estrutura interna. Com a oposição entre produtores e os portadores dos meios de produção como a forma universal de produção da vida humana em sociedade, opõem-se nos indivíduos o conteúdo objetivo e subjetivo do trabalho. Pois o sentido da atividade se revela no salário e não no significado objetivo da atividade para a humanidade. Assim o motivo da atividade é estranho ao resultado final da atividade coletiva. A atividade e os produtos possuem uma vida dupla e a significação social do produto do trabalho é estranha a ele.

[...] o conteúdo objetivo da atividade não concorda agora com o seu conteúdo subjetivo, isto é, com aquilo que ela é para o próprio homem. Isto confere traços psicológicos particulares à consciência. A atividade do batedor primitivo é subjetivamente motivada pela parte da presa que lhe caberá e que corresponde às suas necessidades; por outro lado, a presa é o resultado objetivo da sua atividade, no quadro da atividade coletiva. Na produção capitalista, o operário assalariado procura, ele também, subjetivamente, a satisfação das suas necessidades de alimento, vestuário, habitação, etc., pela sua atividade. Mas o seu produto objetivo é diferente: este pode ser o minério de ouro que extrai, o palácio que constrói. "O que ele produz para si mesmo não é a seda que tece, não é o ouro que extrai da mina, não é o palácio que constrói. O que produz para si próprio é o salário e a seda, o ouro, o palácio reduzem-se para ele a uma quantidade determinada de meios de subsistência, talvez a uma camisola de

algodão, ao papel de crédito e a um alojamento numa cave". A sua atividade de trabalho transforma-se, para ele, em qualquer coisa de diferente daquilo que ela é. Doravante, o seu sentido para o operário não coincide com a sua significação objetiva. Nas condições da sociedade capitalista, sabe o operário o que é a fiação ou a tecelagem? Possui ele os conhecimentos e as significações correspondentes? Naturalmente que possui estas significações; em todo o caso, só na medida em que isso é necessário para tecer, fiar, furar racionalmente numa palavra, para efetuar as operações de trabalho que constituem o conteúdo do seu trabalho (Leontiev, 1947/1978, p.122-123).

Com a compreensão das relações sociais de trabalho alienadas, Leontiev (1947/1978) afirma a desintegração da estrutura geral da consciência pelo advento da “relação de alienação entre os sentidos e as significações, nas quais o seu mundo e a sua própria vida se refratam” (p.125). Para o autor, o estudo da consciência a partir das relações sociais de produção que a engendram é um princípio da concepção histórica do psiquismo. Por isso, a relação entre consciência e atividade numa estrutura comum da atividade prática consciente é em sua obra a marca de um autêntico estudo da natureza social do psiquismo humano.

## Considerações Finais

Quem não se movimenta, não sente as  
amarras que o prendem.

Rosa Luxemburgo.

O estudo da obra de Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979) que realizamos na presente dissertação, objetiva contribuir para a superação das leituras superficiais da obra de Leontiev, que rebaixam seu trabalho a uma caricatura do marxismo associada ao stalinismo. Compreendemos que esta leitura é propagada especialmente pelos intérpretes da obra de Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934), que ao tentarem dissociar sua obra do marxismo, fazem necessariamente descaracterização da obra de Leontiev.

Vimos no primeiro capítulo, que de maneira geral, os intérpretes invocam uma dicotomia entre subjetividade e objetividade opondo linguagem e atividade, por meio dos conceitos de instrumentos e signos, caracterizando a obra de Vigotski pela ênfase na linguagem e a obra de Leontiev pela ênfase na atividade. No entanto, compreendemos que é incompatível com a filosofia marxiana a dicotomia entre a mediação do ser humano com a natureza (instrumentos) e a mediação entre os seres humanos (signos) pois são parte do mesmo processo da vida humana, essencialmente social. Portanto o primeiro capítulo nos fez questionar se tal dicotomia não seria justamente um problema na interpretação destas leituras que se ajustam a uma polêmica que cumpre a função de retirar a historicidade da obra de Vigotski e Leontiev, esvaziando assim o conteúdo de seus textos.

Mostramos que há um grupo de autores que defendem a ruptura entre Vigotski e Leontiev e que, para isso, trazem suas interpretações sobre alguns fatos e também sobre as lacunas entre os fatos da história que envolve Vigotski e Leontiev. Frequentemente deixam, inclusive, lacunas em suas interpretações sobre essa história. Também vimos que diante das exposições que fazem da obra de Leontiev, os próprios defensores da ruptura se contradizem, o que torna impossível compreender por meio de suas interpretações o verdadeiro conteúdo da obra de Leontiev. Assim, verificamos a necessidade de conduzir o trabalho com dois objetivos a serem cumpridos nos capítulos seguintes: 1) realizar uma reconstituição do contexto histórico em que viveu Leontiev, para verificar ou mesmo contra-argumentar as interpretações trazidas pelos

polemizadores em nosso primeiro capítulo; 2) Recolocar o problema da obra de Leontiev e o caráter da categoria da atividade em sua obra, a partir dos problemas históricos que o autor tomou como tarefa em seu trabalho. No cumprimento destes dois objetivos é que pudemos demonstrar a inverdade da presença da dicotomia entre objetividade e subjetividade por meio da categoria atividade na obra de Leontiev. Restando-nos assim a compreensão de que tal dicotomia é presente justamente na interpretação dos comentadores em suas abordagens sobre a obra de Vigotski e Leontiev.

Primeiramente, demonstramos estas inverdades porque, como vimos no capítulo segundo, Leontiev não corroborou simplesmente com a política para a ciência no regime stalinista. Pelo contrário, diante do “positivismo ao inverso” (Löwy, 2000) da política stalinista, que tentou negar a “especificidade das ciências humanas e de sua distinção metodológica com relação às ciências naturais” (Löwy, 2000, p.169), Leontiev buscou enfrentar a redução da Psicologia à fisiologia, mantendo como central a compreensão da natureza social do psiquismo humano pautando a categoria atividade como método para tanto.

Por fim, em nosso terceiro capítulo demonstramos o caráter vertebral da categoria atividade na busca de Leontiev pela superação da dicotomia entre subjetividade e objetividade, presentes no dualismo das investigações psicológicas incapazes de compreender a natureza social do ser humano e a consciência como psiquismo propriamente humano. Esta limitação nas investigações psicológicas é compreendida tanto por Vigotski como por Leontiev como resultado da crise da Psicologia, da luta entre as concepções filosóficas materialistas e idealistas que incidem sobre as correntes psicológicas. É compartilhando este problema e o caminho para contribuir com sua superação que Leontiev se ancora na obra de Vigotski. Leontiev reivindica o historicismo como método proposto por Vigotski, assim como algumas de suas teses centrais para demarcar o caráter social do psiquismo humano: 1) as funções psíquicas do ser humano são mediadas e 2) as funções psíquicas são antes intersicológicas e com o processo de interiorização tornam-se intrapsicológicas. Partindo dessas teses, Leontiev reivindica a **categoria atividade como um caminho de continuidade para a compreensão histórica da natureza social do psiquismo**. Isso não significa que seria este necessariamente o único caminho possível, fato que também não implica na ruptura metodológica e nas finalidades, pois há uma comunidade no

problema central: a natureza social do psiquismo diante do dualismo presente da Psicologia.

Com a categoria atividade, Leontiev tenta demonstrar a indissociabilidade entre consciência e atividade, demarcando que o psiquismo propriamente humano se funda na produção da vida dos seres humanos. **A obra de Leontiev é marcada por caminhos do ser em atividade, do natural ao social, sublinhando a especificidade da natureza social do humano**, assim como demonstra os desdobramentos históricos da estruturação da consciência. Ao elencar a ação como unidade de análise da atividade especificamente humana – o trabalho – mostra o real caráter social do psiquismo humano, pois a ação humana em seu conteúdo psicológico mais íntimo é inexplicável fora das relações sociais. Assim, aponta para uma estrutura comum entre a atividade e a consciência humana, mostrando de forma materialista e histórica como a atividade psicológica é genuína, na proposição de que ao mesmo tempo em que não pode ser reduzida à atividade prática exterior, também não pode ser compreendida de forma completamente abstraída da ligação prática do sujeito com realidade, pois é nesta relação que se produz.

O estudo de Leontiev sobre o desenvolvimento histórico da consciência evidencia a gênese da palavra (o signo dos signos) na atividade de trabalho, a partir da comunicação que é demandada pela atividade coletiva, fazendo surgir assim as ações de palavras, ou seja, ações orientadas a um fim especial de transmissão de um conteúdo de preparação e planejamento ideal da atividade prática. A palavra ganha assim uma autonomia em relação à função de comunicação para exercer uma função especial, a função teórica e cognitiva. Assim, a mediação que permite o desenvolvimento das funções psicológicas superiores tem sua gênese no trabalho, na produção de instrumentos para dominar a natureza e para dominar seu próprio comportamento. Nas palavras de Vigotski e Luria (1996) “não encontraremos no macaco pré-requisitos de autocontrole ou de uso de signos, ainda que primitivos. Estes só aparecem no período histórico do desenvolvimento do comportamento humano e constituem o conteúdo principal de toda a história do desenvolvimento cultural. Neste sentido, “o trabalho criou o próprio homem” (Engels, 1960, p.279)” (Vigotski e Luria, 1996, p.91). Portanto, é impossível numa perspectiva materialista e histórica entender o processo de desenvolvimento dos signos e por consequência das funções psicológicas superiores de forma descolada do processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento dos instrumentos

de trabalho, no interior da própria atividade vital humana. Somente visões que colocam em segundo plano ou mesmo recusam o marxismo permitem este tipo de interpretação da obra de Vigotski e Leontiev.

Nosso estudo centrou-se no percurso de desenvolvimento da obra de Leontiev, guiando-nos pela compreensão do caráter da categoria atividade em seu trabalho. Consideramos este um estudo primário para contribuir com a abordagem do problema da propagação de leituras superficiais da obra de Leontiev. Não realizamos aqui um estudo comparativo entre a obra de Vigotski e Leontiev. Para isso seria necessário ao menos um capítulo à parte para abordar a rica obra de Vigotski e outro momento para se ater à presença de relações fundamentais entre os autores, enfatizando em cada um deles aquilo que os intérpretes tentam colocar em oposição: linguagem e atividade, instrumentos e signos, objetividade e subjetividade. Esta tarefa, no entanto, não caberia nos limites temporais de um mestrado, porém queremos destacá-la como uma linha frutífera de investigação.

Diante de nosso estudo sobre a obra de Leontiev, certamente cabe a nós esclarecer e reiterar, que há muitos temas relevantes a serem desvelados, visto que mostramos uma infinidade de textos que ainda não temos acesso e também porque nos centramos no problema da categoria atividade como método explicativo da natureza social do psiquismo. Considerando a centralidade desta categoria em sua obra, é possível avançar para outros temas de importante contribuição em Leontiev, como o problema da personalidade em sua obra, que seria merecedor de mais tempo de estudo e mais páginas para abordá-lo. Esta é uma tarefa que fica em aberta a partir de nosso trabalho<sup>1</sup>. Outro caminho em aberto é um estudo comparativo e mais detalhado sobre a consciência em Vigotski e Leontiev.

Por fim, a obra de Leontiev nos instiga a retomar Vigotski e nos encoraja a colocar na ordem do dia o problema da crise da Psicologia, colocando em questão e tomando a responsabilidade pelos rumos de nossa ciência e seu papel na sociedade de classes em que vivemos. Vigotski (1927/2004) convoca-nos a análise metodológica da ciência psicológica para explicitar sua crise, não sendo válida somente a mera crítica de

---

<sup>1</sup> Vale destacar que o tema da personalidade a partir das contribuições de Leontiev já vem sendo abordado com êxito por autores brasileiros, especialmente a autora de importante renome na Psicologia Histórico-Cultural Dra. Lúcia Márcia Martins em sua obra "*A formação social da personalidade do professor*".

um ou outro autor ou teoria, mas a necessidade de **compreender para onde se dirigem as posições** das diversas teorias psicológicas:

[...] desde o primeiro momento consideramos que nosso objetivo não era tanto investigar as posições, mas investigar para onde se dirigem. [...] Diante de uma coisa, no entanto, não devemos nos manter indiferentes: diante das próprias posições, pois somos precisamente nós que devemos ser capazes de **explicá-las**, de descobrir sua lógica interna objetiva, de apresentar claramente toda luta entre posições como expressão complexa da luta de duas psicologias. Em seu conjunto, esta é uma tarefa crítica **baseada** numa análise real dos fatos, e é preciso demonstrar, sobre a casuística das mais importantes correntes da psicologia, o que pode oferecer, como via de interpretação, a tese que propomos. Demonstrar essa **possibilidade**, estabelecer o desenvolvimento essencial dessa análise é parte da tarefa que propusemos aqui (Vigotski, 1927/2004, p.354).

A obra de Leontiev é marcada pelo enfrentamento de concepções psicológicas (ainda tão atuais) que cumprem um caráter ideológico ao colocar sobre os indivíduos o peso de limites e problemas de caráter social como se fossem esses biológicos, inatos ou meramente individuais. Leontiev tinha como objetivo principal “a luta contra estas opiniões biologizantes sobre a natureza e o desenvolvimento do psiquismo humano” (Leontiev, 1978, p.2). O problema da natureza social do psiquismo recuperado por Leontiev é mais atual do que nunca, visto que tarda a necessidade de superação do capitalismo e se dissolve nos recorrentes discursos cheios de truísmos que negam a possibilidade consciente da humanidade conquistar sua verdadeira liberdade.

## Referências

- Almeida, S.H.V. (2007). Análise histórica do livro “O desenvolvimento do psiquismo” de Alexei Nikolaevich Leontiev. **Anais do III Encontro de Educação e Marxismo**. Bahia, BA.
- Almeida, S.H.V. (2008). **Psicologia histórico-cultural da memória**. Tese de Doutorado, Educação: psicologia da educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
- Amabis, J. M.; Martho, G. R. (2001). **Conceitos de Biologia**. Volume 3 (Genética, evolução e ecologia). São Paulo: Moderna.
- Cole, M. (1992). In Luria, A.R. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone.
- Coutinho, C.N. (1967). Problemas da literatura soviética. **Revista civilização brasileira**, 3(1) Caderno Especial, 199-222.
- Delari Jr. Jr., A. (2010). **Questões de método em Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição**. I Seminário em método e metodologia em pesquisa na abordagem da psicologia histórico-cultural. Recuperado em 11 de março, 2012 de [http://www.vigotski.net/uem-metodo\\_artigo.pdf](http://www.vigotski.net/uem-metodo_artigo.pdf)
- Deutscher, I. (1967). A Revolução inacabada (1917-1967). **Revista civilização brasileira**, 3(1) Caderno Especial, 11-28.
- Deutscher, I. (1970). **Stálin: a história de uma tirania** – tomo 1 e 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Duarte, N. (1996). A escola de Vigotski e a educação Escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. **Psicologia USP**. 7(12), 17-50.
- Duarte, N. (2002, julho/dezembro). A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação. **Perspectiva**. Florianópolis, 20(02), 279-301.
- Duarte, N. (2001). **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados.
- Eidt, N.M. (2009). **A educação escolar e a relação entre o desenvolvimento do pensamento e a apropriação da cultura: a psicologia de A.N. Leontiev como referência nuclear de análise**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara.
- Golder, M. (2004). **Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo**. São Paulo: Xamã.

- González Rey, F. L. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educação e Sociedade**, 21 (70), pp.132-148.
- González Rey, F. L. (2003). **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2007a). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo. **Psicologia da Educação**, 24(1), 155-179.
- González Rey, F. L. (2007b). **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2007c). Encontro da Psicologia Social Brasileira com a Psicologia Soviética. **Psicologia e Sociedade**, 19 (2), pp.57-61.
- González Rey, F. L. (1993). Psicologia Social, teoria marxista y el aporte de Vygotsky. **Revista Cubana de Psicologia**. 10(2-3), 164-169.
- Hobsbawm, E. (1995). **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Iasi, M. L. (2006). **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular.
- Knox, J.E. (1996). Prefácio. In Vygotsky, L.S.; Luria, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kozulin, A. (2002). O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In Daniels, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky** (pp.111-138). São Paulo: Edições Loyola.
- Lacerda Júnior, F. (2010). **Psicologia para fazer a crítica? Apologética, dividualismo e marxismo em alguns projetos psi**. Tese de Doutorado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
- Leontiev, A.A. (2005). The Life and Creative Path of A.N. Leontiev. **The journal of Russian and East European psychology**, 43(3), 8-69. Tradução de Chrysantho Sholl Figueiredo.
- Leontiev, A.A.; Leontiev, D.A. (2009) O mito do rompimento: A.N. Leontiev e L.S. Vigotski, em 1932. In Tunes, E.; Prestes, Z. (2009). Vigotski e Leontiev: ressonâncias de um passado. **Cadernos de Pesquisa**, 39 (136), 285-314.
- Leontiev, A.N. (1934). **O L'vé Semenoviče Vygotskom** [Sobre Lev Semionovich Vygotski]. Tradução de Achilles Delari Jr. Recuperado em 12/11/2011, de <http://anleontiev.smysl.ru/pervoist/017.htm>
- Leontiev, A.N. (1940/2005). The genesis of Activity [A gênese da atividade]. **Journal of Russian and East European Psychology**. 43(4), pp.58-71. Tradução de Laíssa Muniz da Silva.

- Leontiev, A.N. (1944/2006). Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In Vigotski, L.S.; Luria, A.R.; Leontiev, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** (pp.119-142). São Paulo: Ícone.
- Leontiev, A.N. (1947/1978). Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. In **O desenvolvimento do psiquismo** (pp.19-142). Lisboa: Livros Horizonte.
- Leontiev, A.N. (1959a/1978). A démarche histórica no estudo do psiquismo humano. In **O desenvolvimento do psiquismo** (pp.144-200). Lisboa: Livros Horizonte.
- Leontiev, A.N. (1959b/1978). Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais. In **O desenvolvimento do psiquismo** (pp.315-331). Lisboa: Livros Horizonte
- Leontiev, A.N. (1961/1978). O homem e a cultura. In **O desenvolvimento do psiquismo** (pp.259-284). Lisboa: Livros Horizonte
- Leontiev, A.N. (1975/1984). **Actividad, consciencia y personalidad**. Distrito Federal Cidade do México: Editorial Cartago Mexico.
- Leontiev, A.N. (1977/1980). Atividade e Consciência. In Magalhães-Vilhena (Org). **Práxis: a categoria materialista de prática social**. Volume II. Lisboa: Livros Horizonte.
- Leontiev, A.N. (1978). **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte.
- Leontiev (2004a). Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L.S. Vigotski. In Vigotski, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes.
- Leontiev, A.N. (2004b). **O desenvolvimento do psiquismo** (2ª edição). São Paulo: Centauro.
- Leontiev, A.N. (2005a). Language and consciousness [Linguagem e consciência]. **Journal of Russian and East European Psychology**. 43(5), pp.05-13. Tradução de Laíssa Muniz da Silva.
- Leontiev, A.N. (2005b). The structure of consciousness: sensory fabric, meaning, personal sense [A estrutura da consciência: tecido sensorial, significado, significado pessoal]. **Journal of Russian and East European Psychology**. 43(5), pp.14-24. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva.
- Lessa, S. (2012). **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Instituto Lukács.
- Lessa, S. (1997). O reflexo como “não-ser” na ontologia de Lukács: uma polêmica de décadas. **Crítica Marxista**, 4, pp.89-112.
- Levitin, K.E. (1998). Epilogue: Luria’s psychological symphony. **Journal of Russian and East European Psychology**, 36(06), 33-62.
- Löwy, M. (2000). **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen**. São Paulo: Cortez.

- Lukács, G. (1963/1967). Carta sobre o Stalinismo. **Revista civilização brasileira**, 3(1) Caderno Especial, 29-46.
- Lukács, G. (1969). **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Recuperado em 23/01/2013, de <http://sergiolessa.com/ObrasLukacs/BasesOntologicas.pdf>
- Lukács, G. (2012). **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo.
- Luria, A.R. (1992). **A construção da mente**. São Paulo: Ícone.
- Martins, L.M. (2012). **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Tese de Livre-docência em Psicologia, Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru.
- Marx, K. (1974). Teses sobre Feuerbach. In Marx, K; Engels, F. **Textos Filosóficos**. Lisboa: Presença.
- Marx, K. (1983). **O capital**. Livro primeiro. Tomo 1, volume 1. São Paulo: Abril Cultural.
- Marx, K; Engels, F. (1845/2007). **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo.
- Maslina, M.M. (2004) Crítica a Leontiev: em prol de uma firme adesão ao bolchevismo em questões de psicologia. In Golder, M. (2004). **Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo**. São Paulo: Xamã.
- Paulo Netto, J. (1981). **O que é stalinismo?** São Paulo: Brasiliense.
- Preste, Z. (2010). Guita Lvovna Vigodskaja (1925-2010), filha de Vigotski: entrevista. **Cadernos de Pesquisa**, 40(141), 1025-1033.
- Reis Filho, D.A. (2003). **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora UNESP.
- Rivière, A. (2002). **La psicología de Vygotski** Madrid: A. Machado Libros.
- Shuare, M. (1990). **La psicología soviética tal como la veo**. Moscou: Progreso.
- Trotsky, L. (1930/2007). O Suicídio de Maiakovski. In **Literatura e Revolução** (pp.203-206). Rio de Janeiro: Zahar.
- Tuleski, S.C. (2011). **A relação entre texto e contexto na obra de Luria**. Maringá: Eduem.
- Tuleski, S.C. (2008). **Vygotsky: a construção de uma psicologia marxista**. 2ª edição. Maringá: Eduem.
- Van Der Veer, R. & Valsiner, J. (2009). **Vygotsky: uma Síntese**. São Paulo: Unimarco e Loyola.

- Veja, L.G. (1993). **História de la psicologia III. La psicologia rusa: reflexologia y psicologia soviética**. Madrid: Siglo XXI editores, SA.
- Vigotski, L. S. (1927/2004). O significado histórico da crise da psicologia. In **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R. (1996). **Estudos sobre a história do comportamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vigotski, L.S. (2009). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L.S. (2000). Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, 21(71), 21-44.
- Zinchenko, V. P. (1998) A psicologia histórico-cultural e a teoria psicológica da atividade: retrospectos e prospectos. In Wertsch, J. V. (Org.). **Estudos socioculturais da mente** (pp.41-55). Porto Alegre: Artmed.
- Wertsch, J.V.; Río, P.; Alvarez, A. Estudos sócio-culturais da mente: história, ação e mediação. In Wertsch, J. V. (Org.). **Estudos socioculturais da mente** (pp11-39). Porto Alegre: Artemd, 1998.
- Wertsch, J.V. (1988). **Vygotsky y la formación social de la mente**. Barcelona: Paidós.

## **Anexos**

## ANEXO 1

### LINHA DO TEMPO LEONTIEV E A PSICOLOGIA SOVIÉTICA

ANO	Leontiev e a Psicologia soviética	
<b>1896</b>	<b>L.S. Vigotski nasce em 17 de novembro de 1896</b> em Orsha, na Bielo-Rússia.	
<b>1902</b>	<b>A.R. Luria nasce em 16 de julho de 1902</b> em Kazan.	
<b>1903</b>	<p><b>A.N. Leontiev nasce em 5 de fevereiro de 1903</b> em Zamoskvorech'e, localizada entre Polianka e Lakimanka (Leontiev, 2005).</p> <p>Leontiev formou-se pela Primeira Escola Especializada de Ciências, uma escola de trabalho unificada, em cujo prédio, atualmente encontra-se o Instituto V. V. Vinogradov de Língua Russa, da Academia de Ciências Russas (Leontiev, 2005). Seus interesses estavam voltados às tecnologias e seus pais acreditavam que se tornaria um engenheiro. Porém, em 1917 os problemas filosóficos emergiram e o levaram até o Instituto de Psicologia, onde perguntou onde se estudava para ser psicólogo e lhe informaram que era necessário se matricular na escola de filologia clássica (que posteriormente se tornou a Escola de Ciências Sociais) para estudar com o professor Chelpanov. Assim, Leontiev matriculou-se e mais tarde, sob influência de Chelpanov mudou da filosofia para a psicologia, inicialmente com os problemas filosóficos do afeto (Leontiev, 2005).</p>	<p>É criado em 1903 o <b>Partido Social-Democrata Operário Russo</b> sob a liderança de Lênin.</p>
<b>1904</b>	Stalin filia-se no partido criado por Lênin em 1903	
<b>1905</b>	<b>I Revolução Russa</b> Em 1913 Lênin escreve " <i>O marxismo e o problema nacional</i> "	
<b>1914-1918</b>	I Guerra Mundial	
<b>1917</b>	<p><b>A Revolução de fevereiro e outubro de 1917</b> – Em 23 de fevereiro iniciou-se um processo de greves que derrubou o governo do tzar, criando-se um governo provisório que foi derrubado em outubro de 1917 sob a liderança dos bolcheviques.</p> <p>Stalin assumiu o cargo de <b>presidente do Comissariado das Nacionalidades do governo soviético</b> (Netto, 1981).</p> <p><b>De 1918 a 1920 houve guerra civil</b>, na qual Stalin assumiu importante papel de organizador (Netto, 1981).</p>	
<b>1920</b>	<p><b>Leontiev ingressa na Universidade Estatal de Moscou (MGU) no início dos anos 1920</b>, na escola de filologia histórica, que possuía um departamento de filosofia que mais tarde foi transformado no departamento de pedagogia da <i>Faculdade de Ciências Sociais</i>, de onde fez parte o Instituto de Psicologia fundado e dirigido por Chelpanov até 1923. Leontiev frequentou as aulas de Georgii Ivanovich Chelpanov, que ministrou um curso sobre psicologia geral na escola de ciências sociais; do filósofo Gustav Gustavovich Shpet; do historiador do socialismo, V.P. Volgin; dos historiadores M.N. Pokrovskii e D.M. Petrushevskii; do filólogo clássico P.S. Preobrazhenskii; também frequentou um curso sobre história do materialismo de Nikolai Ivanovich Bukharin (Leontiev, 2005).</p>	
<b>1921</b>	<p><b>X Congresso do Partido</b> propõe a <i>Nova Política Econômica – NEP</i> como plano econômico de emergência. Também é aprovada uma política de expurgos de "controle da moral partidária" para substituir o processo de eleições.</p> <p>Neste ano, Lênin, como Presidente do Conselho de Comissários do Povo, dá apoio oficial às pesquisas de Pavlov.</p>	
<b>1922</b>	Foi inaugurada a FON - Faculdade de Ciências Sociais no final de setembro de 1922, no lugar das	<b>XI Congresso do Partido</b> designa Stalin Secretário

	escolas de humanidades, que foram abolidas. (Leontiev, 2005).	Geral.
<b>1923</b>	<p><b>I Congresso de Psiconeurologia de 10 a 15 de janeiro de 1923</b> – Kornilov expõe o informe “<i>Psicologia e Marxismo</i>” enfrentando Chelpanov colocando a necessidade de reconstruir a Psicologia sobre a base da filosofia marxista.</p> <p><b>Leontiev conclui a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Moscou</b> (que antes se chamava Faculdade de História e Filologia). Foi orientado em Psicologia por Chelpanov, que na época era professor de psicologia e diretor do <i>Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou</i>. Sob a orientação de Chelpanov escreveu “Ensinamentos de William James sobre atos ideomotrizes” e uma análise crítica a Spencer. Também escreveu um trabalho sobre “<b>teorias do afeto</b>” para obtenção de seu diploma (Golder, 2004).</p>	Em janeiro de 1923, <b>Lênin afasta-se do governo</b> por motivos de doença, falecendo em 1924.
<b>1924</b>	<p><b>II Congresso Nacional de Psiconeurologia</b> de 3 a 10 de janeiro de 1924 – Vigotski apresenta três trabalhos no <i>II Congresso Nacional de Psiconeurologia</i>, com destaque para a exposição de “Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos”. Kornilov torna-se diretor do Instituto de Psicologia de Moscou e convida Vigotski para trabalhar.</p> <p><b>Leontiev começou a trabalhar como assistente de laboratório</b> em 1º de Outubro de 1924 no Instituto de Psicologia de Moscou. Também foi o ano que Leontiev casou-se com Margarita Petrovina Leontieva, quem seguiu sendo sua companheira até sua morte, vivendo por mais seis anos após o falecimento de Leontiev (Leontiev, 2005).</p> <p>Neste ano Leontiev passa a relacionar-se com Luria e depois Vigotski e juntos formaram o grupo conhecido como “<b>troika</b>”. Luria era o diretor do laboratório e Leontiev seu assistente, porém com Vigotski logo ocorreu uma inversão na direção dos papéis, pois este passou assumir a liderança do grupo. Leontiev permaneceu sendo assistente de Luria, enquanto que começaram a trabalhar diretamente para Vigotski os alunos de Luria <b>L.V. Zankov</b>, <b>I.M. Solovev</b> (que vieram a incorporar a linha de estudos da defectologia, porém vale ressaltar que Vigotski escreveu em uma carta a Leontiev – de 23 de julho de 1929 – que ambos nunca incorporaram a Psicologia Histórico-Cultural e dela se afastaram completamente), <b>L.S. Sakharov</b>, e <b>B.E. Varshava</b> (que logo faleceram) (Leontiev, 2005).</p> <p>O primeiro “<i>paper</i>” apresentado por Leontiev no Instituto de Psicologia foi sobre um tema sugerido por Vygotsky e se chamava “Kant e Luria” (Leontiev, 2005).</p>	<p><b>Lenin morre em 21 de janeiro de 1924.</b> Com a morte consolida-se o triunvirato Stalin, Zinoviev e Kamenev no Politburo contra Trotsky.</p> <p>Stalin escreve em maio de 1924 “<i>Sobre os fundamentos do leninismo</i>”.</p>
<b>1925</b>	Em 17 de dezembro de 1925 Stalin lança sua tese sobre “Socialismo num só país” em contraposição a “Revolução permanente” de Trotsky. Stalin forma um novo triúviro no Politburo com Bukárin, Rikov e Tomski.	
<b>1926</b>	Leontiev passa a ministrar aulas no <i>Instituto Estatal de Arte Teatral</i> , então chamado Escola Técnica Central Estatal de Arte Teatral (Leontiev, 2005).	
<b>1927</b>	Leontiev tornou-se assistente na <i>Academia de Educação Comunista N.K. Krupskaja</i> (também Luria –	Em 1927 o <b>XV Congresso do Partido</b> aderiu à

	<p>como chefe de uma seção de psicologia – e Vigotski – na direção de um laboratório) e em 1930 tornou-se professor adjunto. Também trabalhou na <i>Clínica Médico-Pedagógica G.I. Rossolimo</i> (Leontiev, 2005).</p> <p>A troika logo se transformou na “<b>vosmiorka</b>” [octeto], além de Vigotski, Luria e Leontiev, uniram-se ao grupo <b>Zaporjets, Morozova, Levina, Bojovitch e Slavina</b>.</p>	<p>política econômica de Stalin, com a coletivização forçada do campo, porém retomando parcialmente a tese de Trotsky sobre a industrialização acelerada.</p>
<b>1928</b>	<p>Leontiev colabora com a Escola Técnica Estatal de Cinematografia de Moscou – o futuro Instituto Estatal de Cinematografia da Grande Rússia, onde conhece, por intermédio de Luria, S.M. Eisenstein.</p> <p>Leontiev escreve “<b>O Desenvolvimento da memória</b>” que foi finalizado em 1930, porém os estudos que serviram de base para esta produção, finalizaram em 1928. O livro foi publicado em 1931</p> <p>Os anos de 1928 e 1929 foram de consolidação do grupo, que já era possível de ser considerado uma escola (Golder, 2004). A especialidade que assumiam, de acordo com Golder (2004) segue com o nomes dos integrantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leontiev (psicologia geral, teoria da atividade, personalidade, sentido pessoal)</li> <li>- Luria (neuropsicologia, processos psicológicos superiores, cérebro e psiquismo)</li> <li>- Galperin (teoria da formação da atividade mental por etapas)</li> <li>- Elkonin (psicologia do jogo)</li> <li>- Zaporjets (periodização do psiquismo humano, psicologia evolutiva)</li> <li>- Bojovich (psicologia da personalidade, em especial do adolescente)</li> <li>- Morozova (metodologia e fundamentos da educação especial)</li> </ul>	
<b>1929</b>	<p><b>Leontiev escreve artigos utilizando o conceito instrumental</b> na <i>Revista de Defectologia</i> de 1928 e em <i>Temas de Pedagogia Marxista</i> de 1929 (Golder, 2004).</p>	<p><b>Trotsky foi expulso do partido e exilado da URSS em 1929</b> – O termo stalinismo, possivelmente, foi utilizado pela primeira vez em 1929 por Trotsky (Netto, 1981) em seu texto “<i>O triunfo de Stalin</i>”, escrito em 25 de fevereiro deste ano, para o New York Times de 1º de março deste ano.</p>
<b>1930</b>	<p><b>O grupo de Vigotski desvincula-se do Instituto de Psicologia.</b></p> <p><b>Leontiev torna-se professor adjunto na Academia de Educação Comunista N.K. Krupskaja</b> (Leontiev, 2005).</p> <p><b>Luria inicia suas pesquisas interculturais no Uzbequistão, impulsionadas por Vigotski.</b></p> <p>Golder (2004) propõe uma síntese da produção de Leontiev na década de 1930:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a) desenvolvimento do psiquismo filogenético, em especial a sensibilidade;</li> <li>b) desenvolvimento funcional do psiquismo (formação e funcionamento da atividade);</li> </ol>	<p>O poeta Maiakoviski suicida-se.</p>

	c) consciência: origem e estrutura.	
<b>1931</b>	<p><b>Resolução de 6 de junho de 1931 do Instituto de Psicologia</b> – determinação da revisão de toda produção psicológica.</p> <p><b>K.N. Kornilov perdeu o posto de diretor do Instituto de Psicologia em 1931</b> (foi substituído por A.B. Zalkind).</p> <p><b>Primeira crítica pública a Vigotski – Feita por A.A. Talankin entre 12 e 13 de junho no I Congresso Nacional de Psicotécnica e Psicofisiologia.</b> Ainda neste ano foi criticado, juntamente com Luria, por B.G. Ananiev e I.F. Kurazov. Todos se referiam ao livro “<i>Estudos sobre a história do comportamento</i>” como alvo de suas críticas.</p> <p>É publicado o livro de Leontiev “<i>O Desenvolvimento da memória</i>” escrito entre 1928 e 1930, cujo prefácio foi escrito juntamente com Vigotski. O livro foi censurado, por isso a publicação só ocorreu neste ano.</p> <p><b>Leontiev foi oficialmente empregado no do Instituto de Psiconeurologia em Kharkov</b> (capital da Ucrânia na época) em outubro e Vigotski em novembro de 1931. Luria encarregou-se da chefia da seção de Psicologia e Leontiev da seção de Psicologia infantil. Neste grupo participavam os mesmos membros moscovitas entre outros que já moravam na cidade: <b>Bojovich, Zaporojets, Galperin, Zinchenko (pai), Lukhov e Asnin</b>. Centravam-se nos estudos da “atividade prática e a consciência” (Golder, 2004).</p>	
<b>1932</b>	<p>Vigotski começou a trabalhar no <i>Instituto de Educação Herzen</i>, em Leningrado, onde formou um grupo de trabalho com <b>Elkonin, Shif, Levina</b> e outros.</p> <p>Vigotski e Luria foram criticados publicamente por M.P. Feofanov, R. Abeliskaya e O. Neopikhonova.</p> <p><b>1932-1933 – Primeiro ciclo de pesquisas do grupo de Kharkov</b>  “O primeiro ciclo de pesquisas (1932-1933) tocou no problema da “imagem-processo”. Aqui havia estudos da relação entre a fala e o intelecto prático (Bozhovich), pensamento discursivo da [criança] pré-escolar e o desenvolvimento do significado (Zaporozhets, Bozhovich), e o domínio do conceito no processo do estudo (Leontiev). O início das experiências de P.I. Zichenko sobre o esquecimento, e a esquematização de Zaporozhets do problema da “percepção como ação”, pertencem a este período. O resultado deste ciclo foi, antes de tudo, a proposição de que na transferência, significado e generalização não são somente revelados, mas são <i>formados</i>, e que a transferência é não somente um método apropriado para o estudo da generalização (Vygotsky), mas está em si mesma e sobre si mesma incluída num processo de generalização. A comunicação é a condição particular da transferência. Segundo, a proposição de que há dois tipos diferentes de transferência (a aplicação de uma ação prática uma dada situação e o processo discursivo), e correspondentemente, dois diferentes níveis de comunicação. A imagem reside por trás do processo (experimentos com a desarticulação entre significado e operação) (Leontiev, 2005, p.50).</p>	<p>Zinoviev e Kamenev, ex aliados de Stalin foram expulsos do Partido e deportados para a Sibéria. O número de membros expulsos do Partido entre 1932 e 1935 aumentou em centenas de milhares (Netto, 1981).</p>

<p><b>1933</b></p>	<p><b>1933-1936 pesquisas em Kharkov</b></p> <p>As pesquisas de Leontiev e do grupo de Karkhov inserem-se em novas frentes, como o estudo da atenção, sensação e percepção, bem como a continuação das pesquisas do desenvolvimento infantil. Neste contexto que foi produzido o texto “O problema da origem da Sensação” (inglês), contido em seu livro “O desenvolvimento do psiquismo” de 1959. “Esta investigação foi produzida entre 1933 e 1936 e utilizada por Leontiev em 1940 como a primeira parte de seu texto de doutorado e publicado pela primeira vez em 1947 em seu “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”” (Almeida, 2007, p.4).</p> <p><b>Reunião em Kharkov com Vigotski e Leontiev em 12 de junho de 1933</b> – Nas anotações pessoais de Leontiev, apresentadas por Golder (2004, p.24) preservando os grifos do próprio Leontiev, demonstram, segundo afirmação de Golder (2004), <b>este totalmente identificado com as ideias de Vigotski:</b> “Quem é o sujeito do desenvolvimento? Onde aparecem as reais relações dos homens com seu mundo?”. Depois aparece a resposta de Vigotski: “Aqui está a causa – a <i>função essencial, vital</i> – o motivo, afeto. Ao se desenvolver o <i>homem</i>, desenvolvem-se os afetos, descobre-se a vida” (manuscritos). Ao que se manifesta Leontiev: “O que o saber desenvolve?... Aqui temos uma relação complexa. As verdadeiras relações com o mundo, seu desenvolvimento, é o desenvolvimento do significado-generalizador; comunicação. <i>Comunicação é sempre generalização</i>. É necessário procurar uma explicação das partes do todo, isto é, o significado das mudanças na consciência; além da consciência estão as verdadeiras relações do sujeito”.</p> <p>Leontiev deixou de frequentar a casa de Vigotski em 1933, segundo afirma Guita, filha de Vigotski. Porém, afirma que o trabalho conjunto não cessou de 1924 a 1934, praticamente até a morte de Vigotski. (Prestes, 2010).</p>	
<p><b>1934</b></p>	<p><b>1934-1935 segundo ciclo de pesquisas do grupo de Kharkov:</b></p> <p>“O segundo ciclo de pesquisas (1934-1935) perseguiu o seguinte objetivo: trazer os processos então estudados “para fora”, e seguí-los em atividade externa. Aqui, o problema da <i>ferramenta</i> [tool] como objeto para o qual se estabelece um uso socialmente desenvolvido surge mais proeminentemente. A ferramenta é distinta dos <i>meios</i> (o subalterno da “<i>psicologia natural</i>”). A famosa experiência de P.Ia. Galperin, descrita em sua dissertação de 1935, e os trabalhos de Zinchenko e Lênin, assim como Zaporozhets e Bozhovich, fizeram parte disto. O resultado geral deste ciclo de pesquisa foi a conclusão, “dominar uma ferramenta, assim como dominar um significado, quer dizer dominar um processo, uma operação Não faz diferença se ela acontece na comunicação ou na ‘invenção’” (Leontiev). Como a operação em si é definida? Primeiro, através das propriedades objetivas do objeto. Mas em segundo lugar, como o objeto aparece depende da relação da pessoa, no processo geral. “E este processo é a <i>vida</i>.”” (Leontiev, 2005, p.50-51).</p> <p>Vigotski assumiu o cargo de direção do <i>Departamento de Psicologia do Instituto de Medicina da Rússia</i>, em Moscou (Blanck, 2003).</p> <p><b>Vigotski morre na noite de 10 para 11 de junho de 1934.</b></p> <p>Vigotski e Luria foram criticados em um artigo por P. Razmislov.</p>	<p>Em 1 de dezembro de 1934 Kirov, importante liderança de do Partido em leningrado, foi assassinado. Este fato foi considerado uma revolta dos seguidores de Zinoviev. Com isso, iniciou-se um período de retratações e dos grandes julgamentos e fuzilamentos de Moscou.</p>
<p><b>1935</b></p>	<p>Incorporam-se ao Grupo de Karkhov: Lukhov, Mistiuk, Asnin e Komenko (Golder, 2004).</p> <p><b>1935-1936 terceiro ciclo de pesquisa do grupo de Kharkov:</b></p> <p>“A principal idéia do terceiro ciclo de pesquisas (1935-1936) é a seguinte: “A chave para a morfologia da consciência reside na morfologia da atividade.” Os</p>	

	trabalhos de Lênin, Ginevskaia, Mistiuk, Khomenko e outros, mas primordialmente G.D. Lukov, que demonstrou empiricamente as interrelações da atividade prática e teórica estudando o cuidado nos processos de interação, são parte disto. Na pesquisa de V.I. Lênin surge a idéia da estrutura da atividade como um todo (a dependência da efetividade da solução de um problema sob o objetivo, a motivação, a natureza de toda a atividade)” (Leontiev, 2005, p.51).	
<b>1936</b>	<p><b>Decreto de 4 de julho de 1936 “Dos erros pedológicos nos Comissariados de Educação”</b></p> <p><b>Leontiev retorna a Moscou</b> para ser professor de psicologia da <i>Universidade de Moscou</i>, compartilhando com Elkonin a cátedra de psicologia no <i>Instituto Pedagógico de Leningrado</i>. Porém, manteve-se as pesquisas do Grupo de Karkhov por <b>Zinchenko</b> (lembranças involuntárias), <b>Zaporojets</b> (a percepção como ação) e <b>Lukhov</b> (psicologia do jogo).</p> <p><b>1936-1940 quarto ciclo de pesquisas do grupo de Kharkov:</b>  “O quarto ciclo de pesquisas (1936-1940) é baseado na premissa, “todos os processos internos são construídos de acordo com um modelo de atividade externa, e têm a mesma estrutura”. Aqui havia uma multiplicidade de estudos, o primeiro entre eles foi o estudo de Zinchenko sobre memorização involuntária (memória como ação), o de Zaporophets (sic) sobre percepção como ação, o estudo de Lukov sobre interação (a desarticulação experimental entre sensação e significado), e toda uma série de outros; é interessante que ao mesmo tempo, em grande parte, a matéria de estudo dos Kharkovitas foi a percepção da arte (Leontiev, 1994, PP. 42-46).” (Leontiev, 2005, p.51). O filho de Leontiev explica que o próprio Leontiev em sua auto-biografia afirma que naquela época não havia tempo e espaço para publicação, pois para as publicações deveriam “coleccionar” estatísticas e não tinham tempo para isso (Leontiev, 2005).</p>	Em 25 de Agosto de 1936 Zinoviev, Kamenev e 14 outros velhos bolcheviques foram julgados, condenados e executados por fuzilamento.
<b>1937</b>	<p>O período de 1937-1941 foi quando Luria dirigiu o laboratório de Psicologia Experimental, no Instituto Neurológico da Academia de Ciências Médica, completando seu curso de medicina em 1939. Neste período Luria considera como vinculado ao nascimento da neuropsicologia, tendo ele precisado abrir mão dos estudos experimentais para fazer investigação na lógica do trabalho clínico (Tuleski, 2011).</p> <p>Em 1937, E.I. Rudneva publicou um livreto de 32 páginas onde criticou Vigotski, repetindo críticas apontadas por Kozirey e Turko em 1936 sobre discípulos de Vigotski em Leningrado</p>	Em janeiro de 1937 ocorreu o julgamento de um grupo de 17 bolcheviques. Em junho de 1937 houve um julgamento secreto dos mais destacados membros do Exército Vermelho.
<b>1938</b>	Em março de 1938 outros 20, todos haviam sido membros do Politburo de Lenin. Dentre estes se encontrava Bukárin, membro do segundo triúmviro de Stalin.	
<b>1939</b>	Stalin anuncia o fim dos julgamentos em massa de Moscou.	Stalin anuncia o fim dos julgamentos em massa de Moscou.
<b>1940</b>	Leontiev escreve sua tese de doutorado (Duarte, 2004) no <i>Instituto Herzen</i> de Leningrado, cujo primeiro tomo foi perdido durante a II Guerra Mundial. Esta tese foi o texto base para a publicação do seu livro “ <i>Desenvolvimento do psiquismo</i> ” em 1959 (Golder, 2004).	Trotsky foi assassinado no México por ordem de Stalin (Netto, 1981).
<b>II Guerra 1941-1945</b>	Foi um período frutífero para as pesquisas psicológicas com a reabilitação dos lesionados de guerra, destacando-se os trabalhos neuropsicológicos de Luria. Leontiev realizou estudos pertinentes às Forças Armadas, como a investigação da visão humana noturna em que descobriu ser possível diminuir o tempo de adaptação da visão humana de alvos fixos e moveis de 40 minutos para 5	A URSS entrou na II Guerra Mundial, com a invasão nazista em 22 de junho de 1941. Foi uma guerra movida por uma apelação patriótica, resultando em mais de 20 milhões de mortes, sem contar os

	minutos. Foi transferido para o Hospital de <i>Ashjabad</i> na retaguarda nos Montes Urais, onde realizou trabalhos e pesquisas, juntamente com Galperin, Zaporjets e Merlin, sobre tratamento e reabilitação, publicados no livro “ <i>Recuperação da mão ferida</i> ”. Após o período do conflito Leontiev retorna a Moscou e permanece trabalhando com esta temática até aproximadamente 1948. Vale destacar que nestes trabalhos incorporou contribuições de Vigotski e Berstein (caráter sistêmico dos órgãos da sensibilidade e motricidade – estudos de defectologia) para o desenvolvimento de tais trabalhos (Golder, 2004).	mutilados e feridos.
<b>1941</b>	Em outubro de 1941 Kornilov é evacuado para o interior e o cargo de direção do <i>Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Moscou</i> foi transferido para Leontiev. Em dezembro Leontiev, entre outros acadêmicos, evacuaram as instalações da universidade para os Urais do Sul.	Stalin é nomeado primeiro-ministro da União Soviética em maio de 1941, poucos dias antes da invasão nazista (Netto, 1981).  Em setembro, Leningrado estava cercada pelo exército nazista alemão. Em novembro é tomada em dois terços, chegando até Moscou (Almeida, 2008)
<b>1942</b>	Luria ajuda na construção de um hospital de evacuação e recuperação. Leontiev, com a colaboração de Galperin a Zaporjets, evacuam novamente as instalações da universidade para outra cidade (Sverdlovski) e lá organizam um hospital de evacuação (Almeida, 2008). Rubinstein recebe um prêmio estatal de filosofia por seu livro publicado em 1940 “ <i>Princípios de psicologia geral</i> ”.	
<b>1943</b>	Em setembro de 1943, Leontiev e seu grupo retornam a Moscou, montando nova instalação de Hospital de evacuação, contando com Galeperin, Zaporjets, Bozhovich, Slavina, Morozova e Elkonin (Almeida, 2008). Leontiev passou a dirigir a seção infantil e o laboratório de psicologia da criança em idade escolar do <i>Instituto</i> . Luria retorna somente em 1944 (Almeida, 2008). Golder (2004) assinala que neste ano <b>Leontiev é designado ao cargo de diretor do Instituto de Psicologia</b> e torna-se professor da Universidade de Moscou e do Instituto Militar. Porém, Almeida (2008) afirma que tal fato ocorre somente em 1945. <b>Luria se filia ao Partido Comunista (Levitin, 1998).</b>	De julho de 1942 a fevereiro de 1943, em Stalingrado, ocorre a maior e também a mais sangrenta batalha da II Guerra Mundial em que o exército vermelho sai vitorioso.
<b>1945</b>	No período de <b>1945 a 1947</b> , Leontiev escreve artigos, em geral, referenciados no produto do material clínico obtido no Hospital durante a guerra (Golder, 2004).	Em maio de 1945 a URSS derrota a Alemanha nazista, encerrando a II GM.
<b>1947</b>	Leontiev publica “ <i>Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo</i> ” como resultado de sua tese de doutoramento, defendida em 1940, parcialmente perdida durante a II Guerra Mundial. Em 1947 Rubinstein é criticado por sua obra “ <i>Princípios de psicologia geral</i> ” publicada em 1940, fato que indica um marco das consequências da “pavlovinização” da psicologia soviética.	
<b>1948</b>	É debatida por Rubinstein e Sokholov a tese de Leontiev “ <i>Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo</i> ”, que compõe a publicação de 1959 de “ <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> ” (Golder, 2004).  Em agosto de 1948 ocorre a <b>Sessão Acadêmica de Ciências Agrícolas ‘Lenin’</b> em que é rechaçada a genética e defendida a agrobiologia Michurin-Lisenko como a única verdadeira.  <b>Em 1948 Leontiev é criticado por M.N. Maslina por sua obra “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo” em um artigo na revista <i>Questões de</i></b>	

	<p><i>Filosofia.</i></p> <p><b>Leontiev se filia ao Partido Comunista da União Soviética (Golder, 2004).</b></p> <p>Leontiev é nomeado membro correspondente da <i>Academia de Ciências Pedagógicas da Federação Russa</i> (Golder, 2004).</p>	
<b>1950</b>	<p>Em 28 de junho houve a <b>Sessão científica da Academia de Ciências Médicas da URSS</b>, com objetivo de investigar o ensino e a produção científica fundados na obra de Ivan Pavlov. Foi debatida majoritariamente as obras de médicos e fisiologistas. A psicologia foi pouco discutida, porém foram dirigidas acusações a Teplov, Rubinstein, Kolbanovski e Luria (Almeida, 2008, p.123).</p>	
<b>1951</b>	<p>É publicado artigos de Leontiev com Razonava e de Zankov na revista <i>Sovietskais Pedagogika</i>, com linguagem pavloviana fazendo referencia a este seus seguidores (Bikov e Icanov-Smolunki). Almeida (2008) afirma que o texto foi maquiado para driblar a censura stalinista.</p>	<p>É fabricada a bomba A</p>
<b>1952</b>	<p>Em 1952 ocorreu a <b>Sessão da Academia de Ciências Pedagógicas e do Instituto de Psicologia de Moscou</b>, que definiu a teoria da atividade nervosa superior de Pavlov como a única e verdadeira base científico-natural para a Psicologia.</p>	
<b>1953</b>	<p><b>Stalin morre em 5 de março de 1953.</b> De 1953 a 1956 são demitidos 750.000 burocratas, passam a encerrar-se o trabalho forçado, abrem-se as prisões políticas e inicia-se a revisão dos processos de condenação do período de terror stalinista (Netto, 1981).</p> <p>É fabricada a bomba H.</p>	
<b>1955</b>	<p>“Em 1955, Luria e Leontiev empreendem esforços para a publicação dos trabalhos de Vigotski. Mas a pedologia ainda pertencia ao vocabulário proibido. Então, Luria teve a ideia de substituir “pedologia” por “psicologia infantil”. Assim foi feito e os textos começaram a ser editados e publicados” (Prestes, 2009, p.287).</p> <p>Publicação do periódico <i>Voprossi Psikhologii</i></p>	
<b>1956</b>	<p>Período de publicação de obras de Vigotski, incluindo “Pensamento e Linguagem” (Almeida, 2008).</p>	<p>No XX Congresso do PC(b)US, Nikita Krushev apresentou seu “<i>relatório secreto</i>” realizando uma denúncia formal do período da autocracia stalinista, cuja interpretação (dominante e oficial na maioria dos partidos até a atualidade) centrou a origem nos “desvios” e “deformações” no “culto a personalidade” de Stalin. Sua crítica foi reafirmada no XXII Congresso, cinco anos depois (Netto, 1981).</p>

<b>1959</b>	É publicada na URSS a primeira edição do livro de Leontiev “ <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> ”, com reedições em 1964, 1972 e 1981, com pequenas diferenças entre as edições no conjunto de textos que integram a obra (Almeida, 2007).
<b>Década 1960</b>	<b>Dois fatos fundamentais que levaram o nome de Leontiev ao cenário internacional</b> (Golder, 2004): 1) Criação da <i>Faculdade de Psicologia da Universidade Estadual de Losomonov de Moscou</i> , entre outras faculdades similares, elevando a psicologia ao status acadêmico de faculdade, processo em que Leontiev teve papel essencial. Leontiev passou a ser titular da cátedra como professor de psicologia geral, título que ocupou por 14 anos, até sua morte. 2) <i>XVIII Congresso Internacional de Psicologia científica</i> . Neste congresso, Leontiev foi presidente do evento e nele esteve presente Jean Piaget.  Nesta década, nos primeiros anos do império cosmonauta, com a viagem de Iuri Gagarin ao espaço, Leontiev realizou pesquisas secretas, ocultas inclusive a seus colaboradores, sobre a “análise de distintos mecanismos sensorio-perceptivos vinculados à “percepção do mundo” e do espaço” (Golder, 2004, p.37), fato que só pode ser revelado após o período de Guerra Fria.
<b>1960</b>	Leontiev escreve prefácio do livro de Vigotski “ <i>Psicologia da arte</i> ”
<b>1962</b>	Houve a Sessão de psicologia organizada pelo Instituto de Filosofia da Academia de Ciências Pedagógicas e pela Academia de Ciências Pedagógicas e o Ministério da Educação Superior e Média da URSS, para debater sobre “os problemas filosóficos da fisiologia da atividade nervosa superior e a psicologia”, que reviu a Sessão de 1952, no entanto manteve a base pavloviana.
<b>1964</b>	É publicada a segunda edição de “ <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> ”.  É publicada, com a colaboração de Luria, uma edição espanhola por J.S. Bruner de <i>Pensamento y Lenguaje</i> , em Buenos Aires.
<b>1966</b>	Foi fundada a primeira faculdade de Psicologia da Universidade de Moscou
<b>1972</b>	É publicada na URSS a terceira edição do livro de Leontiev “ <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> ” Leontiev apresenta trabalho em XX Congresso Internacional de Psicologia de Tóquio (Golder, 2004). Segundo Golder (2004), neste ano ele produz um trabalho pautando os motivos da atividade, sendo compreendido “o motivo como unidade e como nível atinente à atividade” (Golder, 2004, p.36). Em sua edição espanhola de “ <i>Actividad, conciencia y personalidad</i> ” em nota de rodapé é comentada sua obra “ <i>Necesidades, motivos y emociones</i> ” de publicação em Moscou de 1972.
<b>1973</b>	Leontiev publica artigos em conjunto com Paul Fraisse e Jean Piaget “ <i>Pesquisas psicológicas</i> ” e “ <i>Psicologia experimental</i> ” (Golder, 2004).
<b>1974</b>	Em junho de 1974 Leontiev escreve o prefácio de seu livro “ <i>Atividade, consciência e personalidade</i> ” que seria publicado no ano seguinte.
<b>1975</b>	É publicada na Rússia a primeira edição da obra de Leontiev “ <i>Atividade, consciência e personalidade</i> ” (Duarte, 2004).  Leontiev realiza conferência em 12 de dezembro sobre o tema “ <i>Psicologia da imagem</i> ”, publicado pela Universidade Estadual de Moscou Lomonosov em 1979 sob o título “ <i>A imagem do mundo</i> ”. Neste ano sua equipe de trabalho era composta por alguns nomes conhecidos na atualidade: Tijomirov, Zinchenko, Hippenreiter, Belichokovski e Asmolov (Golder, 2004).
<b>1976</b>	Publicação de artigos de Leontiev na revista “ <i>Comunista</i> , n.6” sobre o tema da compreensão sócio-histórica das distintas concepções psicológicas (Golder, 2004): - “ <i>Tarefas atuais da ciência psicológica</i> ” (em parceria com Lomov e Kuzmin) - “ <i>Conformação das posturas psicológicas de Vigotski</i> ” (em parceria com Luria)

	- <i>“Outubro e a ciência psicológica”</i>
<b>1977</b>	<p>Leontiev escreve trabalho sobre o tema “da atividade e da atitude, às intenções e formação de hábitos” (Golder, 2004, p.36) através de informe levado ao V Congresso Nacional de Psicólogos, em que buscou defender a <b>atividade como unidade do ser humano real</b> (Golder, 2004).</p> <p>Gonzalez Rey (2003) afirma que neste ano a teoria da atividade de Leontiev foi criticada por diversos autores em um movimento crítico que culminou em um famoso simpósio chamado <i>“O problema da atividade na psicologia soviética”</i> em Moscou, marcando um momento de renovação daquela psicologia.</p>
<b>1978</b>	<p>É publicada a versão em espanhol e inglês do livro <i>“Atividade, consciência e personalidade”</i>, com o título em espanhol <i>“Actividad,, conciencia y personalidad”</i>, cujo prefácio do autor foi escrito em 1974.</p> <p>É publicado artigo de Leontiev na revista <i>“Conhecimento-força, n.9”</i> sobre o tema de estudo sócio-histórico das diversas teorias psicológicas, com o título: - <i>“Inicio da Psicologia Contemporânea”</i></p> <p><b>Leontiev obtém o Prêmio Lomonosov</b> (Golder, 2004).</p>
<b>1979</b>	<p>Leontiev escreve um trabalho inacabado encontrado como manuscritos nos seus arquivos pessoais, sobre o tema <i>“a futura análise psicológica da atividade”</i> em que se encontra a expressão <b>“Não só a relação dos indivíduos com o mundo objetual pode existir fora da comunicação, mas as próprias comunicações surgem através do desenvolvimento destas relações”</b> (Leontiev citado por Golder, 2004, p.37).</p> <p><b>“A imagem do mundo”</b> – texto que foi tratado no congresso de 1975 com o nome “Psicologia da imagem” (Golder, 2004).</p> <p>Leontiev morre em 21 de janeiro de 1979.</p>

**LISTA DE TEXTOS DE A.N. LEONTIEV ENCONTRADOS DURANTE O MESTRADO (2011 – 2013)**

	<b>TÍTULO</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>
<b>Década 1930</b>	<p><b>1931</b></p> <p>1. O desenvolvimento das formas superiores de memória</p> <p><b>1932-33</b></p> <p>2. Transferência da ação como uma função do intelecto</p> <p><b>1937</b></p> <p>3. Estudo do ambiente nos trabalhos pedológicos de L. S. Vigotski: um estudo crítico</p> <p>4. O Problema do desenvolvimento do intelecto e aprendizagem na psicologia humana</p> <p><b>1940</b></p> <p>5. A gênese da atividade</p> <p>6. Os processos fundamentais da vida mental</p> <p><b>Sem data definida</b></p> <p>7. Vontade</p>	<p>1. Leontyev, A.N. (2009). The Development of Higher Forms of Memory. In <i>The Development of Mind</i>. Marxists Internet Archive.</p> <p>2. Leontiev, A.N. (2005). Transference of Action as a Function of Intellect: A Study of the Intellectual Activity of the Child Using a Variable Problem Box. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. (2005). 43(4), pp. 29-33.</p> <p>3. Leontiev, A.N. (2005). Study of the Environment in the Pedological Works of L.S. Vygotsky: A Critical Study In. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. 43(4), pp.pp.8-28.</p> <p>4. Leontiev, A.N. (2005). The Problem of the Development of the Intellect and Learning in Human Psychology. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. 43(4), pp.34-47.</p> <p>5. Leontiev, A.N. (2005). The genesis of Activity. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. 43(4), pp.58-71.</p> <p>6. Leontiev, A.N. (2005). The Fundamental Processes of Mental Life <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. 43(4), pp.72-75</p> <p>7. Leontiev, A.N. (2005). Will. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i>. 43(4), pp.76-92.</p>
<b>Década 1940</b>	<p><b>1944</b></p> <p>1. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar</p> <p>2. O desenvolvimento do psiquismo na criança</p> <p><b>1945</b></p> <p>3. O problema da origem da sensibilidade</p> <p><b>1947</b></p> <p>4. Ensaio sobre o desenvolvimento do Psiquismo</p> <p><b>1948</b></p> <p>5. O desenvolvimento da atividade refletora no processo de evolução dos animais</p>	<p>1. Leontiev, A.N. (2006). Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. In Vigotski, L.S.; Luria, A.R.; Leontiev, A.N. <i>Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem</i> (pp.119-142). São Paulo: Ícone.</p> <p>2. Leontiev, A.N. (2004). O desenvolvimento do psiquismo na criança. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (2ª edição). São Paulo: Centauro.</p> <p>3. Leontyev, A.N. (2009). The Problem of the origin of Sensation. In <i>The Development of Mind</i>. Marxists Internet Archive</p> <p>4. Leontiev, A.N. (1947/2004). Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.21-154). São Paulo: Centauro.</p> <p>5. Leontiev, A.N. (1960). Desarrollo de la actividad reflectora en el proceso de evolución de los animales. In Smirnov, A.A.; Leontiev, A.N.; Rubinshtein, S.L.; Tieplov, B.M. (Org.). <i>Psicología</i>. México: Grijalbo.</p>
<b>Década 1950</b>	<p><b>1951</b></p> <p>1. A formação de conexões associativas: uma investigação experimental</p> <p><b>1956</b></p> <p>2. As necessidades e os motivos da atividade</p> <p><b>1959</b></p> <p>3. A démarche histórica no estudo do psiquismo humano</p> <p>4. O mecanismo do reflexo sensorial</p>	<p>1. Leontiev, A.N.; Rozonava, T.V. (1951/1957). The formation of associative connections: na experimental investigation. In Simon, B. (Org). <i>Psychology in the soviet union</i> (pp.164-182). London: Routledge &amp; Kegan Paul Ltd.</p> <p>2. Leontiev, A.N. (1960). Las necesidades y los motivos de la actividad. In Smirnov, A.A.; Leontiev, A.N.; Rubinshtein, S.L.; Tieplov, B.M. (Org.). <i>Psicología</i>. México: Grijalbo.</p> <p>3. Leontiev, A.N. (2004). A démarche histórica no estudo do psiquismo humano. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.155-214). São Paulo: Centauro.</p>

	5. Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais	4. Leontiev, A.N. (2004). O mecanismo do reflexo sensorial. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.215-248). São Paulo: Centauro. 5. Leontiev, A.N. (2004). Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.155-214). São Paulo: Centauro.
<b>Década 1960</b>	<b>1960</b> 1. O biológico e o social no psiquismo do homem <b>1961</b> 2. O homem e a cultura	1. Leontiev, A.N. (2004). O biológico e o social no psiquismo do homem. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.249-276).São Paulo: Centauro. 2. Leontiev, A.N. (2004). O homem e a cultura. In <i>O desenvolvimento do psiquismo</i> (pp.277-302). São Paulo: Centauro.
<b>Década 1970</b>	<b>1972-75</b> 1. Linguagem e Consciência 2. A estrutura da consciência 3. Tipos de pensamento e sensibilidade cognitiva 4. Pensamento e atividade 5. A gênese do pensamento humano 6. Pensamento e Linguagem 7. As variações e transformações da linguagem <b>1974-75</b> 8. Atividade, consciência e personalidade  <b>1977*</b> 9. Atividade e Consciência <i>*Publicado em 1977 na URSS, porém não se sabe a data exata em que foi escrito. Está na versão em inglês de "The development o mind"</i>  <b>1979</b> 10. A imagem do mundo	1. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 13 Language and consciousness. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.5-13. 2. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 14 The structure of consciousness: sensory fabric, meaning, personal sense. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.14-24. 3. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 35 Types of thinking: thinking and sensory cognition. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.25-40. 4. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 36 Thinking and activity. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.41-52. 5. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 37 The genesis f activity. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.53-64. 6. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 38 Thinking and Speech. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.65-81. 7. Leontiev, A.N. (2005). Lecture 39 The varieties and transformations of speech. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), pp.82-96. 8. Leontiev, A.N. Actividad, conciencia y personalidad (1978). Buenos Aires: Ciencias del Hombre. Leontiev, A.N. Actividad, conciencia y personalidad. (1984). México: Editorial Cartago. 9. Leontiev, A.N. Atividade e consciência. In Magalhães-Vilhena, V. (Org). <i>Práxis: a categoria materialista de prática social</i> . Volume II. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. Leontyev, A.N. (2009). Activity and Consciousness. In. <i>The Development of Mind</i> . Marxists Internet Archive. 10. Leontiev, A.N. A imagem do mundo. In Golder, M. (2004). <i>Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem e seu tempo</i> . Campinas: Xamã.

## ANEXO 3

### BIBLIOGRAFIA DE A.N. LEONTIEV

Lista de trabalhos publicados em vida de A. N. Leontiev  
(Livros científicos e folhetos, artigos, resumos e comentários)\*

<b>1926</b>
<b>1. Pesquisa sobre os sintomas objetivos das Reações afetivas (com A. R. Luria).</b> Problemas de psicologia.
<b>1928</b>
<b>2. Recordações mediatizadas em crianças com mudanças orgânicas (por enfermidades) do intelecto.</b> Questões de defectologia, 1928. Nº 4, 15-27.
<b>3. Experimento de análise estrutural dos nexos da cadeia associativa.</b> Revista médica russo-alemã, 1928, Nº 1., 12/05; Nº 2., 57-64.
<b>1929</b>
<b>4. Um teste para o estudo da inteligência prática de pré-escolares e de crianças com retardo mental.</b> In: Problemas de pedagogia marxista, Moscou, 1929, pp. 204-210. Trad. Soviet Psychology, 1977. N 16 (1), 46-52.
<b>5. Problemas do método dialético na psicologia da memória.</b> Problemas da pedagogia marxista. Moscou, 1929, pp. 101-110. Trad. Soviet Psychology, 1977, N 16 (1).
<b>6. Exame e psique (com A. R. Luria).</b> In: Exame e psique. Moscou; Leningrado, 1929, p. 11-86. Trabalho de laboratório psicológico Academia de Educação Comunista Krupskaya.
<b>7. Análise do livro de Basov, MOSCOU Ia. Princípios Gerais de pedologia.</b>
<b>1930</b>
<b>8. Grafologia (em colaboração com A. Surkov).</b> In: BSE (sigla em russo para Grande Enciclopédia Soviética) 1. ed. 1930, tomo 18, p. 852-856
<b>9. Desenvolvimento interno das estruturas do comportamento superior.</b> — In: Ciência psiconeurológica na URSS: Materiais do I Congresso de toda a União sobre os estudos do comportamento humano. Moscou; Leningrado, 1930, p. 140-141
<b>10. Resenha do livro de Netchaev A. P. Memória do homem e sua formação.</b> 2. ed. Moscou; Leningrado, 1930 — Palavra científica, 1930, Nº 6, p. 124-126.
<b>1931</b>
<b>11. O desenvolvimento de memória.</b> Moscou, 1931. — p.280. Parcialmente reproduzida nas publicações listadas sob o número 71, 116, 168, 213 (intitulado: Desenvolvimento de formas superiores de memória) – o mesmo que a redução do livro: Coletânea de psicologia geral: Psicologia da Memória. Moscou, 1979, p. 163-176.
<b>12. Emoções</b> Em: BSE. 1ª ed., 1931, v 64, p. 190-194.
<b>1932</b>
<b>13. O desenvolvimento da atenção voluntária na criança.</b> Revista de Psicologia Genética, 1932, Nº 2, p. 52-81.
<b>1934</b>
<b>14. L.S. Vigotski.</b> Psiconeurologia Soviética, 1934, Nº 6, p. 188-190.

\* Fonte: Leontiev, A. A. (1983). In: Leontiev, A. N. Obras escolhidas (Izbrannye psihologiçeskie proizvedeniâ), tomo 2, p.262-292. Moscou: Pedagogia. Revisão de tradução de Achilles Delari Jr.

<b>1936</b>
<b>15. Psicologia e Pedagogia.</b> Pedagogia soviética, 1936, № 2, p.54-67.
<b>1938</b>
<b>16. Fala.</b> Em: Psicologia / Ed: KN Kornilov, Teplov, L. Moscou Schwartz. Moscou., 1938, p. 253-269. Veja também as publicações listadas sob o número 19, 43.
<b>1940</b>
<b>17. Psiquismo</b> BSE.† 1ª ed, 1940, v 47, p.. 497-501.
<b>18. Psicologia (com A. R. Luria).</b> BSE 1ª ed, 1940, v 47, p.. 511-548.
<b>1941</b>
<b>19. Fala.</b> Em: Psicologia / Ed.. KN Kornilov, B. Moscou Teplov e LM Schwartz. – 2ª ed. Revistos. Moscou, 1941, p. 204-222. Veja também as publicações listadas sob o número 16, 43.
<b>20. Fala (Juntamente com Luria)</b> BSE – 1ª ed, 1941, v 48, p. 702-705
<b>1944</b>
<b>21. Para uma teoria do desenvolvimento do psiquismo da criança.</b> Pedagogia Soviética, 1944, № 4, p. 34-44. Veja também as publicações listadas sob o número 71, 116, 168, 213. Trad. para a língua vietnamita (1979).
<b>22. Sobre alguns problemas psicológicos do estudo consciente.</b> Pedagogia Soviética, 1944, № 2, p. 65-75.
<b>23. Bases psicológicas da brincadeira pré-escolar.</b> Pedagogia Soviética, 1944, № 8-9, p. 37-47. Veja também as publicações listadas sob o número 71, 116, 168, 213. Trad. para a língua vietnamita (1979).
<b>1945</b>
<b>24. Restauração do Movimento (com A.V. Zaporozhets).</b> Moscou, 1945. p. 231. Trad Rehabilitation of Hand Function. London, 1960, 199 p.
<b>25. Para o problema da gênese da sensibilidade</b> In: Coleção de Psicologia, dedicado ao aniversário de 60 anos e 35º aniversário da atividade científica de D. Uznadze. Tbilisi, 1945, p. 215 - 230. (Anais do Instituto de Psicologia, Vol. 3).
<b>26. Investigação psicológica do movimento pós lesão dos braços</b> Psicologia. Moscou, 1945, p. 91-100. (Anais da Universidade Estatal de Moscou, vol. 90).
<b>1946</b>
<b>27. Análise psicofisiológica dos movimentos de recuperação do movimento das mãos a partir de ferimentos (com Zaporozhets).</b> A primeira sessão científica do Instituto de Neurologia, a Academia de Ciências Médicas da URSS. Proceedings. Moscou, 1946, p. 47-49.
<b>28. O desenvolvimento dos motivos na atividade da criança.</b> Sessão Científica da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR, 01-04 julho de 1946: Teses de informe. Moscou, Leningrado, 1946, p. 3-4. Ver também a publicação descrito sob o número 71.
<b>29. Psicologia soviética após decreto do Comitê Central do PCUS(b) "sobre as distorções pedológicas no sistema do Comissariado do Povo para a Educação".</b> Pedagogia soviética de 1946, № 7, p. 21-31.

† É possível acessar essa enciclopédia on-line, <http://bse.sci-lib.com/> - veja até eles passam para o alfabeto latino como BSE. Большая Советская Энциклопедия (БСЭ) – Bol'shaia Sovetskaia Entsiklopediia (BSE) – Grande Enciclopédia Soviética.

<b>1947</b>
<p><b>30. Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo.</b> Moscou, 1947. P.120. (Instituto pedagógico militar do exército soviético). Veja também as publicações listadas sob o número 71, 116, 168, 213.</p>
<p><b>31. A sensibilidade gnóstica da mão afetada (com TS Ginevskii).</b> Psicologia.Moscou , 1947, Vol. II, p. 104-111. (Anais da Universidade Estatal de Moscou, vol. 111).</p>
<p><b>32. Os problemas da psicologia infantil e pedagógica.</b> Moscou (1947 - 4 (Sessão do RSFSR, dedicado ao 30º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.</p>
<p><b>33. Os problemas psicológicos do estudo consciente.</b> Problemas de psicologia da compreensão. Moscou, Leningrado, 1947, p. 3-40. (Notícias da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR, vol. 7). Veja também as publicações listadas sob o número 185, 200.</p>
<p><b>34. Questões psicológicas da formação da personalidade das crianças em idade pré-escolar.</b> Educação pré-escolar, 1947, № 9, p. 25-32.</p>
<p><b>35. Caminhos psicofisiológicos para restaurar funções após traumatismos de guerra (com A.R. Luria).</b> Psicologia. Moscou, 1947, Vol. II, p. 17-31. (Anais da Universidade Estatal de Moscou, vol. 111).</p>
<p><b>36. Consciência.</b> BSE. 1ª ed, 1947, v 52, p.. 9-16.</p>
<p><b>37. Resenha do livro: de B.Teplov Psicologia.</b> Moscou 1946. Livro soviético, 1947, № 1, p. 89-92.</p>
<b>1948</b>
<p><b>38. Problemas reais do desenvolvimento do psiquismo da criança.</b> Problemas de psicologia da criança (idade pré-escolar). Moscou, Leningrado, 1948, p. 3-9. (Anais da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR), Vol. 14).</p>
<p><b>39. Os problemas da psicologia infantil e pedagógica.</b> Pedagogia Soviética, 1948, № 2, p. 63-72.</p>
<p><b>40. O desenvolvimento psicológico de crianças em idade pré-escolar.</b> Questões da psicologia da criança em idade pré-escolar. Moscou, Leningrado, 1948, p. 4-15.</p>
<p><b>41. O desenvolvimento do psiquismo.</b> Psicologia / Ed. K. N. Kornilov, A. A. Smirnov, B. Teplov. Moscou, 1948, p. 17-68.</p>
<p><b>42. Fala.</b> Psicologia / Ed.. K. N. Kornilov, A. A. Smirnov, B. Teplov. Moscou, 1948, p. 263-287. Veja também as publicações listadas sob o número 16, 19. Traduzido nas línguas: Búlgara, Tcheca e Chinesa.</p>
<p>43. Resenha do livro: Skorokhodova O. I. Como eu percebo o mundo ao nosso redor. Moscou, Leningrado, 1947. Pedagogia soviética de 1948, № 3, p. 103-108.</p>
<b>1949</b>
<p><b>44. Tarefas da psicologia soviética à luz do decreto da sessão BASKHNIL.</b> Pedagogia Soviética, 1949, № 1, p. 76-85.</p>
<b>1950</b>
<p><b>45. O desenvolvimento intelectual da criança.</b> Estenograma de conferência pública. Moscou, 1950. 32 p.</p>
<p><b>46. Sensação, percepção e atenção em crianças em idade escolar inicial.</b> Ensaios sobre a psicologia das crianças, idade da escola primária.. Moscou, 1950, p. 39-76.</p>
<b>1951</b>
<p><b>47. A dependência da formação de vínculos associativos sobre o conteúdo da ação (com T. V. Rozanova).</b> Pedagogia soviética, 1951, № 10, p. 60-77.</p>
<b>1952</b>

<p><b>48. Sobre as compreensões materialista, reflexológica e subjetivo-idealista da psique.</b> Pedagogia Soviética, 1952, № 7, 50-65.</p>
<b>1953</b>
<p><b>49. Apresentação em debate.</b> Materiais da Conferência sobre Psicologia.. M "1953, p. 159-166. Notícias da Academia de Ciências pedagógicas da RSFSR, vol. 45).</p>
<p><b>50. Les problemes actuels de la psychologie en URSS (com A. Luria, S. Rubinstein, A. Smirnov e B. Teplov)</b> La raison, 1953, N 19, p. 97-100.</p>
<b>1954</b>
<p><b>51. Investigações experimentais do pensamento.</b> Relatórios na Conferência de Toda a Rússia em Psicologia. Moscou, 1954, p. 5-12.</p>
<p><b>52. Natureza e formação de características e processos psíquicos do homem</b> Moscou Relatórios no XIV Congresso Internacional sobre psicologia. Moscou, 1954, p. 5-12.</p>
<p><b>53. Discussão de relatórios sobre o problema das atitudes.</b> Reunião de psicologia (1-6 julho de 1955.) - Questões de Psicologia, 1955, № b, 76-79.</p>
<p><b>54. Sobre a Natureza sistêmica das funções psíquicas.</b> Teses de informe da faculdade de filosofia. Moscou, 1955, p. 27-28. (Jubileu da Sessão Científica da Universidade Estatal de Moscou MGU 9 - 13 de maio de 1955).</p>
<p><b>55. A natureza e a formação de características e processos psíquicos do homem .</b> Questões de Psicologia, 1955, Nb [deve ser №] 1, p. 29-35. Ver também a publicação descrito sob o número 52.</p>
<p><b>56. Abrangente e cuidadosamente estudar a criança.</b> Pedagogia soviética, 1956. Número [ver padronização] 8, p. 3-9.</p>
<p><b>57. Breve artigo</b> In. Wallon A. Da ação ao pensamento. MOSCOU, 1956, p. 5-18.</p>
<p><b>58. Fortalecer a relação da ciência psicológica com a prática.</b> O Comunista de 1956, № 4, p. 87-93.</p>
<p><b>59. Necessidades e motivos da atividade.</b> Psicologia / Ed.. A. A. Smirnov, A. N. Leont'ev, S. L. Rubinstein, B. Teplov. Moscou, 1956, p. 350-365</p>
<p><b>60 Psique.</b> Dicionário Filosófico. Moscou, 1956.</p>
<p><b>61. Pontos de vista psicológicos de L. S. Vigotski (com A. R. Luria).</b> Vigotski, L. S. Obras Escolhidas de Vigotski. Moscou, 1956, p. 4-36.</p>
<p><b>62. O desenvolvimento do psiquismo.</b> A consciência do homem Moscou Psicologia / Ed.. A. A. Smirnov, A. N. Leont'ev, S. L. Rubinstein. B. Teplov. Moscou, 1956, p. 70-91.</p>
<b>1957</b>
<p><b>63. Instrução como um problema da psicologia.</b> Questões de Psicologia, 1957, № 1, p. 3-17.</p>
<p><b>64. Problemas teóricos do desenvolvimento psíquico da criança (com A. R. Luria).</b> Questões de Psicologia, 1957, p. 146-158.</p>
<p><b>66. L'individuos et les oeuvres humaines.</b> Etudes philosophiques, 1957, № 3, p.186-188. (L'Homme et ses oeuvres: Actes du Congrès IX 'des sociétés de philosophie de langue française).</p>
<b>1958</b>

**67. A análise da estrutura sistêmica de percepção.**

Comunicação V: sobre o mecanismo de análise fonética de estímulos auditivos (com O. V. Ovtchinnikova). – Relatórios da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR, 1958, № 3, uma. 43-48.

**68. Diferenciar a instrução na segunda fase da “formação” intermediária (com N. Gontcharov).**

In: Um debate nacional das questões sobre o reforço dos laços da escola com a vida e o desenvolvimento do sistema de educação pública no país. M, 1958, p. 70-75.

**69. Sobre Um efeito da formação de uma cadeia de habilidade do experimento motivador (com I. Bobnevoi).**

Relatórios da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR, 1958, № 1, p. 75-78.

**70. Ryflexes conditionnys e Apprentissage et consciência.**

Le conditionnement et l'apprentissage.. Paris, 1958, p. 169-188. (Simpósio de l'Association de psychologie scientifique de langue française: Estrasburgo, 1956).

**1959****71. O desenvolvimento do psiquismo.**

Moscou, 1959- 496 p. Conteúdo: O problema da origem dos sentimentos; Sobre o mecanismo de reflexão sensorial; Esboço do desenvolvimento do psiquismo; Sobre a abordagem histórica para explorar a psique humana [do homem]; O desenvolvimento de formas mais elevadas de memória; Fundações psicológicas do *jogo* [ou “brincadeira”] pré-escolar; Para uma teoria da psique da criança. O desenvolvimento dos motivos da atividade educacional da criança (primeira publicação) (pp. 431-445); As questões psicológicas da formação da personalidade das crianças em idade pré-escolar. Princípios do desenvolvimento mental das crianças e o problema da deficiência mental (publicado pela primeira vez em russo. Lang., P. 457-472). Veja também as publicações listadas sob o número 116, 168, 213.

**72. A análise da estrutura sistêmica da percepção (com Yu. Gippenreiter).**

Comunicação VIII: A influência da língua materna na formação da audição. - Relatórios do RSFSR de 1959, № 2, p. 59-62.

**73. Henri Wallon.**

Questões de Psicologia, 1959, № 6, p. 3-12.

**74. O princípio dinâmico de mecanismos de aprendizagem de mecanismos automáticas (com K. Gurevitch).**

In: Teses do 1º Congresso da Sociedade de Psicólogos. MOSCOU, 1959, vol. 1, p. 165-167.

**75. Sobre o enfoque histórico no estudo do psiquismo humano**

Ciência Psicológica na URSS. MOSCOU, 1959, Vol. I, p. 9-44.

**76. Sobre o duplo aspecto dos fenômenos lingüísticos (com A. A. Leontiev).**

Relatórios Científicos de ensino superior: Ciências Filosóficas, 1959, № 2, p. 116-125. Veja também as publicações listadas sob o número 82 (em língua inglesa), 87 (em língua romena), parcialmente coincidente com dado artigo e um com o outro.

**77. Sobre o mecanismo do reflexo sensorial.**

Questões de Psicologia, 1959, № 2, p. 19-41. Veja também as publicações listadas sob o número 116, 168.

**78. Sobre a formação de capacidades.**

Teses do 1º Congresso da Sociedade de Psicólogos.. MOSCOU, 1959, vol. 3, p. 140-144.

**79. Pro budovu slukhovoï funktsii lyudini.**

Pitaniia psikhologii. Kiev, 1959, p. 13-21. (Ministerstvo osviti URSR Naukova-doslidny institut psikhologii. Haukovi zapiski, t. XI).

**80. A Reforma da escola e as tarefas da psicologia (com P. Ia. Galperin, D. B. Elkonin.)**

Questões de Psicologia, 1959, № 1, p. 3-22. Também na obra: Um novo sistema de educação popular na URSS. Moscou, 1960, p. 182-207

**81. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema da deficiência mental.**

Milão, 1959. (Organização Mundial de Saúde). Ver também a publicação descrita sob o número 71.
<b>1961</b>
<b>89. O Homem e a Cultura.</b> Moscou, 1961. 115 p. (texto em russo - p. 1-29, seguido pelo inglês, francês e espanhol). Mesma publicação, tal como descrito sob o número 105, 116, 168.
<b>90. Apresentação.</b> Conferência de toda União de cientistas no Kremlin, Junho 12-14, 1961. Moscou, 1961, p. 256-258.
<b>91. Sobre a aplicação da teoria da informação em pesquisas concreto-psicológicas (com E.P. Krinchik)</b> Questões de Psicologia, 1961, № 5, p. 25-46.
<b>92. Sobre a natureza social da psique humana.</b> Problemas de Filosofia, 1961, № 1, p. 26-40.
<b>93. Concepção positivista da sensação e da teoria leninista da teoria do reflexo</b> In: O materialismo dialético e o positivismo moderno: Conferência científica intercolegial. Moscou, 1961, p. 28-30.
<b>1962</b>
<b>94. Psicologia do homem e progresso técnico (com D. Yu. Panov).</b> Moscou, 1962. 60 s. (Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS). Veja também as publicações listadas sob o número 98, 104.
<b>95. Algumas características do processo de processamento de informação no homem (com E. P. Krintchik).</b> Relatórios Científicos de ensino superior. Ciências filosóficas, 1962, № 5, p. 109-114. Ver também a publicação descrita sob o número 109.
<b>96. Sobre Alguns recursos de processamento de informação no homem (conjunto E. P. Krintchik).</b> Questões de Psicologia, 1962, № 6, p. 14-25.
<b>97. Necessidades e motivos da ação.</b> In: Psicologia. Ed. A. A. Smirnov, A. N. Leont'ev, S. L. Rubinstein, B. Moscou Teplov. 2ª ed. MOSCOU, 1962, p. 362-383. Ver também a publicação descrita sob o número 59.
<b>98. Psicologia do homem e do progresso técnico (com D. Yu. Panov.)</b> Problemas de Filosofia, 1962, № 8, p. 50-65. Veja também as publicações listadas sob o número 94, 104.
<b>99. O desenvolvimento da psique.</b> A consciência do homem Moscou Psicologia. Ed. A. A. Smirnov, A. N. Leont'ev, S. L. Rubinstein, B. Moscou Teplov. 2ª ed. Moscou, 1962, p. 73-93. Ver também a publicação descrito sob o número 62.
<b>100. Le probleme biologique dans la mentalite</b> In: Bericht ber den XVI.. Internationalen Kongress für Psychologie. Amsterdam, 1962.
<b>101. Les formations des operations mentales.</b> L'ycole et la nação: Documentos pydagogiques, 1962, supplyment N113, p. 2-4. Por: La Formazione dylie operazioni mentali. - Scuola e cit-ta, febbraio 1964, n. Dois.
<b>102. Henri Wallon.</b> Questões de Psicologia, 1963, № 3, p. 190.
<b>103. Posfácio (com O. K. Tikhomirov).</b> Piaget, J., Inelder, B. Gênese da estruturas lógicas elementares. Moscou, 1963, p. 425-446
<b>104. Psicologia do homem e progresso técnico (com D. Yu. Panov).</b> Problemas Filosóficos da fisiologia da atividade nervosa superior e psicologia.. Moscou, 1963, p. 393-424. Veja também as publicações listadas sob o número 94, 98.

**105. O Homem e cultura**

Ciência e Humanidade. Moscou, 1963, Vol. II, p. 66-84. Veja também as publicações listadas sob o número 89, 116, 168.

**106. O Homem e a técnica (com B. F. Lomov).**

Questões de Psicologia, 1963, № 5, p. 29-37.

**1964****107. Pensamento**

Enciclopédia Filosófica. Moscou, 1964, tomo 3, p. 514-519. Ver também a publicação descrito sob o número 108.

**108. Pensamento**

Problemas de Filosofia, 1964, № 4, p. 85-95. Ver também a publicação descrito sob o número 107.

**109. Algumas características do processo de processamento de informação no homem (juntamente com o Krinchik P. E.).**

Cibernética, pensamento, vida. MOSCOU, 1964, p. 227-241. Ver também a publicação descrito sob o número 95.

**110. Tratamento da informação por uma pessoa em uma situação de escolha (com E. P. Krinchik).**

Psicologia da Engenharia. MOSCOU, 1964, p. 295-325.

**111. Prefácio (com A. R. Luria).**

Miller, J.; Galanter, E.; Pribram, K. Planos e estrutura de comportamento. Moscou, 1964, p. 5-10.

**112. Os problemas da psicologia da engenharia (com V. P. Zintchenko, D. Yu. Panov).**

Psicologia da engenharia. Moscou, 1964, p. 5-23.

**113. A teoria da assimilação de conhecimento e da instrução programada (com P. Ia. Galperin).**

Pedagogia soviética, 1964, № 10, p. 56-65

**114. Sobre o efeito da importância do sinal na velocidade de processamento de informação pelo homem (com E. P. Krintchik).**

XV Congresso Internacional de Psicologia Aplicada: Resumos dos relatos. Liubliana, 1964, p. 82-83.

**115. Resenha do livro Cérebro e psique: Luria, A. R. funções corticais superiores do homem e seus distúrbios em lesões cerebrais locais. Moscou, 1962. - Problemas de Filosofia, 1964, № 3, p.164-168.****1965****116. Os problemas do desenvolvimento do psiquismo.**

2ª ed. Moscou, 1965 -. 574 p. Conteúdo: Problemas da origem das sensações; Sobre o mecanismo do reflexo sensorial. O biológico e o social na psique do homem; Esboço do desenvolvimento da psique; Sobre a abordagem histórica no estudo da psique humana; O homem e a cultura; O desenvolvimento de formas mais elevadas de memória; Princípios psicológicos do jogo pré-escolar; Para uma teoria do desenvolvimento da psique da criança; Princípios do desenvolvimento psíquico das crianças e o problema da deficiência mental. Veja também as publicações listadas sob o número 71, 168, 213.

**117. Artigo de apresentação. In L. S. Vigotski Psicologia da Arte.** Moscou, 1965, p. III-XI. Ver também a publicação descrita sob o número 139.

**118. Os problemas psicológicos de instrução programada (com P. Ia. Galperin).**

Nova pesquisa em ciências da educação. Moscou, 1965, vol. III, p. 9-18 (Anais da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR, vol. 138).

**1966****119. Automação e conduta (com I. Eremenko, V. Zinchenko, V. Lomov e V. Rubakhin).**

Técnica e equipamento, 1966, № 4, p. 36-43.

**120. Sobre o homem**

Enciclopédia infantil. - 2ª ed. Moscou, 1966, v 7, p. 13-20. Veja também as publicações listadas sob os números 85, 187.

**121. O conceito da imagem psíquica e seu significado para a psicologia.** Problemas de Filosofia, 1966, Nº 12, p. 48-56. Ver também a publicação descrito sob o número 149

**122. Necessidades, motivos e consciência.**

Problemas de psicologia geral. Moscou, 1966, p. 25; texto em francês ibid., p. 26 (XVIII Congresso Internacional de Psicólogos: Teses de informe).

**123. Necessidades, motivos e consciência.**

Motivos e consciência no comportamento humano. MOSCOU, 1966, p. 5,12; texto em francês. ibid., p. 13-20 (XVIII Congresso Internacional de Psicólogos: Simpósio 13).

**124. Prefácio.**

In: Psicologia experimental / Editores: P. Fraisse, J. Piaget. Moscou, 1966, vol. I-II, p. 7-12.

**125. Psicologia da personalidade.**

Enciclopédia infantil. 2ª ed. Moscou, 1966, v 7, p. 344-352. Veja também as publicações listadas sob os números 141, 157.

**126. Relativamente à atividade do sistema visual do homem (juntamente com YB Gippensyter).**

Pesquisa Psicológica na URSS. Moscou, 1966, vol. 1, p. 361-392. Ver também a publicação descrito sob o número 146.

**127. Nota de redação (com A. R. Luria e A. A. Smirnov).**

Recherches en Psychologiques URSS MOSCOU, 1966, p. 3.

**1967**

129. A luta pelo o problema da consciência na construção da psicologia soviética. Questões de Psicologia, 1967, Número 2, p. 14-22.

130. Palavras conclusivas sobre o problema da consciência nos aspectos filosóficos e psicológicos. In: Consciência: Debates no simpósio em 01-03 junho, 1966 em Moscou. Moscou, 1967, p. 130 - 135.

131. Medida em Psicologia (com E. N. Sokolov) Técnica de medida, 1967, Nº 6, p.77-78.

132. [Apresentação no encontro da(o) NSO da faculdade de psicologia]. Sobre o trabalho científico do proeminente acadêmico soviético Nikolai A. Bernshtein. - Problemas de filosofia, 1967, Nº 6, p. 144.

133. Sobre alguns problemas em perspectiva da psicologia soviética. Questões de Psicologia, 1967, Nº 6, p. 7-22.

134. Sobre uma abordagem sistêmica ao problema da construção de um processo tecnológico ASU (com B. V. Gnedenko, et al.) In: Os problemas científicos e práticos de grandes sistemas: Materiais da conferência técnico-científica. Moscou, 1967, Parte III, p. 59-66.

135. Psicologia. Enciclopédia Filosófica. Moscou, 1967, v 4, p. 420-422.

136 \* Psicologia - In: Universidade de Moscou após 50 anos de poder soviético. Moscou, 1967.

137. O que é psicologia de engenharia. Conclusão. In: Na psicologia Engenharia:. Conversas sobre problemas atuais da ciência. Moscou, 1967, p. 5-9 e 32.

**1968**

138. Introdução [à publicação: Sobre material inédito de L. S. Vigotski]. Psicologia da Gramática. Moscou, 1968, p. 178-179.

139. [Artigo de apresentação]. – In: L. S. Vigotski Psicologia da Arte. - 2ª ed. Moscou, 1968, p. 5-12. Ver também a publicação descrita sob o número 117.

140. Estudo da tensão [ou estresse] do operador no trabalho de rastreamento (em coautoria). Problemas de

psicologia da engenharia. Moscou, 1968. p. 304-311. (Conselho Científico da Academia de Ciências da URSS sobre o problema da "Cibernética": Boletim de informações: Série: Materiais e comunicações: 7).

141. Karl Marx e a ciência da psicológica. - Questões de Psicologia, 1968, № 5, p. 3-16.

142. Para o problema da tensão [estresse] criada pela carga extra do operador, trabalhando no sistema de rastreamento. In: Problemas de psicologia da engenharia. Moscou, 1968, p. 316-322. (Conselho Científico da URSS sobre o problema da "Cibernética": Série Folha: Materiais e posts: 7).

143. Comportamento, cultura e cérebro humano. - Problemas de Filosofia, 1968, № 7, p. 50-56.

144. Tarefas urgentes da ciência psicológica. - O Comunista, 1968, № 2, p. 56-69.

145. Algumas questões psicológicas que influenciam na personalidade. In: Problemas científicos do comunismo. M., 1968, vol. 2, p. 30-42.

146. Sobre o sistema de atividades visuais do humano (em colaboração com Iu. Guippenreiter). In: A pesquisa psicológica. Moscou, 1968, p. 3-23. Ver também a publicação descrita sob o número 126.

147. Sobre os métodos de diagnóstico psicológico na investigação de crianças escolares (em colaboração com A.R. Luria e A. A. Smirnov). Pedagogia soviética de 1968, № 7, p. 65-77.

148. Quelques problemes developpement du psychisme. Bolletin de psychologie, 1968, n° 267, p. 513-519 (t. XXI: 9-11).

#### 1969

149. O conceito de reflexo [ou "imagem"] e seu significado para a psicologia. XVIII Congresso psicológico internacional. Moscou, 1969, p. 7-20. Ver também a publicação descrita sob o número 121.

150. Distribuição de funções motoras interdependentes entre operadores (em colaboração com A. I. Nazarov). In: Materiais para o XIX Congresso Internacional de Psicologia. Moscou, 1969, p. 80-81.

151. Prefácio [com A. R. Luria e A. A. Smirnov]. In: Um manual de psicologia soviética contemporânea. N. Y 1969, p. V-VII.

152. Automatização e o humano. – In: Investigações psicológicas. Moscou, 1970, vol. 2, p.3-12. Ver também a publicação descrita sob o número 201.

153. (Apresentação na Mesa Redonda): Genética Humana, seus problemas filosóficos e ético-sociais. Problemas de filosofia, 1970, № 7, p. 111-112.

154. Teoria leninista de reflexo [otrajenie] e conceito de imagem/ reflexo psíquico [obraz] em psicologia. Nova pesquisa Psicologia e Fisiologia, 1970, № 1, p. 9-20.

155. Parapsicologia é uma ciência? - Natureza, 1970, № 1, p. 122.

156. Prefácio. – In: Nazarov, A. I. Experimento de investigação do grupo de coordenação da administração. Moscou, 1970, p. 3-10.

157. Psicologia da personalidade. In: Conhecimento dos procedimentos. M, 1970, p. 297-306. Veja também as publicações listadas sob o número 125, 193.

158. Crianças contemporâneas. - Família e escola, 1970, № 1, p. 4-5.

159. Fress. [Deve estar se referindo a "Paul Fraisse" (Поль Фресс) – psicólogo francês] - Enciclopédia Filosófica. Moscou, 1970, v 5, p. 415.

160. Imagem sensorial e modelo à luz da teoria leninista de reflexo. Questões de Psicologia, 1970, № 2, p. 34-45.

161. Emoções. - Enciclopédia filosófica. Moscou, 1970, v 5, p. 553-556.
<b>1971</b>
162. Necessidades, motivos e emoções. Moscou, 1971. 40.
163. Palavras finais (...) sobre o problema da personalidade em aspectos filosóficos e psicológicos. In: Personalidade: Materiais da discussão sobre os problemas da personalidade. Moscou, 1971, p. 192-202.
164. Algumas perguntas em psicologia do ensino da fala numa língua estrangeira. In: Questões psicolinguísticas e do ensino do russo como língua estrangeira. Moscou, 1971, p. 7-16. Ver também a publicação descrita sob o número 203.
165. Psicologia e progresso técnico-científico (com B. Lomov, V. Kuz'min). Comunista, 1971, p. 97-108.
166. Resenha ao livro: Psicologia no século XX de Iaroshevski M. G. Moscou, 1971. – Questões de filosofia, № 10, p. 149-152.
167. Geleitwort (em colaboração com Luria) In: Biologie und Verhalten. Berna, 1971, s. 7-9.
<b>1972</b>
168. Problemas do desenvolvimento da psique. 3ª ed. Moscou, 1972. – p. 576. Conteúdo: o mesmo que na segunda ed. (№ 116). Ver também as publicações listadas sob o número 71, 213.
169. Atividade e consciência. - Problemas de Filosofia, 1972, № 12, p. 129-140.
170. Problemas metodológicos da ergonomia (em colaboração com V.P. Zinchenko, B.F. Lomov, B. M. Munipovim). — In: Problemas metodológicos da ergonomia. Moscou, 1972, p. 5-26. O mesmo em: * Estética técnica, 1972, № 2.
171. Prefácio (com Iu. B. Guippenreiter). — In: Trabalho prático em psicologia. Moscou, 1972, p. 3-4.
172. O problema da atividade em psicologia. — Problemas de filosofia, 1972, № 9, p. 95-108.
173. Sobre o significado do conceito de atividade objetual para a psicologia. In: Teses de informe para o XX Congresso Internacional de Psicologia (13-19 de Agosto. Tóquio). Moscou, 1972, p. 104 - 115.
174. Some notes concerning Dr. Fodor's "Reflections on L. S. Vygotsky's Thought and Language" (em colaboração com A. R. Luria). Cognition, 1972, vol. 1, N 2-3, p. 311-316.
<b>1973</b>
175. Para a questão da modelação e matematização em psicologia (em colaboração com E. N. Djafarov). Questões de Psicologia, 1973, № 3, p. 3-14.
176. Parapsicologia: ficção ou realidade? (em colaboração com: V. P. Zintchenko, B. F. Lomov, A. R. Luria). — Problemas de Filosofia, 1973, № 3, p. 128-136.
177. Prefácio. — In: Psicologia experimental./ Redação: P. Fraisse, J. Piaget. Moscou, 1973, vol. IV, p. 5-9.
178. (Apresentação em Mesa Redonda): Problemas contemporâneos em formação e educação. — Problemas de Filosofia, 1973, № 11, p. 30-33.
<b>1974</b>
179. Atividade e personalidade. Problemas de Filosofia, 1974, № 4, p. 87-97; № 5, p. 65-78.
180. Pensamento. BSE. 3ª ed. Moscou, 1974, v 17, p. 158-159.
181. Ensino. Moscou, BSE. 3ª ed. Moscou, 1974, vol 17, p. 334-335.

182. Sobre um fenômeno de percepção espacial (efeito de "loops"). — Questões de psicologia, 1974, № 5, p. 13-18.

183. Conceito geral sobre a atividade. — In: Teorias fundamentais da atividade verbal. Moscou, 1974, p.5-20. O mesmo resumido In: Coletânea em Psicologia. Moscou, 1977, p. 206-214.

184. Metodológiai problémák um társadalmi változások pszicho-ológiai vonatkozásainak kutatásában (Com Andreeva GM) -. Magyar Pszichológiai Szemle, 1974, sz. 1, pp 6-14.

#### 1975

185. Atividade. Consciência. Personalidade. Moscou, 1975. — 304 p. Ver também a publicação descrita sob o número 200.

186. [Apresentação na sessão dos Acadêmicos do conselho da faculdade de psicologia da MGU: em artigos de texto]: Proeminentes realizações da ciência soviética. — Questões de filosofia. 1975, Nº 6, p. 63-64, 65-68.

187. Sobre o humano — Enciclopédia infantil. 3ª ed. Moscou, 1975, vol. 7, p. 6-13. Veja também as publicações listadas sob os números 85, 120.

188. Sobre um conceito psicológico da percepção sensorial (em colaboração com A. A. Leontiev). Questões de Psicologia, 1975, № 4, p. 3-10.

189. Parapsicologia (em colaboração com V. P. Zintchenko). — BSE. 3ª ed. Moscou, 1975, vol. 19, p. 192-193.

190. Prefácio. In: Psicologia experimental. Redação: P. Fraisse, J. Piaget. Moscou, 1975, vol. V, p. 5-12.

191. Psique. BSE. 3ª ed. Moscou, 1975, vol. 21, p. 187.

192. Psicologia (em colaboração com M. G. Iaroshevski). — BSE. — 3ª ed. Moscou, 1975, vol. 21, p. 193-196.

193. Psicologia da personalidade. — Enciclopédia infantil. — 3ª ed. Moscou, 1975, vol. 7, p. 290-299. Veja também as publicações listadas sob os números 125, 157.

#### 1976

194. Tarefas atuais da ciência psicológica (em colaboração com B. Lomov, V. Kuz'min). — Comunista de 1976, № 6, p. 73-82.

195. Palavras de apresentação. — In: Investigações psicológicas. Moscou, 1975, vol. 6, p. 3-4.

196. Sobre a história da composição de pontos de vista psicológicos de L. S. Vigotski (com A. R. Luria). Questões de Psicologia, 1976, № 6, p. 83-93.

197. Sobre os caminhos de investigação da percepção: Artigo de apresentação. In: Percepção e atividade. Moscou, 1976, p. 3-27.

198. Problemas da psicologia da percepção: Apresentação final. — In: Investigações psicológicas. Moscou, 1976, vol. 6, p. 142-154.

199. Psychological structure of man's internal activity. In: Abstract Guide: XXI International Congress of Psychology. [Paris], 1976, p. 267.

#### 1977

**200. Atividade. Consciência. Personalidade.** 2ª ed. Moscou, 1977, 304 p. Ver também a publicação descrito sob o número 185.

201. Automatização e o humano. In: A revolução técnico-científica e o humano. Moscou, 1977, 172-181.

Ver a publicação, tal como descrita sob o número 152.

202. [Introdução à publicação]: Sobre cadernos de anotações de Vigotski (em colaboração com A. Puzirei). Revista da MGU [Universidade Estatal de Moscou]: Série: Psicologia, 1977, Nº 2, p. 89.

203. Algumas questões da psicologia do ensino da fala em língua estrangeira. — In: Psicolinguística e ensino da língua russa para não-russos. Moscou, 1977, p. 5-12. Ver também a publicação descrita sob o número 164.

204. Outubro e a ciência psicológica. — Revista da MGU [Universidade Estatal de Moscou]: Série 14: Psicologia, 1977, Nº 3, p. 3-10.

205. Presentazione all'edizione italiana. — In: M. S. Veggetti (ed.) — Formazione dei Concetti. Firenze, 1977, p. 5.

**1978**

206. Início da psicologia contemporânea. Conhecimento. Causa. 1978, Nº 5, p. 55.

207. Prefácio. In: Psicologia Experimental / Redação: P. Fraisse, J. Piaget. Moscou, 1978, vol. VI, p. 5-9.

## ANEXO 4

### ÍNDICE DAS OBRAS ESCOLHIDAS EM RUSSO DE A.N. LEONTIEV\*

ТОМО 1	ТОМО 1
<p><b>РАЗДЕЛ I ИСТОРИЧЕСКИЙ ПОДХОД К ИЗУЧЕНИЮ ПСИХИЧЕСКИХ ЯВЛЕНИЙ</b></p> <p>О ЛЬВЕ СЕМЕНОВИЧЕ ВЫГОТСКОМ</p> <p>РАЗВИТИЕ ВЫСШИХ ФОРМ ЗАПОМИНАНИЯ</p> <p>ПСИХОЛОГИЧЕСКОЕ ИССЛЕДОВАНИЕ РЕЧИ</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Область исследования</li> <li>2. Проблема</li> <li>3. Гипотеза</li> </ol> <p>ОБ ИСТОРИЧЕСКОМ ПОДХОДЕ В ИЗУЧЕНИИ ПСИХИКИ ЧЕЛОВЕКА</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Натуралистические теории в психологии человека</li> <li>2. Социологическое направление в психологии</li> <li>3. Развитие исторического подхода в советской психологии</li> <li>4. Индивид и среда, человек и общество</li> <li>5. Биологическое и общественно-историческое развитие человека</li> <li>6. Проблема присвоения человеком общественно-исторического опыта</li> <li>7. Основные механизмы поведения в онтогенетическом развитии животных и человека</li> <li>8. Особенности формирования умственных действий</li> <li>9. Мозг и психическая деятельность человека.</li> </ol> <p><b>РАЗДЕЛ II ВОЗНИКНОВЕНИЕ И ЭВОЛЮЦИЯ ПСИХИКИ</b></p> <p><b>ПРОБЛЕМА ВОЗНИКНОВЕНИЯ ОЩУЩЕНИЯ</b></p> <p>I. Проблема</p> <p>ОЧЕРК РАЗВИТИЯ ПСИХИКИ</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>I. Развитие психики животных</li> <li>II. Возникновение сознания человека</li> <li>III. К вопросу об историческом развитии сознания</li> </ol> <p><b>РАЗДЕЛ III РАЗВИТИЕ ПСИХИКИ В ОНТОГЕНЕЗЕ К ТЕОРИИ РАЗВИТИЯ ПСИХИКИ РЕБЕНКА</b></p> <p>ПСИХОЛОГИЧЕСКИЕ ОСНОВЫ ДОШКОЛЬНОЙ ИГРЫ</p> <p>ОВЛАДЕНИЕ УЧАЩИМИСЯ НАУЧНЫМИ ПОНЯТИЯМИ КАК ПРОБЛЕМА ПЕДАГОГИЧЕСКОЙ ПСИХОЛОГИИ</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>I. ОБЛАСТЬ ИССЛЕДОВАНИЯ</li> <li>II. ПРОБЛЕМА ИССЛЕДОВАНИЯ</li> <li>III. ГИПОТЕЗА</li> </ol> <p>ПСИХОЛОГИЧЕСКИЕ ВОПРОСЫ СОЗНАТЕЛЬНОСТИ УЧЕНИЯ</p> <p>НАЧАЛО ЛИЧНОСТИ — ПОСТУПОК [О предмете психологии личности]</p> <p>КОММЕНТАРИИ</p>	<p><b>PARTE I - Abordagem histórica aos estudos dos fenômenos psíquicos</b></p> <p><b>I. Sobre Lev Semionovitch Vigotski</b></p> <p><b>II. Desenvolvimento das formas superiores de memorização (zapominaniia)</b></p> <p><b>III. Investigação psicológica da fala</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Área (campo, domínio) da investigação</li> <li>2. Problema</li> <li>3. Hipótese</li> </ol> <p><b>IV. Sobre a abordagem histórica no estudo do psiquismo (da psique) do ser humano (tchelovek)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Teoria naturalista na psicologia do homem</li> <li>2. Tendência sociológica em psicologia</li> <li>3. O desenvolvimento da abordagem histórica na psicologia soviética</li> <li>4. O indivíduo e o meio, o homem (tchelovek é singular o plural seria liudi) e a sociedade.</li> <li>5. Desenvolvimento biológico e histórico-social (ou sócio-histórico) do homem.</li> <li>6. Problema da apropriação da experiência sócio-histórica (histórico-social) do homem.</li> <li>7. Os mecanismos básicos (fundamentais) do comportamento no desenvolvimento ontogenético dos animais e do homem.</li> <li>8. Peculiaridades da formação de ações mentais.</li> <li>9. O Cérebro e a atividade psíquica do homem</li> </ol> <p><b>PARTE II – A origem e a evolução do psiquismo</b></p> <p><b>I. Problema do surgimento das sensações</b></p> <p><b>II. I O problema - Esboço do desenvolvimento do psiquismo</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Desenvolvimento psíquico dos animais</li> <li>2. O surgimento da consciência humana</li> <li>3. Sobre o problema do desenvolvimento histórico da consciência.</li> </ol> <p><b>PARTE III - Desenvolvimento do psiquismo na ontogênese</b></p> <p><b>I. Para uma teoria do desenvolvimento psíquico da criança.</b></p> <p><b>II. Fundamentos psicológicos do jogo (brincadeira) da criança pré-escolar</b></p> <p><b>III. Domínio dos conceitos científicos escolares como problema da psicologia pedagógica.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Campo de investigação (pesquisa)</li> <li>2. Problema de investigação</li> <li>3. Hipótese</li> </ol> <p><b>IV. Questões psicológicas do ensino consciente</b></p> <p><b>V. Princípio da personalidade – o ato</b> [Sobre o tema da psicologia da personalidade]</p> <p><b>Comentários</b></p>

\* Revisão de tradução de Achilles Delari Jr.

ТОМО 2	ТОМО 2
<p>РАЗДЕЛ IV ФУНКЦИОНИРОВАНИЕ РАЗЛИЧНЫХ ФОРМ ПСИХИЧЕСКОГО ОТРАЖЕНИЯ О механизме чувственного отражения ПСИХОЛОГИЧЕСКОЕ ИССЛЕДОВАНИЕ ДВИЖЕНИЙ ПОСЛЕ РАНЕНИЙ РУКИ 32 ОБ ОДНОМ ФЕНОМЕНЕ ПРОСТРАНСТВЕННОГО ВОСПРИЯТИЯ (ЭФФЕКТ «ЛУПЫ»)</p> <p>ОПЫТ СТРУКТУРНОГО АНАЛИЗА ЦЕПНЫХ АССОЦИАТИВНЫХ РЯДОВ (ЭКСПЕРИМЕНТАЛЬНОЕ ИССЛЕДОВАНИЕ) 1. Проблема 2. Постановка и техника исследования 3. Первоначальные данные опыта 4. Общий анализ нарушений в интервалах ассоциативного ряда 5. Элементы структуры цепного ряда 6. Общая динамика ассоциативного ряда. Заключение</p> <p>ОПЫТ ЭКСПЕРИМЕНТАЛЬНОГО ИССЛЕДОВАНИЯ МЫШЛЕНИЯ МЫШЛЕНИЕ</p>	<p><b>PARTE IV</b> - Funcionamento das diferentes formas de reflexo psíquico</p> <p><b>I. Sobre o mecanismo do reflexo sensorial</b> (otrasheniye ≠ refleks)</p> <p><b>II. Estudo psicológico do movimento após ferimento dos braços</b></p> <p><b>III. Sobre um fenômeno de percepção espacial (efeito “Lupas”)</b></p> <p><b>IV. Experimentos de análise estrutural da corrente associativa em série</b> (Investigação experimental). 1. Problema 2. Organização e técnica de investigação 3. Dados experimentais iniciais (primários, elementares) 4. Análise geral das infrações em intervalos de séries associativas. 5. Elementos da estrutura da série em cadeia. 6. Dinâmica geral da série associativa. Conclusão</p> <p><b>V. Experimentos de uma investigação experimental do pensamento</b></p> <p><b>VI. Pensamento</b></p>
<p>РАЗДЕЛ V ПСИХОЛОГИЧЕСКАЯ ТЕОРИЯ ДЕЯТЕЛЬНОСТИ ДЕЯТЕЛЬНОСТЬ. СОЗНАНИЕ. ЛИЧНОСТЬ Предисловие автора ГЛАВА I МАРКСИЗМ И ПСИХОЛОГИЧЕСКАЯ НАУКА 1. Об общих основаниях марксистской психологии 2. Теория сознания 3. Психология познавательных процессов ГЛАВА II ПСИХИЧЕСКОЕ ОТРАЖЕНИЕ 1. Уровни исследования отражения 2. Активность психического отражения ГЛАВА III ПРОБЛЕМА ДЕЯТЕЛЬНОСТИ В ПСИХОЛОГИИ 1. Два подхода в психологии — две схемы анализа 2. О категории предметной деятельности 3. Предметная деятельность и психология 4. Соотношение внешней и внутренней деятельности 5. Общее строение деятельности</p> <p>ГЛАВА IV ДЕЯТЕЛЬНОСТЬ И СОЗНАНИЕ 1. Генезис сознания 2. Чувственная ткань сознания 3. Значение как проблема психологии сознания 4. Личностный смысл</p> <p>ГЛАВА V ДЕЯТЕЛЬНОСТЬ И ЛИЧНОСТЬ 1. Личность как предмет психологического исследования 2. Индивид и личность 3. Деятельность как основание личности 4. Мотивы. Эмоции и личность 5. Формирование личности Заключение</p> <p>НЕКОТОРЫЕ ПРОБЛЕМЫ ПСИХОЛОГИИ ИСКУССТВА ИЗ ДНЕВНИКОВЫХ ЗАПИСЕЙ КАТЕГОРИЯ ДЕЯТЕЛЬНОСТИ В СОВРЕМЕННОЙ ПСИХОЛОГИИ О ДАЛЬНЕЙШЕМ ПСИХОЛОГИЧЕСКОМ АНАЛИЗЕ ДЕЯТЕЛЬНОСТИ ОБРАЗ МИРА НЕКОТОРЫЕ ОБЩИЕ ВЫВОДЫ СПИСОК ПЕЧАТНЫХ РАБОТ А. Н. ЛЕОНТЬЕВА А. А. ЛЕОНТЬЕВ, Д. А. ЛЕОНТЬЕВ I. Научные книги и брошюры, статьи, тезисы и рецензии II. Стеклографические издания III. Газетные и журнальные статьи, выступления и интервью IV. Научное редактирование книг, периодических и серийных изданий КОММЕНТАРИИ Именной указатель Предметный указатель.</p>	<p><b>PARTE V</b> - Teoria psicológica da atividade.</p> <p><b>I. Atividade. Consciência. Personalidade</b> Prefácio do autor <u>Capítulo I – Marxismo e ciência psicológica.</u> 1. Sobre os fundamentos gerais da psicologia marxista. 2. Teoria da consciência 3. Psicologia dos processos cognitivos <u>Capítulo II – Reflexo (imagem) psíquico</u> 1. Níveis de investigação do reflexo 2. Carater ativo do reflexo psíquico <u>Capítulo III – Problema da atividade em psicologia</u> 1. Duas abordagens em psicologia, dois esquemas de análise 2. Sobre a categoria da atividade objetal 3. Atividade objetal e psicologia. 4. A correlação entre atividades externas e internas 5. A construção (stroenie) geral da atividade. <u>Capítulo IV – Atividade de consciência</u> 1. A gênese da consciência 2. O tecido sensorial (ou emocional) da consciência 3. O significado como problema da psicologia da consciencia 4. O Sentido pessoal. <u>Capítulo V – Atividade e personalidade</u> 1. Personalidade como objeto da pesquisa psicológica. 2. Indivíduo e personalidade 3. Atividade como fundamento da personalidade. 4. Motivos. Emoções e Personalidade. 5. Formação da personalidade. Conclusão</p> <p><b>II. Alguns problemas de psicologia da arte</b></p> <p><b>III. De anotações de diário</b></p> <p><b>IV. A categoria da atividade na psicologia contemporânea</b></p> <p><b>V. Sobre a ulterior análise psicológica da atividade</b></p> <p><b>VI. A imagem do mundo</b></p> <p><b>VII. Algumas conclusões gerais</b></p> <p><b>Notas dos editores sobre o trabalho de A.N. Leontiev</b> (Por A.A. Leontiev e D.A. Leontiev) 1. Livros científicos e brochuras, artigos, teses e resenhas/ Edições estenográficas/ Artigos de jornal e revistas, discursos e entrevistas/ Redatoria científica de livros, periódicos, e edições de séries/ Comentários/ Índice de nomes/ Índice de assuntos.</p>